

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LETÍCIA TERUEL DE OLIVEIRA PAUFERRO

**Educação em Direitos Humanos no cotidiano da Escola Municipal de Ensino
Fundamental Mauro Faccio Gonçalves – Zacaria à luz da Teoria Educacional de Paulo
Freire**

São Paulo
2021

LETÍCIA TERUEL DE OLIVEIRA PAUFERRO

Educação em Direitos Humanos no cotidiano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Mauro Faccio Gonçalves – Zacaria à luz da Teoria Educacional de Paulo Freire

Versão Original

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Estado, Sociedade e Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Doris Accioly e Silva

São Paulo
2021

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos
pelo(a) autor(a) Bibliotecária da FSP/USP: Maria do Carmo Alvarez - CRB-8/4359

Pauffero, Letícia Teruel de Oliveira

Educação em Direitos Humanos no cotidiano da Escola Municipal de
Ensino Fundamental Mauro Faccio Gonçalves - Zacaria à luz da Teoria
Educativa de Paulo Freire / Letícia Teruel de Oliveira Pauffero;
orientadora Doris Accioly e Silva. -- São Paulo, 2021.

320 p.

Dissertação (Mestrado) -- Faculdade de Saúde Pública da Universidade de
São Paulo, 2021.

1. Educação em Direitos Humanos. 2. Cidadania. I. Accioly e
Silva, Doris, orient. II. Título.

Nome: PAUFERRO, Letícia Teruel De Oliveira

Título: Educação em Direitos Humanos no cotidiano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Mauro Faccio Gonçalves – Zacaria à luz da Teoria Educacional De Paulo Freire.

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestra em Educação.

Aprovado em: ___/___/___

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

*Aos educadores que acreditam na
força de suas práticas de sala de aula
como possibilidade de transformação
e justiça social*

AGRADECIMENTOS

Ao companheiro Moisés e à minha filha Helena, pelo apoio incondicional, os desabafos e a espera paciente do colo e atenção. A compreensão diante de tantas ausências de minha parte. Seus beijos, abraços e sorrisos me ajudaram a continuar nos momentos mais difíceis.

À minha família, nas pessoas de minha mãe Elisabeth e minha irmã Neriane, pelo incentivo e apoio incondicionais.

À minha orientadora, Prof^a Dra. Doris Accioly e Silva, pela confiança, generosidade, disposição para ensinar e intervir, sempre ouvindo e respeitando minhas colocações. Pela paciência e afeto ao longo desses anos em que fui aprendendo e me fazendo pesquisadora. Que nossa amizade perdure por toda a vida.

Aos educadores e educadoras da EMEF Zacaria e amigos do PROVE, nas figuras de todos aqueles que abriram as portas de suas salas e de suas casas para me receber. Jamais esquecerei a generosidade de todos e todas que compartilharam comigo suas experiências pessoais e profissionais, tempo, memórias e projetos para a educação.

Aos meus amigos e amigas de vida Raquel de Oliveira, Tatiane Britos, Marilice Claro, Virgínia Candido, Juliana Santa Rosa, Rafael L. Cosentino, Eliete Fernandes e Marcelo Pelka Júnior pela amizade, inspiração, apoio e sugestões.

Ao amigo Roberto da Silva Rodrigues, incentivador de primeira hora desde a escrita do projeto até a leitura atenta e cuidadosa do texto final, sempre com a palavra certa para os momentos que mais precisei. Serei eternamente grata a você.

Ao CNPq pelo apoio indispensável à realização desta pesquisa.

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.”

(Paulo Freire, 1997)

RESUMO

PAUFERRO, Letícia Teruel de Oliveira. **Educação em Direitos Humanos no cotidiano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Mauro Faccio Gonçalves – Zacaria à luz da Teoria Educacional de Paulo Freire**. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação.

A presente pesquisa analisa o cotidiano da EMEF Mauro Faccio Gonçalves “Zacaria”, localizada na periferia da cidade de São Paulo, que desenvolve, ao longo de mais de duas décadas, projetos que refletem uma Educação em Direitos Humanos. Tais projetos abarcam a preocupação com a valorização e formação de educadores, concursos de poesia, semanas de oficinas educativas, colóquios de alunos e ex-alunos e atividades a partir de temas escolhidos pelos próprios alunos na comemoração dos aniversariantes da escola a cada trimestre. A escola articula organicamente projeto político-pedagógico, gestão democrática e teoria educacional inspirada em Paulo Freire. Essa inspiração entende o educar como um ato político que não ignora a realidade existente para além dos currículos oficiais e dos muros escolares, reafirmando o poder transformador da educação como exigência para a emancipação humana e da escola enquanto espaço privilegiado de uma formação em direitos humanos. Na Escola Zacaria, a compreensão e a prática desses direitos envolvem educadores, estudantes e familiares a vivem como um local de alegria, cuidados, afeto e reconhecimento de todos como pessoas de direitos, para além das hierarquias, papéis e funções sociais. Sem ignorar a existência de múltiplos problemas e conflitos enfrentados por quaisquer unidades escolares, o trabalho ressalta o modo singular pelo qual a Escola Zacaria discute, enfrenta e, muitas vezes, supera tais conflitos. Este trabalho de pesquisa acompanha e busca compreender esse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação em Direitos Humanos, Escola pública, Teoria Educacional de Paulo Freire.

ABSTRACT

PAUFERRO, Letícia Teruel de Oliveira. **Education in Human Right in the school life at the Municipal Elementary School Mauro Faccio Gonçalves – Zacaria in light of the Educational Theory of Paulo Freire.** Master's Dissertation presented at the Faculty of Education at the University of São Paulo, as precondition to master's degree in Education.

The present research analyzes the school life at the EMEF Mauro Faccio Gonçalves “Zacaria”, situated at the suburb of the city of São Paulo, which develops, for more than two decades, projects involving an Education in Human Rights. Those projects comprehend a concerning on the valorization and formation of the educator, competitions of poetry, weeks of educational workshops, colloquium of students and ex-students and activities from chosen subjects by the students in the celebration of anniversary of those students in each trimester. The school articulates organically its political-pedagogical project, democratic management and educational theory inspired on Paulo Freire. This inspiration understands the act of educate as a political act which doesn't ignores the existent reality beyond the official curriculums and the scholar's walls, reaffirming the transformative power of education as a requirement for the human emancipation and of the school as a privileged space of an education in human rights. At the School Zacaria, the comprehension and the practice of those rights embraces educators, students, and his relatives to live in a place of joy, care, affectivity, and recognition of all as people of rights apart from hierarchies, contracts and social functions. Without ignoring the existence of multiples problems and conflicts faced by any school, this work emphasizes the particular way in which the School Zacaria debates, confronts, and in many times, overcome those conflicts. This work of research follows this process and intends to comprehend it.

KEY-WORDS: Education in Human Rights; Public School, Educational Theory of Paulo Freire.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Corredor da escola decorado com trabalhos dos estudantes	71
Figura 2 — Mapa dos arredores da Escola Zacaria elaborado durante o Projeto Glorinha	74
Figura 3 — Legenda do mapa produzido pelos alunos participantes do Projeto Glorinha	75
Figura 4 — Estudantes durante pesquisa sobre o bairro	76
Figura 5 — Salas de aula e o diretor Wagner acompanhado de alguns pais	88
Figura 6 — Desenho de Thamires Barbosa sobre as Trapalhadas do Zacaria de 2007	127
Figura 7 — Desenho de alunas da 8ª série para as Trapalhadas do Zacaria de 2007	131
Figura 8 — Foto de reportagem sobre a Escola Zacaria	137
Figura 9 — Aline (ex-aluna) falando durante o Colóquio 2019	140
Figura 10 — Pátio da escola durante o Colóquio 2019	141
Figura 11 — Pais, alunos, ex-alunos e professores reunidos durante o Colóquio 2018	141
Figura 12 — Página 2 do livro “A escola que queria estar sempre bonita.”	190
Figura 13 — Retrato da personagem Glorinha	200
Figura 14 — Capa do projeto de A à Zaca	204
Figura 15 — Foto aérea da EMEF Zacaria	304
Figura 16 — Projeto De A à Zaca	304
Figura 17 — Projeto De A à Zaca	305
Figura 18 — Carta aberta aos que gostam de gente e de ser gente	306
Figura 19 — Atividade do Projeto Glorinha	307
Figura 20 — Visita ao centro de São Paulo (Pátio do Colégio)	308
Figura 21 — Visita ao centro de São Paulo (Marco zero)	308
Figura 22 — Capa do livro “A Escola que queria ficar sempre bonita”	309
Figura 23 — Capa do projeto da profª Socorro com estudantes da EJA. “Histórias de vida: Lembranças que compõem o que sou e o que quero ser”	309
Figura 24 — Convite para o X Colóquio de alunos e ex-alunos da Escola Zacaria de 2014.	310
Figura 25 — Festa Junina da Escola Zacaria - 2019	310

Figura 26 — Concurso de Poesia da Escola Zacaria - 2019	311
Figura 27 — Sala de leitura da Escola Zacaria	311
Figura 28 — Estudante da Imprensa Jovem entrevistando o vereador Celso Gianazzi	312
Figura 29 — Carta coletiva de estudantes da Escola Zacaria ao Secretário da Educação Bruno Caetano	313
Figura 30 — Quadra da Escola Zacaria – crianças jogando futebol	313
Figura 31 — Estudantes no laboratório de informática.....	314
Figura 32 — Integrantes da Imprensa Jovem no laboratório de informática	314
Figura 33 — Horta da EMEF Zacaria	315
Figura 34 — Trabalho de releitura da obra Abaporu de Tarsila do Amaral – 2019	315
Figura 35 — Sala de aula da EMEF Zacaria	316
Figura 36 — Estudante na oficina de DJ durante as Trapalhadas do Zacaria – 2019.....	316
Figura 37 — Trabalho realizado durante as Trapalhadas do Zacaria – 2019.....	317
Figura 38 — Trabalho realizado durante as Trapalhadas do Zacaria – 2019.....	317
Figura 39 — Trabalho realizado pelo prof ^o Alessandro Rubens de Matos para as Trapalhadas do Zacaria – 2019	318
Figura 40 — Trabalho realizado para as Trapalhadas do Zacaria – 2019.....	318
Figura 41 — Visita à Aldeia Krukutu – 2019	319
Figura 42 — Cartaz de Boas Vindas do Seminário PROVE Interescolas da Educação Pública – 2019	319
Figura 43 — Apresentação desta pesquisa no Seminário PROVE Interescolas da Educação Pública – 2019. Na mesa aparecem (da esquerda para a direita) as professoras: Doris Accioly e Silva (minha orientadora), Angela Massumi Katuta, Wânia Karolis e Olgair Gomes Garcia	320

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Dados do estabelecimento	69
Tabela 2 — Números do bairro em comparação com a média da cidade de São Paulo	77
Tabela 3 — Quadro gestor.....	89
Tabela 4 — Quadro de professores	89
Tabela 5 — Ensino semi-integral	90
Tabela 6 — Turmas do período da manhã	90
Tabela 7 — Turmas do período da tarde	90
Tabela 8 — Turmas do período noturno regular	90
Tabela 9 — Estrutura física da unidade escolar	91
Tabela 10 — Recursos materiais da unidade escolar	93
Tabela 11 — Escolas participantes do PROVE.....	170
Tabela 12 — Número de inscritos no PROVE entre 2013 e 2020	171
Tabela 12 — Número de inscritos no PROVE entre 2013 e 2020	172

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Grade de aulas por ciclo	107
Quadro 2 — Amostra do Projeto de A à Zaca.....	203

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APM – Associação de Pais e Mestres

ATE – Assistente Técnico de Educação

DH – Direitos Humanos

DRE – Diretoria Regional de Ensino

DUDH – Declaração Universal dos Direitos Humanos

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

EDH – Educação em Direitos Humanos

EF – Ensino Fundamental

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FEUSP – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

FUNDEF – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

JEIF – Jornada Especial Integral de Formação

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental

MEC – Ministério da Educação

ONU – Organização das Nações Unidas

PNDH – Plano Nacional de Direitos Humanos

PNEDH – Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos

PPP – Projeto Político-Pedagógico

PUC – Pontífice Universidade Católica

RBEDH – Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos

SME – Secretaria Municipal de Educação

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	18
1.1 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	24
1.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	26
1.3 COTIDIANO	31
1.4 CIDADANIA	32
1.5 DIREITOS HUMANOS	34
1.6 METODOLOGIA	34
1.7 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	43
2 DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO: DA NOÇÃO MODERNA DE DIREITOS HUMANOS ÀS DEFINIÇÕES DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E SEU DIÁLOGO COM AS PRÁTICAS CIDADÃS NA ESCOLA	45
2.1 DA NOÇÃO MODERNA DE DIREITOS HUMANOS À DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS DE 1948 – UM BREVE HISTÓRICO ..	45
2.2 OS DIREITOS HUMANOS NO BRASIL – O RECONHECIMENTO JURÍDICO E OS DESAFIOS PARA O RECONHECIMENTO SOCIAL	49
2.3 A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS – DEFINIÇÕES, OBJETIVOS E DESAFIOS.....	52
2.4 A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NO BRASIL	53
2.5 A RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E A CIDADANIA	60
3 A ESCOLA ZACARIA: O ESPAÇO, O TERRITÓRIO E A COMUNIDADE - UMA ESCOLA FESTIVA TEM MUITO A ENSINAR	69
3.1 IDENTIFICAÇÃO DA UNIDADE ESCOLAR.....	69
3.1.1 <i>Dados do estabelecimento</i>	69
3.1.2 <i>Histórico e arquitetura da escola</i>	70
3.1.3 <i>O território</i>	72
3.1.4 <i>O território em números</i>	76

3.1.5 Perfil sociocultural da comunidade da Escola Zacaria	78
3.1.6 Perfil dos profissionais da unidade escolar	79
3.1.7 Relação da escola com a comunidade	80
3.2 A ESTRUTURA DE FUNCIONAMENTO DA UNIDADE ESCOLAR.....	89
3.2.1 Quadro técnico: (referência SME – 01/03/2020).....	89
3.2.2 Recursos físicos, materiais e financeiros.....	91
3.3 ESTUDOS ANTERIORES SOBRE A ESCOLA E SEUS PROJETOS	94
4 O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA ZACARIA: SOBRE O ENCONTRO POSSÍVEL ENTRE A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E A ESCOLA PÚBLICA.....	95
4.1 APRESENTAÇÃO E PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO – PRINCÍPIOS E FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	97
4.2 A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR.....	106
4.2.1 Educação Integral	107
4.2.2 Avaliação institucional – A dialogicidade no centro das ações.....	109
4.2.3 Proposta curricular da escola	110
4.3 OBJETIVOS DA UNIDADE ESCOLAR	116
4.4 MARCO CONCEITUAL: AS CONCEPÇÕES QUE NORTEIAM AS AÇÕES PEDAGÓGICAS DA ESCOLA ZACARIA	117
4.5 PROJETOS PERMANENTES DA ESCOLA ZACARIA: OU ONDE BATE MAIS FORTE O CORAÇÃO DESSE LUGAR.....	121
4.5.1 Concurso de poesia ou poetizando no Zaca	122
4.5.2 Trapalhadas do Zacaria	126
4.5.3 Projeto aniversário	132
4.5.4 Colóquio sobre educação pública: Um diálogo entre passado, presente e futuro com alunos e ex-alunos	138
4.5.5 Assembleia de alunos para discussão das regras de convivência.....	143

4.6 DEMAIS PROJETOS E AÇÕES CONSTANTES DO PPP DA ESCOLA ZACARIA	147
4.6.1 <i>Mediação de conflito</i>	147
4.6.2 <i>Conselho de escola</i>	147
4.6.3 <i>Conselho de classe</i>	148
4.7 MAIORES PONTOS DE ATENÇÃO DA ESCOLA (2019-2020)	148
4.8 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PPP	149
5 PROJETO VALORIZAÇÃO DO EDUCADOR E MELHORIA DA QUALIDADE DO ENSINO (PROVE) – UM ESFORÇO COLETIVO DE AMOR AO CONHECIMENTO, RESPEITO À FORMAÇÃO DOCENTE E RESISTÊNCIA DA ESCOLA PÚBLICA E NA ESCOLA PÚBLICA	154
5.1 A IDEALIZAÇÃO DO PROJETO: O PROVE POR SEUS PERSONAGENS	155
5.2 OS FORMADORES DO PROVE – UM DIÁLOGO ENTRE O APRENDER E O ENSINAR	158
5.3 O PROVE E A QUESTÃO DA AUTONOMIA NA FORMAÇÃO DOCENTE ..	159
5.4 NOVAS FORMAS DE APRENDER	160
5.5 A IMPORTÂNCIA DO REGISTRO NO PROVE.....	162
5.6 A REVISTA PROVE.....	163
5.7 O PROVE PARA ALÉM DOS PROFESSORES.....	164
5.8 A LONGEVIDADE DO PROJETO	165
5.9 ALGUNS DADOS SOBRE A PARTICIPAÇÃO NO PROVE.....	169
5.10 OS DESAFIOS DO PROVE.....	174
5.11 O PROVE E A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS.....	175
5.12 O SEMINÁRIO PROVE INTERESCOLAS DA EDUCAÇÃO PÚBLICA ENTRE 2017-2020 A PARTIR DAS OBSERVAÇÕES DE CAMPO.....	177
5.12.1 <i>XX Seminário PROVE Interescolas da Educação Pública</i>	177
5.12.2 <i>XXI Seminário PROVE Interescolas da Educação Pública</i>	179
5.12.3 <i>XXII Seminário PROVE Interescolas da Educação Pública</i>	181

5.12.4 XXIII Seminário PROVE Interescolas da Educação Pública	184
6 CONEXÕES ENTRE OS PROJETOS E AS PRÁTICAS COTIDIANAS DA ESCOLA ZACARIA NOS MÚLTIPLOS ÂMBITOS DA VIDA ESCOLAR	188
6.1 A GESTÃO ESCOLAR NA ESCOLA ZACARIA – OU ONDE MORA A SINGULARIDADE	188
6.2 VISITANDO PROJETOS DE ONTEM E DE HOJE – OUTROS APRENDIZADOS E VIVÊNCIAS NOS FAZERES DA ESCOLA ZACARIA	196
6.2.1 Projeto Glorinha.....	197
6.2.2 Histórias de vida – Lembranças que compõem o que sou e o que quero ser	200
6.2.3 Alfabetário De A à Zaca	202
6.2.4 Imprensa Jovem	204
6.3 OBSERVAÇÕES SOBRE OS ENTREVISTADOS E AS ENTREVISTAS QUE COMPÕEM ESTE TRABALHO	206
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	215
REFERÊNCIAS	221
ANEXO A — Transcrição da 1ª entrevista: Roberto Wagner Carbonari.....	228
ANEXO B — Transcrição da 2ª entrevista: Rodrigo Pacheco Alves	236
ANEXO C — Transcrição da 3ª entrevista: Olgair Gomes Garcia.....	240
ANEXO D — Transcrição da 4ª entrevista: Maria Lucia Fabrini de Almeida.....	250
ANEXO E — Transcrição da 5ª entrevista: Luciana Dias da Silva.....	257
ANEXO F — Transcrição da 6ª entrevista: Maria do Socorro Lacerda de Lacerda	263
ANEXO G — Transcrição da 7ª entrevista: Aline Magna Vieira.....	279
ANEXO H — Transcrição da 8ª entrevista: Viviane Machado Sabadin	283
ANEXO I — Transcrição da 9ª entrevista: Solange Amorim	289
ANEXO J — Projeto Político-Pedagógico: Ciclos de aprendizagem propostos pela legislação vigente	301
ANEXO L — Fotos.....	304

1 APRESENTAÇÃO

“[...] não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens.” (Paulo Freire)

Este trabalho de pesquisa analisou o processo de concretização da Educação em Direitos Humanos (EDH) na Escola Municipal de Ensino Fundamental Mauro Faccio Gonçalves – Zacaria localizada na zona sul da cidade de São Paulo, no período de 1996 a 2020, a partir da análise das experiências desenvolvidas em projetos da referida unidade escolar cujas concepções e objetivos dialogam com a teoria educacional de Paulo Freire, como se verá no decorrer desse trabalho. Por meio da análise dos projetos e de sua temporalidade estendida – eles transcendem o momento em que ocorrem - e por meio de procedimentos metodológicos, tais como: entrevistas, análise de documentos e pesquisa de campo, buscou-se uma compreensão da totalidade das práticas pedagógicas da Escola Zacaria e seus nexos com a EDH, mesmo que não explícitos.

A contextualização e justificativa para escolha do tema de pesquisa inicia-se com um breve histórico de vida desta pesquisadora. Toda minha educação básica se deu na rede pública da cidade de São Bernardo do Campo e, aos quatorze anos de idade, passei a dividir meu tempo entre estudo e trabalho, o que se tornou rotina até o momento em que me encontro. Em 2004, aos vinte e um anos de idade, ingressei no curso de Licenciatura e Bacharelado em História do Centro Universitário Fundação Santo André. Foi nesse lugar que meu olhar ganhou um sentido crítico sobre os aspectos históricos, sociais, econômicos e políticos de nosso país e do mundo. Na medida em que as leituras avançavam, minhas inquietações e meu desejo de engajamento e participação nas lutas sociais aumentavam. Esse amadurecimento intelectual foi fundamental para a decisão de ingressar no magistério, mas esse momento ainda demoraria a chegar.

Prossegui animada pelas experiências vividas durante o período da graduação e concluí em 2014 a Pós- Graduação (*Lato Sensu*) em Política e Relações Internacionais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP-SP). Foi no decorrer desse curso que ingressei na área da Educação como professora de História do ensino fundamental e médio na rede estadual paulista. Quis o acaso, minha trajetória e minhas escolhas, que eu iniciasse minha carreira docente na escola que frequentei como estudante do período noturno do ensino médio tendo como colegas de trabalho alguns dos meus ex-professores. Cheguei àquela escola com a energia e a vontade típicas da juventude. No ano seguinte, ingressei como concursada nessa

mesma rede de ensino, porém em outra unidade escolar, onde atuo até o presente momento. Ambas estão localizadas na cidade de São Bernardo do Campo, na região do ABC Paulista. Confesso que, nos dois casos, deparei-me com uma realidade desafiadora e frustrante em diversos aspectos, a despeito dos bons profissionais que diariamente trabalham por uma educação comprometida com uma sociedade mais justa e igualitária.

O entendimento do que são os Direitos Humanos, sua importância e tudo o que isso representa, parece não se fazer presente no ambiente escolar. O cotidiano da maioria das escolas públicas está permeado por problemas sociais de toda ordem. Isso é explorado pelos noticiários e se reflete nos elevados pedidos de licenças médicas por parte dos professores, em especial nas redes públicas de ensino. Não se abater por um clima de derrota e acirramento de conflitos entre professores e estudantes, não é tarefa fácil. Essa atmosfera toma conta dos espaços da escola, em especial, da sala dos professores. Tal realidade é alimentada, mas também alimenta a vida fora dos muros da escola. Nossos olhos não podem se acostumar a isso, sob risco de perdermos a disposição para enxergar novos horizontes possíveis.

O período à frente do ensino fundamental e médio me trouxe inúmeras questões como: o autoritarismo presente nas escolas; educadores abalados e desmotivados; a falta de humanidade no trato entre professores, alunos, funcionários, pais e direção; as várias formas de violência, incluindo o bullying, o racismo, o machismo, a homofobia e várias formas de intolerância.

Deparei-me com um espaço de não valorização das diversidades, distante das discussões sérias e urgentes sobre drogas, gravidez na adolescência, participação nas decisões de âmbito escolar, questões sobre profissionalização, entre outros. O que presenciei foi a ausência de EDH na escola. Esse universo de problemas foi fundamental para suscitar inúmeros questionamentos, angústias e preocupações que me levaram a pensar um tema para um projeto de mestrado. Mas a escrita do projeto precisou esperar um pouco: minha filha, Helena, nasceu em setembro de 2014. Em 2016 retomei os planos.

Para além dos fatos resumidamente apresentados acima, o quadro socioeconômico brasileiro influenciou sobremaneira esse trabalho de pesquisa. Não há como abstrair a realidade do país e mesmo do mundo em nossas escolhas de pesquisa. A escola integra o tecido social. O golpe jurídico-parlamentar-midiático de 2016 que destituiu a presidente Dilma Rousseff instaurou o ódio e a mentira como forma de luta política. Esse foi o objeto da aula magna da professora Jaqueline Moll para o Programa de Pós Graduação em Educação da PUC em 2020. Nesta ocasião ela se referiu ao Brasil de hoje como um lugar onde vemos desfilar velhos e renovados ódios, preconceitos e obscurantismos. Tudo contra o que devemos lutar.

Esse estudo investiga o contexto das últimas décadas e as práticas pedagógicas da Escola Zacaria, o que exige uma reflexão sobre o pensamento e a prática neoliberais. Para tal, recorre-se à compreensão de Perry Anderson, para quem o Neoliberalismo foi “uma reação teórica e política veemente contra o Estado intervencionista e de bem-estar.” O autor faz um balanço desse modelo econômico, explicando que Hayek e seus principais seguidores acusam o Estado de Bem Estar Social de atacar a liberdade dos cidadãos e as condições adequadas para a concorrência. Esse mesmo grupo afirma que a desigualdade é um fator positivo.

Após a Crise do Petróleo de 1973 o Neoliberalismo viu-se livre para agir afirmando que tal momento se devia à ação dos sindicatos e à pressão sobre o Estado para o aumento de gastos sociais. Segundo Anderson, os teóricos neoliberais apresentam como solução

[...] manter um Estado forte, sim, em sua capacidade de romper o poder dos sindicatos e no controle do dinheiro, mas parco em todos os gastos sociais e nas intervenções econômicas. A estabilidade monetária deveria ser a meta suprema de qualquer governo. (SADER; GENTILI, 1995, p. 11)

Tal modelo foi aplicado inicialmente no Chile de Pinochet no início dos anos 1970. Na década de 1980 foi a vez da Inglaterra de Thatcher¹ e dos EUA de Reagan. Na década seguinte vários países da América Latina experimentaram esse modelo econômico. O resultado, lembra Anderson, foi a derrota do movimento sindical na década de 1980, o aumento da taxa média de desemprego e “notável contenção de salários.” Ao mesmo tempo, vimos uma diminuição na taxa dos salários mais altos.

A conclusão de Anderson é que

[...] Economicamente, o neoliberalismo fracassou, não conseguindo nenhuma revitalização básica do capitalismo avançado. Socialmente, ao contrário, o neoliberalismo conseguiu muitos dos seus objetivos, criando sociedades marcadamente mais desiguais, embora não tão desestatizadas como queria. Política e ideologicamente todavia, o neoliberalismo alcançou êxito num grau com o qual seus fundadores provavelmente jamais sonharam. (1995, p.23)

No Brasil, esta política econômica, que é também um modelo de pensamento que atravessa as subjetividades dos sujeitos, foi implantada inicialmente no governo Fernando Collor de Mello (1990-1992), mas decolou de fato nos governos de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002). Durante os governos Lula e Dilma houve uma presença maior do Estado, freando temporariamente a sanha neoliberal, o que permitiu maiores investimentos em programas de

¹ Margareth Thatcher, primeira ministra do Reino Unido entre 1979 e 1990 eleita pelo Partido Conservador.

redistribuição de renda, Ciência e Tecnologia, acesso ao ensino superior público e particular a partir de programas como PROUNI e FIES, dentre outros avanços.

Uma vez interrompido esse processo, com o golpe de 2016, o Neoliberalismo continua avançando no Brasil, impondo um desumano ajuste fiscal representado pelos cortes de recursos em programas sociais importantes; extinção de inúmeros direitos trabalhistas com a “flexibilização” das relações de trabalho; o suposto empreendedorismo que se traduz na precarização² das condições de trabalho e vida para milhões de pessoas. A campanha eleitoral de 2018, a prisão do ex-presidente Luíz Inácio Lula da Silva, decorrente da trama da Operação Lava-Jato, trouxeram também a exaltação da tortura e de torturadores num cenário de forte polarização política.

O historiador camaronês Achille Mbembe afirmou, em artigo de 2016³, que “a era do humanismo está terminando”, quando “o conhecimento será definido como o conhecimento para o mercado.” Ele aponta para a ascensão de governos de extrema direita e para o enfraquecimento das democracias. Para Mbembe

O principal choque da primeira metade do século XXI não será entre religiões ou civilizações. Será entre a democracia liberal e o capitalismo neoliberal, entre o governo das finanças e o governo do povo, entre o humanismo e o niilismo. (não paginado)

Em sua obra *Educação e Emancipação* (1995), Theodor W. Adorno defende que para vivermos uma verdadeira democracia, precisamos de indivíduos emancipados⁴ e essa tarefa está nas mãos de poucas pessoas interessadas em orientar sua energia para que a educação seja contestadora e não meramente funcional.

No Brasil, já na década de 1950, Anísio Teixeira referiu-se à importância da educação para a construção e o fortalecimento da democracia no trecho que se segue:

[...] Numa democracia, pois, nenhuma obra supera a da educação. Haverá, talvez, outras aparentemente mais urgentes ou imediatas, mas estas mesmas pressupõem, se estivermos numa democracia, a educação. Com efeito, todas as demais funções do Estado democrático pressupõem a educação. Somente esta não é a consequência da

² Ver “*A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*” (2012) e “*Rebeldia do Precariado: trabalho e neoliberalismo no Sul Global*” (2017). Ambos são de autoria do profº Ruy Braga e foram publicados pela Editora Boitempo, sendo o primeiro, conjuntamente, com a Edusp.

³ MBEMBE, A. **A era do humanismo está terminando**. Disponível em [Achille Mbembe: “A era do humanismo está terminando” - Instituto Humanitas Unisinos - IHU](#) Acesso em 25/8/2021. Como pode ser lido neste link o artigo foi publicado no Mail & Guardian, originalmente, em inglês, no dia 22/12/2016. Ainda neste mesmo ano foi traduzido para o espanhol.

⁴ O autor admite que o conceito de emancipação é ainda abstrato. Ainda assim ele afirma: “De um certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade.”[...] (p. 143)

democracia, mas a sua base, o seu fundamento, a condição mesma para a sua existência. (1984)⁵

Sobre as políticas educacionais na cidade de São Paulo no período pesquisado, AGUIAR (2011) classifica o intervalo temporal de 1989 à 2011 como contraditório, alternando ora propostas democráticas e inclusivas, ora propostas autoritárias e excludentes. A professora considera o governo da prefeita Luiza Erundina de Souza (jan/1989-dez/1992) como um momento na contramão da história oficial do Município de São Paulo tendo implantado

[...] uma proposta político-pedagógica comprometida com a democratização da educação, intitulada *Escola Democrática*, objetivando a construção de uma escola pública popular, democrática e de qualidade. (p. 1)

Aguiar compreende o momento posterior (1993-2001) como ruptura da proposta de escola democrática, que teria sido substituída, paulatinamente, por um modelo gerencial no qual “a prática escolar deve embasar-se nos conceitos de controle, gerenciamento, rotina e padronização, para que se atinja a qualidade de todas as atividades desenvolvidas”. (p. 5)

Ao longo desse período diversos documentos foram publicados de maneira pouco democrática, por não ouvirem amplamente a comunidade escolar. Os projetos e programas, buscando a chamada qualidade de ensino, não avançam no rompimento da seriação e não apresentam resultados efetivos a partir das avaliações externas.

Entre 2001 à 2004, durante o governo de Marta Suplicy, teria havido, segundo a autora, uma intencionalidade de retomar o processo iniciado na gestão Erundina, de democratizar a educação. Foi apresentado o documento Educação n° 01 cuja proposta

[...] visa iniciar o diálogo com a comunidade educativa, educadores, funcionários, pais e alunos da rede municipal sobre a retomada de uma escola bonita, alegre, fraterna, democrática e popular na cidade de São Paulo. (apud, p. 7)

Sob a administração José Serra/Gilberto Kassab (2005-2008) e Kassab (2009-2012) a proposta neoliberal avança nas políticas educacionais com a definição de um currículo “com conteúdos unificados a serem ensinados em todas as escolas da rede municipal.” A proposta estabelecia metas a serem atingidas pelos alunos, contudo

⁵ TEIXEIRA, Anísio. Educação e cultura na Constituição do Estado da Bahia. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.65, n.151, set./dez. 1984. p.685-696. Acesso em 25/8/2021 por meio da Biblioteca Virtual Anísio Teixeira www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/educacao5.html

ainda não conseguiu articular as dimensões socioculturais dos alunos com as dimensões metodológicas do processo ensino-aprendizagem e também não encontrou um caminho para contextualizar o conteúdo programático oficial com a realidade social vivida e com a prática cotidiana da escola e da sala de aula. (p. 11)

A conclusão de Aguiar é que o projeto da escola democrática iniciado na gestão Erundina não foi implementado pela SME-SP⁶ e o insucesso da Progressão Continuada⁷, segunda ela, implica a exclusão educacional, principalmente entre os estudantes mais vulneráveis.

Segundo o conceito freiriano, é no processo de amadurecimento da curiosidade epistemológica⁸ que nasce a motivação de contribuir para um possível caminho de transformação social. Este, deriva da relação dialógica consciência-prática emancipatória, processo que permite o arrefecimento da violência e do desrespeito aos direitos humanos em toda a sociedade.

Considera-se a temática da EDH de grande relevância para o enfrentamento de problemas vivenciados diariamente em sala de aula. Essa atitude abrange estudos e discussões sobre temas como: redução da maioria penal; violência(s) contra as mulheres, homofobia, racismo, entre outros. Nessas situações emergem falas carregadas de preconceitos e intolerância, com as quais nós, professores, precisamos estar preparados para lidar, num esforço de encontrar caminhos que possibilitem aos alunos reflexões e vivências sobre os direitos humanos nas suas mais variadas dimensões.

Pode-se supor que a EDH opera como um instrumento de reação à ordem social vigente em países como o Brasil, haja vista o cenário de intolerância e desrespeito que se vive seja nas redes sociais, nas ruas, nos jornais, nos noticiários televisivos, nas conversas de corredor no interior das escolas, dentre outros ambientes. É urgente reafirmar nosso compromisso civilizatório, expresso na fala da prof^a Dra. Aida Monteiro durante abertura do Encontro

⁶ Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

⁷ Nome dado pelo governo PSDB para os ciclos criados por Paulo Freire quando este esteve à frente da Secretaria Municipal de Educação no governo Erundina. Essa política educacional, uma vez desacompanhada de investimentos estruturais, formação e valorização do trabalho docente, entre outros problemas relacionados à estrutura curricular, passou a ser vista por muitos educadores e por parte da sociedade como “aprovação automática”. Deturpou-se dessa maneira uma proposta que, inicialmente, previa o respeito aos diferentes tempos de aprendizagem dos estudantes e, com isso, a diminuição das reprovações sistemáticas. O sistema de progressão continuada é aplicado em vários estados brasileiros.

⁸ Em Política e Educação Paulo Freire utiliza essa terminologia pela primeira vez definindo-a como: “A curiosidade de que falo não é, obviamente, a curiosidade ‘desarmada’ com que olho as nuvens que se movem rápidas, alongando-se umas nas outras, no fundo azul do céu. É a curiosidade metódica, exigente, que, tomando distância do seu objeto, dele se aproxima para conhecê-lo e dele falar prudentemente. É a curiosidade epistemológica. Sem ela, que jamais, cansa ou desiste, não é possível a própria experiência humana tal qual vem sendo. Sem a curiosidade que será tão mais eficaz quanto jamais despreze a imaginação, traímos o ser que vimos sendo.” (p. 116)

Nacional de Educação em Direitos Humanos realizado, em formato online, em dezembro de 2020: “Não estamos dispostos a entregar nosso país.”

Por fim buscamos jogar luz na importância que a educação democrática, voltada para a vivência da cidadania ativa, possui em toda essa difícil e necessária luta em defesa dos direitos humanos e como isso depende de um fazer pedagógico que busque transformar “corações e mentes”, lembrando expressão já clássica.

1.1 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

“É que ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar.” (Paulo Freire)

Trago aqui os passos percorridos nesta pesquisa em seus caminhos e descaminhos.

O primeiro contato com o tema dos Direitos Humanos e, mais especificamente, da EDH, se deu por meio da DHNET⁹ quando buscava respostas a indagações como: É possível uma educação mais humana? Por que a escola é um ambiente tão permeado de violências? Foi então que realizei as primeiras leituras de artigos escritos pelas maiores referências latino-americanas nestes estudos, como Vera Candau, Suzana Sacavino, Margarida Genevois, Maria Victoria Benevides, Fábio Konder Comparato, Perez Aguirre e tantos outros fundamentais para o entendimento das categorias de análise Direitos Humanos, EDH e Cidadania, evidenciando a relação estreita entre as duas últimas ao longo deste trabalho.

O passo seguinte foi a descoberta e leitura da legislação existente, com destaque para o Plano Nacional de Direitos Humanos – PNDH3 (2003); o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos - PNEDH (2006); as Diretrizes Nacionais de Educação em Direitos Humanos (2012), além do Plano Municipal de Educação em Direitos Humanos da cidade de São Paulo – PMEDH (2016). (Aqui vale ressaltar que o Plano Estadual de Educação em Direitos Humanos do Estado do São Paulo não foi aprovado até o presente momento). Seguiu-se a isso o levantamento bibliográfico buscando conhecer o que já se pesquisou sobre o tema.

A partir destas leituras, a EDH despontou como um farol para iluminar e enfrentar os problemas vivenciados na escola e mencionados anteriormente. Esse tema se apresentava como uma trincheira de luta por uma educação que abraça a diversidade, o respeito e que reconhece a escola como local privilegiado para a construção de laços de afeto e de descobertas

⁹ www.dhnet.org.br Site ligado à Rede Brasileira de Direitos Humanos que reúne vasto material sobre Direitos Humanos e Educação em Direitos Humanos.

significativas no processo de conhecimento. Para o educador Perez Aguirre, a EDH *é a utopia em movimento*. Buscou-se aqui compreender esse fenômeno a partir da escola pública.

Em 2017, intercalando as leituras com a preparação das aulas e os cuidados maternos, o projeto foi submetido e aprovado no programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Educação da USP. As conversas com minha orientadora, Doris Accioly e Silva, levaram-me a conhecer uma escola municipal localizada na zona sul de São Paulo, a Zacaria. Desde então, cada visita, entrevista ou leitura dos vários projetos da escola tornaram-se parte de um processo constante de conhecer e aprender. São os caminhos sendo palmilhados com recorrentes mudanças de rumos necessárias para o crescimento da pesquisa e a realização de um trabalho factível e proveitoso.

Um universo amplo de fontes em diferentes linguagens formou aos poucos um arcabouço para pensar esse tema de pesquisa e desenvolver uma escrita para dar conta dos objetivos propostos. Foram livros, artigos, papers, teses, cursos presenciais e online, palestras, aulas, conversas, entrevistas, vídeo aulas e tantas outras vivências. O aprendizado com os professores e colegas da FEUSP durante o período de cumprimento das disciplinas e as amizades oriundas dessa convivência se mostraram de grande valia.

Inicia-se um estudo sobre a EMEF Mauro Faccio Gonçalves – Zacaria, que já desenvolvia, ainda que sem este nome, um Projeto Político-Pedagógico(PPP)¹⁰ fundamentado na Educação em Direitos Humanos. Percebeu-se que seria mais frutífero um estudo de caso específico em que os direitos humanos se concretizam na conexão entre os projetos e as práticas, nos múltiplos âmbitos da vida escolar. Tal realidade permitiu uma verticalização da observação e análise dos dados para a consecução de uma pesquisa científica.

Os projetos e as práticas cotidianas da Escola Zacaria talvez possam refletir aquilo que a escritora e artista multidisciplinar portuguesa, Grada Kilomba, chamou de *desobediências poéticas* visto que saem do trajeto das disciplinas escolares clássicas para construir outros conhecimentos possíveis que valorizam as experiências negras, femininas, indígenas, periféricas, enfim vivências e epistemologias do chamado sul global, abraçando o conceito de Boaventura Souza Santos¹¹.

Não percorri, como se espera, uma trajetória organizada de leituras, pesquisa e escrita, com um ritmo contínuo. Tudo se confundia e se fundia o tempo todo. Interrompi leituras para escrever e o contrário também se deu. A combinação de vida, trabalho e pesquisa é conturbada,

¹⁰ O PPP consultado para esta pesquisa refere-se ao início do ano de 2020, quando estava sendo revisado o documento vigente durante o ano anterior. O mesmo encontra-se disponível na própria escola.

¹¹ SANTOS, Boaventura Souza; MENEZES, Maria Paula (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

repleta de desafios cotidianos que parecem incontornáveis, mas também cheia de expectativa, sonho, desânimo e entusiasmo.

O processo de investigação e escrita é influenciado pela realidade vivida pelo(a) pesquisador(a). Como não somos capazes de controlar todos os acontecimentos que podem nos afetar, podemos ser surpreendidos. Não foi possível prever que uma pandemia dificultaria ainda mais a conclusão de um esforço, ligado em parte ao pleno funcionamento das escolas. Assim, em 2020, deparou-se com o que se costuma classificar como o imponderável. A pandemia da Covid-19 abalou o planejamento deste que seria o último ano da pesquisa. Em fevereiro de 2020 elaborei uma programação que incluía seis visitas à escola entre os meses de março e junho do mesmo ano para acompanhar a realização de projetos e atividades. Nessas visitas de campo, estava programada a escuta dos alunos, o que foi inviabilizado pela crise sanitária. Acredito que a fala desses sujeitos possa ser tema de futuros estudos, assim como já foram analisados anteriormente no trabalho de Sandra Lacerda¹² sobre a Escola Zacaria. A pesquisa voltou-se então à análise de documentos e projetos realizados ao longo de anos, entrevistas e participação em eventos.

A pandemia nos retirou uma dimensão fundamental na educação: o encontro, que passou a ser virtual, onde a troca é possível, mas parece incompleta. Faltam o cheiro, a celebração, a presença. A festividade é muito importante. Mas, parafraseando Frei Beto, guardemos nosso pessimismo para dias melhores.

1.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Ligado à prática, o ato teórico estabelece-se a partir do que o homem é, concretamente, como um todo, um nó de relações com o mundo. Vale dizer, um encontro de ação, pensamento, desejo, prazer, paixão, sonho...” (Otaviano Pereira)

O eixo teórico deste trabalho de pesquisa está fundamentado na concepção de educação de Paulo Freire. Essa escolha partiu do entendimento de que esse autor desenvolveu, ao longo de sua obra, as bases que perpassam a formação docente, o ato dialógico de ensinar-aprender, que se refletiu de modo abrangente sobre as práticas educativas emancipatórias, considerando a autonomia dos educandos, a educação como ato humanizador, inseparável do despertar da criticidade frente ao mundo, o que por sua vez pede a horizontalização da relação professor-

¹² LACERDA, Sandra da Costa. *Uma Escola chamada Zacaria: história, amores, rumores, ousadias*, São Paulo, FEUSP, 2002. (Dissertação de Mestrado)

aluno. Este é o tema central do livro *Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa*.

Brandão (1985) faz um interessante resumo de como, segundo ele, costumam se iniciar os estudos sobre Paulo Freire:

Pelas ideias. Pelo arcabouço com que ele pensa e repensa o homem, a história, o trabalho, a cultura, a educação e mais o fio que amarra e puxa tudo isso: a liberdade. [...] ele imaginou criar uma ferramenta que ajudasse o homem a começar pelo começo; por um jeito mais humano de ensinar-aprender a ler-e-escrever. (p. 16)

A escolha de Paulo Freire é duplamente justificada: além de sua importância como pensador que considera fundamental a leitura do mundo e essa como princípio fundador da possibilidade de transformar a realidade, Freire inspira e fundamenta as concepções e práticas presentes na Escola Zacaria, analisada neste trabalho.

Desde as primeiras visitas à Escola Zacaria foi possível perceber a presença do pensamento de Paulo Freire nos documentos, nas falas de educadores e estudantes, nos eventos e nos ambientes comuns. A partir daí veio a ideia de trazer este autor como principal teórico da pesquisa. Por outro lado, nas leituras e reflexões sobre EDH, desponta o pensamento freiriano. Ao longo desse trabalho busca-se também evidenciar essa consonância.

Paulo Freire nos coloca ao mesmo tempo em um lugar de alento, com suas palavras de esperança e otimismo em relação à humanidade, mas também em posição desconfortável quando salienta a necessidade de não sermos intelectuais apenas memorizadores, que não se arriscam a desenvolver um texto ou pensamento próprios ou quando somos arrogantes e fechados em nosso próprio saber.

Especialmente no momento atual em que a autonomia pedagógica dos professores é colocada sob ameaça, quando a palavra doutrinação é usada de maneira vulgar e tendenciosa para nos constranger em nosso ofício dentro da sala de aula, assim como o legado de Paulo Freire sofre as mais vis distorções e difamações, faz-se importante resgatar seus pensamentos. Como quando ele se refere à defesa da ética por parte dos educadores (2003):

[...] a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles. Na maneira como citamos autores de cuja obra discordamos ou com cuja obra concordamos. Não podemos basear nossa crítica a um autor na leitura feita por cima de uma ou outra de suas obras. Pior ainda, tendo lido apenas a crítica de quem só leu a contracapa de um de seus livros. (p.16)

A atualidade de Paulo Freire é digna dos grandes gênios que pensam para além de seu tempo. É um antídoto contra o acirramento da intolerância e do clima de polarização política

desrespeitosa que se estabeleceu no Brasil, principalmente a partir do golpe jurídico-midiático-parlamentar de 2016, que depôs a presidenta Dilma Rousseff. Na carta intitulada *Das virtudes ou qualidades indispensáveis ao melhor desempenho de professoras e professores progressistas*¹³, escrita no início da década de 1990, ele já nos brindava dizendo

Como ouvir o outro, como dialogar, se só ouço a mim mesmo, se só vejo a mim mesmo, se ninguém que não seja eu mesmo me move ou me comove (...) A humildade me ajuda a jamais deixar-me cair preso no circuito de minha verdade. (...) Por isso é que uma das expressões da humildade é a segurança insegura, a certeza incerta e não a certeza demasiado certa de si mesma. (p. 122)

Insistindo na questão da tolerância em tempos como o nosso quando o que impera é exatamente o oposto, Paulo Freire nos alerta

Ser tolerante não é ser conivente com o intolerável, não é acobertar o desrespeito, não é amaciar o agressor, disfarçá-lo. A tolerância é a virtude que nos ensina a conviver com o diferente. A aprender com o diferente, a respeitar o diferente. (Ibidem p. 126)

A questão da cidadania, muito cara a essa pesquisa, também encontra ressonância na obra de Paulo Freire para quem o exercício pleno dessa *produção política* não perfaz um “direito pacífico e reconhecido” para os grupos marginalizados na sociedade. A alfabetização era vista por ele como elemento para a formação cidadã e a educação, mais especificamente no desenvolvimento da linguagem, um dos caminhos para sua construção:

Aí está uma das tarefas da educação democrática e popular, da Pedagogia da esperança – a de possibilitar nas classes populares o desenvolvimento de sua linguagem, jamais pelo blábláblá autoritário e sectário dos “educadores”, de sua linguagem, que, emergindo da e voltando-se sobre sua realidade, perfila as conjecturas, os desenhos, as antecipações do mundo novo. Está aqui uma das questões centrais da educação popular – a da linguagem como caminho de invenção da cidadania. (2008, p. 41)

A importância desse autor não advém apenas da quantidade de temas presentes em sua obra, mas principalmente da relação que se estabelece entre eles, bem como sua confiança nas possibilidades libertadoras da educação. Sobre isso, Brandão (1985) escreveu

A educação que Paulo Freire vislumbra não é apenas politicamente utilitária. Ela não objetiva somente criar novos quadros para um novo tipo de sociedade. Há uma proposta politicamente mais humana, a de criar, com o poder do saber do homem libertado, um homem novo, livre também de dentro para fora. (p. 87)

¹³ FREIRE, Paulo. *Professora sim; tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 28ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

Nas Notas escritas ao livro *Cartas a Cristina*, de Paulo Freire, Ana Maria Freire esclarece dimensões importantes da trajetória intelectual do grande educador. Dentre elas o papel fulcral da sua própria história e da sua própria geografia eivados de dilaceramentos e de grandes desafios, mas também de belos exemplos das múltiplas possibilidades da educação para o processo de humanização do ser humano.

Ao fazer as reminiscências de sua infância, com as quais se expõe no mais íntimo e nos seus mais sofridos dias de meninice, não o fez para simplesmente tecer idealismo ou romantismo desses dias. Ele o fez porque esses foram, realmente, anos deflagradores de seu pensar crítico de adulto. Ele mesmo acentuou numa das Cartas que foi em Jaboatão, onde viveu esse período doloroso de sua vida, que se encontram “as mais remotas razões de minha radicalidade”. (...) Essa foi uma vivência radicada historicamente. (p. 249)

A seguir Ana Maria Freire brinda o leitor com uma extensa coleção de fatos históricos e de suas repercussões no ambiente cultural e político no qual Paulo Freire criou a sua pedagogia.

Através das cartas foi mais instigador e profundo para Paulo ir analisando, um a um, os problemas éticos, econômicos e políticos, decorrentes dessas relações capitalistas e da crise mesma (...), do grito dos e das “caras pintadas” (...), falando de experiências e sonhos frustrados de pessoas, fala, na verdade, das mais distintas facetas da realidade brasileira como decorrência do status quo mundial. Em suma, nessas cartas Paulo fez ensaios sobre temas os quais tomava porque os considerava como questões fundamentais: a impotência diante das injustiças e a esperança; a prepotência dos poderosos e o cuidado; o autoritarismo e a generosidade; a exploração capitalista e a realização pessoal; a dominação e o carinho; os sonhos utópicos e o impossível; as berrantes diferenças sociais e a amizade; as deficiências do ensino e as criações pedagógicas; a exiguidade das escolas para os menos abonados e a dadivosidade; a pobreza e a fome; o desemprego e o subemprego. Enfim, através desses temas ele quis discutir nestas Cartas a questão da desumanização/possibilidade de humanização. (Ibidem p. 250)

Ainda por meio das notas de Ana Maria Freire pode-se conhecer um pouco sobre como Paulo Freire, em meio as suas leituras, anotadas rigorosamente, foi construindo, pelo diálogo com outros intelectuais, sua própria leitura do mundo. Ela atenta para o fato de Paulo Freire ter lido mais autores estrangeiros sobre antropologia, linguística, filosofia, literatura, gramática, história e educação, do que autores brasileiros sobre essas mesmas áreas do conhecimento, evidenciando a escassa produção nacional nessas áreas do saber, entre os anos 1940 e 1950. Menciona ainda uma lista de autores que em muito contribuíram para as reflexões de Paulo Freire sobre o mundo, dos fins dos anos 1950 até os anos 1990, como: Marx, Hegel, Marcuse, Sartre, Beauvoir, Agnes Heller, Lenin, Che Guevara, Gramsci, Fanon, entre outros.

Podemos constatar que, antecedendo a formação de seu pensamento genuinamente brasileiro, preocupado com a realidade nacional, Paulo se ocupou de, e analisou, obras de mais de uma centena de autores europeus, americanos e latino-americanos. Ao mesmo tempo, escolheu os mestres do pensamento de várias partes do mundo, e autores brasileiros e portugueses atentos ao bem falar e escrever, porque ele mesmo estava preocupado com a linguagem esteticamente bela e certa de nossa língua, e com a “leitura do mundo” precisa e objetiva. (Ibidem p. 302)

O grande interesse das notas mencionadas reside não apenas na erudição histórica sobre os acontecimentos referidos por Paulo Freire no livro mencionado, mas na dolorosa aproximação que podemos fazer entre os momentos cruciais vividos pelo educador e pela sociedade brasileira com o golpe militar de 1964 e o que hoje se vive depois das eleições de 2018, sob um novo esboço de ditadura constituída pelo governo Jair Bolsonaro.

Nesses dois períodos, (mas não apenas neles) desenharam-se no Brasil, com traços terríveis, a dominação de classe e seus desdobramentos trágicos em nossa singularidade histórica. E diante do momento atual, o compromisso histórico de denúncia e anúncio, tão defendido por Paulo Freire, se faz absolutamente indispensável. Para tanto, façamos nossa homenagem ao centenário desse pensador e marchemos, afinal ele nos incita a isso quando diz, em sua última entrevista

Eu morreria feliz se eu visse o Brasil cheio, em seu tempo histórico, de marchas: de marcha dos que não tem escola, marcha dos reprovados, marcha dos que querem amar e não podem, marcha dos que se recusam a uma obediência servil, marcha dos que se rebelam, marcha dos que querem ser e são proibidos de ser.[...] Quer dizer, eu acho que essas marchas nos afirmam como gente, como sociedade, querendo se democratizar. (1997)¹⁴

Conjugando influências do marxismo, da fenomenologia e do existencialismo, a compreensão de educação de Paulo Freire, como escreve Ana Maria Freire (2005)

[...] tem como cerne de suas preocupações a natureza ético-política do ato de conhecer/educar. É uma teoria do conhecimento na qual se unem solidária e dialeticamente o ético/estético, o epistemológico, o psicossocial, o antropológico, o pedagógico e o político. (p. 25)

A pedagogia de Paulo Freire constitui, no seu desdobramento prático e teórico, uma filosofia e uma antropologia, pois habita desde o seu nascedouro, as questões relativas à alteridade. A afinidade dos princípios da EDH e os de Paulo Freire pode ser percebida no trajeto da pesquisa, como se procurou evidenciar.

¹⁴ Fala registrada em entrevista cedida à TV PUC/SP em 17 de abril de 1997. Disponível em https://youtu.be/cyYKlu_LdP0 Acesso em 25/8/2021.

Algumas categorias de análise merecem nossa atenção nessa pesquisa, conforme apresentaremos a seguir:

1.3 COTIDIANO

“A nossa história da educação, no que diz respeito à vida cotidiana, é um território indevassado[...]” (José M. P. Azanha)

Para analisar a categoria do cotidiano, buscamos apoio no consagrado trabalho de Agnes Heller, *O Cotidiano e a História*. A autora compreende cotidiano e cotidianidade não como algo imóvel, parado, estático, mas como aquilo que já está enraizado, dada a repetibilidade, a presença constante, a frequência.

Nessa obra, a filósofa afirma que a vida cotidiana está “no centro do acontecer histórico”, constituindo assim, a sua essência. Para ela, independente do período histórico, a humanidade sempre esteve inserida em uma cotidianidade, numa estrutura social que determina nossa forma de sociabilidade.

[...] O homem nasce já inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade [...]. (2008, p.33)

Segundo a autora, é na escola, assim como na família, de modo geral, que ocorre a assimilação, ou seja, onde aprendemos elementos da cotidianidade¹⁵. Mas ela afirma que essas normas assimiladas ganham “valor”

[...] quando essas comunicam realmente ao indivíduo os valores das integrações maiores, quando o indivíduo – saindo do grupo (por exemplo, da família) – é capaz de se manter autonomamente no mundo das integrações maiores, de orientar-se em situações que já não possuem a dimensão do grupo humano comunitário, de mover-se no ambiente da sociedade em geral e, além disso, de mover por sua vez esse mesmo ambiente. (Ibidem p. 34)

Embora a autora afirme que a vida cotidiana seja o espaço privilegiado da alienação, ela ressalva que “não existe nenhuma relação social inteiramente alienada, tampouco há comportamentos humanos que se tenham cristalizado em papéis.” (Ibidem p. 138).

¹⁵ Essa ideia guarda proximidade com o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu, definido em artigo de Maria da Graça Jacintho Setton como *um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano*.

Nessa mesma linha, quando trata do “papel social”, Heller sublinha que

Mesmo nos contextos mais manipulados, produz-se constantemente a “recusa do papel”. Em todos esses contextos, há excêntricos, rebeldes e revolucionários. Até mesmo os contextos mais manipulados estão repletos de homens que vivem em “incógnito de oposição.” (Ibidem p. 138).

A partir dessa leitura, entende-se que o cotidiano atua como uma espécie de mapa do pensar e o agir de todo indivíduo. O universo no qual estamos mergulhados em nosso dia a dia. Trazendo essa discussão para a Escola Zacaria, são possíveis alguns questionamentos: O que torna possível que alguns lugares sejam uma espécie de “ilha” destoando daquilo que está ao seu redor ou ainda dos lugares onde já se espera um certo modo de pensar e agir? Como conjugar o cumprimento das tarefas burocráticas, a aplicação do currículo¹⁶, conviver com a realidade da violência, desemprego e carências múltiplas e ainda assim fazer desse espaço um local de alegria, afeto, colaboração e expectativas para todos que o frequentam?

Talvez um caminho para essas respostas esteja na ideia a partir da qual em todas as formas de sociedade existem brechas, que precisam ser identificadas e nas quais pode-se atuar de maneira a buscar transformar a realidade colocada.

1.4 CIDADANIA

“Cidadania é dever de povo./ Só é cidadão/ quem conquista o seu lugar na perseverante luta/ do sonho de uma nação. / É também obrigação: a de ajudar a construir/ a claridão na consciência/ de quem merece o poder. Força gloriosa que faz/ um homem ser para outro homem/ caminho do mesmo chão luz solidária e canção.”
(Thiago de Mello)

Há uma relação, que nos parece umbilical, entre EDH e Cidadania. De que forma se compreende esse conceito tão presente nas mais diversas áreas de pesquisa e cuja definição encontra-se bastante desgastada, até pelo senso comum? Outra razão para buscar uma compreensão mais precisa desta categoria conceitual é o fato de a Escola Zacaria tê-la escolhido como base para a elaboração do Projeto Político-Pedagógico.

José Murilo de Carvalho, em sua obra *Cidadania no Brasil: O longo caminho*, desbrava a tortuosa estrada que a sociedade brasileira tem percorrido em busca de cidadania. Nas primeiras páginas, já aparecem duas informações importantes: à época da independência não

¹⁶ Nessa pesquisa, esse conceito é entendido a partir da definição de Moreira e Silva(1995) para quem “O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares.”

havia cidadãos ou a noção de pátria brasileira. A segunda é a constatação de que a escravidão foi o fator mais nocivo para nossa cidadania. Não existia a noção basilar da cidadania que afirma sermos todos portadores de direitos e deveres, em acordo com a constituição vigente. Outro obstáculo para a construção de uma concepção cidadã era o descaso com a educação por parte da coroa portuguesa. Esta situação perdurou longamente visto que em 1920 apenas 24% da população sabia ler e escrever.(p.65) Trata-se de lembrar aqui a questão largamente debatida na historiografia e na sociologia brasileiras das revoluções burguesas no Brasil, o escravismo e o colonialismo.

Sobre os direitos políticos, estes foram, por muito tempo, restritos a uma pequena parcela da população.

O acesso aos direitos civis também não foi tranquilo, haja vista o que o autor chama de três empecilhos oriundos da herança colonial: “[...]A escravidão só foi abolida em 1888, a grande propriedade ainda exerce seu poder em algumas áreas do país e a desprivatização do poder público é tema da agenda atual de reformas.” (p. 45)

O autor dirá que, até 1930, vivemos uma espécie de cidadania em negativo (p. 83), na qual o povo não tinha lugar no sistema político. A partir de então os direitos políticos e civis tiveram avanços muito tímidos e lentos. No campo social a situação andou bem melhor com a aprovação da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) em 1943¹⁷. Foi também nesse período que a educação elementar passou a ser vista por alguns intelectuais como um direito de todos.

Faz-se necessário destacar que na obra citada, Carvalho estabelece diferenças entre a trajetória de construção e efetivação da cidadania brasileira e inglesa, esta última analisada por T. H. Marshall em “Cidadania, Classe Social e Status”. Este importante teórico defendeu que o caminho a ser trilhado pelas nações obedeceria a seguinte ordem cronológica e lógica que, segundo ele, seria: direitos civis, políticos e sociais. Para Carvalho, no Brasil, além de haver uma ênfase da dimensão social, a sequência na qual os direitos foram adquiridos foi diferente: primeiro os direitos sociais, posteriormente os direitos políticos e, por último, os direitos civis. Por isso a afirmação que, no Brasil, a pirâmide de Marshall teria sido colocada de cabeça para baixo.

¹⁷ Lembrando que estas leis, em grande parte destruídas no governo Temer em 2018, não chegaram a ser universalizadas.

Ainda sobre as políticas sociais no Brasil, faz-se importante o entendimento de VIEIRA(2001) para este assunto ao separá-las em dois momentos políticos distintos: a ditadura de Getúlio Vargas e a ditadura civil-militar de 1964 e afirmar suas finalidades: “Nesses dois períodos, a política social brasileira compõe-se e recompõe-se, conservando, em sua execução o caráter fragmentário, setorial e emergencial, sempre sustentada pela imperiosa necessidade de dar legitimidade aos governos, que buscam bases sociais para manter-se e aceitam seletivamente as reivindicações e até as pressões da sociedade.”(p. 10)

(VIEIRA) 2001 problematiza o viés liberal que apresenta a concepção de cidadania, considerando a sociedade “como um conjunto de pessoas iguais em seus direitos.” Sobre isso ele acrescenta:

Nessa sociedade, cidadania representa igualdade jurídica. Há quem elabore outros conceitos de cidadania, considerando-a igualdade social, igualdade real. De fato, a cidadania fundamenta-se no princípio de que as pessoas são iguais perante a lei e unicamente perante a lei, porque a cidadania consiste em instrumento criado pelo capitalismo para compensar a desigualdade social, isto é, a situação em que alguns acumulam riquezas, acumulam propriedades, enquanto outros não. Então, não existe cidadania sem garantias de direitos, não existe cidadania sem igualdade jurídica.” (p.13)

Certamente esse assunto será retomado ao longo desse trabalho.

1.5 DIREITOS HUMANOS

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.” (José Saramago)

Com o objetivo de ampliar a compreensão de Direitos Humanos, para além da Declaração de 1948, cumpre trazer a fundamentação deste conceito pela filósofa alemã Hannah Arendt em sua obra *Origens do Totalitarismo* (1989). Seus estudos apontaram o que, segundo ela, seriam os limites da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão pois, ao encontrarem-se desprovidos de uma nação, como no caso dos apátridas da Segunda Guerra Mundial, os indivíduos submetidos a esta situação estavam totalmente descobertos de qualquer direito, incluindo o mais elementar: sua dignidade. Era necessário que a soberania das nações não fosse superior aos direitos ditos inalienáveis no famoso documento de fins do século XVIII. Foi então que Arendt elaborou a concepção do direito a ter direitos.

Ainda que se reconheça serem legítimas as críticas, principalmente de teóricos marxistas e do próprio Marx, acerca do caráter burguês ou das raízes burguesas nas quais se forjou a noção de direitos humanos, neste trabalho, ressalta-se sua importância em sociedades como a brasileira, na qual ainda são privilégio de uma minoria.

1.6 METODOLOGIA

A pesquisa, a despeito da necessidade de observarmos uma série de fundamentos, normas, conhecimentos e habilidades gerais e específicas para sua realização, precisa ser encarada como uma atividade cotidiana no universo dos profissionais da educação e não como uma espécie de missão destinada a poucos eleitos escolhidos para esta tarefa. (LUDKE E

ANDRÉ, 1986) Ela não se realiza fora da realidade material ou em uma cápsula protegida e provida de todas as condições favoráveis de temperatura e umidade, de onde florescerá algo perfeito e intocável. É *mister* retirar o caráter elitista que ronda a atividade de pesquisa e trazê-la para o chão da escola e demais espaços da sociedade, onde a vida está acontecendo e um número imensurável de dados esperam ser analisados e histórias esperam alguém que possa contá-las.

Os estudos na área da educação ou que envolvem a investigação de algum fenômeno restrito a um ambiente escolar delimitado, devem considerar as variáveis que incidem sobre este objeto, que são inúmeras. Não é possível isolá-lo para obtenção de um resultado sem interferências externas, bem como apartar os valores do pesquisador de seu objeto de estudo. Como elucida Ludke e André:

[...] Os fatos, os dados não se revelam gratuita e diretamente aos olhos do pesquisador. Nem este os enfrenta desarmado de todos os seus princípios e pressuposições. Ao contrário, é a partir da interrogação que ele faz aos dados, baseada em tudo o que ele conhece do assunto – portanto, em toda a teoria acumulada a respeito –, que se vai construir o conhecimento sobre o fato pesquisado. (Ibidem, p. 4)

Esta pesquisa qualitativa sustentou-se sobre quatro pilares: análise bibliográfica e da documentação referentes à escola em questão, observação direta de eventos do cotidiano escolar e entrevistas semiestruturadas. A princípio realizou-se uma leitura e análise críticas de documentos institucionais relativos à EDH, como o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos – MEC (2006); Programa Nacional de Direitos Humanos, PNDH-3 – Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República – SDH/PR (2010); Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – Resolução CNE/CEB nº 2, de 30 de janeiro de 2012. MEC (2012); Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos – Resolução CNE/CP nº 1, de 30 de maio de 2012. MEC (2012), bem como do Plano Estadual de Educação em Direitos Humanos (em fase de aprovação) e o Plano Municipal de Educação em Direitos Humanos da Cidade de São Paulo.

Toda pesquisa deve ter como princípio uma base teórica, pois como diz Bernardes e Moura (2009)

a superação da percepção e da análise imediata dos objetos, fatos e fenômenos, presentes nas relações do homem com o mundo, somente se faz possível por meio do desenvolvimento do pensamento teórico quando os indivíduos adquirem a capacidade de interpretar conscientemente as relações com o mundo de forma crítica. (p. 469)

Importante ressaltar a relação entre teoria e prática, uma vez que a primeira não se faz unicamente no ato de pensar, mas como nos ensina PEREIRA(1982) “é na relação entre pensamento e discurso que o ato de teorizar se torna mais amplo e mais complexo.”

A etapa seguinte envolveu a investigação empírica desenvolvida como um estudo de caso. Isto possibilitou, em um primeiro momento, estabelecer um contato direto com os projetos da Escola Zacaria e definir quais seriam os selecionados para um estudo mais aprofundado, a partir dos seguintes critérios: os que melhor refletem a EDH, em sua concepção e aplicação; a relação entre o projeto e a formação para a cidadania; estrutura e organização do projeto e número de professores e alunos envolvidos. Daí nasceu a escolha dos seguintes trabalhos, que estão detalhados no capítulo 4¹⁸, exceto o PROVE que traremos no capítulo 5:

- As Trapalhadas do Zacaria (início em 1997);
- PROVE - Projeto de Valorização do Educador e Melhoria da Qualidade do Ensino (início em 1998);
- Projeto Aniversário (início em 2001);
- Colóquio de alunos e ex-alunos do Zacaria (início em 2005);
- Concurso de poesia – Poetizando no Zaca (início em 2008).

Nesse processo de escolha dos projetos sobre os quais deveríamos concentrar maior atenção, pesou em favor do PROVE a existência de um rico e vasto material de pesquisa: os exemplares da Revista PROVE, bem como a coleção PROVE Livros desenvolvidos e publicados em função desse projeto. Nessas publicações estão sistematizadas e ilustradas as atividades realizadas, tornando possível conhecer um leque enorme de vivências desenvolvidas pela Escola Zacaria e demais escolas participantes do projeto. Além dessa sistematização, a revista conta com artigos escritos por diversos professores, coordenadores e convidados que buscam refletir sobre as ações do PROVE e a educação pública de maneira mais ampla, trazendo as alegrias e os dramas vividos pelos docentes. Do conjunto de publicações da Revista PROVE, que em 2020 publicou sua 19ª edição, procurou-se destacar alguns trabalhos que apresentam maior relação com o tema desta pesquisa.

A opção de ir além da pesquisa bibliográfica e análise das fontes escritas justifica-se pelo interesse em acompanhar a concretização do que está nos documentos e entrevistas, formando, como nos orienta Queiroz(1991), “um quadro analítico mais amplo que nos diga

¹⁸ Outras atividades e projetos desenvolvidos no passado ou mesmo em andamento na Escola Zacaria serão mencionados nessa pesquisa, mas não serão objeto de uma análise aprofundada.

algo mais concreto sobre a escola como um todo”. As fontes se complementam na busca de uma melhor compreensão do tema tratado. Trata-se da busca entre o prescrito e o real.

Sobre a observação direta, Ludke e André afirmam ser este, indubitavelmente,

[...]o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno. (...) A observação direta permite também que o observador chegue mais perto da ‘perspectiva dos sujeitos’, um importante alvo nas abordagens qualitativas. (1986, p. 26)

Esses contatos constituíram um importante instrumento de coleta de dados e informações. Este procedimento permitiu a confrontação do material escrito pelos participantes e relatado nas entrevistas, dando estofo e robustez às fontes, indo ao encontro do que afirmam Ludke e André: “Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele.” (p.1)

Azanha (2011) adverte sobre o que P. Veyne chamou de “armadilha da abstração” nas pesquisas sobre educação e revela a quase ausência dos estudos sobre o cotidiano das escolas. Segundo o autor, “o imenso fluxo de pequenos episódios, aparentemente atípicos e sem importância, desapareceu ou desaparecerá sem marcas”. Ao longo das observações realizadas, o esforço foi apreender de que forma o que chamamos de Educação em Direitos Humanos estava presente naquele ambiente escolar desde a organização dos espaços físicos, a programação prevista, a recepção dos convidados, as falas dos participantes, as intervenções artísticas, o momento das refeições e as reações de todos os envolvidos (participantes e convidados). O término da coleta desses dados estava previsto para o final de 2019, mas foi postergado para o final de 2020 quando pude acompanhar a quarta edição consecutiva do Seminário PROVE Interescolas de Educação Pública. Nessa nova realidade imposta pela pandemia do COVID-19, os cursos oferecidos no período de agosto à novembro de 2020 bem como o seminário foram integralmente realizados em formato online e, em razão disso, pude participar de um deles como aluna. Vivência retratada no capítulo 5.

As primeiras observações se realizaram no acompanhamento do Seminário PROVE em novembro de 2017, o que veio a se repetir nos anos de 2018, 2019 e 2020. Estive presente no evento de premiação do XI Concurso de Poesia em 2018, quando fui convidada a participar da votação prévia para a escolha da poesia vencedora. Em junho de 2019 compareci ao XV Colóquio de alunos e ex-alunos da escola. Em agosto, ainda referente ao trabalho de observação, visitei a escola no evento de culminância “As Trapalhadas do Zacaria”.

Em janeiro de 2020 pude acompanhar a reunião de boas-vindas aos pais dos novos alunos da escola e no início de fevereiro foi a vez de presenciar a Assembleia dos alunos do período da tarde para discutir as regras de convivência da escola. Nesta mesma ocasião acompanhei uma reunião de professores e visitei a Sala de Leitura, onde foi possível conhecer um pouco mais os projetos já realizados pela escola e que estão devidamente registrados e disponíveis para quem quiser conhecer. Os dias em que as entrevistas foram realizadas na escola também se mostraram excelentes oportunidades de observar aspectos rotineiros e a dinâmica do dia-a-dia na Escola Zacaria. As observações de campo irão percorrer os capítulos dessa pesquisa, com destaque ao capítulo 6 do presente trabalho.

O ano de 2020 prometia ser a oportunidade de visitar a escola para acompanhar a realização de outras atividades, como o Cineminha, o Leituraço, o Projeto Aniversário e a tradicional Festa Junina. Estas visitas foram canceladas devido a pandemia de Covid-19, o que não impediu de escrever e comentar a respeito de algumas dessas e de outras importantes práticas pedagógicas com base nos registros escritos e fotográficos realizados pela escola e também por meio dos relatos coletados nas entrevistas.

As entrevistas perfazem uma etapa marcante desse processo e ocorreram em paralelo às situações de observação de campo. Elas, pode-se dizer, coroam esse caminhar de aprendizados contínuos. Minhas observações de campo sobre esses momentos constam do capítulo 6.

Foram realizadas 9 entrevistas individuais com as pessoas abaixo identificadas (por ordem de data das entrevistas):

- Diretor da escola: Roberto Wagner Carbonari
- Assistente Técnico Escolar (ATE): Rodrigo Pacheco Alves
- Coordenadora Pedagógica que atuou por 14 anos na escola - desde o início na maior parte dos projetos estudados na pesquisa (aposentada): Olgair Gomes Garcia
- Professora convidada para curso do PROVE: Maria Lúcia Fabrini de Almeida
- Coordenadora Pedagógica: Luciana Dias da silva
- Professora fund. I, EJA e sala de leitura (aposentada): Maria do Socorro Lacerda de Lacerda
- Ex-aluna da escola a atual professora da rede municipal de São Paulo: Aline Magna Vieira
- Professora fund. I e Sala de Leitura: Viviane Machado Sabadin
- Supervisora de Ensino da DRE Campo Limpo: Solange Amorim

Entre a primeira e a última entrevista transcorreram mais de 2 anos. Esse intervalo se deu em consequência de diversos fatores que incluem, principalmente, a disponibilidade de tempo da pesquisadora e do entrevistado, bem como o amadurecimento do trabalho de pesquisa e os contatos que foram sendo construídos com os sujeitos¹⁹ da Escola Zacaria.

A escolha dos entrevistados teve por objetivo tentar alcançar as vozes de diferentes grupos que compõem o ambiente escolar atualmente. O perfil pode ser descrito como um grupo formado por professores em atividade e aposentados, concursados na área de educação, abarcando equipe gestora, supervisão, professores, funcionários e ex-funcionários e uma ex-aluna. Homens e mulheres com idades que variam entre 29 e 80 anos. Todos moradores da cidade de São Paulo, a maioria na zona sul. São pessoas que, de alguma forma, dedicaram seu tempo e esforços para desenvolver trabalhos na escola Zacaria. Não obstante o argumento acima exposto, esse processo procurou também considerar o que nos ensina Queiroz (1991) quando afirma que essa escolha parte “de se saber que determinado indivíduo possui conhecimentos importantes a respeito do tema” e da “existência de um conhecimento prévio do informante por parte do pesquisador.” (p.75)

Questões envolvendo o prazo de conclusão da pesquisa, bem como a já mencionada pandemia, acabaram por limitar este recorte de entrevistados, deixando para um trabalho de pesquisa futuro, a análise detida de depoimentos dos alunos da Escola Zacaria. Entretanto, em diversos momentos da pesquisa de campo, fez-se presente a observação de atitudes dos estudantes, seja no concurso de poesia, colóquio de alunos e ex-alunos e assembleia de início de ano. Os estudantes estão presentes também a partir dos relatos dos entrevistados, dos registros dos professores, do trabalho da Imprensa Jovem e da Revista PROVE. Afinal, todo esforço que movimenta a Escola Zacaria tem por objetivo atender os alunos e a comunidade escolar como um todo.

Realizar as entrevistas foi, como nos ensina Maria Isaura Pereira de Queiroz, um esforço de tentar transpor a barreira do indizível, obter o não-explicito, os valores e emoções que podem ser difíceis de serem captados quando se aplica um questionário. “O relato oral constituirá sempre a maior fonte humana de conservação e difusão do saber, o que equivale dizer a maior fonte de dados para as ciências em geral.” (QUEIROZ, 1991, p. 2).

Ainda na obra acima citada, sobre o uso do gravador, a autora o define como:

¹⁹ Utilizando a definição de Morin sobre sujeito como um ser único em várias dimensões, que ocupa seu espaço no mundo e é autor de seu processo organizador. O sujeito necessita do outro para conhecer a si mesmo.

[...] o meio milagroso de conservar na narração uma vivacidade de que o simples registro no papel as despojava, uma vez que a voz do entrevistado, suas entonações, suas pausas, seu vai-e-vem no que contava constituíam outros tantos dados preciosos para estudo [...] (Ibidem,p.2).

Para Portelli (apud Velôso, 1999 p. 149-166) as fontes orais nos contam sobre o significado mais do que sobre os acontecimentos e, portanto, por meio delas, podemos acessar o que está além dos fatos, o que eles significam para quem os viveu e os reconta e, ainda, sobre o que queriam fazer e o que acreditam que tenham feito.

A opção por entrevistas semiestruturadas atende o desejo de não impor ao entrevistado um “espaço restrito” para suas respostas, permitindo que ele intervenha na condução das mesmas e, ao mesmo tempo, fale sua própria linguagem. (QUEIROZ, p. 78). Nesse sentido, questionários seriam limitadores das respostas empobrecendo a potencialidade destas e o surgimento de assuntos e histórias que escaparam ao radar do(a) pesquisador(a), sem nunca perder o foco sobre a temática que está sendo trabalhada, mas sim possibilitando que ela cresça e ganhe corpo.

A elaboração dos roteiros de entrevista procurou captar a compreensão sobre o que seria uma EDH; de que forma os projetos da escola se fazem como parte de um esforço por uma educação emancipadora e para uma cidadania ativa; de que maneira o PROVE se identifica com essa concepção educacional de EDH, a despeito de nomeá-la ou não; os principais desafios e singularidades da Escola Zacaria, segundo os entrevistados. As perguntas seguiram um padrão aproximado, sendo necessário adequá-las às funções e papéis desempenhados individualmente pelos entrevistados. Por vezes fez-se necessário mudar ou acrescentar uma ou outra palavra à uma pergunta ou ainda subtrair alguma frase que já havia sido respondida pelo entrevistado. Além disso, as entrevistas ocorreram em momentos distintos, havendo ainda uma variação em relação ao período em que alguns entrevistados atuaram diretamente na escola em questão.

Cumpramos ressaltar a angústia e insegurança presentes nesta etapa do trabalho de pesquisa quando há o perigo de nos depararmos com o que não foi perguntado, que foi ignorado, mas que é parte de um recorte, uma necessária delimitação, enfim, uma escolha do pesquisador que poderá ou não incorrer em possíveis lacunas no estudo proposto.

O entrevistador precisa estar atento não apenas ao roteiro e às respostas verbais dos entrevistados. A comunicação não-verbal caracterizada principalmente por gestos, pausas e alterações de ritmo, expressões faciais e ritmo respiratório pode oferecer subsídios para a compreensão e interpretação daquilo que está sendo investigado. (Ludke e André)

Mesmo tendo à disposição os meios tecnológicos para realizar as entrevistas, sempre se fez a opção por encontros presenciais pela importância do contato direto, da interferência do ambiente, do calor humano. A pandemia levou a alteração desse aspecto das entrevistas, as quais passaram a ser feitas à distância. A receptividade das entrevistadas e entrevistados sempre facilitou de veras nosso trabalho. Foram conversas que nos fizeram sentir vontade de nos encontrar pessoalmente para falar sobre a pesquisa e sobre a educação em geral.

A transcrição das entrevistas produz uma imortalização do relato oral e, como nos orienta Dulce Whitaker(2000), foram respeitadas as formas peculiares de articulação do discurso (sintaxe) e a correta ortografia das palavras. Neste mesmo texto a autora adverte para o fato de que:

[...] o real se insinua até nas entrelinhas do discurso: cada pausa, cada tema reiterado, cada palavra com alta frequência num determinado momento, cada interrupção ou truncamento, cada idiosincrasia tem um significado para o qual o pesquisador precisa ter muita sensibilidade [...]. (p.152)

Das nove entrevistas realizadas, sete foram trazidas para este trabalho na íntegra, ou seja, sem que nenhum trecho tenha sido suprimido. Optou-se por iniciar a gravação após os cumprimentos e a apresentação de forma simples sobre a natureza e os objetivos da pesquisa. Em algumas entrevistas os dados relativos à formação acadêmica do(a) entrevistado(a) foram obtidos antes do início da gravação e, por isso, não aparecem nos áudios. Ademais, pensando que a memória não é cronológica e, portanto, os relatos apresentam dispersões, idas e vindas (idem, *ibid.*), todo o restante consta da gravação. O que estava previsto no roteiro foi gravado por meio de aparelho celular, salvo no computador e em nuvem e, posteriormente, transcrito em sua inteireza em um laborioso e longo processo realizado pela própria pesquisadora e entrevistadora. Duas entrevistas não foram transcritas na íntegra porque os relatos se desviaram excessivamente do tema proposto ou se prolongaram demasiado, mas entendemos que isso não prejudicou a qualidade dos dados obtidos nesses depoimentos.

Como pesquisadora e entrevistadora é frustrante não conseguir trazer para a friezta do papel os sotaques e as emoções presentes nas falas. As transcrições das entrevistas foram anexadas ao trabalho.

Queiroz nos chama a atenção para o fato de que a transcrição, ou seja, a passagem do oral para o físico, representa um “novo intermediário entre o narrador e o público”. Ela segue afirmando não existir pesquisador indiferente ao objeto pesquisado. Sendo assim, a interpretação dos relatos terá sempre uma marca do entrevistador, por mais fiel que este procure

ser ao longo de todo o processo de trabalho. Nas primeiras entrevistas será possível observar um envolvimento que pode ser classificado como excessivo, talvez apaixonado, pelo tema da pesquisa e algumas emoções transpareceram em forma de comentários. A partir da orientação da banca de qualificação, os entrevistados puderam falar mais, sem interrupção, concordância ou outros comentários que pudessem influenciá-los de alguma forma.

Aguiar (2006) mostra que a apreensão dos sentidos não significa obter uma resposta única, absolutamente definida, mas expressões do sujeito às vezes contraditórias, parciais, que nos apresentam indicadores das formas de ser do sujeito, de processos vividos por ele. Também como afirma Liberali (2012, p. 35) é necessário captar o não dito para compreender os fenômenos e processos da escola.

Concluídas as transcrições das entrevistas, as idas à unidade escolar e de posse de vasta documentação escrita, fotográfica e midiática²⁰, procurou-se analisar esses dados sob uma abordagem qualitativa, buscando identificar tendências e padrões relevantes (Ludke e André). Para codificar os dados trazidos nas entrevistas imprimi os documentos e procurei destacar no texto algumas palavras chave da pesquisa, como: Direitos Humanos; Educação em Direitos Humanos; Cidadania; Projeto Político-Pedagógico; PROVE; Trapalhadas do Zacaria; Colóquio; Projeto Aniversário e Concurso de Poesia. Foi no momento dessa nova escuta da entrevista e na leitura minuciosa daquilo que foi dito que apareceram temas recorrentes como gestão escolar e autonomia do professor e iluminaram a pesquisa. Feito isso, buscou-se os pontos que estabeleciam conexões com a literatura pesquisada e que ajudaram na compreensão do problema de pesquisa sobre o qual nos debruçamos, para, a partir daí, construir um mosaico que permitisse chegar às respostas de nossas questões. Foi necessário revisitar essas informações em diversos momentos, conforme a escrita do texto avançava. Por mais que teóricos estabeleçam sucessivas fases para a pesquisa, elas, frequentemente, acabaram se misturando e escapando de uma ordem pré-estabelecida.

Sobre os recursos metodológicos utilizados nessa pesquisa, faz-se necessário um adendo: ao perceber que o cancelamento das visitas programadas no início de 2020, em decorrência da pandemia do Covid-19, poderia prejudicar a resposta a algumas questões, optou-se por trazer uma pergunta à alguns dos entrevistados e até questionar outros professores que, por motivos de saúde ou relativos ao prazo da pesquisa, não compõem o conjunto dos entrevistados, mas que, gentilmente responderam a alguns questionamentos. Nessa ocasião

²⁰ Me refiro ao material consultado por meio do blog, bem como das redes sociais da escola. (fotos, áudios, vídeos, entrevistas, visitas e outros).

utilizei o aplicativo de comunicação WhatsApp pela dinamicidade que essa ferramenta oferece. Alguns responderam por áudio e outros por escrito. As informações foram devidamente salvas e seus conteúdos (não na íntegra) integraram esse trabalho no intuito de ajudar a esclarecer pontos sobre os quais pairavam dúvidas.

1.7 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Este trabalho de pesquisa está organizado em 6 capítulos, sendo o primeiro voltado à apresentação da pesquisadora, bem como dos procedimentos teórico-metodológicos desta pesquisa e já expostos.

O capítulo 2 traz um breve histórico do pensamento moderno acerca da noção de Direitos Humanos, seguido de uma visão geral de como esse assunto é tratado no Brasil. Passa-se para uma apresentação conceitual da Educação em Direitos Humanos, seus objetivos e características, novamente buscando o entendimento geral para então trazer o assunto à realidade brasileira, conversando com os marcos legais estabelecidos no Brasil e no exterior. Por fim tratou-se de falar brevemente sobre a relação existente entre Educação em Direitos Humanos e Cidadania, considerando as entrevistas como elementos da investigação.

O capítulo 3 tem por objetivo apresentar a escola em seus aspectos estruturais, administrativos, históricos, incluindo o bairro e a comunidade na qual está inserida.

No capítulo 4 passa-se à análise sobre as intencionalidades do PPP da Escola Zacaria quanto à EDH e sua implementação por meio de projetos.

Com base na importância dada à formação de educadores nos documentos e na bibliografia sobre EDH, no capítulo 5 buscou-se identificar de que maneira o PROVE se insere nas práticas de EDH, objeto desse estudo. Para tanto abordou-se um breve histórico, assim como as principais características, entrevistas, observações de campo e produções desse projeto como um espaço de formação centrado na escola e do qual a Zacaria é uma das idealizadoras e colabora há 23 anos.

No capítulo 6, a partir da observação de campo, materiais pedagógicos e entrevistas, buscou-se evidências sobre as relações entre as práticas educativas cotidianas da Escola Zacaria com a EDH e o atravessamento da pedagogia de Paulo Freire nesse universo pesquisado.

As considerações finais buscaram responder a hipótese: a Escola Zacaria concretiza a EDH a partir de uma relação orgânica entre o que é proposto em seu projeto político-pedagógico e suas práticas educativas cotidianas envolvendo múltiplos âmbitos da vida escolar.

Espera-se que esse trabalho fale sobre uma realidade possível e vá ao encontro de educadores e educadoras, estudantes e pessoas em geral que, sendo entusiastas e defensoras de uma educação libertária e de afeto, possuam a ânsia de construir um ambiente escolar em que os direitos de todos e de cada um sejam respeitados e onde a beleza e a alegria possam ser parte integrante do cotidiano.

Nossos sonhos para a educação por certo não cabem dentro de um trabalho de pesquisa, mas este se pretende um convite para conhecermos melhor o tema da Educação em Direitos Humanos, bem como projetos que vem sendo vivenciados em uma escola pública da rede municipal. Por fim, é preciso construir um novo tempo, em que a EDH possa contribuir na gestação da esperança e na contenção das tentativas de rompimento dos pequenos ensaios de igualdade, como disse o prof^o Solon Viola.

A escritora e educadora popular Maria Valéria Rezende se referiu a seu trabalho de resistência contra as ditaduras latino-americanas, como quem procurou andar pelo meio do mundo sendo fermento na massa, que como tal, ao fazê-la crescer, desaparece em meio a ela. Que muitos educadores possam inspirar-se neste exemplo.

2 DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO: DA NOÇÃO MODERNA DE DIREITOS HUMANOS ÀS DEFINIÇÕES DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E SEU DIÁLOGO COM AS PRÁTICAS CIDADÃS NA ESCOLA

“Não nascemos iguais; tornamo-nos iguais como membros de um grupo por força da nossa decisão de nos garantirmos direitos reciprocamente iguais.” (ARENDT, 2004, p. 335)

2.1 DA NOÇÃO MODERNA DE DIREITOS HUMANOS À DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS DE 1948 – UM BREVE HISTÓRICO

As grandes catástrofes da humanidade, produzidas pelos mais diversos conflitos sociais, econômicos, étnicos, políticos em nosso planeta, com saldo trágico provocado pela Segunda Guerra Mundial, levaram à elaboração de uma série de documentos, entre declarações, pactos e acordos que buscavam chegar ao máximo consenso sobre a necessidade de assegurarmos direitos fundamentais a todos os povos da Terra, protegendo-os de todo e qualquer abuso ou ataque. Cumpre lembrar que o Brasil foi signatário de todos os documentos produzidos em convenções internacionais sobre os direitos humanos.

Primeiramente é importante entender as várias categorias de direitos que foram surgindo ao longo das décadas, em virtude das transformações políticas, socioculturais, econômicas, e também de ordem ambiental, pelas quais passaram as sociedades, para, a partir de resoluções da Organização das Nações Unidas (ONU), buscar compreender melhor a criação da Educação em Direitos Humanos: sua definição, seus objetivos gerais e específicos, suas conquistas e desafios até o presente momento, com foco na educação escolar.

Segundo Dornelles (2013), o conceito de direitos humanos é variável de acordo com a concepção político-ideológica que o origina, sendo, portanto, impossível a existência de uma única fundamentação sobre esse tema. Ele afirma ainda que, filosoficamente, podemos fundamentar os direitos da pessoa humana partindo de três grandes concepções: idealista, positivista e crítico-materialista.

A primeira identifica os direitos humanos a valores superiores referidos a uma ordem transcendental, divina ou na razão natural humana, sendo então inerentes ao ser humano. Já a segunda apresenta os direitos como válidos apenas se houver o reconhecimento pelo Estado através de sua ordem jurídica positiva, não sendo então considerados inerentes ao ser humano. Por fim, a terceira concepção, desenvolvida no século XIX, inspirada na obra de Karl Marx, é uma crítica ao pensamento liberal burguês enquanto promotor dos direitos humanos, pois esse

pensamento limita-se na maior parte das vezes ao aspecto formal dos direitos, circunscrevendo-os realmente às classes privilegiadas.

A discussão sobre os direitos das pessoas também trará novas nomenclaturas, como os direitos individuais ou de primeira geração, quais sejam os direitos civis e políticos, já pensados desde o século XVII e XVIII. No processo das revoluções burguesas na Inglaterra (1629-1689), Independência Americana (1776) e Revolução Francesa (1789) a conquista de direitos econômicos, sociais e culturais, denominados de segunda geração.

É necessário que o leque dos direitos humanos seja entendido como um conjunto uno e indissociável. Segundo Comparato (2010): “É o princípio da solidariedade que constitui o fecho da abóbada de todo o sistema de direitos humanos.” (p. 351)

No século XX, no período pós-guerra, ocorre o processo de descolonização da Ásia e da África, que se desdobra na Conferência de Bandung²¹ e o Movimento dos Não-Alinhados. Somado a isso emerge um novo modo de acumulação do capital chamado de “Era das multinacionais”. Esses eventos irão impactar diretamente a vida do chamado Terceiro Mundo, em virtude do aumento de exploração de matérias primas e a consequente destruição sistemática do meio ambiente. Daí surgirão novas demandas sociais, tais como: o direito à paz; o direito ao desenvolvimento e à autodeterminação dos povos; o direito a um meio ambiente saudável e ecologicamente equilibrado e o direito à utilização do patrimônio comum da humanidade. Esses serão os chamados direitos de terceira geração ou direitos dos povos.

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945)²² tornou-se um marco na luta pela defesa dos direitos humanos, inspirando a carta de 1948, principalmente pela brutal escalada de violência, se comparada à chamada Grande Guerra (1914-1918), tanto pelo número de mortos (estima-se 60 milhões, contra 20 milhões no conflito do início do século), como pelo número de refugiados na ordem de 40 milhões em 1945 ante 4 milhões por volta de 1918 e pelos campos de extermínio nazista, mas também porque pela primeira vez, os homens demonstraram, nos ataques nucleares a Hiroshima e Nagasaki, que já possuíam tecnologia capaz de acabar com a vida na Terra.

Diante desse cenário de preocupação com a paz e o futuro da humanidade será criada a Organização das Nações Unidas, em 1945 e o Conselho de Direitos Humanos em 1946. Esse

²¹ Reunião ocorrida em Bandung, na Indonésia, entre 18 e 24 de abril de 1955, com a participação de líderes de países africanos e asiáticos. O objetivo era promover a cooperação econômica e cultural afro-asiática, em oposição ao que era considerado neocolonialismo por parte dos USA, da URSS ou outros países.

²² A professora Ana Klein destaca que a questão dos direitos humanos ganha relevância a partir da 2ª GM porque as violências atingiram também homens brancos e ricos. Até então outros genocídios ou tentativas de genocídios foram praticados contra povos negros traficados para o trabalho escravo e povos originários de diversas partes do mundo que foram dizimados em seus próprios territórios. Esses eventos, segundo ela, não geraram comoção mundial e sequer são de conhecimento geral.

último deveria desenvolver seus trabalhos em três etapas: a primeira seria a elaboração de uma declaração de direitos humanos, seguida de documentos com poder jurídico vinculante, como tratados ou convenções internacionais e, por último, uma estrutura adequada para assegurar o respeito aos direitos humanos e tratar os casos de violações.

A primeira etapa foi concluída com a aprovação da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) aprovada pela ONU em 10 de dezembro de 1948, tendo esse documento um caráter de recomendação aos países membros. Já a segunda etapa só se completou em 1966 com a assinatura de dois pactos: um sobre direitos civis e políticos e outro sobre direitos econômicos, sociais e culturais. A terceira e última etapa não foi alcançada plenamente, embora hoje exista o Tribunal de Haia, pois ainda não foram criados mecanismos capazes de assegurar a observância universal desses direitos. Para Comparato,

a cristalização desses ideais em direitos efetivos, como se disse com sabedoria na disposição introdutória da Declaração, far-se-á progressivamente, no plano nacional e internacional, como fruto de um esforço sistemático de educação em direitos humanos. (2010, p.238)

Como é possível imaginar pela grandeza do documento, a Carta de 1948 foi pensada e redigida a muitas mãos. Mesmo sem o consenso absoluto de todos os países membros da ONU, e ainda que omitindo uma parte dos crimes de guerra cometidos na Segunda Guerra Mundial, foi reconhecida na maioria dos países.

O texto proclama três princípios axiológicos fundamentais em matéria de direitos humanos: a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Nos três primeiros artigos, observa-se ainda o direito de todos à vida e à segurança pessoal.

No artigo II é afirmado o princípio da igualdade essencial do ser humano, sem desconsiderar as diferenças biológicas e culturais; a proibição absoluta da escravidão e do tráfico de escravos aparece no artigo IV; no artigo VII a isonomia ou igualdade perante a lei é proclamada. O princípio da liberdade política será mencionado no artigo XXI, já a liberdade individual nos artigos VII a XIII e XVI a XX. Os direitos políticos são reconhecidos no artigo XXI, e a solidariedade, base dos direitos econômicos e sociais, está presente nos artigos XXII a XXVI. Diante da crise de refugiados, provocada pela Segunda Guerra Mundial, a Declaração reconhece o direito de asilo por motivo de perseguição no artigo XIV e defende o direito de todos a ter uma nacionalidade (art. XV). Sobre esta questão, na já citada obra de ARENDT (1989) a condição de apátrida dava margem para a nação subjugar minorias atirando em um fosso desprovido de qualquer garantia humanitária milhões de seres humanos que pareciam não pertencer a lugar nenhum e nem mesmo à espécie humana.

[...] O jornal oficial da SS, o Schwartz Korps, disse explicitamente em 1938 que, se o mundo ainda não estava convencido de que os judeus eram o refugio da terra, iria convencer-se tão logo, transformados em mendigos sem identificação, sem nacionalidade, sem dinheiro e sem passaporte, esses judeus começassem a atormentá-los em suas fronteiras.[...] a incrível desgraça do número crescente de pessoas inocentes demonstrava na prática que eram certas as cínicas afirmações dos movimentos totalitários de que não existiam direitos humanos inalienáveis, enquanto as afirmações das democracias em contrário revelavam hipocrisia e covardia ante a cruel majestade de um mundo novo. A própria expressão “direitos humanos” tornou-se para todos os interessados – vítimas, opressores e espectadores – uma prova de idealismo fútil ou de tonta e leviana hipocrisia. (ARENDRT, 1989, p. 302)

O fato de não se ter uma pátria era mais degradante e grave enquanto situação jurídica, confirmando a crítica à noção abstrata dos direitos humanos presente na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Quando o homem não é nada além de homem, parece estar em pior situação do que aquele que perde o status político. A dimensão humana presente não é suficiente, como o nazismo o demonstrou. Precisamos ter uma nacionalidade pra sermos respeitados e considerados cidadãos de algum lugar.

Ao analisar essa situação, Hannah Arendt defendeu que a base fundante dos Direitos Humanos deve se assentar no *direito a ter direitos*. Seria essa a condição de partida para qualquer legislação que se propusesse defender os seres humanos em qualquer lugar do mundo, levando em conta a pluralidade de povos e comunidades sem, contudo, desconsiderar sua individualidade. Pertencer à espécie humana deveria ser o primeiro ponto a ser considerado em qualquer situação em que se discutissem outros direitos ou leis.

Trazendo o foco para a educação, vale ressaltar o direito “ao pleno desenvolvimento da personalidade humana”, que segundo CLAUDE (2005)

Ilustra a natureza orgânica da Declaração, na qual diversos direitos emanam de uma crença na igualdade de todas as pessoas e na unidade de todos os direitos humanos. Reiterado muitas vezes, o direito “ao pleno desenvolvimento da personalidade humana” foi visto pela maioria dos autores como um direito reforçado pela comunidade e pela interação social. Ele articulou e sintetizou todos os direitos sociais, econômicos e culturais da Declaração. Dado o objetivo de pleno desenvolvimento da personalidade humana no contexto da sociedade – o único contexto em que ele pode ocorrer –, conclui-se que o direito à educação é um direito social, um bem social e uma responsabilidade da sociedade como um todo. (p.5)

Insistindo nesse tema, no texto “A Crise da Educação”, Hannah Arendt nos chama à reflexão, ao escrever que

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las

de nosso mundo e abandoná-las aos seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. (2003, p. 247)

Finalmente, a DUDH faz a defesa da democracia como regime político que melhor encarna o respeito aos direitos humanos.

A defesa dos direitos humanos deve ser algo permanente, cotidiano e essa luta também sofre modificações de acordo com as transformações sociais, econômicas, ambientais e em resposta ao surgimento de novas demandas, haja vista falarmos em direitos ambientais, dos animais, entre outros.

A declaração de 1948 dá um passo importantíssimo no reconhecimento da necessidade de se respeitar a dignidade humana em todos os lugares do mundo, mas essa caminhada precisa continuar como nos alertam os recorrentes eventos de desrespeito aos direitos humanos com os quais nos deparamos dia após dia nos quatro cantos do mundo, sejam violações por parte dos Estados, organizações internacionais, corporações econômicas globais, grupos fundamentalistas religiosos, grupos políticos radicais, organizações criminosas da sociedade civil ou ainda por grupos paramilitares, entre outros tantos que atacam frontalmente os direitos mais básicos do ser humano.

2.2 OS DIREITOS HUMANOS NO BRASIL – O RECONHECIMENTO JURÍDICO E OS DESAFIOS PARA O RECONHECIMENTO SOCIAL

“Direitos Humanos são aqueles direitos comuns a todos os seres humanos, sem distinção alguma de raça, etnia, nacionalidade, sexo, classe social, religião, opção política, nível de instrução, orientação sexual e julgamento moral.”²³

O desrespeito aos direitos humanos é uma marca na história do Brasil. Desde a invasão e conquista dos europeus que por aqui chegaram no final do século XV e início do século XVI, essas terras têm sido palco das mais variadas atrocidades. Começamos com a escravização e matança dos povos indígenas, os quais sofrem até os dias atuais, passando pela escravização e desumanização sistemáticas de milhões de africanos, destituídos do lar, da família e de todos os seus vínculos afetivos para movimentarem a economia colonial e imperial, até o desprezo aos pobres após a abolição formal da escravidão e que ainda nos acompanha, sob a forma da

²³ Trecho extraído do texto produzido pela Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos “*Capacitação em Direitos Humanos e Cidadania: Fundamentos Teórico-Metodológicos*”, 2001.

criminalização da pobreza, no encarceramento em massa, na perseguição aos movimentos sociais, além do genocídio da juventude negra nas periferias urbanas. O que está por trás disso é uma lógica de reprodução de privilégios historicamente construída que estabelece uma espécie de meritocracia para os direitos humanos, não os reconhecendo como absolutos, mas sim relativizando sua validade.

O sociólogo Jessé Souza (2019), na esteira de Pierre Bourdieu, dirá que a luta de classes, sob a nova hierarquia social moderna, se dá pelo acesso a capitais como o simbólico, cultural, além do econômico, que é o mais visível e o mais importante pois permite que a elite econômica compre as elites não econômicas. Em seguida, o capital cultural, compreendido como incorporação de conhecimento útil ou prestígio e o terceiro, que depende da existência dos dois anteriores, é o capital social de relações pessoais e refere-se às relações que se traduzem por alguma vantagem na competição pelos recursos escassos. Ele segue explicando que

(...) É o monopólio dos capitais que irá fazer com que uma classe social possa reproduzir seus privilégios de modo permanente. O grau de desenvolvimento político e moral de uma sociedade deve ser avaliado, inclusive, não pelo PIB geral, que esconde todas as desigualdades, mas, sim, pelo modo como essa sociedade impede a monopolização desses capitais e mantém um acesso comparativamente mais democrático a eles. (p.97)

Em uma sociedade em que imperam desigualdades, falar em direitos humanos parece algo muito distante. Há uma espécie de subjetividade construída no âmbito de práticas discriminatórias que, por sua vez, são causa e efeito de um desprezo histórico pela formação da cidadania no Brasil.²⁴ Assim sendo, os desafios para o enfrentamento de tal realidade são grandes e variados.

Não há dúvida de que a DUDH, bem como outros tratados e protocolos assinados pelo Brasil ao longo das últimas décadas, trouxeram avanços na luta por um mundo que se pautasse pela cultura da paz, mas precisamos avançar e, permanentemente, discutir sobre o andamento prático de muitos aspectos contidos nesses documentos.²⁵ Como atenta Aguirre (2007)

Hablar de derechos humanos no es cuestión de discurso teórico. Es antes que nada un estilo de vida, una manera de ser ante el azote, el más devastador y el más humillante, que es la situación de pobreza inhumana en la que viven millones en América Latina. Esta situación inhumana de la no-persona viola todos los derechos humanos, pero

²⁴SILVA, Aida Maria; TAVARES, Celma. A cidadania ativa e sua relação com a educação em direitos humanos. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação* – v.27, n.1, p. 13-24, jan./abr. 2011

²⁵ Trata-se aqui do alargamento da noção de direitos humanos e o surgimento de novas demandas, como o direito ao meio ambiente sustentável, entre outros.

al mismo tiempo felizmente ella puede también ser el lugar de una experiencia de liberación y de dignidad. (p. 11)

Na mesma direção de Aguirre, durante o Curso Intensivo de Educação em Direitos Humanos oferecido pelo Memorial de Resistência em 2019²⁶, Suzana Sacavino reforçou a visão de que “direitos humanos é uma maneira de viver e tem que marcar sua subjetividade, suas relações consigo mesmo, com os outros e com a natureza”.

Na intenção de trazer para o trabalho a visão sobre os direitos humanos de alguns trabalhadores e trabalhadoras da Escola Zacaria, resgata-se aqui trechos das entrevistas realizadas.

Quando perguntado sobre como seu trabalho na escola poderia contribuir para uma cultura de respeito aos direitos humanos, o Assistente Técnico de Educação (ATE) da Escola Zacaria, Rodrigo respondeu²⁷:

[...] Em primeiro lugar você precisa entender os direitos humanos... Compreender a importância e buscar pautar o seu fazer dentro dos direitos humanos e, sobretudo, respeitando os direitos humanos porque eu trabalho aqui com criança, adolescente, adulto e até mesmo idoso. Então é mister eu ter o mínimo de conhecimento necessário sobre o que é o Estatuto do Adolescente? O que é o Estatuto do Idoso? Eu preciso me aparelhar com os conhecimentos que abrangem todas essas faixas etárias. Entender um pouco dessa sociedade na qual estamos todos inseridos, enquanto educadores, enquanto educando pra que eu possa de fato desenvolver um trabalho de encontro das necessidades e que possa realmente aprofundar os direitos humanos, sabe? Acredito que é nesse sentido.

Há um amplo entendimento de que os direitos humanos são a base para a construção de uma sociedade humana e democrática. Contudo, muitos desses direitos são ignorados e violados a todo instante em diversas partes do Brasil e do mundo, tornando necessário e urgente um forte movimento de resistência contra esses ataques que ferem a dignidade, a liberdade, a igualdade, a solidariedade e a questão da aceitação das diversidades, atingindo, de maneira mais frequente, os indivíduos ou grupos marginalizados e socialmente vulneráveis.

Em artigo de Ana Tereza Reis da Silva (2015), ao defender um currículo para os Direitos Humanos que denuncie e reflita sobre as desigualdades, ela reforça o papel da educação afirmando que

Nesse sentido, a educação exerce um papel estratégico, pois é um direito promovedor de outros direitos. Ou seja, a educação é um direito fundamental que amplia as

²⁶ Curso presencial realizado em julho de 2019 no Memorial da Resistência em São Paulo.

²⁷ Vale reforçar que todas as entrevistas estão disponíveis nos anexos dessa dissertação.

condições subjetivas e materiais para a plena realização da dignidade humana. (2015, p. 475)

2.3 A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS – DEFINIÇÕES, OBJETIVOS E DESAFIOS

“A EDUCAÇÃO deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão.” (Edgar Morin)

De acordo com o Plano de Ação do *Programa Mundial para Educação em Direitos Humanos* da ONU (2006), a EDH pode ser definida como:

Um conjunto de atividades de educação, de capacitação e de difusão de informação, orientadas para criar uma cultura universal de direitos humanos. Uma educação integral em direitos humanos não somente proporciona conhecimentos sobre os direitos humanos e os mecanismos para protegê-los, mas que, além disso, transmite as aptidões necessárias para promover, defender e aplicar os direitos humanos na vida cotidiana. A educação em direitos humanos promove as atitudes e o comportamento necessários para que os direitos humanos de todos os membros da sociedade sejam respeitados. (p. 1)

A bibliografia da Educação em Direitos Humanos é vasta, incluindo publicações nacionais e internacionais, permitindo que se possa afirmar que essa definição acima citada está longe de ser a única possível. Diante disso, podemos tomar emprestada também a contribuição de Benevides(2000), segundo a qual

a Educação em Direitos Humanos parte de três pontos essenciais: primeiro, é uma educação de natureza permanente, continuada e global. Segundo, é uma educação necessariamente voltada para a mudança, e terceiro, é uma inculcação de valores, para atingir corações e mentes e não apenas instrução, meramente transmissora de conhecimentos. (não paginado)

A obra *Educação em Direitos Humanos para o Século XXI* (2007) em suas quase 900 páginas, traz uma enorme bagagem para esse campo de estudos, reunindo diversos estudiosos e especialistas, que também pensaram a definição de EDH, ampliando suas possibilidades. Nela, Meintjes afirma que “ensinar sobre direitos humanos é ensinar aos estudantes sobre conceitos e valores que buscam aprimorar suas escolhas políticas e sociais”. (p.133). Ele complementa que é fundamental que esse ensino esteja baseado em experiências, realidades concretas e contextualizadas e em necessidades dos educandos (no caso dos espaços escolares). Já Reardon (Idem) aponta que “o núcleo conceitual da educação para os direitos humanos é a dignidade humana – seu reconhecimento, sua realização e sua universalização”. (p.63)

Seguindo na linha da dignidade humana, para Aguirre (2007), a EDH deve ser entendida como um educar que assume o primeiro direito fundamental, o de ser pessoa, “superando as concepções de comportamento ligadas ao ter e poder”, garantindo um crescimento em humanidade, com o qual o indivíduo possa “ser mais, inclusive sem ter mais”.

Não obstante a educação seja um direito social reconhecido pela DUDH, fez-se necessário, no decorrer das últimas décadas, incluir a promoção dos direitos humanos dentro desse campo e essa preocupação foi ganhando ares de concretude quando, em 1993, a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas declarou o período de 1995 à 2004 como a “Década Mundial da Educação em matéria de Direitos Humanos”. Com o número 048/141, a resolução prevê que esse ensino seja introduzido tanto no ensino formal, quanto no ensino informal no intuito de pensar, sistematizar práticas e dar maior visibilidade a esse tão importante instrumento de luta.

Embora a EDH deva permear a educação formal, informal e não formal, é na escola que ela encontra um terreno fértil para ser desenvolvida, pois além de ser um local de formação de pessoas é também um território de conflitos, que não podem ser entendidos apenas como algo negativo, mas sim como uma possibilidade de encontro de diferentes ideias e posicionamentos acerca dos mais diversos assuntos, fornecendo-nos a chance de estabelecer um diálogo com trocas de experiências e aprendizados.

2.4 A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NO BRASIL

“A democracia exige a transformação do cidadão em um ator político, crítico, consciente, participante, que supere o papel de mero expectador e que pense comunitariamente.” (Margarida Genevois)

A iniciativa de se pensar a EDH no Brasil não começou com os documentos governamentais, mas surgiu por iniciativa de pessoas preocupadas com as violações dos direitos humanos em nosso país desde o período da ditadura civil-militar. Esse interesse continuou se fazendo necessário mesmo após o processo de redemocratização ocorrido no Brasil e, em 1994, sob a coordenação da socióloga e militante Margarida Genevois, é criada a RBEDH - Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos. De acordo com o documento orientador²⁸, sua finalidade é

²⁸ REDE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS. Documento orientador da ReBEDH. 3/12/2020. Observatório de Educação em Direitos Humanos, Unesp-Bauru. Disponível em [Documento Orientador da ReBEDH :: Oedh-unesp \(webnode.com\)](#) Acesso em: 25/08/2021.

[...] contribuir para o fortalecimento da democracia no país, por meio da promoção da educação em direitos humanos, na perspectiva da formação cidadã, do respeito integral aos direitos humanos, da defesa da justiça social e ambiental, realizando práticas de educação emancipadora, crítica, problematizadora, inclusiva, intercultural e democrática.

Foi a partir do início dos anos 2000 que as discussões sobre EDH ganham força institucional no Brasil. Face a isso, escreveu Candau (2007)

Este é o nosso momento. Nele temos de buscar, no meio de tensões, contradições e conflitos, caminhos de afirmação de uma cultura dos Direitos Humanos, que penetre todas as práticas sociais e seja capaz de favorecer processos de democratização, de articular a afirmação dos direitos fundamentais de cada pessoa e grupo sociocultural, de modo especial os direitos sociais e econômicos, com o reconhecimento dos direitos à diferença. (p. 399)

O trabalho de Fernando Vicente Vivaldo intitulado “Educação em Direitos Humanos: abordagem histórica, a produção e experiência brasileira” (2009) nos fornece um farto levantamento e sistematização do que tem sido pensado e feito em EDH no Brasil. Trata-se de uma obra referencial sobre a literatura dessa área de estudo, em que o autor analisa e comenta dezenas de trabalhos e conclui que

O debate teórico e metodológico sobre a temática tem uma tradição de mais de vinte anos em nosso país – beneficiada pela forte influência de autores latino-americanos – e nos permite afirmar que a educação em direitos humanos já se configura em um campo específico da reflexão e de vivência no campo educacional. (p. 144)

Seguindo recomendação da ONU, o Brasil produziu seu *Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos* – PNEDH (2006) que em suas diretrizes, ressalta

A educação em direitos humanos deve estruturar-se na diversidade cultural e ambiental, garantindo a cidadania, o acesso ao ensino, permanência e conclusão, a equidade (étnico-racial, religiosa, cultural, territorial, físico-individual, geracional, de gênero, de orientação sexual, de opção política, de nacionalidade, dentre outras) e a qualidade da educação. (p. 19)

Os objetivos gerais do PNEDH procuram principalmente: fortalecer o Estado democrático de direito; enfatizar o papel dos direitos humanos na construção de uma sociedade justa, equitativa e democrática; desenvolver ações conjuntas entre o poder público e a sociedade civil que contribuam com a educação em direitos humanos; orientar políticas educacionais direcionadas para a construção de uma cultura de direitos humanos e estimular a reflexão, o estudo e a pesquisa voltados para a educação em direitos humanos.(p 13-14)

Sobre a formação e capacitação de profissionais, como uma de suas linhas de ação, o PNEDH se compromete a:

Promover a formação inicial e continuada dos profissionais, especialmente aqueles da área de educação, em direitos humanos, contemplando as áreas do PNEDH; Oportunizar ações de ensino, pesquisa e extensão com foco na educação em direitos humanos, na formação inicial dos profissionais de educação e de outras áreas; Estabelecer diretrizes curriculares para a formação inicial e continuada de profissionais em educação em direitos humanos, nos vários níveis e modalidades de ensino; Incentivar a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade na educação em direitos humanos; Inserir o tema dos direitos humanos como conteúdo curricular na formação de agentes sociais públicos e privados. (p. 16)

Finalmente - e direcionando o olhar para a educação básica - o PNEDH afirma em sua concepção e princípios que a EDH é uma aprendizagem não apenas cognitiva, mas também social e emocional, que deve ocorrer em interação com a comunidade local. O documento aponta como princípios norteadores, entre outros itens, que a educação tem a função de desenvolver uma cultura de direitos humanos em todos os espaços sociais e que o espaço escolar deve assegurar que os objetivos e práticas a serem adotados sejam coerentes com os valores e princípios da EDH, e que sejam marcados pelo entendimento mútuo, respeito e responsabilidade. Essa aprendizagem deve estruturar-se na diversidade cultural e permear todo o currículo, assim como o projeto político-pedagógico da escola, os materiais didático-pedagógicos, bem como o modelo de gestão e a avaliação.

Ao pesquisar a questão do currículo e a EDH, Ana Tereza Reis da Silva, conclui

A universalização dos Direitos Humanos exige uma mudança cultural que não pode ser alcançada apenas pela via da normatização e judicialização *do direito a ter direito*. O desafio que hoje se coloca para uma Educação em Direitos Humanos parece ser o de construir um currículo que nos permita sair da lógica que ensina a diversidade para avançar na consolidação de uma prática que vivencia a diversidade. (2015, p. 474)

De acordo com o PNEDH, a Educação em Direitos Humanos não é tarefa exclusiva da escola ou do setor da educação. Ela pode e deve ocorrer em vários setores como na saúde, cultura, comunicação, lazer, esporte, segurança e justiça, dentre outros. No Programa Ética e Cidadania – construindo valores na escola e na sociedade desenvolvido pelo MEC (2004) entende-se que a escola é “o microcosmo, o retrato e a recorrência da sociedade. Ou seja: cada escola contém em si parcelas ou segmentos da sociedade na qual está inserida; cada escola reproduz a sociedade que a criou; cada escola é resultado da sociedade que ela própria ajudou a constituir”. (p. 10) Mas, a despeito da importância do PNEDH, como bem lembrou Francisca Pini, representante do Comitê Estadual dos Direitos Humanos de São Paulo (CEDHSP) em

evento recente para tratar da elaboração do Plano Estadual de Educação em Direitos Humanos, já se passaram mais de 10 anos da existência do Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos e percebe-se que as três esferas de governo ainda não assumiram a responsabilidade para sua efetiva implementação[...].²⁹

As Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, aprovadas em 2012, nos trazem em seu artigo 3º:

A Educação em Direitos Humanos, com a finalidade de promover a educação para a mudança e a transformação social, fundamenta-se nos seguintes princípios: I - dignidade humana; II - igualdade de direitos; III - reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades; IV - laicidade do Estado; V - democracia na educação; VI - transversalidade, vivência e globalidade; e VII - sustentabilidade socioambiental. (p. 20)

Como já foi dito anteriormente, a EDH vai muito além do espaço formal de educação, podendo e devendo permear todos os espaços da sociedade e estar enraizada no pensamento de todo cidadão. Por meio dela podemos alterar a lógica de desenvolvimento perverso que atinge milhões de pessoas ao redor do mundo ao questionar a realidade posta e imposta, avaliar responsabilidades, danos sociais, econômicos e ambientais e propor alternativas que visem a possibilidade de uma vida digna e com direitos assegurados. Não basta conhecer a realidade, é necessário ter capacidade de intervenção crítica e de ação sobre dela. Para CLAUDE (2005)

A Educação para os Direitos Humanos é uma estratégia de longo prazo direcionada para as necessidades das gerações futuras. Essa educação para o futuro dificilmente terá o apoio dos impacientes e dos provincianos, mas é essencial elaborar programas educacionais inovadores a fim de fomentar o desenvolvimento humano, a paz, a democracia e o respeito pelo Estado de Direito. (p. 37)

É primordial a necessidade de se construir, em todas as idades e todos os espaços, formais e informais de educação, uma cultura de respeito aos direitos humanos que envolva o fortalecimento dos laços de solidariedade, empatia e respeito à diversidade. Essa construção para a vivência de múltiplas culturas, segundo FREIRE (2008), não é natural e espontânea:

É uma criação histórica que implica decisão, vontade política, mobilização, organização de cada grupo cultural com vistas a fins comuns. Que demanda, portanto, uma certa prática educativa coerente com esses objetivos. Que demanda uma nova ética fundada no respeito às diferenças. (p. 157)

²⁹ Participação no Seminário Estadual de Educação em Direitos Humanos de São Paulo. Acesso em 31/03/ 2017 <https://www.paulofreire.org/noticias/555-sao-paulo-da-inicio-a-construcao-do-plano-estadual-de-educacao-em-direitos-humanos>

Para corresponder às recomendações do PNEDH e das Diretrizes Curriculares da EDH o ensino superior brasileiro conta com cursos de pós-graduação acadêmicos (*strictu sensu*) que dedicam uma de suas linhas de pesquisa a estudar o tema da EDH, como a UFG (Universidade Federal de Goiás), UNB (Universidade de Brasília), UFPB (Universidade Federal da Paraíba) e UFPE (Universidade Federal de Pernambuco). Há ainda os cursos de pós-graduação (*latu sensu*) Educação em Direitos Humanos da UFABC³⁰ (Universidade Federal do ABC) e da FURG (Universidade Federal do Rio Grande). Algumas universidades contam com observatórios de EDH como o da UNESP Bauru. Em 2017, o NEV – Núcleo de Estudos da Violência da USP (Universidade de São Paulo) deu início ao PODHE – Projeto Observatório de Direitos Humanos em Escolas “uma iniciativa que visa assegurar a Educação em Direitos Humanos (EDH) estabelecida pelo Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH).”

A despeito da extensa lista de documentos e recomendações governamentais no sentido de estimular a promoção e a proteção dos direitos humanos na escola, não é isso que podemos constatar na realidade cotidiana do espaço escolar, o qual tem se mostrado um ambiente que, frequentemente, reproduz desigualdades, preconceitos e desrespeita direitos. Como afirma Candau (2012), em artigo, não adianta construir um arcabouço jurídico em torno da questão dos direitos humanos se esses valores não estiverem introduzidos nas mentes e práticas individuais e coletivas e, nesse sentido, são fundamentais os processos educacionais. Ainda segundo a autora:

[...] a educação deve ser uma prática que provoca prazer, alegria, emoção, acolher a vida e comprometer-se, protegendo-a de ameaças, denunciando suas violações, afirmando-a e multiplicando experiências [...] Trata-se de educar a partir da prática para a construção comunitária e a participação ativa no coletivo, como aspectos fundamentais na luta pelos direitos humanos (2000, p. 17)

A seguir, alguns trechos que permitem analisar o entendimento dos educadores entrevistados acerca da sua compreensão do que vem a ser Educação em Direitos Humanos.

Para Rodrigo, ATE da escola, trata-se de algo

[...] novo e extremamente necessário para que a gente possa de fato avançar nisso porque aqui na Zacaria a gente recebe alunos de uma região periférica. Estamos na Chácara Santana, um bairro historicamente conhecido por altos índices de violência, por uma renda familiar baixa, eu acho que é uma das menores rendas no PIB

³⁰ Em 2020, a Pós-Graduação *latu sensu* Educação em Direitos Humanos da UFABC contou com mais de 2 mil inscritos para apenas 500 vagas, isso já contando com uma ampliação desse número por parte da instituição. O curso é voltado principalmente para educadores e tem duração de 2 anos.

municipal. Então nós temos aqui uma questão social profunda. Nós necessitamos, como eu disse anteriormente, compreender os direitos humanos, se possível ficar sempre lendo a carta com a Declaração dos Direitos do Homem para que o nosso fazer realmente seja pautado por essa grande conquista que é o Direito do Homem, direito independente se ele é usuário de droga, independente se ele mora em condições extremamente precárias, independente se ele me xingou ontem. Ainda assim precisa acreditar nele, trata-lo com respeito e que acreditar no Homem seja uma meta inabalável.[...] E aí a gente consegue suplantar preconceitos, entendeu? Por exemplo, no noturno eu recebo todo dia uma quantidade de garotos que usa drogas, fuma maconha antes de entrar na escola e eu não posso perder de vista que esse garoto é um adolescente em plena formação, em pleno desenvolvimento e que eu tenho que atuar da melhor forma para que isso aconteça.

Trazendo a importância de olhar o outro em sua integralidade, ele também pontua quais são os desafios, segundo seu entendimento

[...] O desafio de educar respeitando os direitos humanos é o desafio de compreender primeiro: o que são os direitos humanos, suplantar preconceitos, suplantar racismo e trabalhar realmente com o homem. O homem descrito na carta de direitos humanos. O homem em si, na sua totalidade. Isso é o desafio não só da Zacaria, mas acho que da educação como um todo no nosso país.

A professora Socorro, que deu aula por 25 anos, 21 destes na Escola Zacaria, respondeu o que ela entendia por EDH, dando destaque à ideia de liberdade

Educação em Direitos Humanos pra mim é a educação em que o aluno não é um número. O aluno é a prioridade da escola e você precisa formá-lo, não informá-lo. Você precisa formá-lo com uma concepção de que ele tem direitos, de que ele é um cidadão. [...]Então, quando a gente fala em direitos humanos é viver e ter direito a uma merenda e dizer: eu quero comer ou eu não quero. Porque eu tenho direito a merenda, mas eu tenho escolha. Eu acho que é isso. Você tem os direitos, os deveres e a capacidade de escolher. Eu acho a liberdade muito importante para os direitos humanos. Não existe os direitos humanos sem liberdade. A escola, a estrutura dela é para que o aluno não tenha liberdade. Essa escola tradicional é preparada para que o aluno não tenha liberdade. Inclusive, os prédios, os edifícios. [...] Então eu acho que o trabalho com direitos humanos, a educação em direitos humanos é colocar no centro o aluno sujeito, cidadão que não é o cidadão e pronto. [...] No final do ano uma aluna escreveu pra mim: “obrigada, você me ensinou a questionar, a ser gente, a perguntar... eu tenho esse bilhete até hoje. Eu pensei: ah, eu trabalhei com direitos humanos. Porque eu consegui fazer o aluno compreender que ele existe, que ele precisa do outro pra crescer, mas que ele também contribui para o crescimento do outro. Ele sabe o seu valor. Quem pensa que direitos humanos é só a questão legal... não é a questão legal. É a questão do próprio existir com respeito, comprometimento.

A coordenadora pedagógica da Escola Zacaria durante os anos de 1996 e 2010, Olga, quando perguntada sobre como entendia a EDH, citou a escuta e o respeito ao dizer do educando como uma questão que considerava muito cara à sua função:

É duro. Foi muito duro no começo. Mas aí os alunos, do noturno principalmente, vinham conversar comigo jogando todas as pedras na mão... falavam, falavam,

falavam... Aí quando acalmava, eu falava assim: Tá ouvindo minha voz? Dá pra gente conversar nesse tom? “Dá”. Aí a gente conversava. Aí (risos) começou a circular na escola que “com a D. Olga dá pra conversar, porque ela não usa de ignorância com a gente.” Então, o que é usar de ignorância? Vamos refletir sobre isso. É assim... recheado dessas coisas. (risos) Essa questão dos direitos humanos vai muito da relação.

Com 27 anos de atuação como professora e coordenadora pedagógica da Escola Zacaria, Luciana Dias (aposentada em 2020 durante a pandemia) relembra situações do passado e o elo estabelecido com os alunos, inclusive os egressos, para afirmar que o trabalho dessa escola pode ser considerado exemplo de EDH e explica:

Nós estamos conversando aqui já faz uns trinta minutos... não vem toda hora aluno aqui com problema de indisciplina. Antigamente era muito. Você não fazia absolutamente nada. Toda hora vinha alguém “A fez isso, A fez aquilo.” Nós temos, não digo cem por cento mas, uns noventa por cento de ações que são sempre pra promover as crianças e afirmá-las como seres humanos dentro dessa realidade educacional, dentro dessa realidade do bairro, como... nós estamos aqui pra te ouvir. [...] No ano passado, na sala de leitura, a professora propôs uma roda de conversa sobre o setembro amarelo que fala sobre a questão do suicídio e depressão e a aluna participou dessa roda de conversa e eram só 9ºs anos. Veio um aluno dar o depoimento, contar toda a história dele que foi bem forte e aí ela (a aluna) veio e perguntou se esse ano ela poderia vir da escola estadual porque lá não teve abertura... se ela podia montar um mini projeto com a professora para o setembro amarelo aqui porque já está se aproximando. Então é uma ação da aluna. Ela veio semana passada, sentou com a professora, planejaram o que vão fazer e nós fomos juntos na sala de leitura. Nós compramos balões, colocamos poesia (dentro) e cada um que arrebatava o seu balão, lia a frase... a poesia que tinha ali dentro. Usamos muitas poesias de poetas aqui da periferia. Poetas do Sarau do Binho e da Cooperifa.

Ao ser questionada se a Escola Zacaria trabalha na perspectiva da EDH e, em caso positivo, como isso se concretiza, a professora Viviane deixou evidente a preocupação dos educadores em se aproximar da realidade dos estudantes. Ela afirmou:

Sim, nós trabalhamos e eu acho que o mais importante é quando nós reconhecemos o nosso aluno como sujeito. Quem é esse aluno? Então nós não estamos falando ali de números, nós estamos falando de indivíduos. Procuramos conhecer principalmente onde esse aluno mora. É importantíssimo pra nós. É o que nós acreditamos... que entendendo o lugar em que ele mora, como ele vive, quem são as pessoas dessa localidade, a cultura dessas pessoas... nós conseguimos respeitar esse indivíduo. E através disso a gente consegue criar e observar as dificuldades para esse aluno chegar, como a gente brinca, do outro lado da ponte. E aí a gente criar estratégias pra que esse aluno tenha uma educação não só baseada nos livros ou preparação para o vestibular, nem algo do tipo, mas uma educação para o Homem...a pessoa... a formação do cidadão.

Para Aline Magna, ex-aluna da Escola Zacaria e hoje professora da rede municipal de São Paulo, EDH

Eu entendo como uma educação humanitária. Respeitar o indivíduo na sua individualidade. Respeitar todos os seus direitos. Você tratar o aluno com respeito e não com autoritarismo. É ver mais esse lado humano mesmo, tanto do aluno, quanto do professor. Enfim, de toda a comunidade que envolve. Ter esse olhar mais realmente centrado no ser humano mesmo. Não só ver o aluno como número.

A supervisora escolar Solange Amorim entende o processo educacional indissociável de uma perspectiva humanizatória.

Acho que nós nos humanizamos pela via da educação. Não aquela educação apenas formal, pensada ali na instituição escolar, mas num sentido amplo, que começa desde o ventre da nossa mãe. Então, esse processo humanizatório nos acompanha a vida toda, inclusive ele não termina quando você conclui as etapas de escolarização. Pelo contrário e é um processo permanente. Então, eu entendo a Educação em Direitos Humanos onde a sua humanidade primeiro é reconhecida, respeitada e valorizada e você tem a possibilidade não só dentro da escola, no lugar onde você vive... e na sociedade de forma a desenvolver suas potencialidades humanas. Quando isso não acontece é porque, de verdade, o direito mais básico, mais fundamental está sendo negado, negligenciado.

É importante perceber que esses educadores possuem uma noção ampla sobre direitos humanos e não um pensamento que fica restrito aos artigos da DUDH. A noção presente na fala da maioria dos entrevistados é atravessada pela necessidade de ouvir, conhecer e respeitar os estudantes em sua individualidade e não enxergá-los de forma homogênea.

Como veremos ao longo dessa pesquisa, os documentos legais dificilmente alcançam o chão da escola e, nesse sentido, faz-se importante o que disse Paulo Freire

Quero insistir, no entanto, que a escola que se quer não nascerá de puro decreto publicado no Diário Oficial dizendo como será a escola, mesmo porque isto, além de ser uma postura autoritária, em nada garante que a escola será melhor. Mudar a escola na direção que esta administração deseja, implica um trabalho profundo e sério com os educadores que tem a ver com a questão ideológica, como o assumir compromisso, com a qualificação dos profissionais e este caminho é, no meu entender, a dificuldade maior a transpor. Não considero, porém, que seja uma dificuldade intransponível. (FREIRE, 1991, p. 97)

2.5 A RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E A CIDADANIA

“Construir uma sociedade democrática implica, necessariamente, educar indivíduos protagonistas de direitos para todos. Este é um grande desafio que se coloca para o Século XIX, para os que lutam por uma cidadania ativa, coletiva e planetária.” (Aida Monteiro)

Para José Murilo de Carvalho, “a ausência de uma população educada tem sido, historicamente, um dos principais obstáculos à construção da cidadania civil e política.” (2010, p.11). O historiador reforça ainda a importância da educação para o conhecimento acerca dos

direitos (civis, políticos e sociais) e na organização das lutas em defesa deles e considera que vivemos uma constante e desconfortável sensação de incompletude em relação a uma cidadania que possa ser chamada de plena. Para o autor essa qualidade refere-se a “[...] um ideal desenvolvido no Ocidente e talvez inatingível. Mas ele tem servido de parâmetro para o julgamento da qualidade da cidadania em cada país e em cada momento histórico.” (Ibidem p. 9)

VIEIRA (2001) nos lembra que, a despeito das deficiências de nossa cidadania, a luta dos diversos grupos sociais sempre se fez presente:

[...] É certo que os direitos de cidadania historicamente nascem na sociedade, que nascem entre os trabalhadores, entre os miseráveis, entre os despossuídos. Eles reivindicam seus direitos e conseguem ao longo de mais de dois séculos para cá alcançar alguns deles. (p. 13)

Quem opta por estudar os documentos institucionais e pesquisas acadêmicas sobre Educação em Direitos Humanos logo reconhece, sem qualquer dificuldade, que esse é um assunto intimamente relacionado com a ideia de cidadania ativa³¹. Tais conceitos parecem estar umbilicalmente ligados um ao outro, no sentido de entender o papel do sujeito enquanto ator social que pode e deve interagir e transformar a realidade a sua volta sempre pautado pelo reconhecimento e respeito às diversidades.

Recorrendo novamente ao PNEDH, o documento afirma que

Uma concepção contemporânea de direitos humanos incorpora os conceitos de cidadania democrática, cidadania ativa e cidadania planetária, por sua vez inspiradas em valores humanistas e embasadas nos princípios de liberdade, da igualdade, da equidade e da diversidade, afirmando sua universalidade, indivisibilidade e interdependência. (p. 9)

No prefácio de *Cidadania e Educação* (2001), Comparato sublinha uma marca das elites brasileiras, reflexo das elites ibéricas, de serem alheias à ideia de colaboração pelo bem comum, que é a base do regime republicano e democrático. Tal constatação faz do Brasil, desde sempre, um país governado por uma oligarquia que governa e fala em nome do povo baseada em ideais chamados hoje de liberais/capitalistas de que o sucesso individual, impulsiona e torna possível o sucesso de toda a sociedade. Tal pensamento tem como contraponto o ideário

³¹ Nesse trabalho a cidadania ativa é entendida por “participação popular como possibilidade de criação, transformação e controle sobre o poder ou os poderes” (BENEVIDES, 1991)

socialista/humanista para o qual só se chega a uma sociedade livre e igualitária quando cada cidadão é responsável pelo bem-estar de todos.

Ele segue defendendo que, em uma verdadeira república, a escola pública deve ser considerada como a instituição central e a educação encarada como tarefa maior de toda a sociedade, pois a virtude republicana consiste numa renúncia a si mesmo. Citando Montesquieu, em sua obra máxima, *Espírito das Leis* (livro quarto), finaliza com o seguinte desafio:

Ora, iniciar um trabalho educacional sistemático, para que o povo adquira poder político efetivo, participando diretamente das grandes decisões públicas, ao invés de ter sua vontade manipulada eleitoralmente; suscitar em todos nós a consciência da importância dos direitos humanos de caráter social (a começar pelo direito à educação) – tudo isso não é apenas “um choque educacional” [...]. É uma revolução. A verdadeira, enfim. (p. 14)

Essa revolução acima mencionada já ocorre silenciosamente em diversos espaços de educação dentro e fora do país e é realizada, geralmente, por professores que desafiam a lógica, transgridem³² e “quebram regras”, “desorganizando” as salas de aula, “perturbando” os corredores das escolas com suas propostas de caminhar com os alunos para que se apropriem melhor dos espaços, que poderiam ser livres, mas costumam ser controlados. Ou então, orientando a constituição do Grêmio Estudantil, realizando rodas de conversas, debates, seminários e peças teatrais que buscam trazer assuntos da atualidade para fazer interface com os conteúdos curriculares pré-estabelecidos. Tais práticas apoiam-se em uma perspectiva emancipatória para a qual o educando é o centro da relação ensino-aprendizagem e portador de uma bagagem que precisa dialogar com as experiências de todo o grupo, trazendo a vida para a sala de aula.

Durante as entrevistas, conversou-se sobre ações voltadas à formação cidadã na Escola Zacaria. Além disso, durante a leitura dos projetos já realizados pela escola, deparou-se com conteúdos que apoiaram a investigação da relação entre EDH e cidadania na Escola Zacaria.

A fala da professora Socorro parte do alargamento da noção de cidadania e de como ela pode ser vivenciada sem que tenha esse nome.

³² Aqui me refiro a noção de transgressão desenvolvida por bell hooks (com letra minúscula) na obra *Ensinando a Transgredir: uma educação como prática da liberdade*. Tendo Paulo Freire como um dos seus principais referenciais teóricos, hooks defende práticas pedagógicas que derrubem barreiras autoritárias, racistas, machistas e excludentes, pensando que a sala de aula deve ser uma comunidade de aprendizagem com ambiente “seguro” e de entusiasmo para todos.

Teve uma fase aí que tudo era o cidadão: o cidadão consciente, o cidadão que pensa, o cidadão reflexivo, o cidadão não sei o quê. Gente, como é que a gente trabalha em uma escola sem trabalhar a cidadania? O cidadão? Ele está ali. Precisa explicitar? Se você estudar, se você participar da feitura daquele documento, inevitavelmente você vai colocar lá a questão do cidadão, dos direitos humanos, da tua capacidade de ter liberdade ou não. A gente é livre, mas a gente não pode atravessar uma rua sem olhar se o farol está aberto ou fechado. Eu dava exemplos muito simples. Então, algumas coisas a gente pode escolher, outras não, mas as que a gente pode escolher, nunca deixe que ninguém escolha por você. É você quem tem que escolher.

Segue-se a professora Viviane que, ao explicar como entendia a EDH, lembra do direito à felicidade relacionando-o ao exercício da cidadania.

[...] Mas não aquela felicidade superficial, que às vezes você procura no outro, mas uma felicidade de você exercer a sua cidadania. Você poder ser quem você quer. Ter os direitos garantidos, assegurados pela lei e que permitam que você passe por todos os lugares. Que você escolha onde quer estar. Que você possa ser bem tratado em todos os lugares e ter as suas opções sempre bem respeitadas por todos.

Nascer e crescer na periferia é visto, não raras vezes, como um fator limitador da existência de muitas crianças e jovens, mas a ex-aluna Aline Magna Vieira, hoje com 30 anos, ressalta o trabalho da Escola Zacaria em relação à autoestima dos estudantes e a negação de uma postura determinista.

Nós éramos pobres, de periferia e muitos de nós não tinham uma visão “ah, eu posso alcançar isso”. A gente achava que estava limitado e eles nos ensinaram que a gente tem que correr atrás [...] porque a gente tem chances sim [...] Isso foi muito importante. [...] Essa sementinha que eles deram pra gente de dizer: “Vão atrás, vocês conseguem. Vão pesquisar. Vocês conseguem ir além disso.”

Aqui é possível estabelecer relação com a noção do *ser mais* de Paulo Freire, para quem esta seria uma vocação dos homens e mulheres enquanto seres inacabados que somos.

A fala da supervisora escolar Solange Amorim, quando perguntada a respeito do PPP da Escola Zacaria, traz a ideia de uma ponte entre o trabalho da escola sobre a autoestima dos estudantes e a formação do sujeito consciente de seu papel social:

[...] Tem um olhar para o local, para o território. Tem a parte da problematização com a realidade na perspectiva reflexiva de como você pode intervir nessa realidade para transformá-la e a transformação principal que eu vejo que o projeto político pedagógico constrói, primeiro incide diretamente na autoestima. Quem é esse jovem? Quem é essa criança que está ali naquele contexto periférico com todas as contradições que a gente tem. Então, dá a possibilidade para essa criança se esperar, de acreditar nela mesma, na potência dela, eu acho que é fundamental.

Mais adiante, quando a pergunta era se a Escola Zacaria preparava o estudante para a vida em sociedade e o respeito à diversidade, Solange respondeu

O projeto político-pedagógico da escola é cidadão [...] por conta da leitura que faz da realidade, por conta do compromisso que tem com a criança e o adolescente daquele território, de entender quem é esse estudante, qual é a sua condição social, econômica... na perspectiva de direitos... qual é a sua condição étnico-racial, de onde eles vem, quais são as suas expectativas a partir do momento que há uma escuta permanente dessa criança e desse jovem e a intencionalidade disso é para que ele seja um sujeito histórico ativo... pensando não só no seu desenvolvimento pessoal, mas também pensando no desenvolvimento coletivo e, fundamentalmente, mobilizando esse estudante para essa tarefa que está posta para todos nós. [...] Eu vejo que o projeto da Escola Zacaria é cidadão no sentido de que ela devolve essa condição pra sua comunidade escolar, até porque essa condição não é dada de graça. Ela é conquistada. [...] ele nos leva a refletir sobre a cidadania que nos é negada e as possibilidades pra que a gente possa problematizar essa situação e transformar.

Considerando que um dos papeis da escola, no sentido da formação cidadã, é alargar o mundo possível, o projeto “Caminho das Águas” realizado com estudantes da quinta série (hoje 6º ano), na fala da Aline, parece ter alcançado êxito na questão do direito à cidade. O estudo de construção da cidade a partir da análise dos seus rios conjugava várias ações: conhecer o bairro andando e entrevistando moradores mais antigos. Aline lembra: “Alguns fizeram até amizade com uma senhorinha, agora não lembro o nome dela, e depois ela foi à escola fazer uns lanches pra gente.... A gente homenageou a senhorinha. Foi super legal!”

A lembrança estava bastante viva e ela segue recordando que foram, juntamente com os professores, perto do cemitério, dos córregos. “A gente viu a questão social ali. Aquele córrego sujo representa a pobreza da região também. Foi muito legal! Isso deu um respaldo pra gente muito grande...pra criar um senso crítico depois.”

Mas não para por aí. Após a investigação feita pelo bairro, os estudantes produziram um poema, pesquisaram fotos antigas e realizaram um sarau³³. O passo seguinte foi o passeio de trem que tinha por objetivo conhecer o local exato onde o Rio Jurubatuba desaguava no Rio Pinheiros, ou seja, ver o encontro das águas.

Nós fomos ao centro de São Paulo [...] estudando toda a história da cidade. A gente foi ao Pátio do Colégio, ao Mosteiro de São Bento. Todos esses pontos turísticos com a prancheta na mão anotando tudo. E a gente se encantou muito... A gente não conhecia muito o centro, só vivia no bairro. [...] Isso foi marcante. É até engraçado porque depois de um tempo, você ia para o centro com seus pais e falava: ah, eu já vim aqui mãe... eu já vim aqui pai. Eu conheço esse lugar. O Viaduto do Chá é em tal lugar. Tinha muito isso. Era bem bacana.

³³ Ao ler esse capítulo, a meu pedido, a profª Socorro percebeu que Aline se confundiu ao falar das atividades de dois projetos dos quais ela participou: o projeto Glorinha e o projeto Caminho das Águas. Isso nos mostra que os lapsos de memória, normais com o passar do tempo, podem alternar a narrativa sobre fatos vividos pelos sujeitos.

A professora Socorro conta que em um curso do PROVE sobre memória estavam previstas visitas ao centro da cidade. Sobre isso ela comenta

[...] Uma coisa mais ou menos assim, não me lembro: visitava mesmo a cidade. Ir até os locais da cidade. Eu lembro que uma vez nós fomos ao Solar da Marquesa e eu falava: nós moramos na periferia, mas aqui é nosso. Isso aqui pertence a nós. Não pode vir só quando é excursão da escola. Vem passear. Vem se apropriar. É teu! O curso foi por essa linha dos espaços da cidade como fundamentais para que você construa o cidadão e o profissional. E eles (participantes) ficam encantados. Os maridos iam... porque a gente ia aos sábados. Os maridos participavam também [...]

Outra ação pedagógica, mencionada durante entrevista, pela professora e coordenadora pedagógica Luciana Dias, teve como foco as eleições de 2018.

A gente trabalhou alguns termos que eram muito usados como: misoginia, meritocracia, homofobia... tinha outras. O que era democracia. O que era ditadura. Eram muitas palavras que começaram a ser usadas no cotidiano e aí os professores de História da escola fizeram um debate. Eles primeiro foram para a sala, discutiram o que era cada coisa. Fizeram um levantamento do senso comum dos alunos. Depois nós viemos e demos uma aula. Aí eles voltaram pra sala de aula pra complementar suas questões. As questões que eles tinham levantado e que eles achavam que era... foi bem legal! Depois eu posso te mostrar. A gente tem em vídeo. Foi muito bom!

A cidadania ativa prevê a participação efetiva dos sujeitos. O diretor Wagner nos contou um pouco sobre um dos espaços de participação e escuta dos alunos na escola

[...] No começo do ano a gente faz uma assembleia. Ela é feita em sala de aula e a gente discute todas as regras do convívio que a gente tem. Então, a questão do atraso, a questão do uniforme, a questão do uso do celular, a questão dos materiais. A questão do jeito que eu me relaciono com a outra pessoa. [...] São feitas assembleias em sala de aula e depois a gente coloca todo mundo no pátio e faz uma assembleia mesmo pra discutir essas questões e então assim, por exemplo, há muito tempo atrás era proibido usar boné dentro da escola porque eles colocavam umas tachinhas e um dia alguém jogou um boné e chegou a cortar o rosto de uma criança. Aí a gente meio que proibiu. Depois eles ficaram insistindo nas assembleias e a gente foi convencendo que não podia por conta disso, que não podia por conta disso e um dia eles nos convenceram que a gente podia começar a abrir mão até porque eles já tinham percebido que isso não era mais possível o uso do boné. Aí os professores falavam o seguinte: “mas eu quero ver seu rosto na minha aula”. Então vamos usar o boné, mas com a aba para trás? Então, foi uma coisa negociada com eles.

Outro exemplo que o diretor nos trouxe de discussão e participação dos estudantes foi um trabalho de Língua Portuguesa com alunos dos 6^{os} anos

Ela (a professora) trabalhou um tipo de texto argumentativo com eles: uma carta de reivindicação. Então eles escreveram um monte de textos pra mim e vieram aqui me entregar a carta. “Então, olha, o banheiro está precisando arrumar a torneira tal...” [...] “A nossa sala está com um mofinho aqui em cima. Precisa pintar”. Então, eles

treinaram aquele gênero da escrita e ao mesmo tempo usaram pra poder ter um olhar pela escola.

Já no período noturno, na modalidade EJA, algumas alunas ainda precisam enfrentar um adversário antigo: o machismo. Sobre isso, a professora Socorro comenta que eram recorrentes as negativas de algumas alunas diante das oportunidades de atividades pedagógicas ocorridas fora da escola como, por exemplo, a ida a saraus na região.

Eu falava: Olha, no Panelafro você vai encontrar pessoas, vai aprender, comer uma comida bacana que eles prepararam, vai se divertir... você vai ser feliz. E você está com medo de ser feliz? Não ter medo de ser feliz é não ter medo de embarcar em algo que vai te fazer bem. Teu medo te imobiliza. Então, eu sempre “puxava”, principalmente para os adultos que são mais receosos, que tem maridos que estão esperando e reclamam se demorar, mas a gente ia trabalhando essa questão do ser mulher. Por que o marido reclama quando você chega tarde? E quando a gente fazia determinada atividade, que tinha que sair da escola, aquela pessoa que nunca ia, que ouvia a gente falar que é importante... do marido que reclamava porque chegava tarde em casa... a gente falava: Mas você é mulher, tem seus direitos, você pode e tal e tal... E quando chegava uma determinada fase do ano que tem uma atividade, ela chega baixinho e fala: “professora, eu posso levar meu marido?” Gente!!! Isso é maravilhoso!!! Aí vão os dois. Não precisa se preocupar se tem alguém em casa esperando pra reclamar. Ela venceu! Isso é Educação em Direitos Humanos.

Seguindo na busca por exemplos que dessem conta de evidenciar a relação entre EDH e Cidadania, foram selecionados alguns fragmentos de textos de alunos (não mencionaremos os nomes) que participaram do projeto “Histórias de ontem e de hoje”. O trabalho foi organizado em um livro e esses trechos foram gentilmente cedidos pela professora Socorro, que esteve à frente dessa ação pedagógica. Esse é apenas um dentre os vários projetos desenvolvidos na EJA por estudantes e educadores da Escola Zacaria.

Nos relatos a seguir pode-se identificar as expectativas depositadas na possibilidade de aprender a ler e escrever, deixando para trás uma vida cravejada de humilhações, constrangimentos e distância daquilo que definimos por cidadania³⁴:

Trecho 1:

Eu espero poder realizar também o sonho de ter a minha casa e outras coisas mais que eu quero realizar com os meus estudos. Certo dia, eu precisei fazer uma ficha de trabalho, mas eu não sabia escrever e fiquei muito triste por não saber responder as perguntas que eles estavam pedindo na ficha.

³⁴ Por conta da inviabilidade para localizar os autores dos textos e obter a autorização de divulgação, optou-se por não identificar a autoria. Esse mesmo tratamento será utilizado em outros momentos desta pesquisa.

Trecho 2:

Eu queria ainda, arrumar um emprego e aprender a ler e escrever bem e bonito. Não saber ler e escrever faz a gente passar por situações desagradáveis. A primeira situação que eu passei por conta disso, foi que eu tinha um namorado, ele veio para São Paulo e me escrevia. Como eu não sabia ler eu tinha que ir até uma amiga para ela ler e escrever a carta para mim. Depois, eu passei a responder as cartas dele por um modelo que ela fez para eu copiar.

Trecho 3:

A casa que ficou na lembrança foi uma casa que um tio meu construiu para a minha família. A casa faltou estrutura na obra, faltou as vigas, os alicerces e faltou um bom profissional para erguer a casa. A casa começou a cair. Primeiro caiu o corredor e logo depois caiu a cozinha e depois caiu o restante da casa. Acabou ficando só o terreno que logo que caiu a casa a minha mãe vendeu e comprou outra casa pra frente do bairro. A outra casa era menor, mas a estrutura era melhor e nós nos sentíamos mais seguros e conseguíamos dormir melhor.

Trecho 4:

Cheguei a São Paulo em janeiro de 1995 onde estou com minha família, mas tenho saudade e vontade de ver minha família que ficou lá, minha mãe, meus irmãos, minhas irmãs, meu sobrinho, primos e amigos. Um dia eu estava trabalhando e a minha patroa pediu para eu anotar os recados e procurar documentos. E agora? Pensei comigo mesmo. Para anotar os recados eu ligava para casa e as minhas filhas soletravam as palavras e eu escrevia. Por isso, resolvi voltar a estudar.

A aproximação entre a EDH e o conceito de cidadania, particularmente da cidadania ativa, é quase inevitável quando constatamos a sua indissociabilidade no campo da educação. É uma via de mão dupla que permite o acesso a uma maior participação cidadã mediante o acesso a uma educação que se pretende respeitosa, não-discriminatória, inclusiva e portadora de significados.

Importante ressaltar que não basta ter conhecimento de seus direitos. É preciso ir além e saber como reivindicá-los, promovê-los e protegê-los de ataques e retrocessos que fazem parte da história política e social do nosso país.

Como nos ensina COVRE (1986)

A construção da utopia, que pode ser encaminhada em seu primeiro degrau, com a aproximação da cidadania real, passa pela relação entre classes sociais e grupos fundamentais vários em embate (nível macroestrutural e de macropoder), mas também pelos indivíduos. O rompimento com a massificação, com a “alienação”, pode começar a se edificar no cotidiano dos homens. (p. 187)

Paulo Freire ao pensar o papel da educação para a construção de uma cidadania ativa, busca entender seus limites, mas sem jamais ignorar sua relevância.

Não dá para dizer que a educação crie a cidadania de quem quer que seja. Mas, sem a educação, é difícil construir a cidadania. A cidadania se cria com uma presença ativa, crítica, decidida, de todos nós com relação à coisa pública. Isso é difícil, mas é possível. A educação não é a chave para a transformação, mas é indispensável. A educação sozinha não faz, mas sem ela também não é feita a cidadania. (1995, p.74)

É importante a observação da RBEDH sobre os limites da noção de cidadania, os quais não podem ser razão para o desrespeito aos direitos humanos:

[...] Embora incluam direitos do cidadão, os direitos humanos extrapolam as condições legais e as fronteiras, as quais definem a cidadania e a nacionalidade. A ausência de cidadania jurídica plena, por exemplo, não implica na ausência de direitos humanos.(p. 14)

Para finalizar este capítulo, observa-se o fato de os entrevistados não estarem familiarizados com o termo EDH e costumam não estabelecer diferença com a concepção de direitos humanos. Na maior parte das falas, tratam como a mesma coisa. Tiveram pouco ou nenhum contato com a legislação federal, estadual ou municipal que versa sobre o assunto. Apesar disso, pode-se reconhecer nas práticas de todos eles os aspectos principais desse modo de atuar na educação.

3 A ESCOLA ZACARIA: O ESPAÇO, O TERRITÓRIO E A COMUNIDADE - UMA ESCOLA FESTIVA TEM MUITO A ENSINAR³⁵

LETRA E
 Escola de gente boa
 Com aprender eficaz
 Que trata tão bem a gente
 De gente não se desfaz.
 Aqui eu aprendo e brinco
 E bem sei que sou capaz.
 Projeto De A à Zaca

A EMEF Mauro Faccio Gonçalves – Zacaria, fundada em 1991 no bairro Parque Santo Antonio, zona sul da cidade de São Paulo, é uma escola da rede municipal paulista que faz parte da Diretoria Regional de Ensino (DRE) Campo Limpo. Os seus mais de setecentos alunos³⁶ estão divididos entre o 1º e o 9º ano do ensino fundamental e a EJA (alfabetização II e básica I e II) e para atender esta demanda a escola funciona em três períodos: manhã, tarde e noite.

Este capítulo tem por objetivo apresentar a Escola Zacaria em seus aspectos estruturais, administrativos e históricos, o que inclui informações sobre o bairro e a comunidade na qual se encontra, com base principalmente em dados obtidos por meio da última versão do PPP da escola, documentos de órgãos municipais e da sociedade civil e trechos das entrevistas.

3.1 IDENTIFICAÇÃO DA UNIDADE ESCOLAR³⁷:

3.1.1 Dados do estabelecimento

Tabela 1 — Dados do estabelecimento

	(continua)
Denominação da instituição	EMEF Mauro Faccio Gonçalves – Zacaria
Código SME	010154
Endereço	Avenida Raquel Alves Moreira, nº 823 – Pq. Santo Antônio – Distrito Jardim São Luís
Município	São Paulo
CEP	05821-130

³⁵ Título de uma matéria realizada pelo Instituto Natura e a Revista Carta na Escola sobre a Escola Zacaria em 2013 da qual falaremos mais adiante.

³⁶ Dados obtidos pelo link:

<http://eolgerenciamento.prefeitura.sp.gov.br/frmgerencial/NumerosEscola.aspx?Cod=010154> - acesso em 04 de agosto de 2019

³⁷ Dados retirados do PPP da escola e submetidos à verificação da equipe gestora.

Tabela 1 — Dados do estabelecimento

(continuação)

Telefone:	(011) 5514-3131
Entidade mantenedora	Prefeitura Municipal de São Paulo
Diretoria Regional de Ensino (DRE):	Campo Limpo
CNPJ	68158880/0001-62
COD. CIE	35068822
Email	emef.zacaria@prefeitura.sp.org.br
Site / Blog	EMEF Zacaria (google.com) / Blogandonozaca.blogspot.com ³⁸
Facebook	EMEF Zacaria – DRE Campo Limpo
Youtube	TV do Zaca
Documento de criação da escola	Decreto 29.506 data: 01/02/1991
Inauguração	23/11/1991

Fonte:

3.1.2 Histórico e arquitetura da escola

“Quando falamos de cultura escolar, observamos que, apesar das escolas terem uma estrutura aparentemente fixa e comum (...) percebemos que estas normas e regras são, na verdade, vivenciadas pelas escolas de maneira diversa; são reinterpretadas, relativizadas e adaptadas às condições concretas de cada contexto escolar.”
(Lacerda, 2002)

Conforme nos conta o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, a EMEF Mauro Faccio Gonçalves – Zacaria começou a funcionar em 1991 em um prédio construído pelo Estado, mas que hoje pertence ao município. A escolha do nome foi sugestão da comunidade que, uma vez consultada, resolveu homenagear o humorista do grupo Os Trapalhões³⁹.

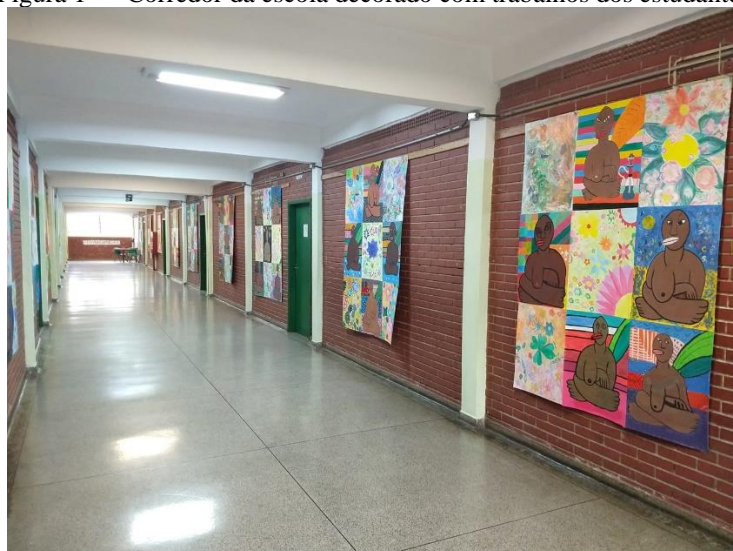
A arquitetura do prédio compreende dois pavimentos que se dividem basicamente da seguinte forma: na parte interna vemos o andar térreo dedicado aos espaços administrativos e pedagógicos, como a secretaria, sala de coordenação, sala da direção, sala dos professores, copa, espaço para produtos de limpeza e outros. Ainda nesse andar encontramos um aquário, informes e trabalhos de alunos enfeitando as paredes, os pátios cobertos onde os alunos se

³⁸ O blog da Escola Zacaria disponibiliza informações para a comunidade escolar; registros fotográficos e vídeos sobre eventos e projetos realizados na escola ou com a participação dela; entrevistas e muito mais.

³⁹ Mauro Faccio Gonçalves era mineiro de Sete Lagoas. Trabalhou em diferentes rádios durante muitos anos. Compôs o quarteto “Os Trapalhões” entre 1976 e 1990, ano de sua morte. O nome artístico Zacarias era como chamavam um galo que ele tinha na infância e, desde pequeno, passaram a chamá-lo assim.

encontram nas horas vagas e nos intervalos, além de uma ampla e bem equipada sala de leitura e de informática. O andar superior é acessado por uma larga escadaria dividida em dois lances⁴⁰ que terminam em um corredor com as salas de aula.

Figura 1 — Corredor da escola decorado com trabalhos dos estudantes



Fonte: acervo particular

Todas as salas de aula (10 no total) são dotadas de aparelhos de ar condicionado, quadro branco quadriculado, computador, datashow, tela branca removível e caixa de som. A pintura é impecável. As carteiras e cadeiras são limpas e conservadas e existem trabalhos enfeitando as paredes das salas. Em algumas delas podemos encontrar suportes para livros feitos de plástico transparente. (ver imagem pg. 98)

Na parte externa do terreno há duas quadras esportivas, uma coberta e outra descoberta, que podem ser acessadas a partir de uma escadaria ampla. Ao lado das quadras vemos um parque com brinquedos confeccionados em madeira, feitos em parceria com as famílias dos alunos. No local destinado à entrada e saída dos alunos há ainda uma horta, uma área livre com uma cesta de basquete na qual os alunos se divertem e um quiosque de concreto e vidro onde funciona há pouco mais de um ano a brinquedoteca. O estacionamento completa a área externa.

O prédio tem suas limitações de espaço, o que poderia caracterizar ou lembrar um local de opressão, mas, conforme veremos ao longo deste trabalho, múltiplos fatores conseguem contornar essa realidade, deixando os ambientes com um aspecto vibrante e acolhedor, na compreensão de que a escola precisa “baixar os muros” e abrir-se para a comunidade.

⁴⁰ A escola reivindica há mais de uma década as reformas que garantiriam a acessibilidade ao prédio, porém até o momento, não houve liberação de verbas para a execução dessas obras.

3.1.3 O território⁴¹

“O Sarau da Cooperifa é quando a poesia desce do pedestal e beija os pés da comunidade. A Periferia nos une pela dor, pela cor e pelo amor. É tudo nosso.” (Sérgio Vaz).

A EMEF Mauro Faccio Gonçalves – Zacaria está localizada em uma rua movimentada e pouco arborizada do Parque Santo Antonio, no distrito Jardim São Luís. Diante do muro da escola fica o ponto final de uma linha municipal de ônibus articulados que serpenteia nas estreitas e tortuosas ruas do bairro e esconde parcialmente a fachada da escola. Colado a esse mesmo muro encontramos a Paróquia de Santo Antonio. Atravessando a rua em frente ao portão de entrada há variado comércio, como salões de beleza, mercadinhos, lanchonetes, os quais dividem espaço com as residências. Completam o cenário mais amplo, algumas praças, escolas, CEU’s (Centro de Educação Unificado), a Fábrica de Cultura, campos de futebol, condomínios de habitação popular, a Cooperifa⁴² (projeto que, entre outras atividades, realiza semanalmente saraus de poesia e que se consolidou como um importante polo cultural da periferia de São Paulo) e bem ao alto o Cemitério São Luiz⁴³. Outras referências que auxiliam na identificação do bairro são: o Centro Empresarial de Santo Amaro e a Represa de Guarapiranga.

Na entrevista com a prof^a Socorro que, além do magistério tem formação em História, foi possível conhecer a realização de um projeto chamado “A História do bairro” com estudantes do 3º ano, em 2000. Esse projeto era parte de um projeto mais amplo chamado “Glorinha”. Seria impossível falar sobre o bairro, sem ao menos mencionar essa experiência pedagógica. A prof^a Socorro explica:

Nós (eu e os alunos) fomos pesquisar a origem do bairro; o que acontecia no bairro; como eram as casas; como era o comércio; como eram as ruas. A gente foi, de fato, conhecer o bairro e ver como aquele bairro tinha nascido. Tudo pensando que quando se conhece, se respeita e cuida. [...] Quem ia pesquisar, um exemplo, como são as ruas do bairro, trazia as informações, os dados, os relatos. A gente transformava tudo isso em um texto e esse era referência para estudar sobre moradia. Quem ia pesquisar sobre o comércio, a gente transformava aquilo em um texto que norteava o trabalho sobre comércio [...] mas ele não ficava só no comércio local... ele falava do geral, mundial, dessa questão da importação e exportação e tudo mais, mas eles tinham o comércio

⁴¹ Compreendendo território aqui, segundo o prof^o Antonio Carlos Robert Moraes, não como um acidente geográfico, mas “(...) uma articulação de processos sociais que resultaram em intervenções humanas nos lugares e na criação de materialidades e ordenamentos no espaço terrestre. A análise sincrônica de tais processos num mesmo âmbito espacial – que envolve as dimensões econômica, política e cultural da vida social (...)”

⁴² Ao perceber a importância desse projeto para a comunidade, entendi a necessidade de conhecer o Sarau da Cooperifa pessoalmente, o que se deu em janeiro de 2020. Foi uma noite de casa cheia da qual guardo uma alegre e emocionante recordação. Esse evento acontece, semanalmente, há 19 anos, no Bar do Zé Batidão.

⁴³ Localizado entre o Jardim Angela e o Capão Redondo, região que, em 1996, foi considerada a mais violenta do mundo pela ONU com 116 homicídios a cada 100 mil habitantes. Esse número subia para 200 a cada 100 mil habitantes quando considerada a população masculina entre 15 e 25 anos de idade.

do bairro inserido nesse comércio maior. Então era o bairro como referência pra conhecer o mundo.

Aqui podemos ver a questão de uma aprendizagem que vai do particular para o geral levantada pela educadora, assim como esta última frase do trecho citado também pode nos remeter à concepção do espaço estendido, do aprender que vai além da sala de aula, como parece ser o entendimento dessa educadora⁴⁴. É também a rua, a casa ou mesmo o quintal, como lembrou Paulo Freire sobre sua infância à *sombra da mangueira*⁴⁵.

Além de dados objetivos sobre o bairro, uma das propostas da pesquisa acima era sair para ver o que é belo no bairro. Sobre essa atividade, a prof^a Socorro comenta

Olha... o que é para um aluno do terceiro ano falar sobre o belo?!... O belo é algo tão subjetivo. Mas eles traziam respostas lindas. Eles iam olhar o bairro. Eles não iam passar pelo bairro.[...] Daí veio um aluno falar: “nossa, essa flor nasceu aqui... no lixo?” Sabe!?...mas era a flor que ele estava olhando, não era o lixo.[...] O olhar do aluno foi aguçado. [...] Eles aprenderam a olhar ou, pelo menos, perceberam como o olhar é importante.

O projeto “A História do Bairro” passou a ser referência para quem deseja pesquisar o bairro, desde professores, escolas do entorno e outros cidadãos. Ele também foi utilizado em 2005 como base para outro trabalho da professora Socorro, desta vez com alunos da EJA. O foco agora era observar as rupturas e permanências durante esse período de cinco anos. Os adultos puderam realizar essas comparações entre passado, mesmo que recente, e presente, a partir das mudanças na paisagem local.

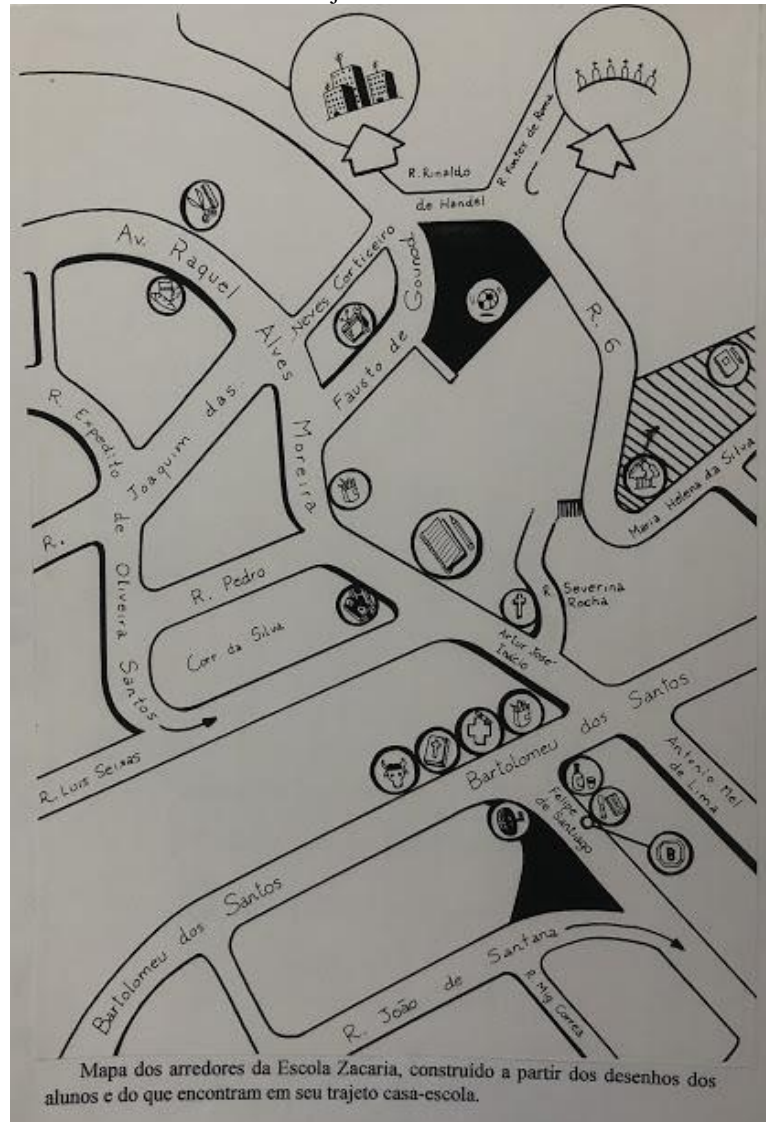
A importância da Escola Zacaria nesse território foi destacada pela supervisora de ensino Solange Amorim ao afirmar:

A gente está falando do Jardim São Luís onde as desigualdades são profundas. Os estudantes convivem com uma violência permanente, em todas as esferas, e a escola não se coloca como mais esse espaço de violência e de reprodução da violência, muito pelo contrário. Se posiciona no sentido oposto, de desconstrução dessa linguagem de violência e, ao fazer isso, ela resgata, reitera a função social principal da escola que é olhar pra essa humanidade que é latente em todos nós e que precisa de atenção e oportunidade.

⁴⁴ Não se trata de diminuir o papel da escola aqui reconhecido como espaço construído historicamente para criar e difundir o conhecimento produzido e acumulado pela humanidade. Sua importância se faz ainda maior quando nos referimos aos extratos mais vulneráveis da sociedade que tem muitas vezes na escola, o único tempo e local dedicado ao contato com o saber sistematizado e organizado.

⁴⁵ Sobre a infância de Paulo Freire, ver BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *História do menino que lia o mundo*. 1ª ed., ITERRA – Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária: Veranópolis, 2001.

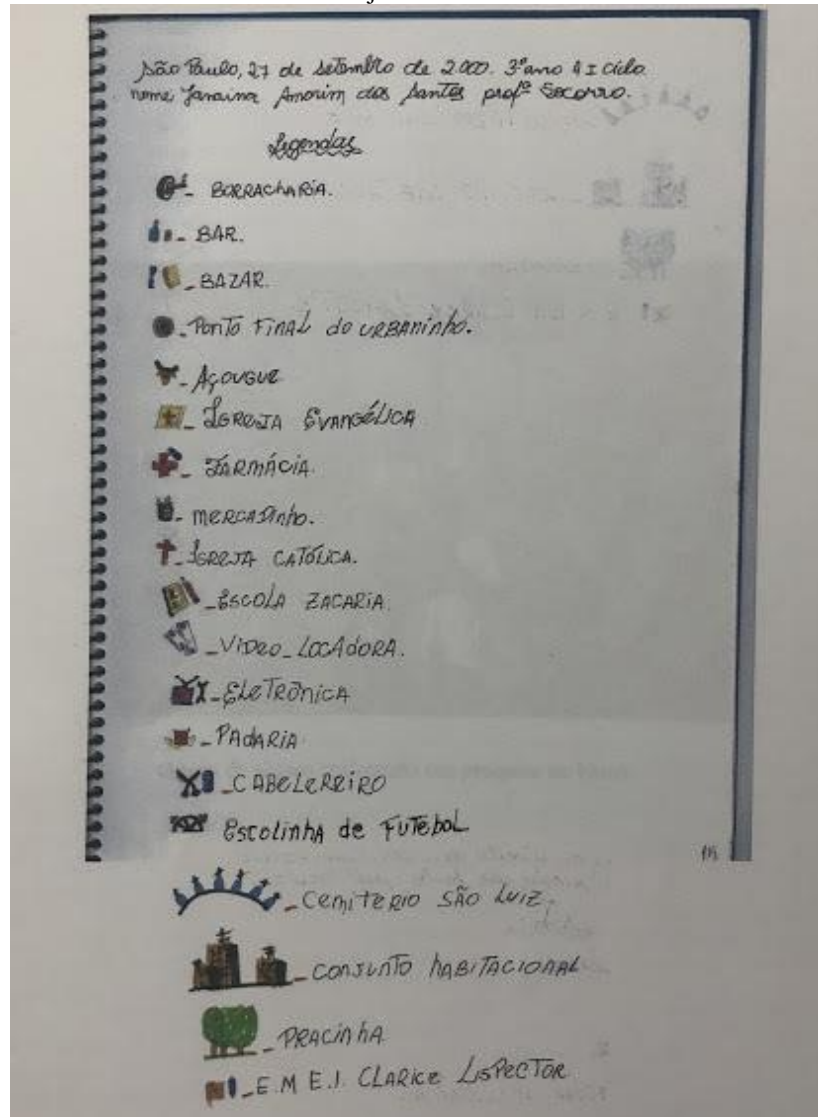
Figura 2 — Mapa dos arredores da Escola Zacaria elaborado durante o Projeto Glorinha⁴⁶



Fonte: Acervo particular da prof^a Maria do Socorro Lacerda de Lacerda

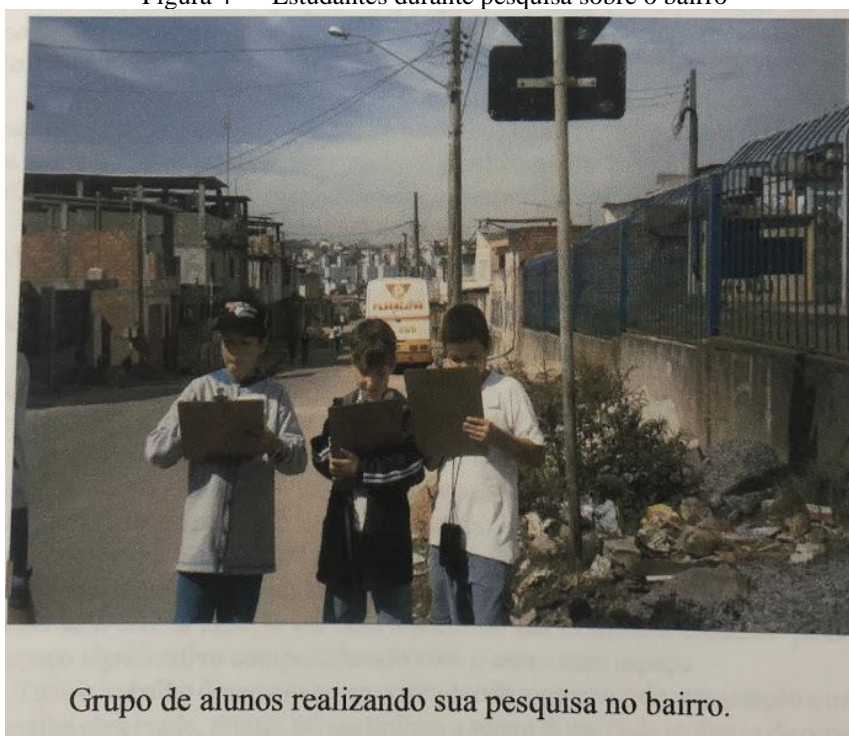
⁴⁶ Projeto realizado pelas prof^{as} Socorro, Eliana, Marilda e estudantes dos 3^{os} anos A,B e C – 1^o ciclo (2000). Entre outras ações, pesquisaram o bairro onde se localiza a Escola Zacaria. Falaremos mais detidamente desse projeto, que virou referência para pesquisas sobre o bairro, no Cap. 6

Figura 3 — Legenda do mapa produzido pelos alunos participantes do Projeto Glorinha



Fonte: Acervo particular da profª Maria do Socorro Lacerda de Lacerda

Figura 4 — Estudantes durante pesquisa sobre o bairro



Grupo de alunos realizando sua pesquisa no bairro.

Fonte: Acervo particular da prof^a Maria do Socorro Lacerda de Lacerda

3.1.4 O território em números

“Antes as pessoas queriam mudar da periferia. Agora querem mudar a periferia.”
(Sérgio Vaz).

O Jardim São Luís é um distrito administrado pela subprefeitura do M’Boi Mirim e, segundo dados demográficos da prefeitura de São Paulo, possui uma área de 24,70km² e população 267.871 (2010). O distrito que abrange 65 bairros, é o sexto mais populoso de São Paulo e ocupa o 75º lugar no IDH, entre os 96 distritos da cidade.⁴⁷

⁴⁷ Dados obtidos através do link: <https://cbn.globoradio.globo.com/grandescoberturas/seu-bairro-nossa-cidade-sp/2016/08/09/MAIS-DE-25-DAS-CASAS-DO-JARDIM-SAO-LUIS-ESTAO-EM-FAVELAS.htm> Acesso em: 25/08/2021.

Tabela 2 — Números do bairro em comparação com a média da cidade de São Paulo

(continua)

NÚMEROS DO BAIRRO EM COMPARAÇÃO COM A MÉDIA DA CIDADE DE SÃO PAULO	Jardim São Luís ⁴⁸	Média da cidade de São Paulo ⁴⁹
População preta e parda (Proporção em relação ao total de habitantes)	51,29	32,1
População feminina (Proporção em relação ao total de habitantes)	51,89	52,6
Arborização viária (proporção de árvores no sistema viário, em relação à área total do distrito (km ²))	358,4	671,2
Domicílios em favelas (Proporção em relação ao total de domicílios)	24,09	8,3
Gravidez na adolescência (proporção de nascidos vivos cujas mães tinham 19 anos ou menos, em relação ao total de nascidos vivos (%))	12,37	8,7
Mortalidade infantil (proporção de óbitos de crianças menores de um ano, para cada mil crianças nascidas vivas)	10,96	10,5
Idade média ao morrer (em anos)	61,95	68,7
Unidades Básicas de Saúde (UBS) (Número de unidades básicas públicas de atendimento em saúde, para cada 10 mil hab.)	0,42	0,4
Tempo de atendimento para vaga em creche (em dias)	140,43	106,9
Centros culturais, casas e espaços de cultura (proporção para cada 10 mil hab.)	0,14	0,2

⁴⁸ Dados obtidos por meio do Mapa de desigualdade 2019 produzido pela Rede Nossa São Paulo. Disponível em https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Mapa_Desigualdade_2019_tabelas.pdf. Acesso em 25/8/2021.

⁴⁹ Idem 4.

Tabela 2 — Números do bairro em comparação com a média da cidade de São Paulo

(continuação)

NÚMEROS DO BAIRRO EM COMPARAÇÃO COM A MÉDIA DA CIDADE DE SÃO PAULO	Jardim São Luís ⁵⁰	Média da cidade de São Paulo ⁵¹
Equipamentos públicos de cultura (proporção para cada 100 mil hab.)	1,75	4,0
Salas de cinema (proporção para cada 10 mil hab.)	0	0,6
Museus (proporção para cada 10 mil hab.)	0	0,3
Salas de show e concerto (proporção para cada 100 mil hab.)	0,35	4,8
Teatro (proporção para cada 10 mil hab.)	0,04	0,4
Equipamentos públicos de esporte (proporção para cada 10 mil hab.)	0,35	0,3
Emprego formal (proporção para cada 10 mil hab. da PIA* ⁵²)	1,63	6,7

Fonte: Mapa da Desigualdade 2019 – Rede Nossa São Paulo

3.1.5 Perfil sociocultural da comunidade da Escola Zacaria

LETRA G
 Tem gente de todo tipo
 Tamanhos, gostos, perfis
 Algumas são animadas
 Outras um tanto sutis
 Diferentes ou iguais
 Todos devem ser gentis.
 Projeto De A à Zaca

De acordo com o projeto político-pedagógico da Escola Zacaria, a comunidade que frequenta a unidade escolar é composta, em sua maioria, por filhos ou netos de migrantes vindos

⁵⁰ Dados obtidos por meio do Mapa de desigualdade 2019 produzido pela Rede Nossa São Paulo através do link: https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Mapa_Desigualdade_2019_tabelas.pdf

⁵¹ Idem 4.

⁵² *População economicamente ativa

de vários estados do país⁵³ e de nível socioeconômico médio baixo⁵⁴, sendo que uma parte expressiva é beneficiária do programa Bolsa Família⁵⁵ com baixa escolaridade. Grande parte das famílias é comandada por mulheres que são mães, tias ou avós de muitos alunos, sobre as quais recai a maior carga de responsabilidade no acompanhamento da vida escolar dos estudantes.

A partir dos dados trazidos acima pelo Mapa da Desigualdade e ainda segundo o PPP da escola, percebemos que a oferta de lazer e espaços culturais oferecidos pelos órgãos públicos é baixa, por isso a existência de iniciativas populares como a Cooperifa se fazem tão importantes. O alto índice de desemprego é um dos principais dramas enfrentados pela comunidade. Os moradores que estão empregados atuam em ocupações com baixa remuneração, em sua maioria.

[...]A falta de trabalho e opções de lazer vem acumulando problemas diversos em nossos alunos. Em 2019 e 2020 recebemos diversos estudantes oriundos de outras escolas do bairro, alunos que desistiram ou que abandonaram o ano letivo nessas instituições, alguns multirrepetentes e que nos procuraram para continuar os estudos. Foram bem recebidos, mas identificamos a familiaridade de muitos com uso de entorpecentes, o que nos ocasionou um olhar mais atento e profundo sobre essa situação.[...] (PPP, p. 31)

3.1.6 Perfil dos profissionais da unidade escolar

De acordo com o PPP e as entrevistas realizadas ao longo da pesquisa, pode-se dizer que a Escola Zacaria possui um corpo docente bastante diverso em relação às correntes de pensamento existentes, muito comprometido com o estudo e a formação e apaixonado pela educação, mostrando-se bastante politizado, em sua maioria. A maior parte leciona somente na rede pública em uma, duas ou três escolas diferentes.

A diversidade anteriormente mencionada também se aplica às práticas pedagógicas pois, de acordo com o PPP, há um grupo de educadores que atua em sala de aula de maneira mais

⁵³ Principalmente estados da região nordeste, MG e PR.

⁵⁴ Essa designação é pouco clara e merece uma discussão, ligada a questão da qualificação profissional e dos extratos vinculados à divisão social do trabalho. De modo que poderíamos referir a condição socio econômica da população do bairro como trabalhadores medianamente qualificados ou pouco qualificados do ponto de vista profissional. A concepção de classe média, média baixa, média alta é muito utilizada em pesquisas de mercado, mas não possui rigor sociológico, econômico e histórico. De forma que podemos classificar a população que frequenta a escola Zacaria como classe trabalhadora, atualmente, em grande parte precarizada.

⁵⁵ De acordo com o site da Caixa Econômica Federal, o Bolsa Família “é um programa de transferência direta de renda, direcionado às famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o país.”

tradicional e conservadora e outro grupo que incorpora à sua prática docente ideias consideradas mais criativas e inovadoras.

Os problemas mais relatados pelos professores às coordenadoras estão relacionados à falta de interesse e indisciplina de alguns alunos, bem como a desvalorização do magistério o que estaria produzindo desencanto entre alguns profissionais.

Quanto à equipe gestora, há uma percepção de que é democrática uma vez que valoriza e incentiva a participação da comunidade escolar e age de modo transparente em suas decisões. No entanto, essa visão não impede que o grupo faça críticas quando entende ser necessário.

Os demais funcionários são avaliados pela maioria do grupo como competentes, dedicados e atenciosos e possuem formação que varia do ensino médio completo ao ensino superior completo.

A supervisora Solange defende que a singularidade da Escola Zacaria é o reconhecimento do seu papel social e a defesa da educação pública georreferenciada com preocupações socioambientais. E segue afirmando

Não é um processo que foi construído da noite para o dia... que não tenha resistência e que não tenha contradições. Tem tudo isso, mas é um dia após o outro de crença e de mobilizar esforços nessa perspectiva... se formando, se desafiando a realizar experiências pedagógicas mais significativas. [...] Os educadores e educadoras que foram chegando já foram conhecendo um pouco dessa história e se identificando com ela e se não se identifica, geralmente as pessoas saem... mas na maioria do grupo a gente vê uma identidade com essa proposta.

3.1.7 Relação da escola com a comunidade

LETRA Z
Zacaria ou Zaquinha
Não importa como se diga
Escola de quem educa,
Ensina, diverte, abriga
Aqui sou bem acolhido
Rodeado por gente amiga.
Projeto De A à Zaca

É lugar comum que as escolas se queixem da falta de participação dos pais e responsáveis pela educação dos filhos, muitas vezes essa fala parte de um lugar que desconhece a realidade objetiva e subjetiva desses sujeitos. A Escola Zacaria acredita que a conscientização da comunidade sobre a importância de estudar deve partir da escola, a qual precisa conhecer a realidade social desse grupo, respeitar de seus modos de pensar e agir e buscar mobilizá-los utilizando diferentes estratégias, por exemplo

[...] organizando reuniões de pais, propondo calendário viável para os encontros, respeitando sua identidade e as características da sua realidade; abrindo a escola à comunidade, inclusive nos finais de semana; compondo projetos conjuntos com líderes da comunidade envolvendo alunos e família em atividades de lazer, esporte e cultura, tanto no planejamento quanto na execução. (PPP, p. 34)

Sobre a relação da Escola Zacaria com a comunidade, a supervisora de ensino Solange Amorim considerou tratar-se de “uma referência histórica” na qual é comum esbarrar com ex-alunos que trazem uma “fala muito afetiva sobre a escola”. E relatou:

É um ambiente muito acolhedor. Você chega lá e se sente bem. É uma escola de portas abertas pra comunidade em geral. Você não tem nenhuma dificuldade de entrar na unidade, de acessar a escola.[...] é visível que a escola tem uma preocupação com o desenvolvimento humano daquele local. A forma como eles respeitam e acolhem aquelas crianças e aqueles jovens é muito comovedor. Eu acho que é um diferencial que a gente tem que pontuar porque, no geral, as escolas costumam se pautar institucionalmente de uma forma muito fria e querendo mesmo manter um distanciamento.

Não obstante o lugar de apreço que a Escola Zacaria ocupa em sua comunidade, ao longo das entrevistas, foi possível perceber que a escola espera uma participação maior e mais efetiva das famílias. Isso aparece na fala da professora Socorro:

Eu acho que a participação da comunidade é o dificultador dessa relação que os direitos humanos precisam... essas relações interpessoais. A gente já tentou fazer reunião de pais aos sábados, fazer reunião de conselho de escola, de APM em vários horários, pra ver se a comunidade participava de forma mais efetiva, não só na reunião, mas que tenha uma participação mais efetiva. Mas é como eu te falei, a questão da sobrevivência faz com que os irmãos sejam criados pelos mais velhos. Aí como é que a comunidade participa?

A pouca participação de pais também apareceu na fala do diretor Wagner ao comentar a dificuldade em montar o Conselho de Escola.

Teve uma reunião lá no segundo ano (1998/1999) pra formar o conselho e eu tinha mais de 300 pais. Teve que fazer cartazes. Não coube na sala. Tiveram que ir para o pátio pra poder as pessoas se identificarem, tentar conseguir o voto do outro pra poder eleger 15 pessoas. Nos dois últimos anos, eu tive 8 ou 10 pais nas reuniões. Aí quando você vai questionar os pais por quê não participam do conselho agora. Não participava, começou a participar e agora não participa de novo. “Ah porque a gente confia em vocês”. Então, aquilo que passou a ser uma confiança, gera incomodo na gente porque eu digo, confiar é pouco, tem que participar. É isso que eu tenho dito pra eles. Essa é uma dificuldade que a gente está vivendo e que eu não estou conseguindo resolver isso, no sentido de estar presente, de participar. E quando você questiona.... *não, a gente tem confiança em vocês.* Eu falo pra eles, não concordo! É muito pouco!

No esforço de aproximação entre a escola e a comunidade e, nas palavras do diretor Wagner, “acalmar a ansiedade” comum em todo início de ano letivo em uma escola nova, a Escola Zacaria realiza, há 18 anos, uma reunião para receber as famílias dos novos alunos e apresentar a história, os projetos e um pouco do espaço escolar.

A iniciativa da escola ao realizar essa reunião, nos parece ir ao encontro de uma EDH, pois como é citado no PNEDH

A educação em direitos humanos vai além de uma aprendizagem cognitiva, incluindo o desenvolvimento social e emocional de quem se envolve no processo ensino-aprendizagem (Programa Mundial de Educação em Direitos Humanos – PMEDH/2005). A educação, nesse entendimento, deve ocorrer na comunidade escolar em interação com a comunidade local. (p. 31)

A participação da pesquisadora na reunião realizada em 2020, permitiu as seguintes observações, as quais foram organizadas na forma de um texto. Para esse momento de observação, elaborou-se previamente o roteiro abaixo a fim de lembrar alguns pontos:

- Como as pessoas foram recebidas? Como transcorreu o acolhimento?
- A disposição do espaço físico em que ocorreu a reunião.
- Pauta (como e por quem foi feita?) deu conta? Foi cumprida?
- Clareza nas informações apresentadas?
- Compromissos ou agenda construída para o ano letivo?
- Abertura para a fala dos participantes?
- Nível de participação da comunidade na reunião.

Ao fim, e como é possível perceber pelas anotações que se seguem, os assuntos extrapolaram os itens acima levantados.

Reunião de pais dos novos alunos da Escola Zacaria (2020) – “Que bom que você chegou!”

Às 18h do dia 27 de janeiro de 2020 realizou-se no pátio da Escola Zacaria a reunião de pais dos novos alunos. Estavam presentes os pais ou responsáveis pelos alunos dos 1ºs anos (A e B) e, em menor quantidade, os pais ou responsáveis por novos alunos de outras séries. Notava-se a presença majoritária de mulheres. As crianças preferiram ficar na quadra brincando, mas alguns trataram de ouvir a reunião atentamente.

Uma apresentação em powerpoint foi preparada com o título “Que bom que você chegou!” e nos demais slides havia a pauta da reunião e fotos ilustrando os projetos da escola, conforme descrito abaixo:

Propostas do governo municipal

- projeto mais educação
 - leituração⁵⁶
 - educação integral
- Propostas da escola
- Colóquio de alunos e ex-alunos;
 - Projeto Aniversário;
 - Trapalhadas do Zacaria;
 - Concurso de poesia;
 - PROVE;
 - Projeto Cinema;
 - Leitura simultânea (adaptado a partir do leituração)
 - Reprodução de material (projeto xerox)
 - Saídas culturais
 - Cozinha experimental.

O diretor Wagner deu início aos trabalhos às 18h, dizendo que esse momento ocorre há aproximadamente 18 anos e não é realizado por nenhuma outra escola da região. Essa iniciativa decorre da necessidade de acalmar a ansiedade, comum entre os pais nesse período que antecede o ano letivo, em uma nova escola e um novo ciclo escolar.

A reunião se seguiu com a apresentação da equipe de funcionários presentes: assistente de direção, coordenadoras pedagógicas, funcionária da secretaria e os ATE'S. Fez questão de reforçar que a maioria deles trabalha há muitos anos na escola.

O diretor informou o número de salas para todas as séries em 2020, o número de alunos por sala (30 para os 1ºs anos), horário de entrada e saída dos 1ºs anos e a logística da escola para que os responsáveis possam retirar as crianças da escola com tranquilidade e segurança. “Eles não saem daquele portão sem vocês”. Seguiu explicando que os alunos têm 40 aulas semanais, sendo 25 com o professor polivalente e 15 com outros professores. Sendo essas: 2 de inglês, 2 de artes, 3 de educação física. Horta e culinária, jogos cooperativos, modelagem e dança completam essas 15 aulas, mas a carga horária de cada uma não foi informada.

⁵⁶ Atendendo as leis federais n°s 10.639 e 11.645 e municipal 16.478 “O projeto Leituração! está na Rede Municipal desde 2014 e propõe a organização de Sessões Simultâneas de Leitura Literária nas unidades educacionais a partir das temáticas africana, afrobrasileira, indígena e imigrante. A escolha de livros para serem lidos durante as atividades alinha-se a uma perspectiva de valorização da cultura e história dessas populações, contribuindo, assim, para a desconstrução dos estereótipos que povoam o imaginário sobre esses grupos e fortalecendo as identidades de estudantes e professores.”

Manhã: 9ºs anos – 3 salas; 4ºs anos – 2 salas; 5ºs anos – 3 salas; 7ºs anos – 2 salas

Tarde: 1º ano – 2 salas; 2º ano – 2 salas; 3º ano – 1 sala; 6º ano – 2 salas; 8º ano – 3 salas

Noturno: Alfabetização e 6º, 7º, 8º e 9º ano - 1 sala para cada (regular e EJA)

O próximo assunto foi a necessidade de as famílias manterem os telefones atualizados para que a escola consiga fazer contato em caso de necessidade. Em seguida falou do desfalque de funcionários da equipe de apoio causado principalmente pelos contratos temporários não renovados pela prefeitura.

O horário de aula dos 1ºs anos é das 12h às 19h, sendo que a primeira aula é o almoço. Os alunos tem outros dois horários de lanche. Os pais podem retirar as crianças a partir das 18h30 e foi enfatizada a necessidade de se respeitar o horário de saída, evitando atrasos.

Wagner fez questão de reforçar o fato de que as crianças menores e maiores dividem os mesmos espaços de convivência e que isso tem dado muito certo. (Há um pensamento no senso comum do ambiente escolar de que as crianças devem estar separadas por faixa etária, mas a Escola Zacaria aposta exatamente no contrário, sempre prezando pelo bem estar e a integridade de todos.)

Foi abordada a dificuldade de conseguir vagas na escola nos primeiros anos do ensino fundamental, ao mesmo tempo que sobram vagas para a EJA. Foi feito um pedido para que a comunidade divulgue essas vagas da EJA.

O diretor seguiu falando sobre a origem do nome da escola, o qual foi decidido pela comunidade em votação e adentrou o assunto da organização e limpeza pedindo que os estudantes não tragam chicletes para a escola pois o consumo desse alimento foi proibido pelo regimento aprovado em conselho.

Para dar início à explicação sobre os projetos da escola, o diretor disse:

A escola é boa quando a família participa, quando o aluno é envolvido. Ele acredita naquela escola quando a escola faz um trabalho sério. Não basta a escola fazer um trabalho sério se as outras duas partes não colaborarem. Nada vai funcionar. Eu costumo dizer que é um banquinho de 3 pés: se um deles estiver quebrado, ele cai e a gente não para em cima dele. Portão de escola não é lugar pra se falar mal daquela escola. O lugar para falar mal da escola é na sala do diretor, na sala dos coordenadores.

O diretor seguiu relatando a situação de interdição da quadra coberta e demonstrou preocupação com a demora para a concretização do conserto por parte da prefeitura.

Surgiu uma pergunta feita por uma mãe: Quem acompanha a rotina das meninas no banheiro? O diretor respondeu que a escola preza pela autonomia das crianças, a começar pelo

almoço que funciona no modelo self-service com prato de vidro, garfo, faca e colher. Quando a criança não consegue pegar a comida, um adulto a servirá. Quanto aos banheiros existem os inspetores nos corredores que observam, mas não acompanham ninguém ao banheiro, a menos que a criança tenha alguma necessidade especial. O diretor pede que as crianças falem aos funcionários se tiverem algum problema.

3.1.7.1 Os projetos

Dando prosseguimento, os projetos foram explicados um a um e a reunião durou por volta de uma hora e meia, de modo que o microfone estava aberto a todos que quisessem fazer comentários ou perguntas. Todos foram informados que haveria uma reunião com os pais para apresentar os professores na segunda semana de aula.

O primeiro apresentado foi o Colóquio de alunos e ex-alunos, destacando as falas de ex-alunos que hoje são profissionais de várias áreas e como é importante a participação de todos nesse evento, principalmente dos 9ºs anos que estão resistentes em participar. Em relação à falta de participação nesse e em outros projetos da escola, Wagner falou:

“Eu costumo fazer a seguinte pergunta pra eles: por que você estuda no Zacaria? Não fala. Pensa.[...] Eu aposto que você diz: Porque é a melhor escola do bairro. Eles respondem: foi isso mesmo que eu pensei.[...] Ela é boa pra quem? [...] Pra quem participa daquilo que ela oferece.”

O projeto Aniversário foi apresentado aos pais como uma ação pedagógica que consiste em:

os professores trabalharem um determinado tema, um determinado assunto na sala de aula, vinculado à questão da aprendizagem. Faz de conta que vai trabalhar a questão da mulher negra.... Tá todo mundo trabalhando aquele assunto, estão estudando sobre aquilo, estão usando aquilo pra poder produzir textos, pra aprender as palavras. E aí tem uma grande festa aqui embaixo que é pra apresentar parte dessas coisas que eles aprenderam em sala de aula. A festa na realidade é um pretexto pra poder acontecer as questões de aprendizagem.

Wagner lembrou que todos os aniversariantes daquele período (entre estudantes e funcionários em geral) são fotografados e projetados no telão na hora de cantar parabéns. Sempre tem bolo. As crianças fazem uma lembrancinha que os aniversariantes levam pra casa. (No final da reunião o diretor retomou a questão do Projeto Aniversário pra falar sobre os estudantes que são Testemunhas de Jeová. Ele afirmou que procura deixar claro que a ocasião

tem por objetivo celebrarem juntos a vida e não há intenção de colocar ninguém acima de Deus. Nesse momento um pai levantou a mão e disse: “Minhas duas filhas estudaram aqui da 1ª à 8ª série. Nós somos Testemunhas de Jeová e nunca tivemos problema.”

Depois foi a hora de explicar o projeto As Trapalhadas do Zacaria que o diretor definiu: “em termos de envolvimento das crianças, talvez seja um dos projetos mais importantes que a escola tem. É ele que rompe aquela barreira do grande bater no pequeno.” As crianças de todas as séries irão se inscrever nas oficinas oferecidas pelos professores. Eles fazem novas amizades, se ajudam e isso reduz a violência, acredita o diretor. Esse é o projeto mais citado pelos ex-alunos. Em segundo lugar está o projeto aniversário.

O Concurso de Poesia foi apresentado como um projeto que já está na 13ª edição, envolvendo todos os períodos. Os estudantes que desejarem, se inscrevem no concurso e submetem sua poesia a um júri que irá escolher as melhores e divulgar o resultado em evento, do tipo sarau aberto à comunidade. Ele informou que a premiação depende das verbas arrecadadas pela APM e que a escola já chegou a presentear alunos com tablets, mas que, ultimamente, só tem conseguido comprar livros.

O PROVE foi o próximo projeto a ser apresentado. Wagner pediu para mostrar uma Revista PROVE para os pais. Explicou que se trata de um projeto de valorização e formação do educador e destacou: “o professor de Matemática tem que fazer um curso de Matemática? Não. Ele faz o que ele quiser...porque o conhecimento não pode ser ... eu posso fazer um curso de teatro, um curso de contação de histórias. Isso pode agregar conteúdo e qualidade ao trabalho que eu vou desenvolver na sala de aula.”

Em seguida, o diretor apresentou o Projeto Cinema como uma oportunidade de discutir temas importantes que surgem na sociedade. Trata-se da exibição de um filme previamente pensado e estudado em sala de aula, quando cada período tem a autonomia para definir o título que será exibido. A exibição pode ocorrer no pátio ou na sala de aula.

O próximo foi o Projeto Leitura Simultânea que o diretor informou ter 2 ou 3 anos e que consiste em escolher um determinado dia do bimestre em que todas as salas farão a leitura de um texto ou livro. O texto pode ser o mesmo para a escola inteira ou o professor pode oferecer a leitura de sua preferência e as crianças escolhem a leitura que desejam acompanhar. Eles são agrupados por sala e durante 2 aulas acompanham essa leitura, seguida de uma discussão.

O Projeto Xerox consiste em oferecer atividades para além do material oficial. Para tanto, a escola busca arrecadar a quantia de R\$10,00 (dez reais) ao ano por aluno para custear tinta e manutenção das máquinas copadoras e o papel sulfite. A contribuição não é obrigatória.

Sobre a cozinha experimental o diretor apontou dificuldades para o seu funcionamento devido as exigências da administração municipal. Diante disso, a cozinha experimental passará a funcionar com o nome de sala multidisciplinar e poderá ser transferida para o 2º andar. Lá os alunos fazem bolos, pão de queijo, entre outras receitas e depois vão para a sala de aula trabalhar com leitura e escrita a partir daquela experiência. O que segundo ele, dá mais sentido e qualidade ao aprendizado. Wagner finalizou esse tema fazendo um trocadilho: “Acho que não vão faltar ingredientes para fazer o aluno se interessar pela escrita.”

3.1.7.2 Encaminhamentos finais

O diretor seguiu falando sobre a importância das saídas pedagógicas para o desenvolvimento dos estudantes, tanto no aspecto pedagógico, quanto social.

Sobre as reuniões de pais, Wagner explicou que geralmente acontecem no horário de aula dos alunos. Excepcionalmente algumas reuniões foram aos sábados ou no período noturno, mas o número de famílias não tem sido o desejado.

Uma mãe perguntou sobre greves e o diretor deixou claro que a escola é uma das que mais paralisam da região e que ninguém faz greve porque gosta, mas porque a situação exige.

Novamente o diretor perguntou se os pais gostariam de fazer perguntas. Uma senhora perguntou sobre o uniforme. Como a prefeitura pode demorar para entregar o uniforme, quem quiser pode comprar uma camiseta branca e deixar na escola para que se faça uma estampa com o emblema da escola gratuitamente.

A coordenadora pedagógica Luciana Dias entregou um papel com os itens necessários para trazer no 1º dia de aula e pediu que os pais olhassem as agendas todos os dias.

A partir do momento que eles estão na escola, vocês terão que ser os companheiros deles. Olhar o caderno todos os dias. Muitas vezes não tem atividade no caderno, mas tem atividade que foi feita aqui. A gente tem a brinquedoteca, tem a sala de leitura, tem a sala de informática, tem a quadra. Então, tem muitas atividades que as vezes não são registradas no caderno, mas a criança pode contar em casa.”
Constavam da lista: 1 caderno brochura capadura com nome; 1 ou 2 lápis grafite; 1 borracha branca; 1 agenda; 1 toalha de mão; 1 garrafa (a escola tem bebedouro com água gelada) e 1 estojo com escova e pasta (os professores auxiliam a escovação das crianças no período integral).

A escola informou que os materiais escolares disponibilizados pela prefeitura serão entregues aos estudantes assim que chegarem. Os próprios alunos assinam a lista comprovando o recebimento, o que provocou risos, pensando nos alunos de 6 anos assinando a lista. Nesse

momento uma aluna nova disse que estava com medo do 1º ano porque não queria assinar. O diretor explicou que bastava escrever o primeiro nome e se ela tivesse qualquer dificuldade, o professor iria auxiliá-la.

Não foram feitas muitas questões. As pessoas pareciam satisfeitas com as orientações dadas. Um casal perguntou sobre diversidade, religiosidade e orientação sexual, mas não havia ficado muito clara a motivação da fala. O diretor enfatizou que o trabalho de conscientização e valorização das diversidades é permanente e que o respeito à orientação sexual, religião, condição social, origem ou posição política era algo inegociável na escola. O casal se disse satisfeito com a posição da escola e que achava importante que o filho frequentasse um ambiente com diversidade.

Sentado ao meu lado estava um senhor (suponho mais de 70 anos) comentando orgulhoso que os dois filhos tinham estudado e se formado lá e que ele fez de tudo para conseguir uma vaga para o terceiro filho. Seguiu afirmando efusivamente que a escola era muito boa “de ensino e moral”. Na hora de ir embora ele se despediu de mim falando: “Boas pesquisas”.

Os responsáveis pelos alunos assinaram a lista de presença e nesse momento receberam uma lembrancinha (um chaveiro de fuxico produzido por alunos e professores no ano anterior). Depois disso poderiam, a seu critério, acompanhar o diretor em visita às salas de aula. Os pais de crianças com laudo médico ou mesmo sem laudo, mas com alguma necessidade especial, deveriam ficar até o final para conversar com as coordenadoras.

Acompanhei o diretor na apresentação das salas à comunidade e notei o seu orgulho e entusiasmo ao realizar esse ritual mais uma vez. As salas contem ar condicionado, tela branca, projetor, lousa branca quadriculada, alfabeto em letras grandes acima da lousa. Ao fundo da sala há um suporte para exposição de livros.

Figura 5 — Salas de aula e o diretor Wagner acompanhado de alguns pais



Fonte: Acervo particular

Seria impossível trazer a completude desse momento. Pode-se destacar alguns aspectos dessa reunião: a forma como a escola busca desenvolver a autonomia e a autoestima dos alunos, o respeito à diversidade e a preocupação em dar significado ao aprendizado.

3.2 A ESTRUTURA DE FUNCIONAMENTO DA UNIDADE ESCOLAR

LETRA F
 As festas que aqui fazemos
 Tem animação bastante
 As pessoas se preparam
 Da forma mais elegante
 Com uma alegria geral
 E um som contagiante.

3.2.1 Quadro técnico: (referência SME – 01/03/2020)

Total de profissionais por cargo: 68

Tabela 3 — Quadro gestor

Diretor de escola: 1	Roberto Wagner Carbonari
Assistentes de Direção: 2	Vilma Aparecida Rodrigues Feliciano Ismerindo Laube de Oliveira
Coordenador(a) pedagógico(a): 2	Luciana Dias da Silva Monica Aparecida Donizete de Almeida

Fonte: PPP 2019-2020

Tabela 4 — Quadro de professores

Professor(a) de Educação Infantil e Ensino Fundamental I: 24
Professor(a) de Ensino Fundamental II e Médio - Artes: 3
Professor(a) de Ensino Fundamental II e Médio - Ciências: 5
Professor(a) de Ensino Fundamental II e Médio - Ed. Física: 4
Professor(a) de Ensino Fundamental II e Médio - Geografia: 3
Professor(a) de Ensino Fundamental II e Médio - História: 1
Professor(a) de Ensino Fundamental II e Médio - Inglês: 2
Professor(a) de Ensino Fundamental II e Médio - Matemática: 3
Professor(a) de Ensino Fundamental II e Médio - Português: 6
Servidores readaptados: 8

Fonte: PPP 2019-2020

Quadro de Apoio:

Auxiliar Técnico de Educação (ATE) – 3

Secretário(a) de escola – 1

SÉRIES E ESTUDANTES

Total de turmas na escola: 27

Turnos: 3

Total de alunos matriculados: aprox.700

Alunos AEE⁵⁷: 25

Tabela 5 — Ensino semi-integral

Séries	1ºA	1ºB	2ºA	2ºB	3ºA
Nº de estudantes	30	30	29	30	32

Fonte: PPP 2019-2020

Tabela 6 — Turmas do período da manhã

Séries	4ºA	4ºB	5ºA	5ºB	5ºC	7ºA	7ºB	9ºA	9ºB	9ºC
Nº de estudantes	32	32	32	32	32	32	30	32	30	19

Fonte: PPP 2019-2020

Tabela 7 — Turmas do período da tarde

Séries	6ºA	6ºB	8ºA	8ºB	8ºC
Nº de estudantes	37	35	33	33	20

Fonte: PPP 2019-2020

Tabela 8 — Turmas do período noturno regular

Séries	6ºC	7ºC	8ºD	9ºD
Nº de estudantes	30	30	29	30

Fonte: PPP 2019-2020

EJA alfabetização II: 1ºA: 10 alunos

EJA Básica I: 2ºB: 16 alunos

EJA Básica II: 2ºC: 10 alunos

Total de matrículas na EJA: 36

Total de matrículas no Ensino Fundamental: 670

⁵⁷ AEE - sigla para Atendimento Educacional Especializado

3.2.2 Recursos físicos, materiais e financeiros

LETRA I
 Na aula de informática
 Com um tema inspirador
 Sento junto a um colega
 Em frente ao computador
 Viajando nas ideias
 Em um mundo encantador.
 Projeto De A à Zaca

Como nos informa o PPP da escola em sua versão mais atualizada, bem como dados da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, a Escola Zacaria conta atualmente com a seguinte estrutura física:

Tabela 9 — Estrutura física da unidade escolar

Ambientes	Quantidade
Almoxarifado	1
Ateliê de Artes	1
Banheiros para alunos	2
Banheiros para professores e funcionários	2 ⁵⁸
Cozinha	1
Dispensa	1
Mesas fixas para estudo ao ar livre	8
Palco	1
Parque infantil	1
Pátio coberto	4
Pátio descoberto	1

⁵⁸ Até o final da década de 1990, funcionários da direção da escola possuíam um banheiro exclusivo.

Tabela 9 — Estrutura física da unidade escolar

Ambientes	(continuação) Quantidade
Quadra coberta	1
Quadra descoberta	1
Sala de informática	1
Sala de leitura	1
Sala de recursos multifuncionais para atendimento AEE e RP	1
Sala de refeitório para funcionários	1
Sala dos professores	1
Sala multifuncional	1
Sala p/ materiais diversos	1
Sala p/ professor Ed. Física	1
Sala recuperação/apoio pedag.	1
Secretaria	1
Solário	1

Fonte: PPP 2019-2020

Quem visita a escola na ocasião de seus eventos abertos percebe que ela está bem preparada e equipada pra realizar diversas atividades pedagógicas. Seja na Festa Junina, no Colóquio de alunos e ex-alunos, nas Trapalhadas do Zacaria ou outras reuniões, sempre há alguém cuidando da música, da decoração, da fotografia e filmagem (trabalho da Imprensa Jovem) e claro, do lanche que será servido depois. Tudo isso pode ser conferido no blog e na página da escola nas redes sociais.

No PPP, os recursos materiais da escola estão relacionados da seguinte forma:

Tabela 10 — Recursos materiais da unidade escolar

Aparelhos de ar condicionado em todas as salas de aula da escola
Aquário (utilizado em diversos projetos desenvolvidos pelos professores)
Balcão de self-service
Câmara de documentos
Copiadora
Equipamento de iluminação no pátio
Equipamento de som (mesa e pick up)
Equipamento para gráfica: Encadernadora, guilhotina
Impressoras (sendo uma 3D)
Instrumentos musicais: 1 Guitarra, 2 teclados, 20 violões, timba, pandeiro e agogô
Lousa interativa
Máquina para produzir fazer fumaça
Máquinas fotográficas / filmadora
Microfones sem fio
32 Notebooks (somados os que estão na sala de informática e na área adm)
Projetores multimídia - Data shows móveis e fixos (nas salas de aula)
9 Tablets

Fonte: PPP 2019-2020

Os recursos financeiros da Escola Zacaria advêm principalmente de 4 fontes:

- Associação de Pais e Mestres
- PDDE⁵⁹ Básico
- PTRF⁶⁰ + Educação Integral
- PDDE Mais Educação

⁵⁹ PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola

⁶⁰ PTRF – Programa de Transferência de Recursos Financeiros

- Festa Junina (a arrecadação é destinada aos projetos da escola, entre eles as Trapalhadas do Zacaria)

É apoiada nessa estrutura que a Escola Zacaria trabalha o currículo e desenvolve seus projetos que serão objeto de análise nos próximos capítulos. Isso nos permitirá analisar de que forma a Educação em Direitos Humanos se concretiza no espaço escolar estudado.

3.3 ESTUDOS ANTERIORES SOBRE A ESCOLA E SEUS PROJETOS

Com uma fama que extrapola os muros da escola devido aos seus projetos, as experiências relatadas por seus ex-alunos e funcionários, não é de se espantar que a Escola Zacaria já tenha motivado professores, pesquisadores e órgãos de imprensa a escrever sobre ela, cada um abordando a perspectiva que lhe pareceu mais interessante naquele momento. Por certo, realizar essas leituras possibilitou uma melhor compreensão acerca dos projetos e práticas cotidianas da Escola Zacaria. A partir dessas contribuições buscamos identificar como a EDH se concretiza nesse espaço de ensinar e aprender.

A dissertação de mestrado de Sandra da Costa Lacerda realizada na FEUSP e orientada pela prof^a Maria do Rosário Silveira Porto e defendida em 2003, analisa o papel do diretor e de um ambiente de acolhimento na escola. Esse trabalho possibilitou várias reflexões à presente pesquisa. Daniela Berciano Sinhorini realizou em 2006 pela FEUSP um estudo comparativo financiado pelo PIBIC-CNPQ, sob orientação da prof^a Dra. Doris Accioly e Silva: “Arte-educação, sociabilidade e apropriação do conhecimento na escola”. Tal estudo teve como objeto a Escola Zacaria e a Escola Viva.

Outros trabalhos sobre a Escola Zacaria foram realizados com foco no PROVE. Roberta Stangherlim defendeu tese de doutorado sobre o PROVE na PUC-SP em 2007 orientada pela prof^a Dra. Marli Elisa Dalmazo Afonso de André. A Assistente de Direção da Escola Zacaria, Vilma Aparecida Rodrigues Feliciano, escreveu o TCC “O Projeto Valorização do Educador e Melhoria da Qualidade de Ensino: um olhar sobre o bem-estar docente” na Especialização em Ética, Valores e Saúde na Escola realizada na UNIVESP em 2011. A orientação foi feita pelo professor Mario Luis Villarruel da Silva. A partir desse curso, a autora escreveu um artigo.

4 O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA ZACARIA: SOBRE O ENCONTRO POSSÍVEL ENTRE A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E A ESCOLA PÚBLICA

[...] O projeto pedagógico não se apresentava como algo vindo da cabeça das coordenadoras por causa de uma exigência formal, mas sim era a manifestação de um desejo e de uma necessidade sentidos no interior da escola e se apresentava como a via possível de atender aos anseios do grupo e da instituição como um todo. No bojo mesmo de tudo isso, o tema central do projeto se explicitou de forma clara e unânime: cidadania.[...] (GARCIA, 2011)

Nesse capítulo são apresentadas, resumidamente, as principais ideias contidas no Projeto Político Pedagógico⁶¹ (PPP) da Escola Zacaria. Ao lado disso, busca-se analisar suas potenciais implicações para a EDH e sua implementação por meio de projetos e de práticas cotidianas. Para tal reflexão utilizou-se, além do documento produzido pela escola, as entrevistas, o trabalho de observação e a bibliografia pesquisada. Também trabalhou-se na perspectiva dos marcos legais brasileiros relativos à EDH e a teoria educacional de Paulo Freire⁶², buscando identificar nexos entre o marco norteador das práticas dessa escola e nossas referências de análise no entrelaçamento dessas diferentes formas de investigação. Tal ambição, associada à extensão do documento escrito pela escola, alongaram esse capítulo para além do previsto.

Procurou-se respeitar a ordem em que os assuntos são abordados no documento e também a recorrência de alguns deles, como é o caso da concepção de avaliação, que aparece em momentos distintos do texto.

A partir da reflexão trazida pela bibliografia de Educação em Direitos Humanos, buscou-se compreender de que maneira esse tema aparece no PPP, mas além disso, na vivência diária da escola. Em concordância com o Ministério da Educação, à época, entende-se

Um projeto político-pedagógico é como uma radiografia do movimento que a escola realiza e pretende realizar para alcançar seu objetivo mais importante: educar, promovendo a produção de conhecimentos e formação de pessoas íntegras e integradas à sociedade por meio da participação cidadã, de forma autônoma e crítica (2007, p. 88).

O Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH - 2006) traz em seu item Educação Básica – Concepção e princípios - que a EDH norteia e constitui eixo fundamental

⁶¹ A versão do documento analisado é de início de 2020, anterior ao início da pandemia de covid-19 no Brasil.

⁶² Como qualquer teoria educacional, envolve uma compreensão da relação cultura, sociedade e educação. No caso de Paulo Freire essa concepção se baseia numa prática dialógica educador-educando, comunidade e escola.

da educação básica devendo permear o PPP da escola, bem como o currículo, os materiais didáticos e a formação inicial e continuada dos profissionais da educação. A questão volta a aparecer nas ações programáticas que incluem “favorecer a inclusão da educação em direitos humanos nos projetos político-pedagógicos das escolas, adotando as práticas pedagógicas democráticas presentes no cotidiano”. (p. 33)

Sobre o papel do PPP na formulação do currículo escolar, as Diretrizes Nacionais para EDH (2012), ressaltam

[...] A importância de alicerçar o Projeto Político Pedagógico nos princípios, valores e objetivos da Educação em Direitos Humanos que deverão transversalizar o conjunto das ações em que o currículo se materializa. Propõe-se assim que, no currículo escolar, sejam incluídos conteúdos sobre a realidade social, ambiental, política e cultural, dialogando com as problemáticas que estão próximas da realidade desses estudantes. Com isso pretende-se possibilitar a incorporação de conhecimentos e de vivências democráticas, incluindo o estímulo à participação dos/as estudantes na vida escolar, inclusive na organização estudantil, para a busca e defesa dos direitos e responsabilidades coletivas. (p. 14)

Por sua vez, o Documento Final da Conferência Nacional de Educação de 2010 defende que ao pensar em políticas públicas de justiça social, educação e trabalho, considerando a inclusão, a diversidade e a igualdade, essas devem garantir que, no tocante à Educação em Direitos Humanos, seja assegurada “a inserção das temáticas da educação em direitos humanos nos projetos político-pedagógicos da escola, e no novo modelo de gestão e avaliação.” (p.162)

No artigo intitulado “A Educação em Direitos Humanos nos Projetos Políticos-Pedagógicos das escolas de São Paulo”⁶³, as professoras Ana Maria Klein e Solange Lima estudaram quinze PPP’s de escolas públicas do estado de São Paulo com o objetivo de levantar “a presença de elementos que integram conhecimentos, valores e práticas da EDH(...) a partir de critérios estabelecidos com base em documentos-referência para a EDH no país.” (p. 277)

A construção de um ambiente escolar que proporciona simultaneamente conhecimento, respeito, valorização positiva e promoção dos DH se dá mediante a formulação de um projeto pensado, discutido e orientado para tais fins. Neste sentido, os PPP’s são elementos centrais à consolidação da EDH nas escolas, na medida em que são projetos coletivos que expressam simultaneamente o que a escola é e aquilo que ela pretender ser. (2015, p. 280)

A conclusão a que chegaram é que a maioria dos elementos estava ausente dos documentos analisados ou tinham uma fraca e inconsistente presença, a qual quase nunca se

⁶³ KLEIN, Ana Maria; D’ÁGUA, Solange Lima. A Educação em Direitos Humanos nos Projetos Político-Pedagógicos das escolas de São Paulo. *Educar em Revista*, n° 55, p. 277-292, jan/mar. 2015. Editora UFPR.

traduzia em projetos ou ações concretas de implementação da EDH nas unidades escolares. Essa pesquisa nos oferece uma amostra de como a legislação não cria o real e está distante do cotidiano das escolas e, ao mesmo tempo, nos ajuda a reconhecer pontos que devem ser analisados quanto ao nosso objeto de estudo, nesse caso, a Escola Zacaria.

4.1 APRESENTAÇÃO E PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO – PRINCÍPIOS E FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

“[...] na busca de caminhos para a construção de uma nova escola pública, passamos a nos preocupar com a construção de um Projeto Político Pedagógico que desse à escola um caráter verdadeiramente público e popular [...]” (PPP, p. 5)

Antes de partirmos para as intencionalidades da versão mais atualizada do PPP da Escola Zacaria, pensamos ser importante o resgate da organização e reflexão que orientaram a elaboração da primeira versão do documento nessa escola. Naquela ocasião, sentiu-se a necessidade de criar subtemas do projeto para cada ciclo. O ciclo I trabalharia com “A leitura e escrita como direito do homem” e o ciclo II “Viver com dignidade”. Sobre o resultado desse esforço conjunto Olga, coordenadora pedagógica à época, explica

“[...] Esses subtemas foram fundamentais para o aprofundamento teórico sobre o trabalho pedagógico e para a organização do ensino nos componentes curriculares. Foram os primeiros organizadores das ações docentes e o desvelamento de seus significados permitiu que os professores encontrassem mais sentido no trabalho que desenvolviam em sala de aula. [...]” (Ibidem, p. 134)

Segundo a mesma, os professores do ciclo I ampliaram sua compreensão sobre alfabetização e passaram a utilizar livros de literatura infantil para complementar o trabalho com o livro didático. Já no ciclo II, com um melhor compartilhamento de ideias entre os professores, foi possível realizar projetos interessantes, resultando em uma maior participação dos alunos nas atividades propostas e, gradativamente, contribuiu para a superação do desinteresse e da apatia.

Esse breve recuo no tempo possibilita um mergulho na última versão do PPP da Escola Zacaria no qual lê-se o título: CIDADANIA – UMA CONSTRUÇÃO EM PROCESSO seguido da citação de Paulo Freire:

“Estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos

de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou tecnologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar, não é possível. (1996, p. 57)

Aqui podemos identificar a ideia de cidadania ativa, já conceituada no capítulo 2, como uma busca da Escola Zacaria que se expressa no excerto acima quando Paulo Freire se refere ao estar no mundo mais do que como um corpo presente ou um número de identidade, mas como uma voz, uma mente, um pensar e agir para si e para o outro à sua volta. A escola demonstra nessas breves linhas, e ao longo de todo o documento, sua preocupação com a formação cidadã de seus educandos e educadores.

A partir daí o texto de apresentação segue afirmando a necessidade de toda escola ter um projeto intencional e bem direcionado para alcançar os objetivos traçados. Na Escola Zacaria ele é construído cotidianamente e de forma transparente para a comunidade, deixando claro que modelos prontos não servem, posto que cada escola tem sua realidade e seus desafios.

Construí-lo, pois, significa ver e assumir a educação como processo de ensino e aprendizagem, inserida no mundo da vida, de formação de convicções, de afetos, de motivação, de significações, de valores e desejos.” (PPP, p. 4)

E continua

Assim, a grande tarefa a ser empreendida por nós educadores, na realidade onde atuamos e em parceria com os educandos e suas famílias, é a construção de uma nova escola pública. Uma escola que, voltada e preocupada com a formação das crianças, jovens e adultos como sujeitos que têm direito a uma educação básica e de boa qualidade, está comprometida em rever e repensar o seu currículo, suas práticas discriminatórias, preconceituosas, excludentes e mecanizadas superando-as através da reflexão, da análise, do planejamento e da avaliação permanente. (Ibidem, p. 4)

É mister que a construção do PPP de uma escola seja um processo coletivo, que envolva todos aqueles que formam aquela comunidade escolar. Sobre isso, a professora Viviane ressaltou em entrevista

Nosso PPP é construído pelo grupo. Nós temos as nossas JEIF's⁶⁴ e, anualmente, em cada grupo da JEIF é trabalhado esse PPP... o que nós vamos construir nele. Nosso PPP é voltado para o étnico-racial, para a questão de gênero e pra todas as políticas públicas, principalmente pra questão da acessibilidade dos nossos alunos, da inclusão.

⁶⁴ Jornada Especial Integral de Formação realizada na escola.

[...] Recentemente tivemos a questão do Escola Sem Partido⁶⁵. Então a gente procura ter sempre embasamento do PPP pra garantir tudo que será feito em sala de aula.

A percepção da existência de uma gestão democrática⁶⁶ que promove um diálogo para a construção do PPP é observada pela supervisora Solange Amorim quando a mesma afirma: “Eu queria destacar que o PPP da Escola Zacaria é construído a muitas mãos. Eu acho que tem a gestão democrática como princípio posto em prática. Acho que isso é fundamental na construção[...]”.

Solange segue refletindo sobre o documento, reconhecendo sua dinamicidade, intencionalidade e compromisso com a transformação social da comunidade

O projeto político pedagógico é vivo, é dinâmico, é alegre. A gente se emociona quando lê o PPP da Escola Zacaria porque a gente vê que não é só teoria. Tem teoria, tem formação, tem estudo e tem intencionalidade e que essas intencionalidades são decisivas para aquele sujeito histórico que está ali, periférico e que está em um processo formativo e que precisa de uma escola que o empodere. Eu acho que o projeto político pedagógico cumpre esse papel e a gente fica muito emocionado... eu lembro que quando eu li... ele tem história. Não é um projetinho... é um calhamaço (risos). Eu li e produzi um texto porque, na condição de supervisora, acho que tem a dimensão técnica, obviamente, mas tem a dimensão da gente (educador) se encantar com os processos e o PPP dessa unidade. É um projeto encantador que te convida a acreditar na educação, a acreditar na escola pública.

Paulo Freire perpassa todo esse texto, explícita ou implicitamente. A então coordenadora pedagógica, Olga, foi aluna e colega de trabalho do grande autor e contribuiu de modo central na confecção desse PPP. Há uma forte identificação entre os princípios de Paulo Freire e o PPP em questão. Na Escola Zacaria abraçar o compromisso de pensar/ praticar uma nova escola pública vai muito além dos aspectos formais. Pelo contrário, exige ousadia e coragem. Segundo a professora Socorro “o diferencial da Escola Zacaria é a ousadia”, qualidade tantas vezes conclamada por Paulo Freire.

O documento segue trazendo à luz o desafio enfrentado pelos professores e enumera suas dificuldades. Citando a obra “Dança das Mudanças” de Linda Pierce, o texto fala na necessidade da integração entre os aspectos intelectual, emocional e da ação para que se consiga implementar projetos (cabeça, coração e mãos em sintonia, trabalhando juntos).

O PPP continua no mesmo parágrafo defendendo que

⁶⁵ De acordo com a página Politize, trata-se de “um movimento criado em 2004 pelo procurador de São Paulo, Miguel Nagib. Segundo o site oficial do movimento, sua motivação surge de uma preocupação com ‘o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras’.(...) O Movimento Escola Sem Partido, depois de mais de uma década ativo, decidiu suspender suas atividades em 1º de agosto de 2019.”

⁶⁶ Parte-se do entendimento que a gestão democrática na escola pressupõe não apenas a participação no nível da consulta, mas também os âmbitos de decisão e execução.

Por isso o projeto político pedagógico não pode se reduzir, apenas, à sua dimensão técnica, esquecendo a existencial, porque isso elimina a sua dimensão política. Se toda educação é um ato político, o projeto pedagógico, também o será. Portanto, quem atua na área da educação e da escola não pode dissociar o sonho de humanidade, de sociedade e de pessoa, de seu viver e, por isso, de seu fazer pedagógico. (Ibidem, p.4)

A ideia apresentada em seguida é a de que não adianta procurar e apontar possíveis culpados pelo atual cenário da educação e do trabalho docente. O que se pretende é superar essa realidade tantas vezes constatada. Trata-se do compromisso que afirma a possibilidade de uma educação pública de qualidade⁶⁷. Para isso, segundo o PPP, carecemos de

Professores valorizados profissionalmente e engajados na sua formação, construindo projetos e fazendo uso dos recursos à disposição na escola para reorganizar e reconstruir a própria ação docente em novos padrões de significação e importância, buscando atender as especificidades dos alunos que chegam à escola, cultivando em si mesmos e em seus alunos a curiosidade que suscita e impulsiona o desejo e a vontade de aprender e de ensinar. (Ibidem, p.5)

Morin (2000) nos adverte sobre a importância de uma educação que encoraje e estimule a aptidão interrogativa, orientando-a “para os problemas fundamentais de nossa própria condição e de nossa época.” Ele afirma que o pleno desenvolvimento da inteligência geral exige

[...] o livre exercício da faculdade mais comum e mais ativa na infância e na adolescência, a curiosidade, que, muito frequentemente, é aniquilada pela instrução, quando, ao contrário, trata-se de estimulá-la ou despertá-la, se estiver adormecida. (p. 22)

Invocando outros pontos defendidos por Paulo Freire, como *não há docência sem discência* e que *ensinar exige pesquisa*, o documento segue destacando a importância da produção autoral dos professores e professoras na construção de um currículo⁶⁸ significativo para os educandos e que contemple as diferenças e a diversidade humana que compõem a escola. Esse trecho final resgata a ideia de que o ensinar exige a rejeição de qualquer forma de discriminação.

O texto continua citando Paulo Freire sobre uma nova escola pública que

⁶⁷ Embora o PPP da Escola Zacaria não defina de maneira direta o que entende por educação de qualidade, faz-se necessário trazer uma breve definição sobre como concebemos esse tema. Para tanto utilizou-se GADOTTI(2019): “Qualidade em educação é um conceito político em disputa. Para alcançá-la, precisamos de investimentos de longo prazo, participação social e reconhecimento das diversidades e desigualdades sociais presentes na nossa realidade. Para ser de qualidade, a educação precisa construir sujeitos de direitos, inclusão cultural e social, qualidade de vida etc.” (p. 75)

⁶⁸ Na obra Dicionário Paulo Freire, a prof^a Ana Maria Saul traz a definição de currículo para Paulo Freire: “Currículo é, na acepção freiriana, a política, a teoria e a prática do que-fazer na educação, no espaço escolar, e nas ações que acontecem fora desse espaço, numa perspectiva crítico-transformadora.” (p.109)

Se assume como um centro de direitos e deveres (...) que viabiliza a cidadania de quem está nela e de quem vem a ela (...) que se exercita na construção da cidadania de quem usa seu espaço. Que é coerente com a liberdade, com o seu discurso formador, libertador. (...) que brigando para ser ela mesma, luta para que os educandos-educadores também sejam eles mesmos. E, como ninguém pode ser só, é uma escola de comunidade, de companheirismo (...) de produção comum do saber e da liberdade (...) que não pode ser jamais silenciosa nem jamais autoritária. É uma escola que vive a experiência tensa da democracia (Gadotti e Romão. 1997. Quarta capa)

Assume-se no documento a intenção de imprimir uma dimensão política à ação pedagógica. A partir do tema que o norteia, “CIDADANIA, uma construção em processo” há uma fusão orgânica com a concepção de EDH como procurou-se evidenciar em outros momentos da pesquisa.

Nesse ponto inicial de análise do PPP vale trazer um fato marcante que envolve fortemente esse processo de luta por direitos e reconhecimento do direito de ser gente e poder frequentar todo e qualquer espaço de cultura. Trata-se da carta aberta⁶⁹ escrita em 2002 por alunos e alunas da 7ª série (atual 8º ano), com a colaboração da professora Suzana Prudente Correa, em virtude de um ato de discriminação que o grupo de alunos sofreu durante visita à exposição “Amazonia BR” no SESC Pompéia. O título escolhido para a carta foi “Aos que Gostam de Gente e de ser Gente”. Na ocasião, o grupo de alunos teria sido acusado por uma senhora de ter roubado sementes que estavam expostas. Eles também foram alvo de inúmeros xingamentos por parte dessa pessoa e como resposta elaboraram um texto no qual expõem sua indignação e defendem o direito das pessoas da periferia de serem tratadas com respeito. e não serem tachadas de vagabundos por morarem nas regiões mais carentes da cidade. Uma das passagens da carta diz

Um dia, um de nós, que estamos escrevendo esta carta, será um JUIZ e assim poderemos mostrar através da justiça, que o povo da periferia não nasce para ser vagabundo, porque se houvesse justiça como nós jovens pensamos e sentimos, o mundo não teria tanta fome, tanta miséria, tanta criança morrendo nos hospitais, tanta poluição e tanta violência. A violência na periferia não está nas pessoas. Está no sistema que coloca tanta desigualdade, assim como aquela mulher que queria nos ver longe da exposição. (p. 43)

A professora e os alunos transformaram um fato triste e revoltante em uma possibilidade de refletirem sobre visões e preconceitos da sociedade e foram impulsionados a produzir esse documento que amplifica suas vozes, deixando claro que não aceitarão essa atitude discriminatória, reconhecendo e valorizando suas próprias origens.

⁶⁹ Texto publicado na Revista PROVE, ano 1, nº 1, 2002. O conteúdo completo da carta encontra-se em anexo.

Retornando ao texto do PPP, o mesmo pode ser melhor entendido em sua defesa da democracia e da educação pública, a partir de seus princípios, os quais estão descritos da seguinte forma:

- Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- Qualidade da educação que não pode ser privilégio de minorias econômicas e sociais;
- Gestão democrática que deve abranger as dimensões pedagógica, administrativa e financeira;
- Liberdade associada ao conceito de autonomia;
- Valorização do magistério, que é um princípio central na discussão do PPP.

O trabalho de construção do PPP está organizado em alguns pontos que parecem fundamentais para se pensar a escola, quais sejam⁷⁰:

A) GESTÃO DA ESCOLA (esse tema merecerá atenção especial no Cap. 6)

Nesse trecho somos brindados com mais um ensinamento de Paulo Freire:

Tudo o que a gente puder fazer no sentido de convocar os que vivem em torno da ESCOLA, e dentro da escola, no sentido de participarem, de tomarem um pouco o destino da escola na mão também. Tudo o que a gente puder fazer nesse sentido é pouco ainda, considerando o trabalho imenso que se põe diante de nós que é o de assumir esse país democraticamente. (PPP, p. 6)

A seguir é feita a defesa de uma gestão democrática, que reconhece o papel de liderança do diretor, legitimado pelo coletivo da escola e pelo Conselho de Escola. Ressalta-se que o pleno funcionamento desse órgão requer paciência, respeito e tolerância de todos que o compõem, como um grupo que representa os anseios de toda a comunidade escolar. Anseios estes que só podem ser identificados por quem se faz atento, presente e aberto às necessidades de seus membros.

B) ORGANIZAÇÃO DO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM EM CICLOS

Partindo do pressuposto de que seria necessário romper com a tradição autoritária e excludente da escola pública brasileira, foram criados os ciclos de aprendizagem que, segundo o texto, só são viáveis “numa concepção de escola democrática, solidária e crítica”. E segue lembrando que “é impossível pensar a organização do ensino fundamental em ciclos utilizando referenciais de rigidez, fragmentação, homogeneização e formalismo da escola tradicional.” (PPP p.7)

⁷⁰ Ações que envolvem o Grupo de Trabalho TERRITORIALIDADES (por ser um projeto mais recente, o mesmo não está no escopo desta pesquisa)

Continua com a descrição para cada ciclo de aprendizagem, devendo constituir a orientação da proposta curricular e da metodologia de ensino.

➤ **CICLO DE ALFABETIZAÇÃO (1º AO 3º ANO) INTEGRAL**

São listados os principais objetivos a serem alcançados nessa etapa, entre eles: a participação em atividades lúdicas; o desenvolvimento de atitudes e valores que resultem em respeito consigo e com os outros; que estejam alfabetizados ao final do ciclo assim denominado, desenvolvendo a leitura e a produção de textos e que esse processo seja acompanhado de uma atitude de interesse, curiosidade e questionamento sobre a vida cotidiana e o mundo à sua volta.

Sobre o sentido da alfabetização, no prefácio da obra *Pedagogia do Oprimido*, o professor Ernani Maria Fiori pensa que talvez possamos defini-lo como “aprender a escrever a sua vida como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se.” (p.12)

O professor Reginaldo Ferraz Gonçalves, que já há algum tempo está à frente de turmas de 1º ano da Escola Zacaria, nos falou um pouco sobre como se dá o processo de alfabetização nesse ciclo. Segundo ele, inicia-se com a sondagem em Língua Portuguesa e Matemática e percorre um caminho no qual são ofertados aos estudantes diversos gêneros textuais para o deleite da leitura

Para que eles possam ter contato com essa diversidade textual que circula nas esferas sociais e que tenham acesso e ingressem no mundo letrado e participem de situações que promovam também a oralidade (roda de conversa, debates, reconto e outros) e desenvolvam a autonomia no que diz respeito a leitura e à escrita.

São utilizados os materiais fornecidos pela Prefeitura Municipal de São Paulo (Cadernos da cidade) e os livros do PNLD⁷¹ – Ápis de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia e História, mas há muita flexibilidade durante o planejamento para utilizarem outros materiais, como jogos e brincadeiras.

Nosso trabalho é planejado de forma que possibilite às crianças a reflexão acerca do funcionamento do sistema de escrita para que elas possam utilizá-lo em suas interações sociais e ajudá-las a se constituírem como produtoras de textos.

➤ **CICLO INTERDISCIPLINAR (4º AO 6º ANO)**

Nesse ciclo, segundo o texto, espera-se que o educando:

- a) amplie a autonomia nas competências de leitura e escrita;

⁷¹ PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

- b) utilize a linguagem matemática para resolver problemas da vida cotidiana;
- c) aprenda a ter um olhar interdisciplinar sobre um objeto do conhecimento;
- d) intervenha em situações concretas que envolvam justiça, humanidade, liberdade e outras e que compreenda cidadania como participação social e política, assim como exercícios de direitos e deveres políticos, civis e sociais.

➤ CICLO AUTORAL (7º AO 9º ANO)

Ao término desse ciclo espera-se que o educando:

- a) interaja com diferentes gêneros textuais e literários, comunicando-se com fluência e raciocínio lógico;
- b) faça uso de metodologias de pesquisa que permitam a construção de conhecimento e a compreensão da cidadania como participação social e política e esteja preocupado e engajado em auxiliar na construção de soluções para as situações vivenciadas na escola e na comunidade, colocando em prática a criticidade e a solidariedade.

➤ EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

É esperado que os alunos desse ciclo: vinculem os aprendizados da língua escrita (representação alfabética e ortográfica) e da notação matemática ao seu desenvolvimento social e intelectual, permitindo a construção de um patamar de entendimento sobre a realidade para além do senso comum, ampliando também o conhecimento das ciências, das artes, da filosofia e outras áreas.

Solicitei à professora Maria do Socorro (já mencionada) informações adicionais sobre como acontece o processo de alfabetização na modalidade EJA da Escola Zacaria. O que segue está baseado no texto gentilmente produzido por ela especialmente para nossa pesquisa e que trago a seguir.

A modalidade EJA ocorre no período noturno com turmas do Fundamental I e, segundo ela, não raro esses alunos optam por continuar o Fundamental II na mesma escola, mesmo que esse novo ciclo seja regular. Isso, segundo Socorro, demonstra uma relação de afeto e segurança desenvolvidos na escola e como as amizades podem contribuir para um ambiente de aprendizagem mais significativo.

Como base do processo de alfabetização da EJA são utilizados os materiais da prefeitura e durante o planejamento são feitas as devidas adequações a partir das ideias freirianas. A começar pelas histórias que os estudantes trazem para a sala de aula, as quais expressam conquistas e frustrações. *Essas histórias são inspirações, por excelência, para um trabalho*

revelador da importância de experiências concretas para o desenvolvimento de um trabalho onde se colocam por inteiro.

Partem da oralidade desses tempos vividos e viventes como explicitação daquilo que posteriormente será transcrito. Sendo assim, o processo de alfabetização utiliza-se das histórias dos próprios sujeitos para a recuperação de palavras significativas que iniciarão essa etapa da aprendizagem. Os textos que serão produzidos contextualizam os temas a serem estudados. Não se trabalham temas e palavras aleatórios que os estudantes devem receber passivamente. Esses mesmos textos compõem ainda atividades interdisciplinares que permitirão a construção de uma conexão entre as histórias pessoais e as histórias do território e da sociedade de maneira mais ampla.

É enriquecedor perceber a forma espantosa como vão descobrindo que não são pessoas à parte dos acontecimentos. Suas vitórias vão se imbricando nas histórias dos colegas e das notícias que escutam. A geografia física de onde vieram e de onde vivem, os motivos que os trouxeram até aquele momento, as dificuldades enfrentadas na criação dos filhos, alimentação, educação, vestuário, trabalho, lazer etc., aparecem claramente como elementos vivenciados ou negados nas vidas que compõem a turma.

Como resultado desse trabalho no cotidiano, o aprender a ler e escrever, marcado intensamente pelas histórias de cada um, culmina em um processo crítico de reconhecimento de uma cidadania até então ignorada e distante. Durante as aulas são trabalhados temas como migração, moradia, trabalho infantil, violência doméstica e outros, as quais foram planejadas a partir das vivências dos estudantes.

No final do ciclo, as histórias de vida que foram utilizadas para a compreensão do passado e projeção do futuro resultam em livros autobiográficos que muito orgulham os autores e autoras por perceberem que são de fato cidadãos inseridos em histórias que antes pareciam tão distantes de serem entendidas. Um desses livros resultantes desse trabalho que realizei junto aos outros alfabetizadores da EJA é “Histórias de ontem e de hoje”.

C) CONCEPÇÃO DA AVALIAÇÃO DISSOCIADA DE SIMPLEMENTE PROMOVER OU RETER

“Avaliar é apontar para o valor. E só se fala em valor do ‘departamento do humano’, que é o campo do simbólico, da atribuição de significado, de sentido.” (Terezinha A. Rios).

No documento, a avaliação⁷² é encarada “como um processo contínuo, dinâmico, cumulativo e formativo e inclui tanto a avaliação da aprendizagem e desenvolvimento dos alunos como a avaliação do ensino que lhes é oferecido.” (p. 10)

A compreensão acima parece ir ao encontro do que nos ensina Terezinha Azerêdo Rios ao afirmar que “a avaliação tem, portanto, um caráter processual, dinâmico, que faz parte de uma dinâmica mais ampla, a da prática educativa e a da convivência social.” (1998, p. 97)

D) MANUTENÇÃO DE UM PROJETO DE FORMAÇÃO PERMANENTE DO EDUCADOR

Mais uma vez inspirada por Paulo Freire que afirmava, em sua passagem como secretário de educação de São Paulo, que os projetos de formação permanente do educador deveriam ser desenvolvidos na própria escola ou por um conjunto de escolas próximas, a Escola Zacaria se juntou a outras escolas do entorno e, em 1998, criou o PROVE – Projeto de Valorização do Educador e Melhoria da Qualidade do Ensino. Agora em 2020, na 23ª edição, o projeto segue sendo alimento, impulso e energia para a reflexão sobre a prática pedagógica e que coloca a formação no próprio projeto de vida do educador. O PROVE receberá especial atenção no capítulo 5.

4.2 A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

A escola está organizada a partir de ciclos de aprendizagem já mencionados e a proposta curricular está referendada no “Programa de Reorganização Curricular e Administrativa, Ampliação e Fortalecimento da Rede Municipal de Ensino de São Paulo – Mais Educação São Paulo”, Decreto nº 54.452 de 10/10/2013. (p. 35)

Segue tabela para ilustrar a Proposta de Reorganização Curricular para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos - turmas e aulas por tipo de professor e tipo de atividade:

⁷² A forma como a avaliação é compreendida pela Escola Zacaria será melhor detalhada ao longo desse capítulo, assim como prevê o PPP.

Quadro 1 — Grade de aulas por ciclo

CICLO DE ALFABETIZAÇÃO				CICLO INTERDISCIPLINAR			CICLO AUTORAL		
Tempos	1ºano	2ºano	3ºano	4ºano	5ºano	6ºano	7ºano	8ºano	9ºano
1	Polivalente	Polivalente	Polivalente	Polivalente	Polivalente	Polivalente LP/MAT	Especialista	Especialista	Especialista
2	Polivalente	Polivalente	Polivalente	Polivalente	Polivalente	Polivalente LP/MAT	Especialista	Especialista	Especialista
3	Polivalente	Polivalente	Polivalente	Polivalente	Polivalente	História	Especialista	Especialista	Especialista
4	Polivalente	Polivalente	Polivalente	Polivalente	Esp/Projeto	Geografia	Especialista	Especialista	Especialista
5	Polivalente	Polivalente	Polivalente	Esp/Projeto	Esp/Projeto	Ciências	Especialista	Especialista	Especialista
6	Integração/ Projetos	Integração/ Projetos	Integração/ Projetos	Integração/ Projetos	Integração/ Projetos	Integração/ Projetos	Integração/ Projetos	Integração/ Projetos	Integração/ Projetos

Fonte: PPP 2019-2020

4.2.1 Educação Integral⁷³

A partir de 2017 houve uma mudança em virtude da opção pela ampliação da Educação Integral. Trata-se de uma escolha aprovada pelo conselho de escola e na prática os alunos passam a entrar na escola às 12h00 e sair às 19h00, ampliando o tempo de permanência para 7 horas. Essa alteração começou a valer apenas para os 1ºs, 2ºs e 3ºs anos do ensino fundamental. A adesão a esse programa resultou, segundo a coordenadora pedagógica Luciana Dias, a partir de um levantamento interno, em 100% de estudantes alfabetizados ao final do ciclo de alfabetização em 2018 e 2019.

⁷³ Cabe lembrar que a ideia de Educação Integral e a luta por ela teve início no movimento operário, a partir da segunda metade do século XIX. Foi tema de acaloradas discussões na I Internacional (1864) e também objeto de estudos de anarquistas e marxistas desde aquela época. A ideia de Educação Integral para o movimento socialista está ligada profundamente à superação da divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual. As experiências de educação anarquista procuraram, na prática, resolver esse dilema que o capitalismo criou e recria permanentemente.

No PPP a decisão de aderir ao programa de Educação Integral se explica pela compreensão da necessidade de tentar garantir o desenvolvimento global do sujeito (intelectual, física, emocional, social e cultural) com foco na formação crítica, autônoma e responsável individualmente e socialmente. Seu caráter inclusivo “reconhece a singularidade dos sujeitos, suas múltiplas identidades e se sustenta na construção da pertinência do projeto educativo para todos e todas” e promove a equidade

ao reconhecer o direito de todos e todas de aprender e acessar oportunidades educativas diferenciadas e diversificadas a partir da interação com múltiplas linguagens, recursos, espaços, saberes e agentes, condição fundamental para o enfrentamento das desigualdades educacionais. (p. 35)

A portaria nº 8003 de 09 de outubro de 2017 prevê que sejam oferecidas opções de áreas que contribuem com o desenvolvimento dos educandos por meio dos percursos que fazem parte dos “Territórios do Saber”. Após discussões com a equipe escolar, foram escolhidos os seguintes territórios para fazerem parte da Matriz Curricular de 2020 da Escola Zacaria:

- Jogos e Brincadeiras;
- Horta

Após esse detalhamento dos ciclos, o texto segue com informações sobre algumas práticas pedagógicas que valem para todos os ciclos e aparecem sublinhadas para que tenham o devido destaque.

As atividades de lição de casa estão previstas e são entendidas como “instrumentos que contribuirão para a consolidação dos conteúdos desenvolvidos no âmbito escolar, propiciando, ainda, o acompanhamento e a participação das famílias no processo de ensino e de aprendizagem.” (PPP, p. 38)

Quanto às avaliações, o texto as separa em: institucional, externa e interna considerando que todas são de caráter formativo e comporão o processo de aprendizagem. Segue afirmando que a avaliação deve ser contínua e contar com instrumentos diversificados ao longo do processo de aprendizagem e que ao final de cada bimestre resultarão em conceitos de 0 a 10. (Os professores possuem total autonomia quanto à escolha desses instrumentos de avaliação, não havendo na escola os chamados provões ou semana de provas ao final de cada bimestre). Então ocorrem os períodos de análise do desempenho dos alunos. Esse critério não se aplica aos educandos do Ciclo de Alfabetização pois nesse caso a “avaliação dos alunos será de caráter formativo e não classificatório, considerando o processo por meio de registros reflexivos, avaliação por pares, com roteiro e critérios claros.” (Ibidem, p.38)

O documento lembra que, conforme legislação vigente, ao final de todos os ciclos o aluno poderá ficar retido e, de acordo com a coordenadora Luciana Dias, o número de retenções da escola é baixo, se comparado com outras unidades ou redes de ensino, geralmente ficando entre 1 e 2 alunos por sala, mas há salas em que este número é zero.

No intuito de corroborar o entendimento sobre a forma como a avaliação é trabalhada na Escola Zacaria trazemos a fala da professora Viviane em entrevista

Nós temos as avaliações externas mesmo...a Provinha São Paulo e a Prova Brasil que todos os alunos precisam passar por ela. Então isso já é uma prática obrigatória, embora boa parte dos colegas... nós não concordamos com esse tipo de avaliação⁷⁴. E aí cada professor tem a sua avaliação em sala de aula. Então nós vamos ter no bimestre professores que vão dar diversos trabalhos e, às vezes, uma avaliação. E a nota bimestral do aluno vai ser com base nas atividades que ele fez. Já tem outros que acabam aplicando a prova bimestral mesmo e essa nota é que vai ser lançada no boletim do aluno. Então, cada professor tem autonomia pra realizar a sua avaliação. Na fase de alfabetização, por exemplo, nós usamos a sondagem e ali o professor também pode se basear só nessa sondagem como material de avaliação. Ele não precisa aplicar nenhuma prova objetiva para o aluno.

4.2.2 Avaliação institucional – A dialogicidade no centro das ações

“Acreditamos que essa prática seja o nosso grande mérito, o caminho para correções de rumos, que vai continuamente melhorando nossa atuação e conseqüentemente, o ensino e aprendizagem na escola.” (PPP, p. 39)

A Escola Zacaria, além das avaliações de aprendizagem e desenvolvimento dos educandos, realiza, anualmente, uma autoavaliação institucional. Ambas são reconhecidas pela escola “como fatores desencadeadores de reflexões, ajustes, rupturas e grandes mudanças.” (Ibidem p. 39)

Uma vez identificados os pontos de atenção, as eventuais correções nos rumos são pensadas e decididas conjuntamente. Segundo Olga, a autoavaliação vem se constituindo como um momento

[...] onde se reconhecem os conflitos e as contradições, onde procuramos explicitá-los para serem desvelados, discutidos, visando a tomada de decisões consensuais sobre procedimentos e encaminhamentos, sobre ações que despertem para a necessidade de compromisso em relação as opções feitas. (PPP, p. 39)

⁷⁴ No texto *Crítica da Filosofia da Avaliação*, trabalho que compõe a obra “O Que Avaliar Quer Dizer?”, Martucelli critica a forma como o Estado pretende transformar cidadão em usuário a partir da medição da qualidade dos serviços prestados. Ela dirá: “Ao instituir avaliações permanentes sobre a qualidade dos serviços públicos, o Estado gera uma mercantilização da cidadania.” (p. 54)

Inicialmente apenas os professores eram ouvidos nesse processo, mas posteriormente viu-se a necessidade de ampliar essa escuta e esse olhar para estudantes, pais e funcionários. “A nossa intenção é garantir o direito à participação de todos e a construção de um modo de administrar a escola, competente, transparente e que inspire confiança, respeito e o bem estar de todos.” (PPP, p. 39)

A aplicação desse instrumento de avaliação ocorre em momentos específicos (não mencionados) e ao final do ano letivo o material é recolhido, as respostas são lidas e tabuladas. Essas informações são transformadas em um texto que será distribuído e trabalhado com todos os professores nos dias de planejamento que ocorrem no início do ano. As discussões desenvolvidas irão embasar os ajustes necessários ao PPP.

Novamente há convergência com o pensamento de RIOS quando a mesma afirma que avaliar

pressupõe definir princípios, em função de objetivos que se pretendem alcançar; estabelecer instrumentos para a ação e definir caminhos para atingir o fim; verificar constantemente a caminhada, de forma crítica, levando em consideração todos os elementos aí desenvolvidos. (1998, p. 97)

4.2.3 Proposta curricular da escola

A proposta pedagógica curricular da Escola Zacaria é discutida, planejada e elaborada pelo conjunto dos educadores da unidade escolar durante as JEIF’s, nos grupos de estudos e demais reuniões pedagógicas previstas no calendário escolar. Parte-se de uma concepção de currículo “que contemple a formação humana, sem perder de vista a dimensão histórica da sua construção coletiva” a qual permite um trabalho pedagógico que resulte “na qualidade da educação e da realização das transformações sociais necessárias.” (PPP, p. 41)

O texto segue organizado em itens:

A) Síntese das análises do aproveitamento e desenvolvimento das aprendizagens dos educandos de acordo com as avaliações internas e externas

De posse dos resultados das avaliações externas e internas o que vem se percebendo é que os resultados ainda não são os desejáveis quanto às expectativas de aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática. No sentido de alcançar um melhor desempenho, ao longo do ano se realiza um trabalho de recuperação contínua com o professor da sala e auxílio dos professores em módulos⁷⁵. Para os alunos que “apresentam pouco domínio das convenções da escrita

⁷⁵ É o professor que não tem aulas atribuídas ou não completou a jornada. Atua também como professor substituto.

e da leitura e alfabetização matemática”, há um acompanhamento sistemático com o Professor de Apoio Pedagógico Complementar no contra turno.

Para os 4º e 5º anos pratica-se a docência compartilhada que nada mais é do que um professor de área que acompanha o professor polivalente visando atuar nos projetos interdisciplinares e atenuar as dificuldades na mudança para o 6º ano, investindo nas práticas de leitura e escrita.

Esse mesmo esforço é feito no 6º ano com a presença de um professor polivalente acompanhando as aulas de Língua Portuguesa e Matemática também com o objetivo de que o aluno chegue no ciclo autoral “com maior autonomia, inseridos no universo da cultura letrada e resolução de problemas, conhecimentos básicos a todas as áreas do conhecimento.” (p. 42)

B) Metas de aprendizagem e desenvolvimento dos educandos a partir da relação estabelecida com as metas para o sistema municipal de educação e indicador de desenvolvimento da educação básica (IDEB)

A Escola Zacaria está comprometida com as políticas educacionais brasileiras e mantém um “esforço permanente na busca de uma educação mais igualitária e justa para todos os discentes, independentemente de suas condições pessoais ou sociais, como pré-requisitos para melhor exercer sua cidadania[...]”. (Ibidem, p.42)

Com base nos dados governamentais, avaliações de aprendizagem e autoavaliação institucional a escola elaborou 9 metas para os anos de 2019 e 2020. Elas possuem objetivos diversos e abarcam desde a autonomia leitora e escritora que deve ser atingida pelos estudantes a cada ciclo até a garantia e o aprofundamento dos espaços de discussão que permitam maior engajamento e participação da comunidade escolar nas reflexões que envolvem a escola e a sociedade como um todo.

Segue a íntegra das metas descritas no PPP pois qualquer tentativa de sintetizá-las certamente comprometeria o objetivo originalmente pensado:

- Assegurar que, ao final do Ciclo de alfabetização todas as crianças estejam alfabetizadas, respeitando as especificidades dos alunos com deficiência;
- Consolidar o processo de alfabetização/ letramento e de resolução de problemas matemáticos com autonomia para a leitura e a escrita, interagindo com diferentes gêneros textuais e literários e comunicando-se com fluência e com raciocínio lógico no Ciclo interdisciplinar;
- Promover a construção de projetos curriculares comprometidos com a intervenção social e concretizados por meio do Trabalho Colaborativo de Autoria – TCA, no Ciclo Autoral, com ênfase ao desenvolvimento da construção do conhecimento, considerando

o domínio das diferentes linguagens, a busca da resolução de problemas, a análise crítica e a estimulação dos educandos à autoria;

- Garantir na Educação de Jovens e Adultos, alfabetização e o letramento como forma de expressão, interpretação e participação social, no exercício da cidadania plena, ampliando a leitura de mundo do jovem e do adulto favorecendo a sua formação integral, por meio da aquisição de conhecimentos, valores e habilidades para leitura, escrita e oralidade, as múltiplas linguagens, que se articulem entre si e com todos os componentes curriculares, bem como, a solução de problemas matemáticos.
- Oferecer um espaço de estudo e reflexão por meio do PEA, para a construção e vivência de um currículo de lutas pelo direito a uma vida digna e que contribua para a superação e eliminação de qualquer tratamento preconceituoso e de exclusão social.
- Aprofundar as discussões sobre o PPP, o currículo, problematizando sua intencionalidade e as ações efetivamente observadas no processo vivido, visando a Qualidade Social da Educação e a constituição de um currículo que tenha em vista seu papel social em função da comunidade que atende.
- Aprofundar as discussões com os alunos sobre a importância de regras e a organização de assembleias na escola, mediação de conflitos, como uma forma de envolvê-los na tomada de decisões sobre a convivência entre todos na escola e de se sentir “pertencendo” ao grupo, deixando de ser somente aqueles que estavam prestes a obedecer.
- Manter projeto de formação para os pais e comunidade, promovendo momento de estudo com intuito de aprovação em concurso público.
- Manter contato e diálogo com o Conselho Tutelar para encaminhamentos dos casos de crianças com sinais de negligência; propor conversas/projetos com os alunos do noturno incentivando a permanência na escola, desestimulando o abandono; realizar ações orientadas para compensação de ausências.

C) Prioridades e objetivos educacionais que atendam às necessidades de aprendizagem e desenvolvimento dos educandos e as levantadas no estudo diagnóstico da comunidade.

São 16 objetivos considerados prioritários pela escola com os mais diversos temas, abaixo sintetizados:

- Reforçar o cumprimento a Lei 10.639/03 alterada para 11.645/08 que trata da “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”;

- Aprofundar estudos sobre práticas de alfabetização junto aos professores; dar continuidade ao projeto de recuperação paralela;
- Garantir atendimento aos estudantes portadores de necessidades especiais;
- Aumentar o tempo de permanência dos estudantes na escola por meio do programa Novo Mais Educação;
- Implementar o Programa São Paulo Integral para os anos iniciais;
- Oferecer oportunidades de saídas pedagógicas com os estudantes para que tenham vivências e experiências de aprendizagem mais significativas;
- Garantir a continuidade de projetos da escola que priorizam a solidariedade, o trabalho coletivo e o respeito mútuo;
- Promover maior interação entre os professores regentes e os POIE, POSL, PAAE e PRP permitindo um trabalho articulado entre esses profissionais;
- Melhorar a sistematização das avaliações e da autoavaliação;
- Realizar conselhos bimestrais por turma;
- Continuar oferecendo formação continuada para os professores (ex: PROVE);
- Dar continuidade ao Projeto Xerox⁷⁶ e também ao Projeto de Inovação Pedagógica de Gestão na Rede: Aprender e viver: ressignificando a ação dos atores no processo de aprendizagem (envolvendo a participação dos pais e alunos por meio de um processo de formação);
- Cobrar as autoridades competentes uma resposta referente a reforma que a escola necessita.

D) Estratégias de atendimento aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

Sobre essa questão, a escola descreve sua busca de se constituir como um espaço efetivo de inclusão, tendo como pressuposto a diversidade afim de alcançar

[...] a realização do sonho de que todos possam encontrar na escola as oportunidades que necessitam e têm direito para se desenvolverem como sujeitos capazes de pensar, fazer escolhas, assumir uma atividade produtiva, ocupar um lugar de participação efetiva na construção de uma sociedade mais justa e solidária. [...] (PPP, p. 45)

⁷⁶ A escola possui 4 máquinas copiadoras e todo início de ano solicita uma colaboração anual voluntária de R\$ 10,00 (dez reais) por estudante para a impressão de atividades que serão distribuídas aos alunos.

A partir desse entendimento a escola abriu a Sala de Apoio e Acompanhamento à inclusão – SAAI (hoje Sala de Recursos Multifuncionais – SRM). Entende-se que, apesar das dificuldades estruturais históricas que a escola enfrenta pelo fato de ter as salas no primeiro andar sem que exista rampa ou elevador para acessá-las, houve progressos quanto ao “enriquecimento e ampliação do repertório de habilidades e atitudes dos alunos envolvidos mantendo uma complementaridade ao processo pedagógico de sala de aula”. Para isso realiza-se um trabalho de apoio aos professores e de orientação aos familiares no acompanhamento escolar desses alunos.

Em 2019 entra em vigor o AEE – Atendimento Educacional Especializado, o qual prescinde de uma avaliação pedagógica, tem como função “identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras existentes no processo de escolarização e desenvolvimento dos educandos”. Ainda, segundo nova regulamentação, cada aluno deverá ter um Plano de Atendimento Educacional Especializado para orientar seu atendimento.

A escola, com base no decreto 45.415 de 18/10/2014, requereu diminuição da capacidade de alunos de algumas turmas em virtude da dificuldade de atender as necessidades dos alunos, inclusive pelo fato de haver mais de um aluno que precisa de atendimento especial em uma mesma sala.

Para concluir esse item, entende-se que aqui caiba o relato produzido durante uma reunião de professores a qual pude acompanhar na condição de observadora.

06/02/2020- REUNIÃO PEDAGÓGICA COM 12 PROFESSORES DO FUND I E II (JEIF)

No período vespertino, reuniram-se na sala de leitura a coordenadora pedagógica Mônica Almeida e 12 professores do ensino fundamental I e II. Por estarmos no início do ano letivo, a referida reunião, apesar da pauta variada, procurou tratar questões relacionadas ao calendário escolar, especialmente a escolha das datas para realização de vários projetos da escola, mas também discutiram aspectos relacionados ao teor dos projetos a serem desenvolvidos.

Antes, porém, a coordenadora trouxe ao grupo uma das questões levantadas na assembleia sobre as regras de convivência finalizada minutos antes: a liberação para o consumo de doces em dias de avaliação e sublinhou que a regra que vale para os alunos também deve valer para os professores. Esses, por sua vez, lembraram o fato desses alimentos serem prejudiciais à saúde. Foi levantado que talvez não fosse o caso de deixar os alunos decidirem

essa regra sozinhos por eventual falta de maturidade. O assunto deverá ser debatido em momento futuro.

A seguir, falaram sobre o respeito que todos devem ter em relação ao barulho no momento da entrada na escola, visto que existem diferentes turnos e horários. É importante não atrapalhar os estudantes e professores que estejam em aula. Todos demonstraram concordância sobre isso.

A questão seguinte foi o professor de módulo. O grupo demonstrou preocupação com problemas envolvendo professores auxiliares que não conseguem se deslocar de suas residências para a escola por não ter dinheiro para o transporte público e outras burocracias envolvendo os contratos da SME – SP. Aqui nos deparamos com a precarização das condições de trabalho na área da educação, que pode interferir direta ou indiretamente na qualidade do ensino oferecido pela escola, uma vez que o planejamento e a execução das atividades pedagógicas precisam levar em conta o número de funcionários que a unidade dispõe.

Passando para o planejamento do ano letivo, em 2020 diversos projetos devem continuar girando em torno do tema diversidade (já trabalhado em 2019). O grupo problematizou que a escolha se deu em virtude de o tema democracia ser considerado abstrato para muitos dos alunos que estudam nos períodos da manhã e tarde e, portanto, ficou definido que essa temática será trabalhada apenas no período noturno em virtude da maior maturidade dos alunos.

O Carnaval se aproxima e os estudantes do ensino fundamental I farão um trabalho de desconstrução das marchinhas de carnaval, a partir da escolha de sambas enredo com temáticas sociais. Haverá o momento de escuta e pesquisa dessas composições. Foram lembrados alguns sambas enredos possíveis.

Falaram também sobre o projeto Cineminha ou Cinema na escola (já mencionado em outro momento dessa pesquisa) e comentou-se a preocupação com a escolha de filmes que abordassem questões como feminismo, racismo, entre outras. Foram citados os seguintes títulos: “Rainha de Katawe”; “Olhos que condenam”; “O ódio que você semeia”; “Aos treze” e “No limite da traição”.

O calendário preliminar do 1º semestre ficou definido conforme segue⁷⁷:

14/2 - Planejamento deve ser digitado dentro do sistema;

18/2 - Leituração – texto do Carnaval e confecção de máscaras;

19/3 - Cinema na escola com o filme “Rainha de Katawe”;

27/3 – Projeto Aniversário;

⁷⁷ Em virtude da pandemia de Covid-19, esse calendário sofreu alterações.

28/4 – Leituração (tema diversidade);

06/06 – Festa Junina;

20/6 – Projeto Territorialidades;

30/6 – Leituração (tema diversidade).

A partir dessas observações fica evidenciada a intencionalidade de trazer à discussão, desde os primeiros anos do ensino fundamental, o evento/manifestação considerado mais importante da cultura brasileira, o Carnaval, de maneira contextualizada, problematizando as letras dos sambas-enredo e trabalhando eventuais mudanças e permanências produzidas nos últimos anos. Aquilo que poderia ser apenas uma comemoração colorida e divertida na escola é acrescido de reflexões sobre as histórias que são contadas na avenida e talvez produza novos significados para os estudantes.

O mesmo podemos afirmar sobre o projeto Cineminha, que busca ser muito mais do que um momento cultural ou de lazer para os estudantes. Ao trabalhar temas relacionados com o contexto social dos estudantes e, portanto, com a realidade que atravessa o território da escola, ele carrega a intencionalidade de ir além da fruição e do puro deleite que a sétima arte nos proporciona e provocar uma leitura crítica das obras.

4.3 OBJETIVOS DA UNIDADE ESCOLAR

“(…) Não há prática educativa que não se direcione para um certo objetivo, que não envolva um certo sonho, uma certa utopia.” (Paulo Freire, 1994. p. 163).

De acordo com o PPP, a Escola Zacaria “tem por objetivo fundamental o compromisso com uma educação escolar que assegure formação científica, crítica, solidária e de qualidade a todos os alunos”(p.48) e descreve em alguns tópicos de que forma pretende alcançá-lo:

I – O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II – A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, da arte e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III – O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades (de pesquisa, análise, síntese, avaliação) e a formação de atitudes e valores (respeito e preservação de si próprio, dos outros e da natureza);

IV – O fortalecimento dos vínculos, dos laços de solidariedade humana e de tolerância, desenvolvendo além dos aspectos cognitivos e físicos, os afetivos e estéticos, intra e interpessoal, para participar com equilíbrio em qualquer tipo de atividade social;

V – Comunicar-se através das diferentes formas de expressão (oral, plástica, gráfica, corporal, matemática);

VI – Apropriação do saber histórico acumulado pela sociedade e acesso a nossa pluralidade cultural;

VII – Reproduzir conhecimentos, bem como atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir objetivos comuns que garantam respeito aos direitos legais e valorização de identidade cultural brasileira, africana e indígena, como outras que direta ou indiretamente contribuíram (contribuem) para a formação da identidade cultural brasileira;

VIII – Compreender e aceitar o outro na sua singularidade abrindo os horizontes para o desenvolvimento de sociedades inclusivas, proporcionando instrumentos necessários para isso.

Podemos identificar nas ações pretendidas pela escola uma forte relação com os objetivos da EDH. A escola busca uma coerência entre o texto norteador de suas concepções e projetos e a prática pedagógica cotidiana. Terezinha Rios nos adverte que “Se a escola anuncia como seu objetivo a formação de cidadãos, ela terá que construir seu projeto e desenvolver seu trabalho – aí incluída a avaliação – com base nessa concepção.” O artigo de KLEIN e DÁGUA, citado no início desse capítulo, atenta para o fato que “o Projeto Político-Pedagógico é político porque forma para a cidadania”.

4.4 MARCO CONCEITUAL: AS CONCEPÇÕES QUE NORTEIAM AS AÇÕES PEDAGÓGICAS DA ESCOLA ZACARIA

“Ser professor não é professar linhas, métodos ou didáticas. Ser professor é abrir-se ao outro, às relações. Ser professor é ter uma disposição, uma disponibilidade para ser atravessado pelo mundo. É deixar de ser e ser um outro a todo instante.”
(PPP, p. 55)

No item marco conceitual, o documento tem a preocupação de detalhar as concepções adotadas pela escola. São elas: Educação; Ser Humano; Criança; Escola; Educador; Sociedade; Currículo; Aluno; Ensino e Aprendizagem; Alfabetização e Avaliação. A maioria tem como base e fundamentação o pensamento freiriano.

Item por item, o documento apresenta a visão da escola. Começando por entender a Educação “como uma prática social responsável pelo processo de humanização”(p. 49), percebendo e reconhecendo o sujeito em sua integralidade a qual aborda as dimensões física, cognitiva e social e assim favorecendo a formação do pensamento crítico, autônomo e

emancipatório. Nesse sentido, deve-se priorizar a formação de conceitos e pensar o conteúdo “como um meio e não como um fim.”

Educar é libertar o homem da condição de passivo, para sujeito que busca no conhecimento a compreensão da realidade em que está inserido, passando a reconhecer o papel da História e onde a questão da identidade cultural, tanto em sua dimensão individual como em relação a classe dos educandos, é essencial a compreensão do real, entendendo que a aquisição da cultura da humanidade é um direito que deve ser assegurado ao educando. (Ibidem,p.49)

A concepção de sociedade apregoa parte do pressuposto de que a nossa está organizada de uma maneira extremamente desigual. “Concebemos por sociedade, um espaço que tenha por princípio a garantia do cumprimento dos direitos humanos, que garantam o desenvolvimento do homem na sua totalidade, sendo respeitado nas suas diferenças...” (p. 50) Completa esse entendimento, a ideia de que a educação tem um papel fundamental pra enfrentar as desigualdades, podendo contribuir na construção de uma sociedade mais justa e consciente e que a escola jamais se preste ao papel apenas de reprodução da ideologia dominante. Destaca-se a defesa da ação coletiva.

O ser humano é descrito no documento a partir de uma perspectiva histórica, sendo um ser que se faz na relação com seu meio. Caberia a escola atuar nesse processo do fazer-se humano para que possamos construir e compartilhar valores democráticos.

Diante da afirmação sobre o homem, é certo que pensamos numa formação da personalidade ética do cidadão contribuindo para o desenvolvimento da cidadania, constituída de sujeitos ativos preocupados com o mundo em que vivem, indo além de um ser individualizado componente de um grupo social. É nesta formação de homem que acreditamos torná-lo capaz de interpretar o mundo e agir na sua realidade concreta, transformando-a, levando à conscientização, à humanização. (Ibidem, p. 51)

Em relação ao conceito de escola, o texto defende uma escola que acompanhe as mudanças vivenciadas pela sociedade e que não pode estar alheia às questões sociais e tecnológicas. “A escola deve ser espaço social responsável pela apropriação do saber universal, bem como a socialização desse saber...” (Ibidem, p. 52)

Citando Paulo Freire, o texto segue reforçando a necessidade de um outro aprendizado: o de “escrever” a própria vida, sendo que pra isso os sujeitos precisam primeiramente “tomar a história em suas mãos”. Paulo Freire utilizava a expressão “tomar o destino em suas próprias mãos” para se referir ao processo que se dá a partir da leitura crítica da realidade à volta do sujeito.

Nesta perspectiva

Concebemos por escola o espaço de formação da consciência política do aluno para atuar e transformar a realidade, problematizando as relações sociais do homem com a natureza e com os outros homens, visando a transformação social. Dessa forma, acreditamos que é papel da escola promover a interação entre os saberes populares e os científicos permeados pela vivência e experiência escolar, ressignificando-os e dotando-os de sentido, possibilitando a aquisição do conhecimento por meio de aprendizagens significativas. (PPP, p. 52)

Morin (2000) nos ensina sobre esta questão a partir da seguinte passagem na qual Montaigne diz que tem mais valor uma cabeça bem-feita que bem cheia

O significado de “uma cabeça bem cheia” é óbvio: é uma cabeça onde o saber é acumulado, empilhado, e não dispõe de um princípio de seleção e organização que lhe dê sentido. “Uma cabeça bem-feita” significa que, em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de: - uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas; - princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido. (p. 21)

Para além de um aprendizado que tenha sentido, a Escola Zacaria propõe a construção de um aprendizado horizontal e coletivo com ampla participação de professores e alunos em um processo democrático.

O conhecimento é defendido no texto como algo que se dá a partir da experiência humana coletiva, portanto, nas relações sociais e, como defendia Paulo Freire, em termos solidários e não competitivos. O conhecimento, portanto,

É o eixo que estrutura a educação, a escola e a sociedade. Desta forma, a escola, enquanto uma das instituições responsáveis pela educação tem a função histórica de organizar, sistematizar e desenvolver as capacidades científicas éticas e tecnológicas de uma nação, isto porque, o conhecimento é o instrumento fundamental do homem para alcançar êxito pessoal e coletivo, bem como, de compreensão e de transformação da natureza e da sociedade. (PPP, p. 53)

Para falar sobre o ensino e aprendizagem, mais uma vez a influência de Paulo Freire fica marcante no texto desse PPP. Há uma defesa do respeito ao saber do educando e a necessidade de que os conteúdos dialoguem com esse conhecimento previamente construído, da horizontalidade nas relações entre educador e educando e critica o ensino bancário, inclusive citando vários trechos da obra de Freire, entre eles: “É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimento, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado.” (FREIRE, 2000, p. 25)

Sobre a concepção de educador

Cabe então aos professores do século XXI a tarefa de apontar caminhos institucionais (coletivamente) para enfrentamento das novas demandas do mundo contemporâneo, com competência do conhecimento, com profissionalismo ético e consciência política (...) O professor é alguém que escolheu dedicar seus passos aos outros. Um habitante que se confunde com a própria escola, que se torna um espaço de atravessamento dos outros, dos saberes, das culturas. (...) Esse habitante é o parceiro, o companheiro, aquele que desafia, que frustra, que apresenta caminhos. (PPP, p. 55)

Quanto ao currículo, é importante compreender como ele é pensado e, a partir daí, observar como o conhecimento circula nesse ambiente escolar. Para KLEIN e D'AGUA (2015)

[...] Podemos afirmar que as opções sobre aquilo que fará parte do currículo e aquilo que ficará de fora são decisões políticas, na medida em que expressam uma concepção de sociedade, educação, participação social e a escolha de conteúdos que materializam estas concepções. (p. 280)

Para explicar esse conceito o PPP traz contribuições de vários autores, entre eles Sacristan e Paulo Freire, com foco na combinação entre as necessidades e os interesses da comunidade escolar.

O currículo é uma produção social, cultural e uma ação coletiva, que a escola tem autonomia para organizar, buscando uma unidade entre as Diretrizes Curriculares Nacionais, Diretrizes Curriculares Estaduais (em discussão) e as reais necessidades da comunidade escolar, não perdendo de vista que é direito das novas gerações apropriar-se do conhecimento acumulado historicamente, instrumentalizando o aluno para compreender a realidade e nela atuar modificando-a. (PPP, p. 55)

A exemplo do PNEDH - 2006 que, em uma de suas ações programáticas prevê

Fomentar a inclusão, no currículo escolar, das temáticas relativas a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião, orientação sexual, pessoas com deficiências, entre outros, bem como todas as formas de discriminação e violações de direitos, assegurando a formação continuada dos(as) trabalhadores(as) da educação para lidar criticamente com esses temas. (p.33)

A concepção de educando da EMEF Zacaria enfatiza a autonomia como requisito necessário para que o sujeito seja capaz de intervir na realidade, participando e construindo a democracia que se quer, desempenhando assim seu papel cidadão. E essa autonomia se encontra com a EDH quando a professora Ana Maria Klein nos diz que a EDH não pensa o educar com o objetivo de adaptar o sujeito à sociedade que está posta, mas visa a transformação tanto do ser como da própria sociedade, visto que ambos se constroem historicamente e não estão prontos e acabados.

Para falar de infância, o texto traz a concepção de Sonia Kramer e destaca o seguinte trecho:

[...] a criança é concebida na sua condição de sujeito histórico que verte e subverte a ordem e a vida social. Analiso então a importância de uma antropologia filosófica (nos termos que dela falava Walter Benjamin), perspectiva que, efetuando uma ruptura conceitual e paradigmática, toma a infância na sua dimensão não-infantilizada, desnaturalizando-a e destacando a centralidade da linguagem no interior de uma concepção que encara as crianças como produzidas na e produtoras de cultura. (PPP, p. 57)

Embora o texto já tenha se referido à avaliação em mais de uma ocasião, esse tema será retomado aqui utilizando-se das contribuições de Paulo Freire, Pedro Demo e Luckesi nesse campo. Atravessada pelas perspectivas desses autores, a Escola Zacaria define a avaliação como um instrumento de reflexão para estudantes e professores, de caráter qualitativo e emancipatório, e que não deve ser encarada como um ato autoritário ou de nenhuma outra forma negativa.

Ainda na concepção da Escola Zacaria, para o educando a avaliação deve representar uma tomada de decisão, uma oportunidade de o aluno tomar conhecimento dos resultados de sua aprendizagem e organização para mudanças necessárias. (Ibidem, p. 58)

Enquanto para o professor, a avaliação precisa traduzir-se em

[...] Uma atividade de acompanhamento e transformação do processo de ensino-aprendizagem, através da observação, análise, registro, reflexão sobre o que foi observado e registrado, comunicação dos resultados e tomada de decisão para atingir os objetivos que ainda não foram alcançados, ou seja, fazendo diagnósticos, analisando a situação, dando retorno ao aluno de seus limites e seus avanços, e preparando novas atividades que poderão auxiliar o aluno na superação de seus limites e no melhor aproveitamento de suas capacidades. (Ibidem, p. 59)

4.5 PROJETOS PERMANENTES DA ESCOLA ZACARIA: OU ONDE BATE MAIS FORTE O CORAÇÃO DESSE LUGAR

LETRA D
 No movimento do corpo
 Vamos embalando a vida
 Nos projetos que fazemos
 Junto com gente querida
 Com dança e alegria
 Nesta escola preferida
 Projeto De A à Zaca

Por conta de um necessário recorte definido no início da pesquisa, serão analisados apenas alguns projetos que a Escola Zacaria realiza. Deu-se preferência àqueles que envolvem o maior número de estudantes e educadores e que foram criados pela própria escola, conforme mencionado no item Metodologia. Os demais projetos que a escola realiza, e que constam do PPP, serão brevemente apresentados. Já o PROVE será abordado de forma separada (capítulo 5) por suas especificidades.

4.5.1 Concurso de poesia ou poetizando no Zaca

“Produzir poesias para a inscrição em um concurso requer a organização de um pensamento que, sem dúvida, possibilita a escolha de um tema e a inserção de sua própria forma de ver o mundo e de expressar seus próprios sentimentos...” (PPP, p. 62)

No ano de 2008, ao observarem um gosto especial entre os alunos pelo gênero poesia, aliado ao fato de a escola ter recebido dez volumes do livro “Antologia de Poesia Brasileira para Crianças” (PUEBLA, 2002) surgiu a ideia de um concurso de poesia. A partir daí as professoras da Sala de Leitura à época (Socorro e Vilma) se propuseram a divulgá-lo entre os alunos e a ajudar nas produções e inscrições.

Sobre esse projeto a professora Socorro discorreu sobre a possibilidade de os estudantes se expressarem e de como ela vê os resultados se projetando para fora dos muros da escola, ou seja, ganhando outros espaços da vida dos estudantes.

[...] Tem o projeto de poesia que eu acho interessantíssimo também porque é onde o aluno garante a sua expressão. Ele pode se expressar na escrita. Eles vão perdendo o medo de escrever. Muitos alunos que participaram do concurso de poesia estão lá no Sarau da Cooperifa porque em cada ano no final do concurso tem um jornalzinho. A gente costumava fazer... porque eu comecei o projeto há 15 anos e ele está aí ainda acontecendo. [...]E muitos dos que estão nesse jornalzinho, que são alunos ou não, estão lá na Cooperifa, falando seus próprios poemas. Então, é outro projeto que a gente percebe que abriu uma portinha, uma janelinha pra eles, fora da escola.

O projeto sempre abarcou a totalidade dos alunos⁷⁸ (dos 3 períodos) e na primeira edição foram inscritas aproximadamente 100 poesias, das quais 40 foram selecionadas e enviadas para uma comissão julgadora formada por amigos(as), professores(as) e escritores(as). Na data marcada para a premiação todos receberam um certificado pela participação juntamente com um jornal onde estavam impressas as 40 poesias selecionadas. Os 3 primeiros colocados

⁷⁸ Em 2019, o projeto criou algumas categorias como: estudantes do ensino fundamental I e estudantes do ensino fundamental II.

receberam um kit de livros e do 4º ao 10º colocado foi oferecido um livro de poesia como prêmio.

Mantendo uma dinâmica parecida ao longo desses anos, o dia da premiação é um evento aberto a toda comunidade e funciona como um sarau onde os alunos recitam/declamam suas poesias para uma plateia que ocupa todo o pátio da escola, especialmente preparado e decorado para a ocasião. O encerramento é acompanhado de um tradicional lanche preparado pela escola e que todos já conhecem de anos anteriores.

Essa continuidade permitiu que a equipe escolar identificasse algumas características constantes na produção dos alunos

[...] Os alunos dos anos iniciais, geralmente falam de suas brincadeiras, descobertas, futebol, animais de estimação(...) Os adolescentes escolhem para escrever, temas mais românticos, falam de amores, desejos, amizades, liberdade, etc. Enquanto que alunos e alunas da EJA trazem para sua escrita as saudades do vivido, suas dificuldades no decorrer do tempo, a falta de oportunidade para estudar na idade escolar, a infância e suas limitações, a criação dos filhos, o trabalho pesado que sempre enfrentaram, etc. (PPP, p. 63)

Falando sobre os projetos da Escola Zacaria com a professora Viviane, ela pontuou

[...] Nós temos há 12 anos o Concurso de Poesia e que agora está se transformando num sarau. Vem ganhando uma outra cara. E aí esse é o espaço que o aluno pode falar o que ele quer. Não há censura até porque é a própria característica do sarau e, isso permite sim, eu acho, grandes práticas que envolvam os direitos humanos.

A escola percebeu que o concurso provocou um maior interesse pela leitura entre os alunos pois estes já entenderam que escrever uma poesia requer um tema e destaca também a valorização da autoria.

A longevidade desse projeto também pode ser explicada pelo contexto que compõe o entorno, visto que a existência da Cooperifa, bem como outros projetos culturais como o Sarau do Binho⁷⁹ e o trabalho conjunto que estabelecem com as escolas da região, passam a ser referências para muitos estudantes.

Em 2018 participamos do XI Concurso de Poesia – Poetizando no Zaca. No texto abaixo, segue algumas observações feitas nessa ocasião:

Foi uma surpresa receber do diretor da Escola Zacaria, Wagner Carbonari, um email com os 40 poemas selecionados para o sarau a ser realizado em um sábado do mês de novembro. A missão era selecionar os dez melhores e estes seriam recitados por seus autores. Não foi nada

⁷⁹ Para saber mais, acesse [\(1\) Sarau do Binho | Facebook](#)

fácil. Havia trabalhos muito bons que envolviam alunos do 1º ao 9º ano regular e EJA, ou seja, era um universo de pessoas que ia desde os 6 anos de idade até senhores e senhoras de mais de 60 anos.

Então no dia marcado, eu, minha família e minha orientadora (jurada do concurso), prestigiámos o XI concurso de poesia da escola Zacaria. Foi difícil estacionar, mesmo tendo uma pessoa só para ajudar nessa tarefa. O pátio da escola estava cheio e o espaço todo enfeitado. No início fomos brindados com apresentações dos alunos tocando violão e guitarra e cantando clássicos do rock nacional e internacional que animaram a todos que ali estavam.

Me sentei junto aos pais e alunos e pude acompanhar a expectativa deles a cada leitura que era realizada. Embora o tema fosse livre, a maioria das produções tratou de questões voltadas ao racismo, bullying, feminismo, desigualdade social e outras pautas que percorrem o cotidiano dos estudantes dentro e fora do ambiente escolar. Os alunos, alguns muito pequenos, recitaram seus trabalhos e foram abraçados pelos professores e colegas. Havia muita beleza, sensibilidade, sentimento e consciência social naqueles textos tão diversos. Quando saiu o resultado do primeiro colocado foi uma grande emoção e foram entregues flores e um presente para os três primeiros colocados. Todos receberam seus prêmios e os aplausos efusivos da plateia.

As famílias comemoraram muito. Gente humilde, que talvez não tenha tido a oportunidade de frequentar a escola por muitos anos e que as vezes pode não saber ao certo o que é poesia ou se perguntam para que ela serve, mas que fica tocada ao ouvi-la e percebe que também pode fazer poesia com o seu dia a dia.

Os jurados fizeram suas falas de agradecimento e reconhecimento pelo trabalho que a escola desenvolve. O diretor encerrou as apresentações com um discurso emocionado às vésperas do 2º turno das eleições de 2018, afirmando que a escola continuaria com seus projetos que enfatizam o respeito aos direitos humanos, à diversidade, à democracia se mantendo como um lugar de luta contra preconceitos e desigualdades de toda forma. Ele concluiu pedindo que não houvesse medo e sim coragem para enfrentar o cenário brasileiro que, para ele, se avizinhava.

Como já é costume, foi montada uma bela mesa com um farto e delicioso lanche preparado pela escola com bolos, tortas, café e suco.

Foi uma linda tarde em que saímos da Escola Zacaria mais uma vez renovados de esperança e confiança na educação.

Segue abaixo uma das poesias inscritas nessa edição do concurso:

Eu digo sim. Ele não...
Então, Revolução

Ei, ei prestem atenção,
Antes de tudo duas palavras,
Ele não.
Enquanto a cada minuto
Uma mulher é espancada,
A grana se multiplica
No bolso de terno e de gravata.
Enquanto um jovem inocente
Acaba de ser assassinado, em frente sua casa,
Os tucanos estão lá todo “pán”
Falando “esse aí? Esse aí era uma desgraça”.
E pior que nem conheciam o moleque,
Mas per aí,
Querem eleger o mano da bala, né?
E pior que nem bom político ele é!
E tem gente que ainda bota fé.
Um negro neste momento está sendo enquadrado
Por dois gambés
Por causa de racismo.
Cara, eles têm um pensamento louco que por causa da pele ele é bandido.
Segundo turno, será que muda tudo?
Ou a maioria vai continuar
Com esse pensamento sujo.
Ainda bem que estou em volta
De muita gente inteligente
Que sabe o que faz para tentar impedir ainda mais a corrupção.
Vamos lutar, povo brasileiro,
Por nós e por uma nação.
Pessoas entupidas em corredores imundos,
Onde estamos chegando?
Com esse mundo pessoas morrendo na Síria,
Soldados infelizes destruindo famílias,
Para que tanta morte, tanta guerra,
Se podemos viver
Com a paz singela?
Pra que tanta destruição,
Se podemos viver juntos
Sem nenhuma preocupação?
Tudo aumenta,
Ninguém mais aguenta,
Isso é uma pena.
Nem água na geladeira
E a política não vou nem comentar,
Quebraram o nariz de uma professora,
Até que ponto vamos chegar?
Não é só no Brasil,
Mas no mundo todo.
Muitos com fome já estão mortos,
Animais em extinção, caçadores sem coração
Matam um leão e tiram foto só pra mostrar
Que é o bonzão?

E aí a gente diz, então,
Já não tá na hora
De uma revolução?
Querem voltar com a ditadura,
Pelo amor de Deus,

Ajudem nosso país e nosso planeta
 Antes que eles digam adeus.
 (João Lucas da Silva - 7º ano B)

4.5.2 *Trapalhadas do Zacaria*

LETRA T
 As Trapalhadas da Zaca
 Semana muito legal
 Para escolher e fazer
 Coisas boas sem igual
 Música ou culinária
 Tudo muito especial.
 Projeto de A à Zaca

Esse projeto surgiu em 1996 a partir da inquietação da recém chegada coordenadora pedagógica Olga que se pôs a pensar em alguma atividade que pudesse homenagear o patrono da escola. A proposta de uma semana cultural foi ventilada por ela em uma reunião de professores, mas pareceu que se perderia em meio ao esquecimento. Meses depois, porém, Olga foi lembrada por alguns professores a respeito do projeto e então iniciaram-se as conversas sobre o que chamaram “Semana das Trapalhadas do Zacaria”. É importante sublinhar que se, por um lado, o projeto foi abraçado amplamente, desde os primeiros anos, pelos estudantes e suas famílias, a adesão e o engajamento entre os professores não foram massivas e culminavam com ausências nos dias programados para as atividades ou a participação de forma desinteressada.

Desde o início, o projeto foi pensado para ser um período em que a escola saíria da rotina com atividades que, ao mesmo tempo, privilegiariam a criatividade e autonomia e enriqueceriam a experiência curricular.

[...] O primeiro esboço das Trapalhadas incluiu a realização de oficinas variadas, oferecidas pelos próprios professores e professoras e de livre escolha de alunos e alunas, como também projeção de filmes, gincanas, torneios esportivos. etc. (PPP, p. 65)

A movimentação dos alunos nos espaços da escola de forma desordenada e, por isso, muitas vezes vista com preocupação e a mistura entre as faixas etárias que se desdobram em solidariedade e trabalho coletivo, são vistas pelos idealizadores como as principais marcas do projeto.

[...] Talvez só atividades como as Trapalhadas do Zacaria é que podem nos proporcionar a alegria e o prazer indescritível de, mesmo antes de iniciar o ano letivo,

a gente começar a pensar e a curtir a atividade que iremos propor e realizar nas Trapalhadas. A sensação é a de ter descoberto e vislumbrado na escola e na experiência de ser professora a possibilidade de construção de uma escola alegre, prazerosa, criativa, séria, propiciadora de momentos muito ricos e significativos de aprendizagem e construção de conhecimentos realmente importantes. [...] (fala de uma professora que consta no PPP, p. 66)

Esse formato requeria (e até hoje é assim), muita organização e paciência e esses foram seus maiores desafios, visto que alterar a rotina da escola causava grande incomodo e aflição em muitos membros da equipe escolar.

Figura 6 — Desenho de Thamires Barbosa sobre as Trapalhadas do Zacaria de 2007



Fonte: Texto “O sentir e o pensar de alunos e professores sobre as Trapalhadas do Zacaria em 2007” (não paginado)

As Trapalhadas do Zacaria nos mostram que ordem e desordem não significam, necessariamente, organização e desorganização. Segundo Edgar Morin (2015), a complexidade do mundo é constituída de um tetragrama formado pelas ideias da Ordem-Desordem-Interação-Organização. O mesmo ocorre na vida das instituições sociais e é esse movimento que dá a elas vitalidade e permanência. O contrário disso, como dizia o professor Maurício Tragtenberg, é “a paz dos cemitérios.” A rotina burocrática dá uma sensação de previsibilidade e segurança para grande parte das pessoas e é exatamente isso que sufoca as instituições.

Para que o projeto sobrevivesse (em 2019 completou 24 edições) foi necessário acreditar na proposta e mostrar que ele proporcionava escolhas aos estudantes qual atividade desenvolver; o intercâmbio de experiências com colegas de outras salas; novas amizades;

experiência de liberdade dentro do espaço escolar e descobrir sua capacidade de ser independente.

[...] Ser criativo e ter autonomia é uma condição que possibilita às pessoas lutarem para construir e conquistar o melhor para si mesmas e, dessa forma, contribuir, indiretamente, com o seu esforço e trabalho, para o bem estar de todos. Por isso, é um requisito fundamental para um viver digno e solidário. (PPP, p. 66)

Como já foi dito, durante uma semana e, posteriormente 3 dias, professores (as) oferecem oficinas aos alunos(as) de toda a escola, nas quais eles(as) se inscrevem, de acordo com sua preferência. A longevidade do projeto mostra a criação de uma expectativa, desde o ano anterior nos alunos, sobre qual oficina acompanhar. No sábado ocorre a exposição dos trabalhos produzidos pelos estudantes. Ao longo de todo o dia as famílias podem prestigiar os trabalhos de seus filhos e professores. É um dia de confraternização geral.

O texto traz a justificativa para o projeto afirmando mais uma vez o compromisso de

[...]suprir tanto as necessidades de enriquecimento curricular, como as oportunidades para todos os alunos de vivenciarem situações de lazer e troca afetiva que não encontram no dia-a-dia da comunidade na qual a escola está inserida. (PPP, p. 67)

Em seguida são apresentados os objetivos do projeto, aqui descritos na íntegra e analisados mais adiante:

- Criar um espaço-tempo na rotina da escola onde se possa vivenciar e avaliar a repercussão do trabalho educacional;
- Oferecer oportunidades aos alunos para conhecer outras formas de aprendizagem e de ocupação do tempo, dentro e fora da escola;
- Criar condições para o desenvolvimento da autonomia de educandos e educadores a partir da proposta e escolha do que fazer e do como fazer;
- Oferecer oportunidades a todos, pais, educandos, funcionários, para conhecimento e elaboração de uma concepção de escola como espaço de vida, aprendizagem, formação dos valores de cidadania;
- Desenvolver a criatividade através da realização e participação em atividades variadas;
- Conhecer, resgatar e ampliar conhecimentos, gosto e zelo por expressões culturais diversas;
- Criar oportunidades de expressão de talentos e de valorização e aceitação do outro no seu modo próprio de ser e de se expressar.

A organização para a execução do projeto segue a seguinte sequência:

- Planejamento das oficinas e professores coordenadores;
- Montagem da lista de materiais para cada oficina;
- Compra dos materiais;
- Produção de cartazes para divulgação;
- Inscrição dos alunos (livre escolha) nas oficinas;
- Confecção de um folder para divulgação aos pais ou responsáveis;
- Exposição dos trabalhos (sábado);
- Avaliação.

“[...] Pode-se dizer que se constitui no projeto mais antigo e duradouro da escola, e que a cada ano se veste com novas roupagens e mais desafiante se torna.” (Ibidem, p. 65)

Na edição das Trapalhadas de 2007, a então coordenadora Olga escreveu um texto chamado “O sentir e o pensar de alunos e professores sobre as Trapalhadas do Zacaria em 2007”. Nele há falas diversas de alunos e professores relacionadas a suas experiências no projeto. Percebe-se a importância, para todos, de desenvolverem uma atividade pela primeira vez, como: consertar um eletrodoméstico na oficina dos professores Ernandes e Januário ou fazer um sanduíche e poder usar esse aprendizado em casa sem a ajuda dos pais. Aqui a questão da autonomia e do conhecimento que se aplica na vida prática também se fazem muito presentes.

“As oficinas são oportunidades de descansar, brincar, relaxar e aprender. É uma forma de misturar estudo com brincadeira, um jeito de aprender coisas novas de forma organizada. Os professores ficam mais legais.” (op. cit p.1)

Em setembro de 2010, quando as Trapalhadas estavam na décima quinta edição, o professor Januário organizou um texto com diversas informações sobre o projeto. Nele, o professor trouxe um pouco do histórico e seu olhar a respeito dessa ação pedagógica. Ele observa que “a relação social entre os alunos aumenta consideravelmente.”

Os alunos se sentem maravilhados ao verem seus produtos expostos na escola e mais ainda quando percebem que seus pais estão apreciando os seus trabalhos. Este trabalho vem mostrando que a aprendizagem do alunado não se faz só com conteúdo, mas também de uma atividade social como essa que está sendo desenvolvida durante a semana das trapalhadas. (p.1)

Junto com esse texto, há um trabalho de entrevistas, feito por alguns alunos, com colegas e professores participantes das oficinas do projeto naquele ano ou em edições anteriores. As

perguntas para os professores foram: De que forma você acha que as Trapalhadas ajudam na educação? Quais as oficinas que você já fez nas Trapalhadas? Qual é o motivo das Trapalhadas?

Menciono aqui algumas respostas: A professora Denise, que fazia a oficina de estampas de camisas, respondeu que o projeto ajuda na criatividade e contribui para o trabalho em equipe, entre grupo de diferentes alunos, ampliando a visão do mundo. Ela diz que já participou das oficinas de origami, dobradura e jogos. Já o objetivo das Trapalhadas, segundo ela, é ampliar os conhecimentos dos alunos através de atividades diferentes do dia a dia.

O professor Alessandro Rubens de Matos, que fazia a oficina com garrafas pet, afirmou que era a sua primeira participação e que estava gostando muito: “É muito bom ter uma semana de aula com atividades lúdicas e que, por meio de atividades manuais, os alunos aprendem melhor.”

Já para os alunos as perguntas foram as seguintes: Você acha que a oficina que você escolheu pode te beneficiar em alguma coisa na sua vida? Qual foi o motivo que você escolheu essa oficina? Você acha que a oficina que você escolheu é muito difícil e complicada? Por que? O que você acha das Trapalhadas? Quantas vezes você fez as Trapalhadas? Você gosta das Trapalhadas?

Três alunos responderam às questões. Seguem as respostas:

Ivone, participante da oficina de estampas de camisas e pano de prato, respondeu que o projeto pode sim beneficiá-la para ter sabedoria e aprendizado. Ela escolheu esta oficina por achar legal e acha difícil por ter que desenhar. É a primeira vez que está participando e está gostando muito.

Alef, participante da oficina de culinária, respondeu que a oficina não o beneficiará em nada na vida porque ele só veio pra comer e esse foi o motivo da escolha dessa oficina. Não sabe responder se é difícil porque só está comendo e acha legal porque ficam sem aulas. Ele participa das oficinas há 9 anos e sobre gostar das Trapalhadas ele respondeu: “lógico que sim.”

Rony, participante da oficina de culinária, respondeu que a oficina pode beneficiá-lo no presente e que a escolha era apenas para comer bastante. Afirmou que não é muito difícil, mas que não gosta de mexer na massa. Está achando muito bom as Trapalhadas e gostando muito. Ele já participa do evento há 6 anos.

Esse projeto é visto por muitos como marca da Escola Zacaria. Não existem exemplos semelhantes em outras escolas da região e isso faz com que valorizem mais essa iniciativa. “Os professores e o diretor são muito legais e espertos, tem criatividade legais como as Trapalhadas. Aprendemos coisas impressionantes.” (p. 2)

A ex-aluna Aline, hoje com 30 anos e já citada no capítulo 2, tem na memória muitos momentos dos projetos da Escola Zacaria. Sobre as Trapalhadas do Zacaria ela diz:

É na semana da criança. Eu não sei atualmente quantos dias são, mas “pegava” mais ou menos três dias na minha época. A gente fazia oficinas e tinha oficina de tudo. Eu lembro de uma de cinema que eu participei e a gente escreveu um roteiro pra filme. A gente começou a filmar um filme de terror na escola. Não deu tempo de acabar, mas foi muito legal. (risos)

Figura 7 — Desenho de alunas da 8ª série para as Trapalhadas do Zacaria de 2007



Fonte: Texto “O sentir e o pensar de alunos e professores sobre as Trapalhadas do Zacaria em 2007” (não paginado)

A professora Viviane também enfatizou a possibilidade de estabelecer novos relacionamentos e as trocas como um fator positivo nas Trapalhadas do Zacaria

[...] Nós trabalhamos em duplas de professores e os alunos também escolhem aquilo que eles desejam fazer. Normalmente são atividades artesanais e, particularmente, é um projeto que eu tenho muita dificuldade porque eu não gosto de nada que é artesanal, mas o objetivo do projeto é muito bacana.[...] Por exemplo, esse ano, nós estamos com os 4ºs, 5ºs, 7ºs e 9ºs. Então, se tivéssemos as Trapalhadas (suspensas pela pandemia) teríamos todos esses alunos misturados... os mais velhos ajudam os menores. [...] Então, eu acho isso muito, muito bacana. Tem um entrosamento legal entre o grupo. Tanto de professores, quanto de alunos. É um envolvimento muito bacana na escola.

O professor de História, Álvaro, reconheceu as Trapalhadas como uma interessante oportunidade para aqueles alunos que normalmente não participam muito das aulas ou têm rendimento escolar considerado abaixo do desejado. Ele observou que os estudantes podem mostrar suas habilidades manuais, visto que muitas oficinas são artesanais e que há um bom

envolvimento por parte daqueles que optam por participar.⁸⁰ Segundo ele, “os procedimentos envolvem um saber mais manual onde o aluno decide as opções”. As lembranças trouxeram a ocasião em que alunos considerados agitados e indisciplinados fizeram lindos cachecóis. “[...]Eu elogiei e um disse que eu nunca o havia elogiado... isso é emocionante.” Álvaro completa: “Abrem-se outros caminhos de manifestação cognitiva dentro da escola... eu mesmo uso pouco no dia a dia essa ideia... preciso colocar mais.”

Podemos afirmar que as Trapalhadas do Zacaria possibilitam um momento do que chamamos aprender a fazer, que envolve descobertas e criação, além de promover um intercâmbio de contatos e conhecimentos singular visto que alunos dividirão espaços com estudantes de outras salas e séries. Professores conhecerão estudantes de toda a escola e terão, muitas vezes, que lidar com o desafio de trabalhar com um público diferente daquele ao qual acostumado ou mesmo a que se sente habilitado. Por exemplo: professores que trabalham com alunos do fundamental I trabalhando com estudantes do 9º ano e vice-versa. Isso implica repensar a didática e outras questões pedagógicas. As oficinas precisam ser pensadas para todos os alunos, do fundamental I e II.

4.5.3 Projeto aniversário

LETRA A
 O Projeto Aniversário
 Na Escola Zacaria
 É momento de beleza,
 Esperança e harmonia
 É quando nos reunimos
 Com prazer e alegria.
 Projeto De A à Zaca

No ano de 2001, percebeu-se que o tema aniversário abria possibilidades didáticas-criativas relativamente à questão da inclusão. Esse projeto, que começou como uma atividade mensal, por envolver inúmeras atividades, recursos e tempo dos docentes, passou a ser trimestral. A criação do projeto é justificada pela necessidade de o sujeito reconhecer a si e ao outro como seres em processo de construção de suas identidades, questão diretamente ligada ao tema do projeto político-pedagógico da escola que é a cidadania. Soma-se a isso o fato de que entre os funcionários da escola nem todos eram lembrados e homenageados, causando alguns constrangimentos. A partir da realização desse projeto, todos sempre são lembrados e recebem

⁸⁰ Esse tipo de atividade favorece o que é, verdadeiramente, uma atividade de educação integral, no seu sentido histórico já referido.

o mesmo tratamento, sem diferenciação por cargo hierárquico, função ou outro critério. Uma das dimensões mais importantes desse projeto é romper com as hierarquias e desigualdades sociais que, em geral, a escola reproduz.

[...] Ver-se em um telão com as pessoas gritando seu nome e aplaudindo, foi para muitos um momento de extrema emoção e valorização de sua presença ali. Após a exibição, cantar os parabéns e participar da partilha do bolo, significava para a maioria deles sua primeira festa de aniversário. (PPP, p. 71)

Os objetivos do projeto foram apresentados da seguinte maneira:

- Oportunidade de reflexão e valorização da vida e, conseqüentemente, de conscientização e luta por conquista e garantia de vida digna para todos;
- Desenvolver um trabalho de exploração e aprofundamento dos temas escolhidos com ênfase para as atitudes e valores de cidadania;
- Trabalhar a interdisciplinaridade a partir de múltiplas linguagens;
- Conhecimento e reconhecimento de todas as pessoas da escola;
- Influenciar positivamente o relacionamento interpessoal no interior da escola e fora dela;
- Planejar, organizar e realizar “festividades no ambiente escolar que assegurem ambiente de alegria, confraternização, tranquilidade, amizade e respeito mútuo”;
- “Possibilitar a valorização dos aspectos socioculturais da alimentação: comensalidade; aspectos emocionais, sociabilidade no momento da refeição e cultura alimentar da comunidade.”

A sequência para realização do projeto prevê:

- Organização das fotos dos aniversariantes;
- Proposta de trabalho/tema;
- Equipe coordenadora do trabalho;
- Confeção das lembrancinhas para os aniversariantes;
- Organização e apresentação das atividades;
- A festa;
- Avaliação.

No que se refere aos temas a serem desenvolvidos, na primeira edição a escolha foi discutir a questão da Cidadania e ao longo dos anos os alunos pesquisaram e festejaram assuntos como: “Paz; Gênero; Diversidade Cultural; Amizade; Dia Internacional da Mulher;

Olimpíadas; Solidariedade; Copa do Mundo de Futebol; Ditadura Militar; Regiões do Brasil; Profissões e Diversidade Musical”.

A partir de alguns documentos gentilmente apresentados pela coordenadora pedagógica Luciana Dias, foi possível acessar o que seria a programação de uma das primeiras edições (provavelmente a 2ª) do projeto Aniversário. Do mesmo modo, também a programação de uma edição especial: a primeira de 2018, logo após o assassinato da vereadora carioca eleita pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Marielle Franco. Ambas trabalharam a questão das mulheres, mas de forma bastante distinta, separadas por 17 anos de muitas festas e outras histórias.

Trazemos aqui um pouco desse planejamento:

Em março de 2001 o tema escolhido para o projeto Aniversário foi “O ciclo da vida”. Os professores foram divididos nas tarefas de montar o painel com as fotos dos aniversariantes durante o horário da JEI; coube à professora Vilma a confecção dos cartões e a parte fotográfica com o professor Carlos. Em seguida ficou definido que o lanche seria algo diferente: bolo com recheio “pois a própria novidade dá aos alunos um contentamento e expectativa que muito contribui para a animação da festa.” Para prepará-lo cada professor contribuiria com um quilo de farinha e a escola doaria os demais ingredientes. As funcionárias Dona Cida e Lena é que colocaram a mão na massa.

As atividades foram realizadas em sala de aula e na sala de leitura e procuraram dar conta do tema, o ciclo da vida e a questão da mulher, tendo como foco o respeito como forma de amar, desenvolvimento, vida e dignidade. Entre as atividades produzidas, o documento destaca: um acróstico com a palavra mulher; pesquisa sobre o porquê do “Dia da Mulher”; confecção de um cartão em homenagem ao Dia da Mulher; produção de um texto sobre a importância da mulher e uma discussão sobre os preconceitos de gênero, incluindo um filme sobre o assunto.

Percebe-se a intencionalidade do projeto de ir além de uma data comemorativa, muitas vezes com ênfase comercial, procurando investigar as origens dessa data, avançando para as questões da desigualdade de gênero.

A decoração para a festa teve o envolvimento de todos os professores “na construção de um cenário que ajudasse a festa a ficar mais bonita e animada.” O bolo de cada turma era colocado em uma caixa decorada pelo próprio professor.

A primeira edição do projeto Aniversário de 2018 teve como tema: Luta e resistência das mulheres. Todas as turmas precisaram ler um pequeno texto cujo título era Abayomi (abaixo transcrito) e discutir:

Quando os negros vieram para o Brasil como escravos, atravessaram o Oceano Atlântico nos porões dos navios, numa viagem muito difícil e sofrida. As crianças choravam e ficavam muito assustadas ao verem o sofrimento e desespero dos adultos. As mães, então, para acalantar o desespero de suas crianças, rasgavam um pedaço de tecido de sua roupa e confeccionavam pequenas bonecas, com nós e sem costura. Estas bonecas são chamadas de Abayomi. Elas valorizam a cultura africana e o reconhecimento da cultura afro-brasileira.

Quando você dá uma boneca Abayomi para alguém, esse gesto significa que você está oferecendo o que você tem de melhor para essa pessoa.

A palavra Abayomi, do Iorubá, significa aquele que traz felicidade e alegria. Quer dizer encontro precioso: Abay = encontro e omi = precioso

Os roteiros para a 1ª Festa dos Aniversariantes foram preparados para os três períodos da escola.

Manhã

- Abertura com o diretor Wagner: O que é Projeto Aniversário?
- 4º ano A – Poema e Música (Prof Ana Paula)
- 9º ano A – Poema: “Não desiste, Negra, não desiste!” declamado pelas alunas Estefany, Yasmin e Tamires

Estefany, Yasmin e Tamires

- Mais Educação – músicas: “Só os loucos sabem”, “Ela só quer paz”, “Sem graça” interpretadas pelos alunos João Lucas, Maurício, Matheus e Esdras

- Vídeo sobre a Marielle e D. Ivone Lara
- Significado da lembrança Abayomi
- Projeção das fotos dos aniversariantes do mês
- Entrega das lembranças
- Lanche e dança

Tarde:

- 2º ano A: Leitura da poesia “Consciência Negra” por alunos dessa turma
- 7º ano B – Música: João Lucas, Maurício, Jefferson e Esdras
- 3º ano C – Música de D. Ivone Lara “Alguém me avisou” com a professora Simone

Alves

- 3º ano B – Música de Yzalu “Mulheres Negras”
- 7º ano C – Música: “Mulher” Erasmo Carlos
- Vídeo sobre a Marielle e D. Ivone Lara
- Significado da Lembrança Abayomi
- Entrega das lembranças
- Lanche coletivo e dança

Noturno

- Abertura com o diretor Wagner: O que é Projeto Aniversário?

- Apresentação de violão: alunos do Programa Mais Educação (três músicas)
- Apresentação do aluno João do 7º B (poesia de própria autoria)
- Significado da lembrança Abayomi
- Marielle Franco – Quem foi? O que representa nos dias de hoje?
- Parabéns aos aniversariantes (fotos)
- Jantar
- Encerramento

O projeto tem a preocupação e cumpre o objetivo de reunir pesquisa, conhecimento, música, poesia, cidadania e festa.

A longevidade do projeto permite que a escola veja e sinta as marcas que ele produziu em muitos alunos a partir dos comentários feitos também pelos ex alunos que sempre voltam à escola nas ocasiões de festividades abertas à comunidade ou mesmo em suas redes sociais, nas quais falam com carinho daqueles momentos vividos.

Quando perguntada sobre os projetos da Escola Zacaria que melhor refletem a concepção de EDH, a professora Socorro respondeu

Acho que o Projeto Aniversário reflete bem. Crianças que nunca tiveram um aniversário, têm a sua foto estampada no telão pra ser aplaudida. Esse é o seu dia. O seu aniversário, sem a questão comercial de que tem que dar um presente. Pessoas que nunca tiveram nem festa de aniversário, nem eram lembradas. Esse é um projeto que valoriza muito. Que faz com que eles se percebam.

As dificuldades sempre se fizeram presentes e a ex aluna Aline lembra que

Às vezes o Wagner, que é diretor, doava coisas pra escola ou os professores se juntavam pra doar coisas pra escola. Alguns lanches especiais para o projeto Aniversário também, que a gente fazia a cada três meses [...] Então, sempre tinha um lanchinho gostoso, diferente e, às vezes, eram eles mesmos (professores e diretor) que compravam as coisas pra preparar.

Figura 8 — Foto de reportagem sobre a Escola Zacaria



Fonte: Revista Carta na Escola - 2013

4.5.4 Colóquio sobre educação pública: Um diálogo entre passado, presente e futuro com alunos e ex-alunos

[...] um encontro cheio de reencontros, memória afetiva, lembranças compartilhadas, rememoração do vivido, do sentido e do experienciado, do que fazem e do que querem fazer, tanto profissionalmente quanto pessoalmente. (PPP, p. 76)

O ritmo frenético de funcionamento de uma escola, com a entrada e saída de alunos todos os anos e as demais questões que envolvem administrá-la, tornam raros momentos dedicados a pensar sobre os caminhos trilhados por aqueles que são a razão do nosso trabalho, os alunos. É grande a influência dos professores na sua formação, o que envolve um convívio e um vínculo de confiança, respeito e carinho.

Observou-se que ao se aproximar o 9º ano os alunos expressavam preocupação e inquietação sobre o seu futuro pessoal e profissional. Diante disso, os professores se deram conta de que talvez fosse importante estabelecer um elo de contato entre os saudosos da escola e os que nela estavam ou nela ingressavam.

Olga nos fala sobre os objetivos do projeto

Por causa deste gostar tão intenso da escola, criamos o projeto ‘Colóquio sobre educação pública’, que consiste num encontro anual de alunos e ex-alunos, professores e ex professores, para se reunirem e matarem as saudades, falarem sobre os rumos da vida de cada um, para discutirem e trocarem ideias sobre as dificuldades e conquistas dos alunos oriundos de escola pública e aprofundarem algum tema que diga respeito a estudo e trabalho dos jovens no mundo contemporâneo. O Colóquio, de certa forma, é um espaço que tem servido para mostrar o reflexo de um trabalho que veio sendo construído e, por certo, teve um processo difícil, mas bastante desafiador e alimentador de muita esperança na escola pública. (GARCIA, 2011. p. 129)

Em 2005 foi realizado o “I Colóquio sobre Educação Pública: formação no Zacaria, ontem e hoje.” A partir daí a atividade passou a ser realizada anualmente e conta com a presença também de professores, ex-professores e pais. A divulgação é feita nas redes sociais, no blog e na própria escola. Para melhor organizar o encontro e permitir que mais pessoas falem e também sejam escutadas, a atividade segue as seguintes etapas:

- Recepção: os organizadores montam na entrada da escola uma espécie de balcão de inscrições e lá os participantes assinam a lista de presença e retiram um crachá de determinada cor;
- Abertura e boas vindas com uma fala da equipe gestora e/ou organizadora;

- O público se dirige à sala correspondente à cor do crachá onde já estará um professor que auxiliará na condução dos diálogos por um período de aproximadamente 1 hora. Algumas pessoas se ocupam de realizar anotações sobre o que está sendo conversado;
- Todos retornam ao pátio para compartilhar as discussões feitas nos grupos menores e estes, por sua vez, elegem uma pessoa para representá-los à frente do palco;
- Para complementar as discussões ordinárias, há sempre um assunto que envolve a educação pública e a comunidade e que é discutido com a presença de algum convidado que a escola se encarrega de trazer para contribuir nas reflexões. Terminada a exposição do convidado, há um momento para comentários e perguntas;
- Como todo evento na Escola Zacaria, o Colóquio também termina com uma confraternização em torno da mesa onde é servido um delicioso lanche preparado pela escola.

Preocupada em resgatar experiências de memórias vivenciadas pelos antigos estudantes, que às vezes já no esquecimento, no dia do Colóquio a escola é decorada com atividades de anos anteriores. Essa atitude causa surpresa e emoção em muitos deles pois a maioria acredita que todos os seus trabalhos entregues na escola têm como destino a lata do lixo. (O que de fato ocorre em muitas escolas)

Sobre isso, a professora Socorro escreveu:

Propiciar oportunidades de reflexão em que a memória se coloca presente em nossas escolhas e em nossos desejos, é fundamental para nos reconhecermos como gente que tem passado, presente, e que por isso sonha e luta por um futuro melhor.[...] (PPP, p. 80)

O Colóquio também foi lembrado pela ex aluna Aline, ao contar sobre a ligação que muitos alunos estabelecem com a escola mesmo após a conclusão dos estudos

Eu vou comentar só que a gente sai do Zacaria, mas o Zacaria não sai da gente. A gente está sempre transmitindo as ideias que foram passadas pra gente. E até hoje eles fazem o Colóquio com os ex-alunos.... a gente é convidado pra ir e é muito legal. A gente se reencontra, vê os professores. Então, assim... a gente sai da escola, mas a gente mantém um vínculo. Eles estão sempre recebendo a gente muito bem, mesmo depois que a gente sai.

Figura 9 — Aline (ex-aluna) falando durante o Colóquio 2019



Fonte: Perfil da escola no Facebook

Nessa direção, a professora Socorro comentou que mesmo estando aposentada há aproximadamente cinco anos, ela mantém constante contato com ex-colegas de trabalho e com projetos como o Colóquio, entre outros:

A Zacaria é uma escola que não sai da gente. Ela é importante. Na escola Zacaria tem um projeto que é o Colóquio, que é o encontro de alunos, ex-alunos, professores e ex-professores que também faz com que os educadores voltem pra escola pra compreender... é o encontro, mas acaba pensando na compreensão da escola na vida da gente: De que maneira isso interferiu na vida da gente? Que contribuição a gente deu? Então, esse colóquio é bacana e faz com que a gente encontre algumas pessoas, mas independente do colóquio, eu sou frequentadora da escola.

Ela continua dizendo que o colóquio mostra um pouco do que a escola significa para os alunos, do que aprenderam e desejam compartilhar

Quando eles voltam pra escola é porque a escola teve todo um sentido. É livre. Vai quem quer, mas ele quer compartilhar as coisas que ele faz lá fora. Então, de certa forma voltar à escola no colóquio é ter compreendido que ele foi preparado pra sair da escola. Embora pareça contraditório, ele voltar para a escola é algo muito visível de que ele foi preparado para sair. Porque se ele foi preparado pra sair, ele tem o desejo de voltar pra dizer o que deu certo.

Pensando na relação entre a EDH e os projetos da escola, Socorro sublinha que o Colóquio indica um transbordamento do espaço da escola bem como as marcas deixadas por ela.

Concretamente, hoje, 21 anos depois, eu vejo que essa educação em direitos humanos, e a partir do colóquio a gente percebe isso, é o resultado de como os alunos saem e voltam da escola. Quando o aluno se sente no direito e se sente bem porque vai lá na Cooperifa sozinho, não é mais a escola que leva, ele já saiu da escola, mas ele vai lá e tem coragem de fazer um poema que é um poema de repúdio ao que está acontecendo, de protesto. É resultado dos direitos humanos. Quando uma aluna vai pra universidade, tem oportunidades, faz mestrado e volta pra trabalhar em uma escola pública de periferia... ela podia ter seguido a carreira acadêmica, tinha outras opções... e ela volta para a periferia pra dar aula e fazer um trabalho bacana e compartilhar... tem a marca da escola. Tem totalmente a marca da escola.

[...] Porque a educação em direitos humanos precisa extrapolar o muro das escolas como resultado. O resultado é bom quando ele extrapola o muro da escola e eles saem da escola pensando sobre o que fazem, sobre o que são e o que querem ser. Essa é a verdadeira educação em direitos humanos. É quando ele é da escola e quando é ex-aluno, é reconhecido pela escola como aluno, extrapola a educação, o ensino que ele recebeu na escola e vai refletir lá fora. Totalmente direitos humanos.

Figura 10 — Pátio da escola durante o Colóquio 2019



Fonte: Perfil da escola no Facebook

Figura 11 — Pais, alunos, ex-alunos e professores reunidos durante o Colóquio 2018



Fonte: Perfil da escola no Facebook

O Colóquio talvez traduza também uma tentativa de olhar para o passado e tentar compreendê-lo a partir da fala e das vivências do outro. Esse olhar e essa compreensão muitas vezes nos escapam devido ao ritmo acelerado do cotidiano. GAGNEBIN (2006) reflete sobre isso:

É justamente porque não estamos mais inseridos em uma tradição de memória viva, oral, comunitária e coletiva, como dizia Maurice Halbwachs, e temos o sentimento tão forte de caducidade das existências e das obras humanas, que precisamos inventar estratégias de conservação e mecanismos de lembrança. Criamos, assim, centros de memória, organizamos colóquios, livros, números especiais, recolhemos documentos, fotografias [...]. (p. 97)

Em 2019 houve a oportunidade de acompanharmos o XV Colóquio de alunos e ex-alunos da Escola Zacaria. Segue o texto com as observações feitas a partir dessa experiência:

Sábado à tarde e a Escola Zacaria está cheia e em festa! Era o XV Colóquio de alunos e ex-alunos. Logo na entrada da escola encontra-se uma mesa de inscrições em que os alunos preenchiam seus nomes e participavam das reuniões em uma das salas divididas por cores diferentes.

O diretor Wagner fez a fala de abertura dando boas-vindas a todos e todas e anunciando a pauta. Em seguida fomos para a quadra assistir à apresentação de Ginástica Rítmica e Artística feita por alunas da escola que são treinadas por um ex-aluno, o Jonathan, que faz esse trabalho voluntário e com quem pude conversar um pouco e saber da sua história de vida incrível.

Nos deslocamos para as salas, de acordo com a cor do crachá. A pauta era única e o objetivo era falar da escola Zacaria no passado e no presente e como foi ou está sendo a passagem das pessoas por essa escola. Eu fiquei na sala em que estava o prof^o Alessandro Rubens de Matos, como facilitador, e vários alunos (de variadas idades), ex-alunos, pais, professores e até ex-professores.

A maioria fica muito envergonhada de falar em público. É um exercício democrático e um desafio para muitos que se sentem inseguros para expor e defender seus posicionamentos.

Lançou-se a pergunta: Que diferença essa escola fez ou não em você? As respostas foram variadas. Uma garota se manifestou preocupada se a escola onde ela cursará o ensino médio fará o trabalho de empoderamento das meninas negras como se faz na Zacaria. Também foram levantadas outras aflições relativas ao ensino médio. Foi destacada a questão da leitura. Na Zacaria a leitura é incentivada e a biblioteca tem um bom acervo. Será que depois da escola os alunos continuarão lendo?

Finalizada essa primeira parte da conversa, o professor Alessandro Rubens de Matos falou sobre a importância de se discutir a proposta de Reforma da Previdência no Brasil, inclusive levando em conta dados estatísticos da região em que a escola se situa. Ele trouxe um mapa com várias informações e distribuiu cópias para todos os presentes.

Foi encerrada a discussão nas salas e todos descemos para o pátio para um café comunitário com um tacho de caldo de abóbora, o disputado pastel e diversos bolos e frutas.

Após a pausa reservada para o café, todos ouviram os representantes de cada grupo sobre as discussões que haviam realizado.

Houve muita emoção com a participação do ex-aluno Pedro. O diretor Wagner, professores e coordenadores estavam saudosos de sua passagem pela escola. Com restrição de locomoção e dificuldades na fala devido a paralisia cerebral, ele passou pela escola e guarda com carinho os momentos lá vividos. Hoje cursa administração e disse estar muito feliz. Vale ressaltar que a escola já encaminhou pedidos de obras de acessibilidade há mais de uma década, mas as reformas necessárias ainda não foram realizadas.

Em seguida foi a vez da Aline (uma das entrevistadas nesta pesquisa) – ex-aluna da escola que também frequentava as aulas de francês com a então professora Luciana Dias. Cursou Letras na USP e ingressou como professora efetiva na Prefeitura de São Paulo. Certo dia, Aline foi informada pela professora Luciana sobre uma bolsa de estudos para um curso na França. Aline concorreu e ganhou a bolsa. Ela compartilhou um pouco desta experiência.

Outros ex alunos compartilharam seus projetos e suas experiências de vida e trabalho e falaram sobre seus tempos na escola Zacaria.

O vereador Celso Gianazzi foi o convidado para discutir o tema: “Jovens, Previdência e Securidade Social: A quem interessa?” com a comunidade.

Para fechar a noite, o aluno João Lucas recitou um poema sobre a reforma da previdência.

4.5.5 Assembleia de alunos para discussão das regras de convivência

“O resultado foi muito bom e nos mostrou a importância de sempre se pensar numa atividade inicial especial para envolver toda a comunidade escolar e pensar sobre o espaço e a convivência das pessoas nele.” (PPP, p. 81)

Na intenção de ampliar o envolvimento dos estudantes nas decisões que envolvem as regras para uma boa convivência no ambiente escolar, desde 2007 acontece uma assembleia

com a participação de todos os alunos na qual é discutida o regimento escolar e todos podem emitir suas opiniões.

Essa iniciativa surgiu das conversas que eram realizadas com os alunos sobre a manutenção da limpeza da escola. Para essas conversas era feita a leitura do livro “A escola que queria ficar sempre bonita” produzido pela Escola Zacaria e do qual falaremos melhor no capítulo 5. Junto a isso, eram analisadas as informações colhidas na autoavaliação institucional no final do ano letivo.

A Assembleia de alunos passou a reunir, de modo mais amplo e participativo, tudo que já era feito em termos de participação dos alunos. A despeito disso cabe lembrar que os alunos ainda não se organizaram em um grêmio estudantil. Entretanto, há muitos exemplos de grêmios estudantis que não garantem a efetiva participação dos estudantes nas decisões da escola.

Em entrevista, Olga lembra uma das tantas histórias que envolvem as assembleias como instância de participação ativa dos estudantes nas decisões sobre o cotidiano escolar:

As normas de convivência saem da assembleia. É muito bonitinho... Quando eu estava lá os professores queriam um caderno para cada disciplina e os alunos queriam um cadernão. E foi pra assembleia essa discussão. Tinha uma menininha, do que agora seria o 6º ano, que estava louca pra falar, mas não tinha coragem. Eu vi e falei: vem cá falar... você está com vontade... eu fico do teu lado (risos). Ela defendeu o cadernão (risos). Ganhou... ganhou o cadernão (risos).

Em fevereiro de 2020 pudemos acompanhar a realização da assembleia dos alunos no período da tarde realizada no pátio da escola.

Esse momento de escuta dos estudantes, que durou aproximadamente 50 minutos, resultou no texto abaixo:

“Nada sobre nós sem nós”⁸¹

Enquanto aguardava o início da assembleia, conversei com a coordenadora Luciana Dias. Ela comentou que na assembleia do período da manhã os estudantes haviam levantado vários questionamentos, mas não mencionou exatamente quais foram os pontos.

Bateu o sinal para o intervalo. Os alunos se serviram no balcão *selfie-service* (mesmo os menores), almoçaram e depois brincaram. Ao terminarem, levaram os pratos até o local pra ser lavado.

⁸¹ Esta frase foi inicialmente cunhada por grupos que representavam pessoas portadoras de deficiências no contexto da criação de políticas públicas voltadas para este público que reivindicava participar e ser ouvido nesse processo. Outros grupos, posteriormente, utilizaram a frase no mesmo sentido de se fazerem ouvidos diante de iniciativas políticas que poderiam afetar suas vidas. Foi o caso dos estudantes secundaristas brasileiros que ocuparam escolas públicas estaduais contra a chamada Reforma do Ensino Médio em 2015.

Às 14h30 todos se reuniram no pátio da escola na presença da coordenadora Mônica Almeida e de vários professores.

Antes da reunião, os alunos discutiram previamente as regras de convivência em sala de aula para chegarem mais preparados para a assembleia e o documento com tais regras foi projetado em uma tela branca no palco para todos verem, sendo lido pela coordenadora em voz alta. Nele constavam 13 assuntos (representados como problemas). Eram eles: uso do boné em sala de aula; alimentação; uniforme; caderno/material escolar para a aula; objetos extra-classe: celular/games/maquiagem/revistas na sala de aula; comer durante a aula: chiclete/bala/pirulito/doces; papel higiênico; brigas; limpeza da escola; atrasos/horários; faltas; entrega de trabalhos e relação com os colegas. Trago aqui o texto definido para este último item:

Tratar com respeito os seus colegas, professores e toda a comunidade educacional, mostrando atitudes de solidariedade, predisposição ao diálogo, repúdio às injustiças e acolhimento à diversidade, exigindo para si o mesmo tratamento. (não paginado)

A reunião começou problematizando o uso de bonés e tênis de marcas cobiçadas, lembrando que isso é um problema do capitalismo e que não devemos pensar que o fato de vestir marcas faz as pessoas serem boas ou ruins. Prosseguiu falando que casos envolvendo o uso de bonés deveriam ser conversados e poderiam implicar na proibição do uso desse acessório para o estudante em questão. Em seguida, falaram sobre a perda de celulares e sobre o uso dos banheiros que deve ser feito por um aluno de cada vez. A próxima observação foi sobre dano ao patrimônio público e ela ressaltou que não devemos danificar canecas, carteiras ou paredes da escola.

Depois abordaram o desperdício de comida e a coordenadora lembrou quantas pessoas da região e até da própria escola passam sérias dificuldades financeiras.

A exigência da utilização da camiseta da escola foi o assunto seguinte. Nesse momento a coordenadora explicou como a prefeitura pretende disponibilizar o uniforme em 2020. A seguir falou sobre o traje para a realização das aulas de educação física, alertando que não é possível participar dessas aulas usando calça jeans. Nos dias festivos, os alunos estão desobrigados a utilizar uniforme.

O próximo tema foi a organização dos cadernos. A coordenadora lembrou que, a partir do 6º ano, o aluno passa a ter um professor para cada matéria e que nessa etapa de ensino o professor nem sempre consegue olhar os cadernos em todas as aulas. Sendo assim, foi dito que

se o aluno for organizado ele pode utilizar o tipo de caderno que quiser, mas o aluno que tem dificuldade nesse aspecto é recomendável que tenha um caderno para cada matéria.

Sobre o livro didático foi solicitado zelo para que outros estudantes possam fazer uso desse material nos anos seguintes.

Então surgiu o assunto classificado pela coordenadora como o mais polêmico: o uso do celular. Ela começou informando que, por lei, os alunos não devem utilizar o celular na escola. Em seguida lembrou que já ocorreram problemas sérios na escola, envolvendo a utilização da imagem de estudantes sem autorização. Foram explicadas as sanções relativas à problemas com a eventual utilização desses aparelhos na escola. A coordenadora perguntou se os alunos gostariam de contribuir com ideias sobre essa questão. Ninguém se manifestou.

O tema seguinte foi o consumo de alimentos como balas e chicletes durante a aula. A coordenadora lembrou que esses itens estão liberados apenas no intervalo. Foi relatado que antigamente as salas ficavam sujas de papéis de bala jogados ao chão e que era constante a presença de chicletes debaixo das carteiras. O professor Álvaro pediu a palavra e falou que o consumo de chiclete em sala poderia ter uma fase de teste, a título de confiança e ao fim de um período haveria uma avaliação de como se comportaram.

A maior parte prestou atenção ao que foi dito, mas de início poucos se sentiram à vontade para falar. A coordenadora, que conhece os alunos pelo nome, buscou trazê-los para discussão até que um aluno se manifestou. Ele sugeriu que fosse liberado o consumo de doces em dia de prova por conta do nervosismo. O assunto foi discutido, teve a concordância de uns e a discordância de outros e a decisão teve que ficar para o dia seguinte. No mesmo dia, em reunião dos professores da qual participei, a coordenadora participou os colegas sobre essa sugestão do aluno e os professores discutiram a respeito. Existe uma resistência quanto ao consumo de chicletes, por exemplo, por conta dos danos provocados na mobília e no chão da escola, além do lixo produzido e que muitas vezes não é depositado no local destinado a ele.

A coordenadora Monica relatou que no período da manhã houve bastante discussão e pedidos de atualização das regras por parte dos alunos, visto que em 2019 a assembleia não foi realizada em virtude da greve. A assembleia da tarde foi finalizada com o encaminhamento de realizarem uma nova reunião para votar sobre as demandas levantadas por todos os períodos.

Os processos democráticos são lentos e trabalhosos por sua própria natureza que requer a escuta, a ponderação e as decisões coletivas. Sobre a necessidade desses momentos na vida dos estudantes, Paulo Freire (2000) escreveu

As crianças precisam de ter assegurado o direito de aprender a decidir, o que se faz decidindo. Se as liberdades não se constituem entregues a si mesmas, mas na assunção ética de necessários limites, a assunção ética desses limites não se faz sem riscos a serem corridos por elas e pela autoridade ou autoridades com que dialeticamente se relacionam. (p.59)

Essa observação de campo permitiu reconhecer que esse momento não parece ser propriamente uma assembleia de alunos, mas sim uma assembleia com a participação dos alunos, uma vez que a condução das discussões é feita por membros da gestão da escola e a própria organização não é realizada pelos estudantes. Trata-se, ao que tudo indica, de uma oportunidade para que a comunidade escolar reflita sobre suas regras de convivência ouvindo, discutindo e acatando as demandas dos estudantes (desde que não estejam em desacordo com a legislação escolar vigente no município), mas a definição clássica de assembleia não parece ser a mais apropriada neste caso. Talvez reunião fosse o termo mais adequado.

4.6 DEMAIS PROJETOS E AÇÕES CONSTANTES DO PPP DA ESCOLA ZACARIA

4.6.1 *Mediação de conflito*

O diálogo constante aparece no PPP da Escola Zacaria como algo que se procura colocar em prática à exaustão, uma vez que existe a consciência de que os conflitos estão presentes diariamente desde o momento em que se abrem os portões da escola até o instante em que se fecham.

Com o intuito de enfrentar os conflitos e a violência cotidiana e trabalhar por uma “cultura de paz, pela consciência do mundo e pelo apego à vida” é que, nos últimos anos, a Escola Zacaria tem buscado organizar e tornar permanente uma comissão de mediação de conflitos. As condições para participar desse grupo serão

[...] a aceitação das normas do projeto, a capacidade de diálogo, disponibilidade de tempo, ser bom ouvinte, ser sociável, ser imparcial, postura educativa, paradigma da responsabilização, entre outros. (PPP, p. 81)

4.6.2 *Conselho de escola*

“A democracia na escola por si só não tem significado. Ela só faz sentido se estiver vinculada a uma percepção de democratização da sociedade.” (PPP, p. 84)

O texto começa trazendo a legislação que indica a autonomia dos sistemas de ensino para definir normas relativas à gestão democrática no ensino público, tendo como princípio a participação das comunidades escolares no projeto pedagógico da escola.

O Conselho de Escola da EMEF Zacaria trabalha em conjunto com a APM (Associação de Pais e Mestres) e por isso possuem um único plano de ação.

4.6.3 Conselho de classe

A escola adota a modalidade de conselho participativo que se divide em dois momentos: uma reunião com todos os professores e a coordenação para discutir sobre o perfil e o desempenho das turmas e um segundo momento em que acontece a reunião com o grupo de professores, pais e alunos de cada turma e que conta também com a participação da coordenação. Todas as turmas possuem um professor chamado orientador que é eleito pelos alunos e que inicia a reunião com um panorama geral da turma. Em seguida os demais professores se manifestam e, a qualquer tempo, todos os pais podem participar com perguntas ou comentários. Todas as falas devem ser respeitadas tanto para os elogios como para apontar as correções de rumo, quando necessárias. Solicita-se aos pais e alunos com desempenho abaixo do desejado que permaneçam na sala para uma conversa individual a fim de não expor sua situação de fragilidade.

Os projetos e/ou atividades permanentes que aparecem no PPP da Escola Zacaria e que não se comentou aqui em detalhes, por excederem o recorte inicial da pesquisa, são:

- Programa Novo Mais Educação;
- Projeto Alimentação;
- Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA)

Há outros projetos que não constam do PPP e que não poderão ser abordados neste trabalho por uma questão de tempo e espaço.

4.7 MAIORES PONTOS DE ATENÇÃO DA ESCOLA (2019-2020)

Como toda escola, em especial as públicas, a Escola Zacaria enfrenta cotidianamente uma série de preocupações. Estas também costumam ser observadas no PPP para que sejam do conhecimento de todos e que dessa forma, as possíveis soluções também possam ser pensadas e executadas pelo coletivo.

No período 2019-2020 destacaram-se os seguintes pontos:

- Estrutura física (quadra coberta interdita e falta de acessibilidade⁸². A escola aguarda as reformas solicitadas aos órgãos responsáveis;
- Novos alunos com questões ligadas ao uso de entorpecentes;
- Diminuição ou mesmo ausência do compromisso de muitas famílias em acompanhar o percurso escolar dos filhos no dia-a-dia.

4.8 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PPP

Analisando o PPP da Escola Zacaria, atualizado no início de 2020, chegou-se às seguintes considerações: é um documento pensado e escrito com extremo cuidado e seriedade por aqueles que defendem a escola pública, de qualidade e inclusiva. Um exemplo disso é que, anualmente, formam-se grupos de trabalho para repensar seu conteúdo. Essa atitude parece indicar uma escola que se quer melhor, viva e dinâmica a cada dia, sem cair nas tentações do conformismo ou do imobilismo que podem ocorrer em lugares que já atingiram certo grau de qualidade e reconhecimento público de seu trabalho, como é o caso da Escola Zacaria.

Cabe ressaltar o quão desafiador foi analisar o PPP da EMEF Zacaria como um dos elementos a serem estudados nesta pesquisa. É um documento rico em informações e com um texto de grande beleza e força. Tendo sido objeto de estudos anteriores, ainda assim requer e merece uma pesquisa mais detalhada.

Foi a partir da leitura e análise desse documento e, portanto, ao longo deste trabalho de pesquisa, que foi possível compreender a sua importância. Primeiramente conhecer a escola, seus educadores e seus projetos. Quando houve a oportunidade de examinar o texto orientador da escola, constatou-se o seu papel especular, ou seja, a relação profunda entre o que observamos nas visitas e o que se apresentou refletido no texto e vice versa. Teoria e prática se espelhavam.

A combinação entre as necessidades e os interesses dos educandos e da comunidade talvez seja uma das chaves de entendimento para o reconhecimento que a Escola Zacaria desfruta na região em que está localizada. As necessidades seriam atendidas pelo currículo em vigor aprovado pela SME-SP sobre o qual incidirá uma adequação, segundo cada unidade escolar, quanto à forma do trabalho pedagógico. No material didático oficial muitas vezes não se encontra de maneira clara o que se entende necessário e relevante para a comunidade. Os

⁸² Enquanto essa reforma não ocorre, a escola tem restrições para receber crianças com dificuldades de locomoção ou mesmo cadeirantes.

interesses são tudo aquilo que por vezes não se encontra, pelo menos não de forma clara no material didático oficial. Mas que também é significativo e relevante para o grupo social no qual a escola se encontra e compõem o currículo que a escola irá trabalhar. Isso inclui uma dimensão subjetiva para além da objetiva.

Entre os educadores há um sentimento de que eles podem e devem se apoderar desse documento, que é também um instrumento de luta construído a partir de disputas de valores e visões de mundo. Quando perguntada se conhecia o PPP da escola, a professora Viviane iniciou a resposta com: “O nosso PPP”, ou seja, ele não existe na escola apenas como burocracia institucional obrigatória.

As entrevistas e o exame dos documentos da escola, além da observação de campo, também indicam que a Escola Zacaria procura trabalhar a transdisciplinaridade. Sobre essa questão da inter e transdisciplinaridade, Morin (2000a) explica que a hiperespecialização isola o saber e este, por sua vez, “só é pertinente se é capaz de se situar num contexto e que mesmo o conhecimento mais sofisticado, se estiver totalmente isolado, deixa de ser pertinente.” (p. 21) Para ele, a transdisciplinaridade não pressupõe “suprimir as disciplinas, ao contrário, tem por objetivo articulá-las, religa-las, dar-lhes vitalidade e fecundidade.” (Ibidem, p. 24). Assim sendo, um conhecimento que articule as partes ao todo e vice-versa.

Quando questionada (por escrito) sobre a forma como os projetos (coletivos ou não) dialogam com a disciplinaridade formal, a professora Socorro respondeu que o trabalho com projetos já traz em si a interdisciplinaridade, uma vez que qualquer assunto pode ser compreendido por mais de um componente curricular. A professora entende que turmas do ensino fundamental I têm mais facilidade de desenvolver atividades nessa perspectiva por estarem sob orientação de um menor número de professores e maior tempo de trabalho coletivo:

Em relação aos projetos coletivos também há a preocupação com o trabalho interdisciplinar. Para isso, os horários coletivos são utilizados para discussão do tema sugerido para aquele período e de que maneira o tema se encaixa ou não nas disciplinas e na disponibilidade dos professores em relação à parceria no trabalho. Não há uma obrigatoriedade, em relação aos professores/as na adesão ao projeto coletivo e em seu desenvolvimento em disciplinas específicas. Isso acontece naturalmente, pois como o planejamento é feito coletivamente e as discussões acontecem, não apenas em relação ao tema, mas de que maneira ele pode ser trabalhado envolvendo a todos os participantes. As ideias e possibilidades vão surgindo e a interdisciplinaridade vai acontecendo na discussão que se encaminha para a sala de aula. Nas horas de estudo coletivo há sempre relatos de como o tema atravessou as disciplinas e como vem sendo trabalhado. Essa é uma tarefa extremamente difícil que requer comprometimento e seriedade no trabalho, certamente não acontece de forma tranquila nem com 100% dos profissionais, mas é certo que a adesão a essa proposta é significativa.

A fala da professora Viviane converge com a professora Socorro sobre a facilidade de trabalhar a interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização. Ela acrescentou a percepção de que os professores mais novos de idade e recém chegados à escola se envolvem melhor nessas propostas. Ela também destacou uma maior dificuldade dos professores de Matemática para inserir as temáticas propostas em seus conteúdos. Nessas situações, os professores de outros componentes curriculares procuram dar exemplos de como isso pode ser feito. Segundo ela, o oposto se daria com os professores de Geografia e História, por exemplo, que apresentam um melhor trânsito nesse aspecto.

A resistência de alguns professores foi mencionada pelas duas professoras. A professora Viviane afirma que os temas trabalhados nos projetos constam do PPP, portanto, já devem adentrar os conteúdos de sala de aula, independentemente da realização de trabalhos interdisciplinares. Ela percebe que alguns acabam interrompendo a exposição do conteúdo pra trabalhar o projeto isoladamente. Já a professora Socorro lembra que a adesão aos projetos e ao formato de trabalho interdisciplinar é alta, embora admita que as reuniões de planejamento de início de ano e o trabalho coletivo ao longo dos meses não acontece de forma tranquila e exige muito comprometimento.

Quanto às intencionalidades do PPP da Escola Zacaria, a análise indica uma busca inicial em desenvolver as habilidades de leitura, escrita e operações matemáticas básicas por meio de uma trajetória de aprendizagem permeada de sentidos e significados vinculada aos interesses e necessidades da comunidade escolar na qual a escola está inserida. Essa busca avança no sentido de provocar a criticidade e despertar o engajamento social o que, por sua vez, exige o desenvolvimento da autonomia do sujeito. Tais intencionalidades, que podem notadas na legislação incluída nessa pesquisa, caminham de acordo com a aplicação efetiva da Educação em Direitos Humanos no espaço escolar formal.

É interessante notar o reconhecimento das intencionalidades do PPP pelos próprios estudantes. É o caso do ex-aluno Luan de Moraes Santos que teceu o seguinte comentário sobre uma gincana educativa, que fazia parte do projeto Trapalhadas do Zacaria, em entrevista à revista Carta na Escola e Instituto Natura

[...] Em uma das vezes, minha equipe ficou responsável, por exemplo, de levar um LP do Tom Jobim(...) Hoje, vejo que tinha uma intenção cultural por trás disso. Tinha jograis de textos, apresentações de dança, tudo baseado em um tema. Nesse exemplo do LP do Jobim, o tema foi os grandes poetas da bossa nova. Aí a gente apresentava para a escola inteira.

A partir do exposto neste capítulo é possível afirmar que a Escola Zacaria traz em seu PPP visões e ações que refletem práticas voltadas à EDH, destacando-se a preocupação com a formação contínua dos educadores e o respeito à diversidade dos estudantes.

Nesse sentido, diz a professora Socorro:

A Educação em Direitos Humanos eu não lembro se ela consta do PPP nominalmente mas, se você lê todo o PPP, ele está totalmente revestido de direitos humanos. É que às vezes, algumas pessoas pensam que para trabalhar determinada coisa, a palavra tem que constar.

O pensar freiriano de que ensinar exige a reflexão crítica sobre a prática aparece na fala da professora e coordenadora pedagógica Luciana Dias quando lembra as mudanças na prática de muitos educadores da Escola Zacaria ao longo dos anos de profissão

Eu aqui tenho vinte e seis anos. Sou mais antiga que o Wagner (diretor). [...] outros professores tem vinte, dezoito anos... começaram de uma forma e hoje têm outras ações. Tinha professor que tirava o aluno de sala de aula gritando. Hoje em dia é muito mais tranquilo. Desce.... a gente senta, conversa. Porque cada aluno tem uma história... e uma história mais difícil do que a outra.

Chamo aqui a atenção também para o fato de que a fala acima, de certa maneira, subverte um discurso comum entre professores, de que a carreira docente com o passar dos anos só proporciona desgaste físico e emocional. Daí a importância de não se generalizar as experiências, sob risco de incorrerem em um olhar míope ou enviesado sobre a realidade mais ampla que se apresenta.

A luta diária dos trabalhadores da educação para levar a frente um projeto educacional que respeite as diversidades e se veja como inseparável da comunidade a que pertence foi lembrada pela supervisora escolar Solange Amorim:

[...] Eu tenho muita admiração pelo projeto político-pedagógico dessa comunidade. Eles existem e resistem há tanto tempo, enfrentando muitas adversidades, porque não é fácil. Território é poder e, enfim, a gente tem, dentro da estrutura, pouca liberdade e autonomia pra pensar uma educação local com autoria, com protagonismo, com liberdade de estudo, de pesquisa. Quando você se dispõe a fazer esse enfrentamento, ele não é tranquilo. Ele é um esforço de luta, de resistência, porém as devolutivas disso... nossa... são incríveis e dão sentido pra nossa existência como educador e justificam nossa escolha pela escola pública.

Fechando este capítulo, pontua-se algumas reflexões trazidas a partir da leitura do PPP e pela pesquisa realizada.

O PPP da Escola Zacaria não focaliza unicamente habilidades e competências. Abre possibilidades para um projeto de educação emancipatório. A escola mantém um diálogo com a comunidade e a universidade sem introjetar hierarquias de saberes, buscando interligá-los e se nutrir de ambos. A forma como se estrutura a carreira docente, por exemplo, no estado de São Paulo, para o ensino fundamental II e ensino médio, dificulta a realização de projetos semelhantes ao da Escola Zacaria pois trata-se de uma categoria que, muitas vezes, leciona em mais de uma escola, pouco tempo de trabalho coletivo, o que dificulta trabalhar o currículo de forma não fragmentada. Tais dificuldades reforçam a Escola Zacaria como exemplo do *inédito viável* de que falava Paulo Freire. O trabalho em projetos coletivos que a Escola Zacaria desenvolve requer planejamento conjunto, organização, tempo, dedicação, materiais e apoio da equipe gestora. A Escola Zacaria demonstra que é possível aliar teoria e prática e deslocar o eixo da violência para a não violência.

5 PROJETO VALORIZAÇÃO DO EDUCADOR E MELHORIA DA QUALIDADE DO ENSINO (PROVE) – UM ESFORÇO COLETIVO DE AMOR AO CONHECIMENTO, RESPEITO À FORMAÇÃO DOCENTE E RESISTÊNCIA DA ESCOLA PÚBLICA E NA ESCOLA PÚBLICA

O que é um projeto? É uma intencionalidade. O desenhar de um vir-a-ser, mas com os olhos no ontem e no hoje, do já acontecido e do que está acontecendo. No caso do PROVE, uma intencionalidade claramente definida, a partir de um pressuposto político-filosófico-pedagógico.

(Laurinda Ramalho de Almeida)⁸³

O PROVE pode ser definido como um projeto de formação de professores que “tem como objetivo a discussão e aproximação entre a teoria e a prática docente”, como escreveu uma de suas participantes mais antigas, Vilma Feliciano, em artigo⁸⁴ que contribuirá para esta pesquisa. O PROVE já foi objeto de análise para vários educadores, seja na elaboração de artigos, trabalhos de especialização (TCC) ou teses de doutorado⁸⁵. Por isso, aqui trata-se de apresentar o projeto àqueles que ainda não tiveram a oportunidade de conhecê-lo e procurar identificar de que maneira ele se insere nas práticas de EDH, posto que é esse o objeto dessa pesquisa. Como um projeto vivo e dinâmico, ele tem se modificado e acompanhado as discussões candentes e necessárias da sociedade brasileira. Seus cursos inicialmente focalizavam uma formação mais instrumental, onde a arte e a música, por exemplo, não tinham o papel de destaque conquistado anos depois.

Um estudo sobre a Escola Zacaria precisa, necessariamente, fazer uma “parada obrigatória” para falar do PROVE. Sua proposta é feita da ousadia de educadores(as) com muito desejo de mudança e disposição para construir pontes de diálogo e circulação do conhecimento, sem perder de vista a dialogicidade entre teoria e prática de sala de aula. Ademais, os cursos oferecidos no PROVE problematizam questões que, muitas vezes, não são o alvo das preocupações de instâncias superiores. Estamos falando de uma formação que atende à realidade daquelas unidades escolares e daquele território e não de propostas genéricas que atendem toda a rede, muitas vezes desconsiderando suas singularidades. O PROVE tensiona o sistema ao insistir em estabelecer laços de solidariedade entre escolas de um mesmo território.

⁸³ ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. PROVE 10 anos: travessia. IN: *PROVE Livros 4 – PROVE 10 anos: Páginas & Letras*: São Paulo, 2007, p. 12.

⁸⁴ “*O Projeto Valorização do Educador e Melhoria da Qualidade do Ensino: um olhar sobre o bem estar docente*” in: ABRAHAO, Ana Maria; GARBIN, Monica; JUNQUEIRA, Patrícia (orgs.). *Desafios da educação contemporânea : ética, valores e saúde*: Ied. Curitiba: Appris, 2013.

⁸⁵ Mencionados no capítulo 3.

A prof^a Ana Maria Saul (PUC-SP), em entrevista à Revista Prove no ano de 2002, falou sobre a necessidade de a formação de professores “estar vinculada com uma proposta efetiva de uma escola para a população” e criticou a política “cursista” de formação existente em muitas redes que, segundo ela, “não assume a concretude da escola”. Sobre o PROVE ela diz

O projeto de formação de vocês mostra a possibilidade real, concreta, dos cursos partirem de demandas da realidade, de interesses. Em segundo lugar, e isto é muito interessante, porque tem a ideia muito presente da participação efetiva. E em terceiro lugar, e é uma coisa fundamental, muito importante, e eu até tenho feito referências ao trabalho de vocês em outros lugares, é esta preocupação de se relacionar, de se abrir, de criar vínculos com outras escolas. (p. 9)

Em 2003 foi a vez da prof^a Bernardete Gatti ser entrevistada pelos professores do PROVE⁸⁶. Em sua fala ela caracteriza o projeto da seguinte forma:

Primeiro, um respeito ao profissional; segundo não despreza o conhecimento e o conhecimento é trazido para ser lido; terceiro, não despreza a ideia de uma continuidade nos trabalhos docentes porque o trabalho docente não é um picadinho, é um continuum, ele tem uma relação horizontal com as áreas de conhecimento dos diferentes professores. (p. 7)

A formação docente passa pela questão do reaprender, pois trata-se, em muitos casos, de conhecer novas metodologias de ensino e um novo pensar que difere daquele que tivemos em nossa formação inicial. Quando aborda o PROVE, em sua dissertação de mestrado, Sandra da Costa Lacerda lembra uma reflexão de Morin sobre reaprender a aprender. “Reaprender é o mais difícil... aprender é fácil. Reaprender é mudar as estruturas de pensamento.” (p. 130) Sobre a disposição do educador de estudar para repensar suas práticas, Paulo Freire (2008) nos diz:

Qualquer tentativa de pôr em prática uma educação que, primeiro, respeitando a compreensão do mundo dos educandos os desafie a pensar criticamente; segundo, que não separe o ensino do conteúdo do ensino do pensar certo, exige a formação permanente dos educadores e das educadoras. Sua formação científica, mas sobretudo, exige um empenho sério e coerente no sentido da superação das velhas marcas autoritárias, elitistas, que perduram nas pessoas em que elas “habitam”, sempre dispostas a ser reativadas. (p. 168)

5.1 A IDEALIZAÇÃO DO PROJETO: O PROVE POR SEUS PERSONAGENS

Será privilegiada a formação que se faz no âmbito da própria escola, com pequenos grupos de educadores e educadoras ou com grupos ampliados, resultantes do agrupamento de escolas próximas. Este trabalho consiste no acompanhamento da ação-reflexão-ação dos educadores e educadoras que atuam nas escolas; envolve a

⁸⁶ Entrevista concedida pela prof^a Bernardete Gatti à Revista PROVE ano 2, vol. 2, p. 7, 2003.

explicação e análise da prática pedagógica, levantamento de temas de análise da prática que requerem fundamentação teórica e a reanálise da prática pedagógica, considerando a reflexão sobre a prática e a reflexão teórica. (FREIRE, 2000, p. 81)

Foi no ano de 1997 que a então coordenadora da Escola Zacaria Olga, pedagoga de formação freiriana, percebendo a evolução alcançada nas atividades de leitura e discussão e o interesse dos professores nas JEIF's, resolveu incentivar a formação continuada de sua equipe. Assim ela conta em entrevista:

Então, nós estávamos nesse movimento de ler, de discutir. Uma amiga que coordenava um grupo de estudos em uma escola particular me deu um folheto com a relação dos cursos que a escola oferecia aos professores. E eram cursos pagos. Mas ela disse assim pra mim: "Se os seus professores lá da escola pública quiserem fazer, eu dou bolsa pra eles." Eu falei: quantos? "Quantos quiserem." Eu cheguei na escola, levei os folhetos e pensei que não iriam dar muita atenção. Quem quiser me fala que eu telefono pra Amélia e ela faz a inscrição de vocês. Eram cursos aos sábados, aos domingos, depois pegou férias, à noite. E eu vi o interesse deles em aprender.

O passo seguinte foi pensar na verba para um projeto e, nesse momento, surgiu a ideia de convidar escolas próximas.

A gente recebeu um dinheiro que era aquela verba do MEC e que na época, (uma parte a gente podia pagar palestras na escola. Eu conversei com o Wagner (diretor) e com a Marilan (coordenadora) e falei: olha, eu não gosto de palestra, porque palestra a pessoa vem, gasta um dinheirão, a pessoa vai embora e não sai do lugar. Eu acho assim, a gente podia convidar algumas escolas próximas e organizarmos cursos. Por exemplo, com a verba que cada escola tem ela paga os cursos de maio e assim a gente vai... é como se estivéssemos fazendo palestras para o grupo de docentes. O Wagner e a Marilan gostaram da ideia e aí resolvemos convidar uma escola próxima. Discutimos a ideia, acharam interessante. Aí escrevemos um projeto, enviamos para as escolas e as convidamos para participarem do projeto. Então, no começo houve muito entusiasmo, mas depois, na hora de começar, ficamos em quatro escolas. Começamos o primeiro mês de funcionamento. Uma escola, Pracinhas da FEB, quando os professores viram, eles questionaram a diretora porque ela decidiu sozinha que a escola não iria participar. Mas a metade acabou participando... começou assim.

Reforçando as palavras de Olga, Luciana Dias, nos oferece seu olhar sobre o início do PROVE

Ele veio mesmo por uma demanda dos professores e eu fui uma dessas professoras. (...)Tinha um pessoal que dava curso na Escola Pentágono, na PUC, de sábado e nós íamos, sem certificação, sem pontuação. O interesse mesmo era o conhecimento. [...]Então... era um grupinho que continua até hoje na luta. Muitas hoje já são formadoras do PROVE, como eu, junto com a Olga, a Socorro, a Cecília Watanabe, agora ela dá o curso de EJA junto com a Lidinéia, que também começou no PROVE.

A coordenadora pedagógica, Olga, precisou pensar na questão dos formadores

Eu reconheço que eu tinha um papel super importante porque... quem vai dar os cursos? Eu usei as pessoas que eu conhecia. Então, o Paulo Rota que dava o curso de História, a Célia dava o curso de Matemática, a Isa dava o curso de Orientação Sexual, o Gilberto o (curso) de Movimento de Expressão Corporal... não me lembro de todos. Acho que a Melita dava o de Música e Dança. Aí de Português, não tinha uma pessoa, assim, que eu me lembrasse. Eu perguntei para a diretora do Santa Maria e ela me indicou a Mazé que eu não conhecia. Na entrevista com ela, não sei se você chegou a ler, uma entrevista com ela que tem na Revista PROVE de 2017. Eu liguei pra ela, ela não me conhecia e eu não a conhecia. Liguei, falei e ela topou na hora e lá na entrevista ela fala que gostou da proposta pois era na escola pública.

Sobre a formatação do PROVE, Olga nos explica:

[...] eu apresentei o projeto. Eles falam que eu sou a fundadora... eu não gosto que falem isso. Eu tive a ideia, mas só funciona porque teve adesão do grupo. Eu bolei assim: encontros mensais de 3 horas (no início eram 9 encontros anuais e, posteriormente passaram a ser 7) e a finalização em novembro com a realização de um seminário interescolas porque aí entra toda essa questão que você me perguntou antes, que é a questão dos direitos humanos, a questão da concepção de escola e tal entra tudo de novo e quando você faz isso... você tem os grupos lá fazendo os cursos, mas a formação vai parar só aí? Não.

Eis que surge a ideia de realizar um Seminário do PROVE para promover as trocas entre os participantes dos diversos cursos e até mesmo com professores visitantes, mas enfatiza que toda essa ação precisa ser coordenada e muito bem organizada. Olga explica

[...]Então, o seminário é o momento de compartilhar, de misturar. Todos os professores da escola são convidados e o convite vai pra outras escolas. Há professoras de outras escolas que nem são do PROVE, que vão para o seminário.(...) Para o dia do seminário, o que a gente bolou? A gente tem um número x de dias de reunião pedagógica. A última reunião do ano as escolas marcam no mesmo dia. Então, não tem aula nessas escolas nesse dia. Se o professor quiser ficar o dia inteiro no seminário ele pode, senão ele vai só no período de trabalho dele e está dispensado. Volta a questão do planejamento e da organização. É vital.

Paulo Freire refere-se à escola como um lugar de encontro, de afeto, de alegria e beleza. Segundo Olga, o Seminário do PROVE busca congregiar todas essas dimensões.

Aí é essa história, de ser o dia inteiro, de ter o almoço (porque o horário do almoço é fantástico). A Vera Placo da PUC foi lá uma vez lançar um livro, que a gente combinou e chegou a hora do almoço. Ela falou: “quando cheguei eu não acreditava que ali era uma escola pública. As pessoas conversando reunidas, sentando todas juntas. Na mesa em que eu sentei pra comer estava a moça que cuida do banheiro”.
(Olga)

Ao chegar à escola todos os participantes recebem uma sacola personalizada do evento contendo a Revista PROVE daquele ano, caneta, papel e uma lembrança produzida por uma das escolas participantes e que pode ser um marcador de página, um chaveiro, etc. Acompanha

também uma avaliação da participação no seminário para ser preenchida e entregue, preferencialmente, no mesmo local onde assinamos a lista de presença.

Ainda sobre Olga ter sido a criadora da proposta do PROVE, em entrevista à Revista PROVE de 2011, ela aproveita para falar sobre a influência de Paulo Freire: “Se é verdadeiro que a proposta de criação do PROVE é minha, é porque é uma herança de Paulo Freire na minha trajetória de educadora.” (p. 4)

A importância da alegria, do entusiasmo, da felicidade dentro da educação são aspectos ressaltados por Paulo Freire. Nesse sentido, trago a fala da professora Viviane quando perguntada sobre o PROVE:

[...] Ai gente...olha... o que que é o PROVE?! O PROVE é a prova viva da defesa da escola pública. Nossa..., gente..., como eu amo o PROVE! Eu participo dele desde que eu entrei no Zaca e desde 2017 eu faço parte da organização da revista. É uma coisa que eu admiro muito, muito, muito. Acredito na força do PROVE.[...]

5.2 OS FORMADORES DO PROVE – UM DIÁLOGO ENTRE O APRENDER E O ENSINAR

“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (Paulo Freire)

O fato de, aos poucos, muitos dos formadores do PROVE passarem a ser os próprios professores das escolas participantes do projeto, remete-nos a Paulo Freire. Olga explica:

[...] No começo a gente pagava porque a gente recebia o dinheiro. Era pouquinho, mas a gente pagava. Só que funcionou uns dois anos assim. O MEC cortou (a verba) porque disse que as escolas não aproveitavam esse dinheiro. É sempre assim... eles não veem como é que algumas (escolas) estão aproveitando e generalizam. Aí a gente ficou sem dinheiro. Na administração da Marta (prefeita) veio mais um pouquinho. Então, a gente foi colocando... não dá pra funcionar porque a gente não tem mais dinheiro pra pagar. Aí a Mazé continuou, o Paulo continuou também e era o Paulo e o Henrique juntos. O Henrique foi embora... o Gilberto continuou. E aí foi continuando. Depois o Gilberto foi embora... foi morar em Palmas. A Melita voltou pra Blumenau. E aí foi acabando, mas aí foi entusiasmando...então, o Ismerindo vendo essas coisas... ele nem falou comigo, falou com a Adriana que queria dar esse curso (de Astronomia). A Adriana veio falar comigo e eu disse: claro que pode! Imagina se eu sou dona... Aí ele começou a fazer e o povo ama... e ele resolveu fazer o mestrado em Física. Terminou o mestrado em Física, não sei se você sabe. O orientador dele estava querendo escrever sobre o ensino de Ciências na escola. Só que eles não têm experiência, embasamento... convidaram o Ismerindo.

Luciana Dias, que também fez esse percurso de professora participante a formadora do PROVE, relata:

[...] O que acontece com o PROVE em relação ao Zacaria é que os professores daqui passaram a ser formadores. Então, a prática mudou tanto dentro de sala de aula que alguns passaram a formar novos professores. Então é um ciclo e um processo muito assim, enriquecedor, porque... a partir do momento que você se transforma enquanto cidadão, enquanto profissional, enquanto pessoa, você também transforma sua forma de trabalhar. Então não é uma transformação imediata, não é uma transformação do dia pra noite, mas é uma transformação num processo lento, mas um processo sedimentado em bases sólidas, em que você vai montando a sua linha de pensamento...

Paulo Freire nos fala da dialogicidade como uma relação de “ir até o aluno”, estabelecendo uma troca de saberes. Sobre isso, a professora Socorro comenta

[...] É o PROVE fazendo a gente mudar (não de posição)... é trocar o lugar de quem ensina e quem aprende... é o Paulo Freire. Quem ensina também aprende. Quem aprende, também ensina. Eu fiz um curso como aluna, de repente eu estava oferecendo o curso e isso aconteceu com muitos professores que fizeram o curso e hoje são formadores.

Solange Amorim, supervisora escolar da rede, participante e formadora do PROVE, sublinha a relação horizontal estabelecida nos cursos, o que possibilitaria uma troca agradável e democrática do saber entre os educadores. Ela completa

[...] Eu cheguei a participar de cursos que discutiam alfabetização. Eu vi professores e professoras de diferentes unidades muito engajados estudando, pesquisando, problematizando as suas realidades, querendo avançar na alfabetização e no letramento das suas crianças verdadeiramente e eu não sou alfabetizadora. Eu fui fazer justamente pra sair da minha zona de conforto. São cursos com muita qualidade, feitos através de educadores da própria rede de forma colaborativa e por outros educadores que vem de outros lugares, vem da academia, mas não são da academia. A gente tem agentes de saberes de outras áreas e tudo depende da pauta formativa que é decidida coletivamente e é sempre uma possibilidade de encontro, de troca, de partilha. (...) Acho que a gente aprende mais do que ensina e ninguém vai lá com essa perspectiva de ensinar porque a gente está em uma horizontalidade de relações. São todos educadores e educadoras. Todo mundo tem bagagem, tem muito a contribuir e é uma possibilidade de, na verdade, crescer coletivamente. Se empoderar enquanto coletivo e é uma formação muito prazerosa porque ela é autônoma, é democrática, é horizontal e a gente não tem os obstáculos... pelo menos a gente busca romper com esses obstáculos burocráticos. Há muita liberdade para a produção desse processo. Então eu fico muito feliz de poder estar no PROVE, de ter conhecido o PROVE e poder contribuir de alguma forma.

5.3 O PROVE E A QUESTÃO DA AUTONOMIA NA FORMAÇÃO DOCENTE

“O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.” (Paulo Freire).

Recorrendo novamente à entrevista da prof^a Ana Maria Saul, ela reconhece as práticas contidas no PROVE como um exemplo de autonomia, quando afirma

Muitas escolas têm coisas muito boas produzidas dentro delas e então, nada melhor que criar esse partilhar. Esse é um exemplo bem acabado do que é autonomia. A autonomia pode ser discutida a partir de vários aspectos e, neste caso, é a autonomia dos educadores conquistando um espaço. E vocês não podem abrir mão dessa conquista, precisam divulgar isto na mídia, em outras escolas, na Universidade. (Ibidem, p. 9)

O diretor Wagner destaca a questão da autonomia que atravessa os objetivos do PROVE, uma vez que a participação no projeto não é obrigatória e o professor que optar por participar escolhe o curso que irá realizar. “Ele vai fazer o curso que ele quer. (...) O Prove ajudou na fixação desses professores nessas escolas. (...) O Prove também incentivou os professores a estudarem mais e muitos aplicam em sala de aula o que aprendem no Prove, ainda em curso.”

Essa permanência dos professores é justificada em parte pela existência desse espaço de formação que, segundo ele, é valorizada por muitos desses educadores.

Ele completa afirmando que muitos cursos de formação oferecidos pela SME-SP não têm continuidade de uma gestão para outra e que os professores precisam ser selecionados pela escola, fazendo com que, às vezes, alguns acabem indo contrariados.

A supervisora de ensino Solange Amorim também destacou a autonomia no PROVE

[...] Para mim o projeto mais importante é o PROVE no sentido de que os educadores têm uma autonomia em pensar sua formação de maneira a contribuir para a qualidade dessa educação que está sendo ofertada dentro da unidade e não pensando a unidade sozinha, isolada do território, pensando a unidade dentro de uma rede, uma parceria com outras escolas. É muito difícil uma escola dialogar com outra escola e você inclusive cavar possibilidades dentro da estrutura que a gente tem de processos formativos autônomos, que partem das nossas necessidades formativas. Então o professor é valorizado e reconhecido como um autor importante nesse processo, não como um mero reprodutor e executor de tarefas. Então, para mim, o projeto mais importante é o PROVE e ele na verdade incide sobre todos os outros porque o PROVE é um convite inclusive pra você manter vivo dentro do projeto político pedagógico os outros projetos que vão dando identidade à escola, porque você se sente mobilizado a pesquisar, a estudar, a problematizar questões que muitas vezes não interessam às instâncias maiores... e a realidade local, no chão da escola provoca essa necessidade. O PROVE te oportuniza isso e como isso é devolvido para o próprio PPP com mais conhecimento, como fonte de inspiração para mais experiências, para novas experiências... para novas práticas e o PROVE é isso... eu acho que é a experiência mais significativa. [...]

5.4 NOVAS FORMAS DE APRENDER

“[...]As próprias escolhas feitas pelos professores e professoras, ainda em 1998, foram revelando um perfil de educador que não é o de um sujeito preocupado estritamente com a área curricular de sua competência.” (Olgair Gomes Garcia)

Muitas vezes, as dificuldades de aprendizagem podem estar relacionadas aos modos de ensinar. Sobre isso, a professora Socorro Lacerda conta sua experiência de vários anos como participante dos cursos do PROVE

(...) Estou desde o início... e teve ano que eu fiz oito cursos.(...) Eu vou destacar o curso de História, que a princípio foi oferecido pelo Paulo Rota e que eu fiz três anos seguidos e me encantou. Eu já adorava História, mas o curso de História, da forma que eles deram, fora do quadrado, pensando aí a questão de História geográfica, humana, urbana... era tão fascinante... era um olhar tão diferente para aquela História que eu sempre tinha ouvido falar do livro, de estar ali muito certinho, das datas, das comemorações, das vitórias, daquela história contada pelo vencedor. Aí foi desconstruindo uma série de coisas. E foi a partir desse curso do PROVE, que eu fui fazer a faculdade de História. (...)

O relato acima expõe o interesse por uma forma não tradicional⁸⁷ de se aprender História. Semelhante observação ela faz sobre o curso de Matemática

Eu lembro que durante o curso de matemática a gente fez um trabalho com problematização, que era diferente. Não era aquela coisa tradicional. Era uma coisa mais para pensar, a operação vinha em segundo lugar. Se não refletisse, não resolvia. Eu fiz uma caixa grande, uma mala. Eu falava que era a 'problemateca'. Tinha muitos jogos, muitos problemas, tudo assim impresso... então, tudo isso é resultado do PROVE.

A inter e a multidisciplinaridade, as aproximações possíveis e desejáveis entre as áreas de conhecimento, são marcas do PROVE.

A possibilidade de compartilhar saberes e experiências com os colegas também foi observada pelo Rodrigo (ATE) em sua fala

[...]O PROVE é um projeto...(pausa) é um sonho para a educação. Por quê? Porque o PROVE faz com que esse professor da sala de aula consiga aprofundar uma reflexão do seu fazer fora dessa sala de aula e discutir com outros colegas que estão na mesma condição de professores e professoras, funcionários... essa troca do cotidiano.... Veja bem, o PROVE tem sido um curso de professores para professores que saem do calor da sala de aula e entram em uma sala pra discutir pensamentos e projetos em prol dessa mesma escola. Então é como se a gente estivesse tratando de uma práxis do fazer que é: eu faço, reflito sobre o que faço e volto a fazer novamente. Então, o PROVE tem essa característica. No Brasil nós falamos na valorização do educador, nós falamos de autonomia do educador, de um pensamento crítico, livre e o PROVE

⁸⁷ Por ensino tradicional de História entende-se aqui a prática recorrente até algumas décadas atrás que resumia o ensino dessa área aos chamados "Grandes Personagens". Eram valorizados, quase que exclusivamente, feitos históricos de caráter político, geralmente protagonizados por indivíduos das classes dominantes. A participação popular era, via de regra, marginalizada e os aspectos culturais eram pouco trabalhados. Nos últimos anos tem havido uma maior preocupação em evidenciar que a História é feita diariamente por todos os grupos sociais que a compõem e que há outros aspectos da vida cotidiana que devem estar nas aulas de História para além dos fatos políticos.

tem resistido nesse sentido e tem sido essa ferramenta. Um espaço onde os educadores praticam e exercem a sua práxis no cotidiano do seu fazer.

5.5 A IMPORTÂNCIA DO REGISTRO NO PROVE

Os registros das práticas diárias costumam ser encarados por muitos educadores como mera burocracia, sendo vistos como mais uma obrigação e não como um rico material de consulta que propicia o que Paulo Freire chamou de ação-reflexão-ação. Um movimento que precisa ocorrer continuamente na atividade educativa.

Corroborando o exposto acima, um dos cursos mais antigos e constantes do PROVE é o chamado Práticas de Registros, que atrai os educadores ao longo dos anos, conforme conta a professora Socorro:

Outro resultado do PROVE é a questão do curso que eu fiz pra trabalhar com a importância do registro em sala de aula. Eu já adorava registrar. Tudo eu registrava. Eu tenho meus diários de registros pessoais e já fazia o registro nos diários. Tem aquele espaço mínimo que eu sempre extrapolava e colocava papel extra porque eu não conseguia falar tudo. Produção de texto: como é que você escreve como trabalhou produção de texto? E eu queria escrever mais. Eu sempre fui apaixonada por registro e a Olga ofereceu o curso Práticas de registro e eu fiz esse curso durante muito tempo e depois a Olga me convidou para dar o curso junto com ela. Eu e a Olga demos esse curso por muito tempo.

A professora segue lembrando que um desses cursos de registros acabou se transformando em um livro chamado “Tecendo histórias de gente” e completa

É quando a gente vai contar uma histórica de memória da gente, que a gente não registrou... registrou só na memória e como é importante a gente ter o registro físico porque a memória vai, a memória passa. Existe essa oposição entre memória e esquecimento, mas o registro está ali. E foi um livro muito bonito... de um professor falar de sua vida difícil lá na roça, extremamente difícil... [...] Por que é que mudou tanto? Como é que ele chegou onde chegou? Então ele está aprendendo a importância do registro para levar à sala de aula, da história de vida para levar pra sala de aula, mas ele está pensando sobre sua própria vida. Então o PROVE é isso. Por isso que é apaixonante e que tem longevidade tão grande. Porque ele mexe com as pessoas.

A professora Viviane realizou o curso de práticas de registros com as professoras Socorro e Olga. Sobre essa experiência, ela relata:

(...)Primeiro que a prática de registros tem que ser constante. Não dá para nós educadores não registrarmos aquilo que acontece. É até uma forma de voltarmos, criarmos novas estratégias ou mesmo vermos se algo ficou pra trás e na hora nós não percebemos.

5.6 A REVISTA PROVE

“[...] Das revistas que eu conheço, para professores, eu considero a revista PROVE a melhor, no sentido que ela toca naqueles aspectos que são importantes para o profissional.” (Bernardete Gatti)

A fim de registrar as experiências pedagógicas desenvolvidas no PROVE, em 2002 foi criada a Revista PROVE⁸⁸. Em 2020 foi produzida a edição de nº 19⁸⁹. As publicações reúnem entrevistas, textos onde são apresentados diversos temas relacionados à educação, relatos, fotos tiradas no decorrer dos cursos já realizados ao longo desses quase vinte anos e trabalhos feitos por alunos, a partir de práticas pensadas pelos educadores no PROVE. Dessa forma, configura-se como rica fonte de pesquisa na qual pode-se resgatar centenas de experiências pedagógicas que percorreram muitas salas de aula nas escolas participantes do projeto.

A importância do registro sempre foi muito valorizada pela coordenadora pedagógica Olga, que semeou essa prática por todos os lugares onde passou. Sobre a Revista PROVE, ela diz:

(...) A revista surgiu 3 anos depois. Surgiu porque se você só dá os cursos, só faz o seminário... morreu. Você precisa ter um registro e aí um dia eu estava em uma conversa espontânea com a Lúcia, diretora do Mário Marques, falei: Lúcia, você sabe o que eu estava pensando? A gente podia fazer uma revista. E ela disse: “Nossa Olga, eu acho legal”. Acho que é uma boa ideia. Eu falei: vamos pensar. E a gente começou a pensar, propusemos... aí no começo era muita preocupação porque ficou como se fosse uma coisa minha. Cada curso tinha que produzir um artigo ou o próprio coordenador e depois fazer a revista. Então, eu ficava muito sobrecarregada na questão da capa, na questão dos artigos. No final, eu ficava vários finais de semana por conta da Revista PROVE (risos). Não me arrependo disso, mas eu tinha uma preocupação... a revista não é minha e não pode ser minha porque vai chegar um momento que eu não vou estar mais. Quando eu me aposentei, eu sugeri criarmos uma comissão da revista. Então, tem representante de cada escola e a gente se reúne pelo menos uma vez por mês e vai alinhando a revista.

Como colaboradora da Revista PROVE, a professora Viviane comentou a satisfação dos alunos que têm seus textos e outros trabalhos publicados nesse veículo e exibem para os colegas com grande orgulho. Esse material costuma aparecer no miolo da revista com o título: *O cotidiano da escola: onde a vida e o saber fluem...* Em algumas edições era a única parte colorida além da capa, dada a escassez de recursos de que dispõe a publicação. Cada escola

⁸⁸ Todos os números da Revista PROVE estão disponíveis para leitura na íntegra no blog da Escola Zacaria. Acesse: blogandonozaca.blogspot.com

⁸⁹ Em virtude da pandemia, ficou resolvido que essa edição seria publicada apenas no formato online.

participante do projeto naquele ano tem o direito de escolher até 3 atividades de alunos para compor esse espaço.

Ao longo dos anos a tiragem da revista sofreu uma redução considerável. Até 2016 eram 1.500 exemplares. A partir de 2017 passou-se para 1.000 exemplares e em 2019, na última edição impressa, foram 900 exemplares. A professora Socorro falou sobre as dificuldades financeiras para manter a Revista e o projeto como um todo

[...] Tem algumas coisas que dependem da secretaria (SME-SP) e aí, por exemplo, o PROVE, que está no PPP, a gente tem um seminário, para lançar. É difícil. É um dificultador para que no seminário tenha a revista, para que os cursos aconteçam. A gente tem uma professora que dá o curso e ela mora em Guarulhos. A gente já conseguiu que todos que dão o curso sejam voluntários, só que ela mora em Guarulhos. Ela precisa vir pra cá. Ela é voluntária. Ela tem que arcar também com essa despesa? Então, o PROVE é um projeto fundamental, importantíssimo para essa questão do trabalho em direitos humanos. As escolas fazem tudo o que elas podem, mas o que depende além da escola, como trazer o professor, como publicar a revista, como organizar o seminário materialmente, porque tem que ter o lanche, uma série de coisas que não depende só da escola. Isso é um dificultador porque dinheiro tem, a gente sabe, mas pra chegar especificamente na escola, fora daqueles legais, é difícil. Isso também eu acho que é um dificultador.

5.7 O PROVE PARA ALÉM DOS PROFESSORES

“[...] Histórias de vida, personagens de verdade, heroínas da vida real, forno, fogão e poesia. Assim começa a história desta experiência, com a vida escrevendo ela mesma.” (Maria Lúcia Fabrini de Almeida)

Ter um olhar para o outro faz a diferença. Foi assim que a professora Socorro percebeu que nos primeiros anos o PROVE não chegava a todos os funcionários das escolas envolvidas.

[...] Eu percebi que as agentes de apoio estavam sem um espaço no PROVE. Eu propus um curso para as agentes de apoio, que no início foi exclusivamente para elas (depois alguns professores foram fazer) que era a questão da memória afetiva. A importância da memória afetiva na profissão que você escolheu. E foi tão bonito esse curso, tão emocionante, ao mesmo tempo que elas lembravam o que tinha feito elas chegarem até ali... vinha a saudade. Vinha o desejo de voltar o tempo. Foi muito legal! (Socorro)

Insistindo na visão de que o PROVE deveria alcançar todos os trabalhadores das escolas e não apenas os professores, cabe destacar o trabalho desenvolvido em 2004 pela Professora de Literatura, Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP Maria Lucia Fabrini de Almeida. Com larga experiência no campo de estudos das artes, Lucia ofereceu um curso Intitulado “Alegria e Solidariedade nas relações de Trabalho” que reunia agentes escolares na sala de leitura da Escola Zacaria. A ideia foi trabalhar, como já adianta o título que dá nome ao

texto, publicado na Revista PROVE nº 3 de 2004, “História de vida, Poesia e Identidade.” Para isso foram desenvolvidas atividades pesquisando o significado do nome de cada participante: “Lá, apareceu Antônia, ‘a que merece homenagens’; Eunice, ‘a boa vitória’; Tânia (diminutivo de Titânia), ‘de bela aparência’[...]” (p. 46). As demais etapas do curso envolveram as histórias, desenhos e/ou pinturas, a escrita de um diário e, por fim, a produção de poemas.

O curso trabalhou o movimento do corpo e as histórias que iam aos poucos saindo da mente e saltando para as folhas de papel. “Quem ainda não se conhecia foi se conhecendo; quem já se conhecia foi se conhecendo melhor, na medida em que o fio da vida ia se tecendo nesse crochê coletivo.” (Ibidem, p.46)

Como a própria Maria Lucia enfatizou: “Não podemos esquecer o lanche da Olgair, como sempre, a pausa calorosa do café com leite e frutas do sítio do Wagner.” Ela encerra o texto com a reflexão

O que é a história de vida senão um tecido, um texto ou as imagens que aparecem no diário? Porque, na verdade, estamos é traçando, desenhando, escrevendo a nossa própria identidade – que começa lá longe, quando recebemos o nosso nome próprio. (FABRINI, 2004, p. 47)

Um conhecimento que se quer para além da sala de aula, da sala dos professores e da escola por meio de uma formação integral como diz a professora Socorro

[...]Então o PROVE não é um projeto de formação de professor em que o que é discutido seja apenas para escola, para sala de aula. É uma formação integral da pessoa. Ao participar do PROVE, a gente sabe que vai participar de um projeto, de cursos, de formação continuada integral. Não é assim... eu pego aqui e copio ali. Não é cópia de nada. É reflexão do ser professor e do ser gente. [...]

5.8 A LONGEVIDADE DO PROJETO

“A busca de sentido é o que dirige a travessia de todos nós. Não foi isso que dirigiu as pessoas que idealizaram, implementaram, acompanharam o PROVE nestes 10 anos?”⁹⁰

Quando questionada sobre a que ela atribui a sobrevivência do PROVE ao longo de tantos anos, Olga responde:

⁹⁰ ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. PROVE 10 anos: travessia. IN: *PROVE Livros 4 – PROVE 10 anos*: Páginas & Letras: São Paulo, 2007, p. 11.

Basicamente, à construção coletiva, que é isso que eu acredito na escola. A escola tem que ser construção coletiva. Pensar em unanimidade... a unanimidade é uma besteira... não existe. Mas quem está a fim tem que apostar nas pessoas que estão a fim e é esse movimento delas que contagia ou não... A escola vai ganhando uma forma, uma cara, na medida que ela vai se tornando uma construção coletiva. O PROVE é uma construção coletiva. Então, não é à toa... você fica...

Fazer, refazer, repensar, renovar, inovar, inventar. Esses verbos têm feito parte do PROVE ao longo dos anos, principalmente quando observamos a variedade e a atualidade dos cursos propostos ano após ano. Um exemplo pode ser demonstrado comparando os anos de 1998 e 2011. No primeiro, foram ofertados os cursos:

- ✓ Leitura e Escrita;
- ✓ Língua Portuguesa;
- ✓ História e Geografia;
- ✓ Ciências;
- ✓ Inglês;
- ✓ Corpo e Movimento;
- ✓ Orientação Sexual

Já no último, os professores puderam optar por:

- ✓ Alfabetização;
- ✓ Dimensão educacional do Quadro de Apoio;
- ✓ Proposta de Trabalho com Alunos Alfabetizados (a partir do 3º ano);
- ✓ Cosmologia;
- ✓ Jogos Matemáticos;
- ✓ Cordel na Escola;
- ✓ História;
- ✓ Geografia;
- ✓ Tecnologias de Aprendizagem;
- ✓ História do Cinema;
- ✓ Movimento do Corpo na Educação;
- ✓ Diferentes Saberes: um trabalho de tutoria entre alunos;
- ✓ Filosofia;
- ✓ Artes.

A professora Viviane joga luz para o fato de o PROVE estar tratando de temas mais amplos, que envolvem assuntos muitas vezes ausentes ou pouco trabalhados nos currículos oficiais, como relações étnico-raciais, questões de gênero, feminismo e outros. Podemos dizer

que o PROVE tem acompanhado o movimento da sociedade que procura colocar em debate questões antes ignoradas em benefício das esferas de poder e de opressão.

[...] Eu até brinco: depois que o PROVE ficou maior de idade, ele não precisava pedir mais permissão pra ninguém. Então nós começamos a ter essas temáticas como feminismo, gênero. (...) Quanto mais eu leio, mais eu estudo e o PROVE dando essa oportunidade, facilita o meu dia a dia na sala de aula.[...]

Na comemoração dos dez anos do PROVE (1997-2007), o projeto ganhou o quarto volume da coleção PROVE Livros. No capítulo 2, intitulado “O PROVE no caleidoscópio dos professores: dez anos de caminhada”, o professor Edson Roberto Ravásio, dentre outros questionamentos, perguntou: O que é ser professor antes e depois do PROVE? Foram selecionados trechos dessa coletânea de relatos⁹¹.

“Eu era extremamente insegura, dificilmente falava em público, tinha muita vergonha de me expressar. Hoje ainda existe uma insegurança, mas já estou bem mais solta.”

“Antes do PROVE – principalmente em Português, detectavam-se as dificuldades e não se sabia como intervir para sanar as falhas. Depois – nos apropriamos de várias situações didáticas para a melhoria do processo ensino-aprendizagem.”

“O PROVE me ofereceu subsídio para refletir sobre a questão da avaliação.”

“Antes do PROVE (eu) não conseguia realizar e acreditar que era possível promover tantas mudanças na minha rotina de sala de aula. E hoje busco sempre inovar e proporcionar condições de aprendizagem.”

“Antes era entrar na sala de aula e desenvolver seu trabalho com o aluno. Depois do PROVE é estabelecer relações, registro, novos projetos, novas ideias e movimento o tempo todo.”

“O PROVE abre um leque de caminhos novos e de restauração dos caminhos que já conhece. Além da interação e troca com outros educadores.”

“Depois do PROVE, mais segurança, seleção mais minuciosa de textos e atividades mais interessantes para os alunos.”

“Pude entender o quanto é complexo lidar com o ser humano, e no curso houve várias trocas de experiências e tive a compreensão de como lidar com a diversidade de conteúdo e como avaliá-lo de forma global.”

“Antes do PROVE foi ser um professor tradicional, transmissor de conhecimento. Depois, um olhar mais crítico sobre o meu trabalho e os resultados dele.”

⁹¹ Os relatos estão localizados no intervalo entre as páginas 27 e 30 do PROVE Livros 4.

“Antes do PROVE: olhar mecânico, técnico; depois do PROVE: olhar mais humano, mais sensível.”

“Antes – mais insegurança, solitária, angustiada. Depois – mais esperançosa, organizada”.

É possível notar nos relatos que a angústia e insegurança, muitas vezes advindas do trabalho solitário em sala de aula, encontra amparo e esteio quando em comunhão com os colegas de profissão, compartilhando de aflições semelhantes em um grupo que acolhe e permite que eu expresse minhas deficiências teóricas e práticas sem temer um julgamento sumário.

Para o professor Edson, muitos dos relatos evidenciam uma prática de olhar para si mesmo acompanhada de um processo de ação-reflexão-ação. Outros pontos levantados por ele foram a preocupação com a avaliação da qual ele discorda, citando (AQUINO, 2002) “o verbo pedagógico é o ensinar, e não o avaliar.” Para finalizar, destaca a consciência de muitos professores relativamente à sua atuação social. “Sabem que sua prática tem uma certa influência nas novas gerações.”

A professora Socorro, participante de todas as edições do PROVE, lembra como o projeto passou por diferentes momentos e destaca uma situação recorrente que gerou inflexão

Com a continuidade do PROVE a gente percebe nitidamente que os primeiros anos do PROVE eram encontros para lamentação. Iam só para dizer: “professor não é capacitado”, “ninguém valoriza”, “a sala de aula com 40 alunos”, “o salário”... Passava o horário do encontro só com lamentações. Até romper isso... que eu lembro da fala de uma professora, a Mazé, ela disse (depois de vários encontros): “É o seguinte: a gente vai ter que decidir o curso...ou a gente vem estudar ou a gente vem se lamentar.” Foi muito clara. E, a partir daí, o curso continuou a andar. E, como reflexo, nos outros também, parou a lamentação.

O fato de o número de escolas participantes ter oscilado muito ao longo dos anos e se estabilizar em uma média de 5 escolas participantes pode ser explicado pela inexistência de certificação, pontuação⁹² e dispensa do dia de trabalho. Diante disso, seguem firmes os educadores que pensam a formação para além do incremento formal de seu currículo e da evolução de sua vida funcional. Permanecem os que desejam ampliar seu horizonte de conhecimento, reforçar laços com colegas de profissão de outras unidades escolares e estudar assuntos quase sempre ausentes dos cursos de formação oferecidos pela administração central.

⁹² De acordo com Olgair Gomes Garcia, o PROVE só obteve autorização junto à SME para conceder pontuação a seus participantes durante uma edição.

Finaliza-se esse item com a fala do diretor Wagner durante a reunião de pais dos novos alunos da Escola Zacaria de 2020

A gente tem o maior orgulho de conseguir tocar esse projeto. Uma administração (pública de 4 anos) às vezes não dá conta de tocar um projeto. O Zacaria com essas escolas... nós estamos aí há 22 anos tocando esse projeto. Então... é motivo de orgulho para nós.

5.9 ALGUNS DADOS SOBRE A PARTICIPAÇÃO NO PROVE

Educadores de mais de 20 escolas já passaram pelo PROVE. Segue relação contendo a maior parte das escolas participantes:

- EMEF Professora Ana Silveira Pedreira;
- EMEF Carolina Rennó Ribeiro Oliveira;
- EMEF Dezoito do Forte;
- EMEF Jardim São Luiz;
- EMEF Professor Lorenço Manoel Sparapan;
- EMEF Cel. Luiz Tenório de Brito;
- EMEF Professora Maria Berenice dos Santos;
- EMEF Mário Marques Oliveira;
- EMEF Bel. Mário Moura e Albuquerque;
- EMEF Mauro Faccio Gonçalves – Zacaria;
- EMEF Otoniel Mota;
- EMEF Pracinhas da FEB;
- EMEF Profº Theodomirom do Amaral;
- EMEF Antonio Estanislau do Amaral;
- CEU Guarapiranga;
- EMEF M. Boi Mirim I;
- EMEF Tereza Margarida;
- EMEF M. Boi Mirim II;
- EMEF Marli Ferraz Torres Bonfim;
- EMEF Oliveira Viana;
- EMEF Sócrates Brasileiro;
- EMEI Alice Alves Martins;

- EMEI Janete Clair.

Abaixo o número de escolas participantes a cada ano do PROVE mostrando a variação ano a ano, de acordo com o interesse e as possibilidades das unidades escolares da região:

Tabela 11 — Escolas participantes do PROVE
(continua)

ANO	Nº ESCOLAS PARTICIPANTES
1998	4
1999	8
2000	10
2001	16
2002	13
2003	11
2004	10
2005	11
2006	8
2007	8
2008	5
2009	10
2010	4
2011	6
2012	6
2013	-
2014	6

Tabela 11 — Escolas participantes do PROVE
(continuação)

ANO	Nº ESCOLAS PARTICIPANTES
2015	5
2016	5
2017	5
2018	6
2019	7
2020	5

Fonte: documentos obtidos junto à EMEF Zacaria e Revistas PROVE

A Escola Zacaria participou de todas as edições do PROVE.

O professor Douglas Ferreira Tomé disponibilizou um gráfico gerado a partir do preenchimento dos formulários eletrônicos de inscrição do PROVE entre 2013 e 2020. Embora não retrate toda a história do projeto, os dados oferecem algumas informações:

Tabela 12 — Número de inscritos no PROVE entre 2013 e 2020⁹³

(continua)

ANO	Nº DE INSCRITOS	DRE/LOCALIDADE	Nº POR SEGMENTO
2013	248	Campo Limpo	Fund I – 66 Fund II – 148 Outros – 34
2014	278	Campo Limpo	Fund I – 84 Fund II – 127 Outros – 67
2015	198	Butantã / Campo Limpo / Jaçanã / Santo Amaro	Fund I – 79 Fund II – 81 Outros – 38
2016	-	-	-

⁹³ Não existem dados sobre o ano de 2016.

Tabela 12 — Número de inscritos no PROVE entre 2013 e 2020

(continuação)

ANO	Nº DE INSCRITOS	DRE/LOCALIDADE	Nº POR SEGMENTO
2017	245	Campo Limpo / Guaianazes / Ipiranga / Penha / São Matheus	Fund I – 92 Fund II – 116 Outros – 27
2018	113	Campo Limpo	Fund I – 34 Fund II – 72 Outros - 7
2019	143	Campo Limpo	Fund I – 53 Fund II – 127 Outros – 67
2020 ⁹⁴	438	Bauru / Belém / Bragança Paulista / Brasilândia / Brasília / Butantã / Cachoeirinha / Caieiras / Campo Limpo / Capela do Socorro / DRE Centro / DRE Sul 1 / DRE Sul 2 / Freguesia do Ó / Guarulhos / Ipiranga / Itapecerica / Jaçanã / Jacareí / Jaraguá / Jundiaí / Maranhão / Mascaranhas / Paraisópolis / Paranaguá / Penha / Piracicaba / Pirituba / Santo Amaro / São Miguel / Pará / Santa Catarina / SBC / São Caetano do Sul / Serrana / Sumaré / Taboão da Serra / Vila Prudente	-

Fonte: Documentos relativos às inscrições obtidos junto à EMEF Zacaria

Os números acima apontam para um maior número de educadores do ensino fundamental II em comparação com o ensino fundamental I. Isso se explica, em parte, pelo fato de os últimos serem polivalentes e estarem em menor número nas unidades escolares em comparação aos educadores especialistas.

Outra informação diz respeito à localidade. Embora a proposta inicial fosse ter abrangência nas imediações da DRE Campo Limpo, o projeto atraiu educadores de outras regiões em algumas edições e, especialmente, em 2020, em virtude do formato adaptado à pandemia, recebeu inscrições de 38 localidades diferentes (majoritariamente regiões periféricas de SP) e 20 instituições diferentes, inclusive fora do estado de São Paulo, além de representar o triplo de inscritos do ano anterior.

⁹⁴ Como já mencionado, em 2020 os cursos foram oferecidos no formato online utilizando a plataforma Google Meet. As inscrições foram abertas a todos os interessados.

Ainda sobre o ano de 2020, o prof^o Douglas Ferreira Tomé também nos forneceu o link do formulário de avaliação do PROVE, no qual foi possível verificar, entre aqueles que responderam, que: 24 educadores da Escola Zacaria⁹⁵ (ou que a indicaram como porta de entrada para acessar o projeto) realizaram um ou até quatro cursos, além de participarem das oficinas do Seminário Interescolas; 13 educadores da Escola Zacaria participaram exclusivamente das oficinas.

Os cursos mais escolhidos entre esses educadores foram (n^o de participantes – nome do curso):

- ✓ 8 - Alfabetização: desafios e contextos de distanciamento social;
- ✓ 8 - Gênero e Sexualidade: múltiplos olhares;
- ✓ 5 - Um passeio pelas ondas do feminismo;
- ✓ 4 - Cosmologia a partir dos modelos;
- ✓ 3 - Educação de Jovens e Adultos: construção coletiva de práticas docentes;
- ✓ 3 - Fakenews, Tecropolítica e Vigilância Tecnológica;
- ✓ 3 - Os ingredientes do imaginário e do inventivo no “caldo” da aprendizagem de alunos e de professores. Há lugar para o imaginário e o inventivo na escola?;
- ✓ 3 - Horta e sustentabilidade;
- ✓ 3 - Territórios de Existência e Resistência: a pandemia chegou com Cabral;
- ✓ 2 - Acolhendo e cuidando dos nossos corpos: yoga, respiração e meditação.

Esses dados nos informam como é amplo o leque de interesses dos educadores e como temas clássicos como alfabetização concorrem com assuntos mais recentes como gênero e feminismo.

Em relação à pergunta contida no formulário: Quais são suas impressões sobre o PROVE? foram selecionadas algumas respostas do universo total de 156 contribuições, não apenas da Escola Zacaria. A maioria destaca a importância dos temas escolhidos para os cursos e oficinas, mas abordaram outras questões: o enriquecimento pessoal e profissional possibilitado pelas reflexões; a superação e ousadia do projeto diante da pandemia com seu formato online que agradou muitos participantes; a convivência, muitas vezes geradora de afetos, com colegas de outras áreas e opiniões para debater durante os cursos e oficinas. (Os autores das respostas não serão identificados)

⁹⁵ A Escola Zacaria ficou em 2^o lugar no número de participantes, atrás apenas da EMEF Prof^o Mário Marques de Oliveira. Esses dados referem-se aos participantes que responderam a pesquisa.

“Um espaço muito mais livre do que as formações de professores que são oferecidas pelas DRE’s (formatadinhas), ou seja, com possibilidades maiores de transdisciplinaridade, de participantes colegas de várias áreas e interesses, de ambiente de estudo espontâneo e dinâmico, sem cobranças (tratamento de respeito e autonomia aos participantes), e o professor responsável trazendo os mais recentes estudos sobre o tema, para o centro do debate, deixando assim, cada encontro intrigante, com surpresas e rico de opiniões dos colegas de várias áreas.”

“Um projeto que veio somar ideias, diálogos, pensamentos e sonhos. Um incentivo a ter resistência a todas as ações de um governo que massacra as classes mais periféricas da nossa cidade. Participar destes encontros foi o mesmo que tomar vitaminas de ânimo e esperança. Que tempos melhores virão. Que jamais desistir e que juntos somos mais fortes. Que ousadia e resistência são as palavras de ordem.”

“O PROVE é um projeto que tem dado certo, pois tem unido e acolhido pessoas há mais de vinte anos promovendo o conhecimento e o compartilhamento de experiências... isso sem falar no carinho e no envolvimento que acaba acontecendo entre os participantes.”

“Os cursos nos ajudam muito a estarmos atentos aos conhecimentos e principalmente fazendo links e estabelecendo relações com conteúdos que podem ser colocados em prática junto aos estudantes.”

“Espaço de formação numa perspectiva de vanguarda que valoriza e fortalece o território. Mesmo após 23 anos de existência é muito atual e necessário.”

“Ousadia por reinventar-se sempre, superação contínua e a resistência por manter-se cada vez mais forte nos seus princípios que têm como base a formação de qualidade do educador.”

“É uma iniciativa extraordinária. Nunca imaginei que a escola pública teria forças, em meio a tantas dificuldades, para estabelecer uma rede de conhecimento, de experiência e de debate tão potente. Desejo que o PROVE se mantenha, se renove, continue sempre. É um privilégio, como professora, vivenciar esse projeto.”

5.10 OS DESAFIOS DO PROVE

“Quando um sonhador se junta a outro sonhador, eles encurtam a distância entre o sonho e a vida sonhada.” (Paulo Freire).

Todo projeto pode apresentar seus aspectos positivos e negativos. Nesse sentido, cumpre-nos apontar as principais dificuldades que o PROVE tem enfrentado ao longo dessas mais de duas décadas.

Podemos começar pela dificuldade apontada por alguns participantes em conciliar dias e horários de trabalho com os cursos e locais onde os mesmos são oferecidos. Os motivos podem ser o fato de muitos não possuírem veículo próprio; o trânsito da cidade também dificulta o cumprimento de horário e a própria dinâmica de funcionamento da escola pode, vez por outra, dificultar a participação do professor.

Tem cinco escolas e todas tem que participar. Um curso é em uma escola aqui, outra ali. As pessoas vão para lá. Tem muito professor que não participa por causa dessa mobilidade. Alguns (professores) entraram e saíram porque acham que tem que ter dispensa do dia. (Olga)

Outro ponto levantado são as dificuldades financeiras que vêm de longa data como mostra o trabalho de LACERDA (2002)

Manifestou-se possibilidade de o Projeto não ter continuidade no ano 2000, pois, até aquele momento, a verba do FUNDEF, principal recurso para o pagamento dos regentes dos cursos oferecidos, não havia sido depositada. Mesmo assim, estariam discutindo propostas alternativas. (p. 97)

Por fim, a falta de reconhecimento por parte da SME-SP que não pontua e nem certifica os participantes desse projeto também foi apontado como desmotivador. O PROVE contou por poucos anos com uma verba municipal que pudesse cobrir os custos para sua realização.

Retomando a edição de comemoração de uma década do PROVE, o diretor Wagner escreveu sobre os desafios de propor e coordenar um projeto de formação do educador que articula professores e professoras de várias escolas.

Pautando muito do trabalho que realizamos no que aprendemos com Paulo Freire, quando foi Secretário da Educação, nossas escolas vêm procurando assumir seu papel coletivamente, utilizando o espaço escolar como local de formação, de enfrentamento a todas estas questões. Afinal, a escola é onde se aprende continuamente fazendo uso da reflexão sobre a própria prática, é o local da práxis e da teoria. Local de definição clara a quem servimos e porquê. Se nos preocupamos para que nossas crianças e jovens tornem-se verdadeiros sujeitos de sua aprendizagem, que possam compartilhar certezas e incertezas do processo para que o espaço escolar torne-se realmente autônomo, vivo, com certeza temos aprendido muito para saber lidar com os entraves e para encontrar alternativas que venham a sanar as dificuldades inerentes à vida escolar, discutidas e assumidas pelos próprios atores. (CARBONARI, 2007, p. 40)

5.11 O PROVE E A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

“Porque o PROVE não é uma entidade: são pessoas, com afetos, cognições, movimentos que, juntando suas esperanças de um ensino de qualidade na escola

pública, tendo por consideração final o aluno, fizeram o melhor que puderam: juntaram recursos, aproveitaram brechas, desenvolveram solidariedade.”⁹⁶

O PNEDH ressalta a formação inicial e continuada dos educadores como um dos seus eixos fundamentais. Uma das ações programáticas consiste em

[...] promover a inserção da educação em direitos humanos nos processos de formação inicial e continuada dos(as) trabalhadores(as) da educação, nas redes de ensino e nas unidades de internação e atendimento de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, incluindo, dentre outros(as), docentes, não-docentes, gestores(as) e leigos(as). (p. 33)

Isso por si colocaria o PROVE em uma posição de promotor da Educação em Direitos Humanos, mas é a preocupação com o tipo de formação que esses educadores receberão que faz desse projeto um grande aliado desse plano. Sobre esse comprometimento do PROVE com uma Educação em Direitos Humanos, Olga nos conta:

O Marcos do Mário Marques (escola) (...) tem trabalhado muito com a questão de gênero, a questão da mulher. Tem aquele curso de justiça restaurativa(...) A linha do curso de História que o Paulo sempre deu, está muito calcada nessa questão do sujeito, dos direitos, da liberdade, da autonomia.(...) E até o próprio jeito do curso funcionar vai trabalhando essa coisa da confiança no outro, da pessoa se comprometer, do compromisso com o outro.

O projeto tem a preocupação de sensibilizar seus educadores para que conheçam, respeitem e defendam os direitos humanos. Não apenas os seus, mas também os do outro, em especial daqueles que, por se encontrarem em situação vulnerável, estejam impossibilitados de se defender de violações de direitos cotidianamente.

Como conclui Vilma Feliciano em artigo já mencionado,

O Projeto Valorização do Educador e Melhoria da Qualidade do Ensino, que se apresenta como uma possibilidade de formação continuada autogovernada e como uma arma de luta por uma educação pública de qualidade, pode propiciar o bem-estar de seus participantes no sentido de torná-los cada vez mais sujeitos de seu trabalho, conscientes de seu poder de organização e de transformação de si, do outro e do mundo, cada vez mais libertos e autônomos. (p. 201)

⁹⁶ ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. PROVE 10 anos: travessia. IN: *PROVE Livros 4 – PROVE 10 anos*: Páginas & Letras: São Paulo, 2007, p. 11.

5.12 O SEMINÁRIO PROVE INTERESCOLAS DA EDUCAÇÃO PÚBLICA ENTRE 2017-2020 A PARTIR DAS OBSERVAÇÕES DE CAMPO.

5.12.1 XX Seminário PROVE Interescolas da Educação Pública

Data: 09 e 10/11/2017

Local: Dia 09/11 Espaço Paideia de Teatro

Dia 10/11 EMEF Mauro Faccio Gonçalves - Zacaria

Tema: “O reconhecimento do valor de professores e professoras, como princípio orientador de uma proposta de formação do educador na escola pública”.

Programação:

09/11 – quinta-feira

19h00 – Abertura do Seminário

19h30 às 20h00 – Peça “Santo Dias, da roça à fábrica.”

20h00 – Conversa com o diretor Amauri Falfeti

10/11 – sexta-feira

07h00: Abertura / Café da manhã

08h00 - 10h00: Oficinas

10h00: Intervenção “Corpos Presentes”. Coordenador: Marcos Cesário

Palestra: “O Reconhecimento do valor de professores e professoras, como princípio orientador de uma proposta de formação do educador na escola pública” – Prof^a Olgair Gomes Garcia

11h30: Homenagem aos professores formadores do PROVE

11h40: Apresentação conjunta dos alunos do Violão com os alunos do Espanhol (participantes do Mais Educação da Escola Zacaria)

11h45: Almoço

13h30-15h30: Oficinas

16h00: Apresentação teatral do grupo “O Guerreiro Invisível: Morando no Brincar dos Contos do Tempo.” - Prof^a Wania Karolis

17h00: Encerramento

Minha primeira visita à Escola Zacaria ocorreu no segundo dia do Seminário PROVE de 2017 realizado no mês de novembro. Tradicionalmente, esse evento ocorre em duas etapas: a primeira em uma quinta-feira à noite com convidados e apresentações artísticas e na sexta-feira durante o dia todo. Este último dia costuma ser organizado com falas de convidados e

participantes do curso, oficinas nos períodos da manhã e da tarde e o encerramento com uma atração artística. A minha impossibilidade de acompanhar o primeiro dia do evento se deu pelo fato de que leciono no período noturno.

Foram três horas para completar o trajeto da minha casa à escola e quando cheguei o seminário estava começando com a intervenção artística “Corpos Presentes” que consistia em um grupo de professores que estavam perfilados sob o palco e um de cada vez dava um passo para frente e lia um relato de agressão ou homicídio motivado por homofobia. Em seguida um colega colocava um saco grande e marrom sob a cabeça desse professor. A música de fundo tratava do mesmo tema. Foi uma performance bastante tocante.

Terminada a apresentação, deu-se início a palestra da professora Olgair Gomes Garcia que procurou problematizar a questão prática e teoria/teoria e prática mediante os seguintes questionamentos: o que fazer? como? por onde começar? Era preciso, segundo ela, investigar o não saber dos professores. Seria falta de compromisso? Haveria a necessidade de aprender para compreender os desafios apresentados pela realidade?

Partindo desses questionamentos, Paulo Freire foi lembrado por Olgair como um grande defensor da formação como combustível que faz o ser se reinventar, além de um grande entusiasta da ousadia necessária ao educador e que esta seria uma característica do PROVE desde a sua origem.

Em seguida ela falou sobre “as revelações do processo” de formação do PROVE 2017, descritas como: o encantamento; as mudanças na prática pedagógica; a concepção de educação e formação e por fim, confiança, entusiasmo e convivência.

Ao finalizar, ela discorreu sobre um novo perfil do educador, sendo aquele que possui um reconhecimento de si mesmo como sujeito de valor, preocupado com sua formação e com o desenvolvimento dos estudantes. Esse educador também deve dispor de ousadia, criatividade, autonomia e participação, mantendo um compromisso com a educação que vai além de dar aula e cumprir o programa.

A programação se seguiu com homenagens a professores que participam do PROVE há muitos anos, como a Maria José Nóbrega⁹⁷ (Mazé), formadora no curso de alfabetização. Em seguida assistiu-se à apresentação conjunta dos alunos do curso de violão e os do curso de espanhol (ambos da EMEF Zacaria). Eles tocaram e cantaram para os participantes do seminário.

⁹⁷ Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo e formadora do PROVE desde os anos iniciais do projeto. Destaque para o curso de Alfabetização coordenado por ela há muitos anos.

Chegou a hora do almoço e com a contribuição no valor de R\$ 10,00 pudemos nos deliciar com um buffet muito caprichado. A mesa também tinha muitas frutas e doces de sobremesa. Foi um momento agradável e feliz. Nessa ocasião, a Olgair me apresentou a vários professores e funcionários da Escola Zacaria e das demais participantes do PROVE.

Dando continuidade à programação da tarde, decidi acompanhar a oficina do curso de cinema cujo tema era: “Ideologias totalizantes e controle social no cinema do século XX.” Os professores da Escola Zacaria, Álvaro e Edson, ambos da área de humanas, eram os responsáveis pelo curso que naquele ano completava 10 anos.

Assistimos a trechos de alguns clássicos do cinema mundial, que foram trabalhados ao longo do ano junto aos participantes do curso, como: “Feios, sujos e malvados”; “A fita branca”; “A última gargalhada”; “A Greve”; “O Encouraçado Potemkin”; “Quando papai saiu em viagem de negócios”; “Incêndios”; “O Emprego” e “Olha quem veio para o jantar”.

Em seguida discutimos de que maneira aquelas obras poderiam ser objeto de reflexão em sala de aula. Entre os temas sugeridos para discutir com os estudantes estavam: - Belle Époque; A crise da ideia de Estado Nação; Barbárie; Protestantismo e decadência moral; Democracia cristã; Coisificação do homem e alienação do trabalho; a noção de felicidade forjada nas redes sociais e se somos escravos da tecnologia. Aprendi muito e conheci produções cinematográficas importantes para discutir com meus alunos.

No horário programado, descemos para o pátio para acompanhar a performance de encerramento “Morando no Brincar” dirigida por Wânia Karolis e encenada por ela juntamente com um grupo de educadores. Foi uma apresentação muito bela e que emocionou a todos e todas.

Esse foi o dia em que eu resgatei dentro de mim a esperança de uma educação transformadora que se pode alcançar a partir da formação humanizada e voltada à cidadania. A partir daí foi, e continua sendo, um crescente processo de aprendizado em minha vida.

5.12.2 XXI Seminário PROVE Interescolas da Educação Pública

Data: 08 e 09/11/2018

Local: EMEF Mário Marques

Tema: “A descolonização do currículo como questão central para a ressignificação da Educação Pública”

Programação do evento:

08/11/2018 – quinta-feira

19h00 – Abertura do Seminário: Bianca Torres – Diretora da EMEF Mário Marques

19h15 – Apresentação Dança Cigana – Viva Rosa Cigana

19h30 – Panter Dance

20h00 – Palestra: “E se a professora fosse travesti?” – Prof^a Dra. Amara Moira
(UNICAMP)

20h45 – Apresentação Sarau EJA (Educação de Jovens e Adultos)

21h00 – Cocktail

Dia 09/11/2018 – sexta-feira

7h00 – Café da manhã

8h00 – Palestra: “Hegemonias e Contra-hegemonias: tensionando a política educacional” – Prof. Dr. Eduardo Girotto (Coordenador do LEMADI-DG-FFLCH-USP)

10h00 – OFICINAS

12h00 – ALMOÇO

13h30 – OFICINAS

16h00 – Canto Coral da EMEF Mario Marques

Apresentação cultural

Em 2018 foi a vez da Escola Mário Marques sediar o Seminário PROVE. Desta vez demorei um pouco menos para chegar (talvez umas duas horas e meia). Novamente só pude acompanhar o 2º dia do evento, pois estava trabalhando durante o 1º dia da programação. Mais uma vez me deparei com uma decoração linda e carregada de cultura, arte brasileira e questões sociais e identidades daquele território.

O professor Eduardo Girotto da USP realizou a palestra “Hegemonias e Contra Hegemonias: Tensionando a Política Educacional”. Foi o anúncio de um cenário desanimador, mas que ao mesmo tempo nos impele a lutar pela educação pública e contra seu sucateamento e privatização. Emocionei-me e me fortaleci. Em uma rica exposição foram colocadas ideias tais como: a Educação como nova fronteira de mercantilização do capitalismo após a crise de 2008, Necropolítica, entre outras.

Girotto ressaltou a necessidade de o currículo ser mediado pela concretude dos projetos reais, pensando assim a escola como esfera contra hegemônica e a educação como apropriação cultural para a humanização. Ele questiona qual é o tamanho do nosso coletivo contra hegemônico?

Almoçamos muito bem e na parte da tarde acompanhei, pelo segundo ano, a oficina de Cinema com os professores Álvaro e Edson, a partir da qual conheci vários filmes e refleti sobre várias questões. O tema discutido este ano foram as distopias. Os títulos citados foram: “Nós”,

“1984”, “Admirável Mundo Novo”, “Blade Runner”, “Metrópolis”, “O processo Kafka”, “Fahrenheit 451”, entre outros.

Os formadores enfatizaram a forte ligação desse tema com a literatura. Seguiram falando, a partir das produções analisadas, que a Id. Moderna cria a utopia de um mundo moderno (colonizadores vistos como salvadores), mas essa esperança vai se quebrando a partir da Revolução Industrial. A mesma realidade que leva à depressão, logo oferece uma “solução”, um “remédio” para esse mal-estar. Eles finalizam com a seguinte mensagem: “É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do sistema.”

Finalizadas as oficinas, infelizmente nesse ano não pude acompanhar a atração de encerramento porque lecionava no período noturno. Isso não impediu que fosse mais um dia inesquecível com muitos aprendizados e esperança na educação pública.

Os cursos e/ou oficinas oferecidos pelo PROVE nesse ano foram:

- ✓ Tecnologias da aprendizagem;
- ✓ Cinema: as distopias;
- ✓ Alfabetização: passado, presente e futuro;
- ✓ Alfabetização matemática;
- ✓ A importância da escrita;
- ✓ Astronomia e Astrofísica;
- ✓ O que tem dentro da caixa: viajar na curiosidade;
- ✓ Construindo políticas públicas;
- ✓ Horta urbana;
- ✓ Morando no brincar;
- ✓ Educação de Jovens e adultos;
- ✓ Tecnologias da aprendizagem;
- ✓ Educação inclusiva;
- ✓ Gênero e sexualidade.

5.12.3 XXII Seminário PROVE Interescolas da Educação Pública

Data: 28 e 29/11/2019

Local: EMEF M Boi Mirim II

Tema: “A importância da literatura e dos saraus do território periférico como resistência.”

Programação do evento⁹⁸:

28/11/2019 – quinta-feira

19h00 – Abertura: Apresentação Cultural com Jonathan Neves

Apresentação do Coral da EMEF Mário Marques

19h30 às 21h30 – Mesa de Debates: Literatura periférica e Saraus - Participantes da mesa: Sérgio Vaz (Cooperifa); Diane (Sarau do Binho) e Maria Vilani (escritora e educadora popular) e Solange Amorim (Supervisora de Ensino)

21h30 – Coquetel

29/11/2019 – sexta-feira

7h00 – Recepção e café

7h15 – Apresentação Musical: Jaqueline Dias – tocando Saxofone

7h30 às 09h30 – OFICINAS

10h – Palestra: “Geo-Grafias Periferizadas” – Prof^a Dra. Angela Massumi Katuta – Universidade Federal do Paraná

11h30 – *Direitos Humanos* – Letícia Teruel (Mestranda USP – Educação em Direitos Humanos)

12h00 às 13h30 – ALMOÇO

13h30 – 15h30 – OFICINAS

16h00 – Apresentação artística do grupo Morando no Brincar “Mulheres que correm com lobos”.

Café

Em 2019 a EMEF MBoi Mirim II⁹⁹ sediou o Seminário PROVE. Nessa edição consegui participar dos dois dias do evento. Na quinta-feira à noite fomos recebidos em uma escola linda, decorada com releituras negras da obra Abapuru de Tarsila do Amaral e por cartazes de boas-vindas com fotos de alunos. Em seguida assistimos um lindo coral infantil da Escola Carolina Rennó.

Seguimos o evento com uma mesa cujo tema foi: Literatura Periférica e Saraus. Formaram-na o poeta Sérgio Vaz da Cooperifa, Diane, representante do Sarau do Binho e Maria Vilani, escritora e educadora popular (mãe do cantor Criolo). Os convidados falaram sobre poesia e outras ações de produção cultural do território do Jardim São Luís e arredores ao longo

⁹⁸ Foto da programação em anexo

⁹⁹ Localizada na Rua José Manoel Camisa Nova, 552 – Parque Santo Antonio – São Paulo - SP

das últimas décadas que têm lançado muitos jovens na cena cultural, oferecido opções de lazer e trabalho.

Ao término dessa mesa, os convidados foram chamados à desfrutar de uma linda e farta mesa organizada pelas escolas para todos compartilharem momentos agradáveis.

Na manhã seguinte, a programação começava às 8h da manhã. Tomamos um café e os convidados se às oficinas. Enquanto isso, eu me preparava para participar da mesa das 10h, quando apresentaria minha pesquisa aos professores presentes.

A primeira fala da mesa foi da professora Angela Massumi Katuta da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A apresentação tinha como título *Geo-Grafias Periferizadas*. Em seguida, tive o prazer de compartilhar um pouco da minha experiência de pesquisa desde o interesse pelo tema da EDH, passando pela decisão de estudar os projetos da Escola Zacaria e, finalmente, apresentando brevemente os autores que sustentam minha base teórica, com ênfase em Paulo Freire, finalizando com uma explicação acerca da metodologia de pesquisa. Foi uma experiência importante para mim.

Após um delicioso almoço, fomos para as oficinas do período da tarde e, nesse ano, escolhi fazer – “Discutindo o céu - uma introdução à Cosmologia” com o assistente de direção e profº da Escola Zacaria, Ismerindo. Lá fizemos experimentos interessantes e discutimos a existência de diferentes cosmologias.

Como já é de costume, o seminário terminou com uma apresentação artística. Desta vez a professora Wânia Karolis e os participantes de seu curso realizaram uma dramatização baseada na obra “Mulheres que dançam com lobos”. Foi belíssima!

Terminado o evento, desloquei apressadamente para chegar à São Bernardo do Campo e poder acompanhar a festa de formatura organizada pelos meus alunos do ensino médio. Essa é a rotina de quem precisa se dividir entre pesquisa e trabalho em sala de aula.

Os cursos e/ou oficinas ofertadas pelo PROVE em 2019 foram:

- ✓ Fakenews, Tecnopolítica e Vigilância Tecnológica;
- ✓ Discutindo o céu: Introdução à Cosmologia;
- ✓ Currículo, território e avaliação;
- ✓ História do Feminismo e Feminismo Contemporâneo;
- ✓ Educação de Jovens e Adultos: construção coletiva de práticas docentes;
- ✓ Horta Urbana;
- ✓ Gênero e Sexualidade: múltiplos olhares;
- ✓ Leitura e literatura, uma parceria para promover o desenvolvimento pessoal e social do sujeito – trabalho com projetos interdisciplinares;

- ✓ Alfabetização;
- ✓ O uso da tecnologia no ensino da Matemática;
- ✓ Morando no Brincar dos Contos das Mulheres Que Correm Com Lobos;
- ✓ Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva;
- ✓ Alfabetização Matemática.

5.12.4 XXIII Seminário PROVE Interescolas da Educação Pública¹⁰⁰

Data: 30/11 e 01/12/2020

Tema: “Resistência e ousadia – Pilares do PROVE expostos em tempos de pandemia”

Programação:

30/11 – quinta-feira (noite)

- Abertura com a diretora Joelma Rocha de Moraes – EMEI Alice Alves Martins.

- Apresentação Cultural “Elas Contra Tebas”

- Palestra “O imaginário em tempos de pandemia” com a prof^a Stela Barbieri

(Mediação: Socorro Lacerda de Lacerda)

01/12 – sexta-feira (manhã)

- Abertura: Um pouco da história do PROVE – Olgair Garcia e Socorro Lacerda

- Palestra: “Não se vive só de tela” – Dra. Maria Cristina Labate Mantovanini

(Mediação: Fagner Abreu)

- Apresentação Cultural: Ayla Júlia Ferreira dos Santos – 1º Lugar no Slam Interescolas de São Paulo

01/12 – sexta-feira (tarde)

- Abertura: Roberto Wagner Carbonari – Diretor da EMEF Mauro Faccio Gonçalves – Zacaria

- Palestra: “Resistência educacional do território em pandemia” – Prof^a Dra. Iracema Santos do Nascimento (Mediação: Solange Amorim)

- Apresentação Cultural: “Morando no Brincar” – Wânia Karolis

Em 2020, no formato online em virtude da pandemia do covid-19, os interessados puderam escolher entre as seguintes opções de cursos e/ou oficinas:

- ✓ Fakenews, Tecnopolítica e Vigilância Tecnológica;
- ✓ Gênero e Sexualidade: múltiplos olhares;

¹⁰⁰ Todo o evento foi transmitido ao vivo pelo canal do Youtube TV do Zaca e encontra-se disponível.

- ✓ Alfabetização: desafios e contextos de distanciamento social;
- ✓ Um passeio pelas ondas do feminismo;
- ✓ Horta e sustentabilidade;
- ✓ Cosmologia a partir dos modelos;
- ✓ Educação de Jovens e Adultos: construção coletiva de práticas docentes;
- ✓ Territórios de Existência e Resistência: a pandemia chegou com Cabral;
- ✓ Acolhendo e cuidando dos nossos corpos: yoga, respiração e meditação;
- ✓ Os ingredientes do imaginário e do inventivo no “caldo” da aprendizagem de alunos e de professores. Há lugar para o imaginário e o inventivo na escola?;
- ✓ Geografia e saúde: um olhar sobre distribuição desigual e combinada dos equipamentos de saúde, bem como as possibilidades de vida e morte de acordo com a localização de homens e mulheres no espaço geográfico.

Uma grande surpresa nesse processo que jogou água fria em todos os nossos projetos, por conta da pandemia, foi a possibilidade de ser participante de um curso do PROVE que, nesse ano atípico, se reinventou em uma versão 100% online e aberta para todo o país. Isso diz muito sobre as possibilidades de alcance do PROVE. Por motivo de disponibilidade de tempo e afinidade, escolhi o curso – “Passeando pelas ondas do feminismo” com a professora Silvia Ferraro. Foram 8 encontros entre julho e outubro. Na ocasião do Seminário PROVE, apresentamos uma oficina trazendo falas com poesias, textos, músicas ou relatos de algumas autoras que estudamos durante o curso.

Como acontece todos os anos, cada curso produziu um texto coletivo, artigo ou conjunto de pequenos textos para serem publicados na Revista PROVE.

Conclui-se o capítulo trazendo minha contribuição para este texto relatando as percepções e a experiência que vivi durante aqueles meses em companhia, ainda que virtual, de mulheres incríveis. A versão resumida do texto foi publicada na Revista Prove nº 19, p. 43-44, 2020.

“Já que todo coração que bate pela liberdade parece que merece apenas um pedaço de chumbo. Então dê-me o que é meu!”¹⁰¹

Tenho estudado a luta do PROVE para continuar existindo, mas estou certa de que a pandemia que estamos enfrentando é o maior desafio já vivenciado por todos aqueles que fazem esse projeto acontecer todos os anos. Isso porque conhecemos bem os desafios da educação, mas fomos surpreendidos com o imponderável. Algo invisível que nos assombra e nos obriga

¹⁰¹ Palavras proferidas pela poetisa, professora, feminista e anarquista francesa Louise Michel (1830-1905).

ao afastamento, contrariando completamente a lógica de uma formação de professores que visa a humanização, o compartilhamento de saberes e histórias. E foi aí que o PROVE deu, o que eu acredito, ser sua maior prova de resistência. Ele não só está se fazendo, como ainda se ampliou, ganhando maior abrangência. Eita projeto danado esse!? Sinto uma imensa felicidade em poder fazer parte desse momento. O ano de 2020 ficará marcado para todos(as) nós não apenas como dor e sofrimento, mas como força e reexistência.

Pessoas de várias idades, realidades, territórios e histórias receberam com alegria e curiosidade a oferta do curso sobre o feminismo. Mães, trabalhadoras(es), educadoras(es), pesquisadoras(es), militantes, ativistas, jovens, mulheres sonhadoras e combativas.

Desde o início do curso vejo com muita emoção o grande interesse pelo tema do feminismo e me anima enxergar uma variedade de mulheres e homens tão diversas(os) em suas lutas, mas que também são convergentes.

Minha visão sobre as mulheres ampliou-se em vários sentidos e talvez o principal tenha sido poder compreender que existem muitos feminismos porque as realidades também são múltiplas. Refiro-me ao feminismo negro, da mulher trans, travesti, bissexual, lésbica, intersexo, das mulheres dos campos, das aldeias e das cidades. Para mim foi um choque conhecer que, ao longo da história, as lutas das mulheres sempre existiram, mas nem todas alcançaram suas reivindicações. Muitas lutas foram minimizadas pelas próprias mulheres, quando desprezavam a realidade das mulheres negras, por exemplo. Isso reafirma as dimensões de raça e classe que o feminismo não pode perder de vista jamais.

Logo na primeira aula do curso estudamos o discurso de Sojourner Truth intitulado “E não sou eu uma mulher?” de 1851. A ideia de fragilidade da mulher construída socialmente não servia para mulheres como ela. Pautas como sufrágio, herança e educação, prioridades para o feminismo branco burguês, não atendiam suas urgências. Como vimos na fala da prof^a Paula Nunes sobre Angela Davis, enquanto as mulheres brancas lutavam para sair de suas casas para trabalhar, as mulheres negras estavam lutando para ter uma casa e cuidar de sua casa e de seus filhos. Enquanto as mulheres brancas lutavam contra a sobrecarga nos cuidados com os filhos e serviços domésticos, as mulheres negras querem exatamente ter a chance de cuidar de seus filhos e cozinhar para eles, por exemplo. Esses desencontros me marcaram muito.

Como foi dito durante o curso, somos repletas(os) de contradições e a conscientização é um processo que exige uma prática constante. O feminismo não é um lugar de conforto, mas sim de confronto, luta e aprendizado.

O fato de a maioria das(os) participantes estar ligada(o) a área da educação também muito me entusiasma por saber que muitas vidas serão impactadas por nós.

Como pesquisadora do tema Educação em Direitos Humanos e do PROVE, fica difícil traduzir em palavras a enorme satisfação que sinto por poder participar desse curso.

6 CONEXÕES ENTRE OS PROJETOS E AS PRÁTICAS COTIDIANAS DA ESCOLA ZACARIA NOS MÚLTIPLOS ÂMBITOS DA VIDA ESCOLAR

“A escola Zacaria já é a escola dos meus sonhos.”

Título de um artigo de Olgair Gomes Garcia, (aqui tratada por Olga), a frase acima foi escrita por um aluno como resposta à pergunta feita em uma avaliação da escola no final do ano de 2006: O que a Escola Zacaria precisa melhorar para ser a escola dos seus sonhos? Diante disso podemos extrair múltiplas análises para tratar da gestão escolar.

Neste capítulo serão abordadas questões e projetos pontuais, para além dos já abordados, por serem significativos para a compreensão do tema pesquisado. Em busca de possíveis relações das práticas educativas cotidianas da Escola Zacaria com a EDH e a teoria educacional de Paulo Freire no universo pesquisado, as entrevistas e observações de campo, bem como o artigo mencionado e a bibliografia já existente sobre a escola serão a base de apoio dessas reflexões.

6.1 A GESTÃO ESCOLAR NA ESCOLA ZACARIA – OU ONDE MORA A SINGULARIDADE

“A administração escolar está, assim, organicamente ligada à totalidade social, onde ela se realiza e exerce sua ação e onde, ao mesmo tempo, encontra as fontes de seus condicionantes.” (Vitor Henrique Paro)

Um dos principais pontos de encontro nos relatos que fazem parte dessa pesquisa é o fato de haver um amplo entendimento de que uma das marcas mais singulares da Escola Zacaria é a atuação da equipe gestora a partir do final dos anos 1990. Foi nesse período, mais precisamente em 1996, que a escola recebeu uma nova coordenadora pedagógica, Olgair Gomes Garcia (Olga). No ano seguinte foi a vez do diretor Roberto Wagner Carbonari chegar para compor o grupo. Essa dupla, acompanhada por muitos funcionários e professores antigos e novos, foi responsável por uma transformação na Escola Zacaria que se expressa de forma qualitativa e que manteve e ainda mantém a satisfação e o reconhecimento, por parte da comunidade que a frequenta estudando ou a trabalho, por mais de 20 anos. A admiração dos educadores (muitos deles jovens) pelo trabalho de Olga e Wagner, é algo perceptível. Eles servem de inspiração para os que estão chegando.

A conquista da comunidade pela escola estava desacreditada pela impermanência de profissionais. Foi preciso conquistar essa confiança, como explicou Wagner sobre seu primeiro dia de trabalho:

[...] então eu lembro que no dia 2 de janeiro de 1997 eu cheguei na escola 8 horas da manhã para pegar a chave da escola e eu tinha duas mães aguardando para pedir transferência porque essa escola não era boa. Isso me marcou muito, né? Era dona Raimunda e uma outra mãe que eu não lembro o nome. A outra mãe eu não consegui convencer... ela foi embora. A dona Raimunda ficou e na minha conversa com elas no estacionamento, sem pegar a chave da escola ainda, eu disse para elas: “Dá um voto de confiança. Eu vim pra ficar.” (risos). “Eu não sou um diretor de passagem”. Eu vim pra ficar. Aí quando a Olga chega dali alguns dias, embora estivesse de férias. A gente combinou de fazer um pacto e deixar claro pra todo mundo que a gente não ia embora. Que a gente iria ficar. E a gente acreditava que isso era importante, enquanto gestor a gente tornar público isso, né... eu tenho a intenção de ficar e que eu vou ser responsável amanhã pelo que eu estou fazendo hoje.

Uma equipe duradoura e coesa transmitia segurança para toda a comunidade escolar e assim permaneceu mesmo após a aposentadoria da coordenadora Olga em 2010. Na ocasião, ela foi substituída pela professora Luciana Dias que já trabalhava nessa mesma escola desde 1993. Luciana, por sua vez, se aposentou em 2020, depois de mais de 27 anos atuando na escola e compartilhando da mesma visão de educação.

Há um reconhecimento de que o diretor Roberto Wagner Carbonari é ativo e está sempre comprometido com a construção de um ambiente democrático, buscando a melhoria constante da escola. Isso inclui estar atento às formas possíveis de obter verba para manter o prédio em boas condições de utilização, limpo, alegre e bonito mesmo que para isso ele traga plantas de sua casa para enfeitar o espaço, entre outras atitudes. Durante os eventos abertos à comunidade, é comum vê-lo auxiliando na preparação dos alimentos e da mesa para servir um delicioso lanche aos presentes. Sobre isso, a prof^a Socorro comenta “[...]é um diretor que, mesmo após mais de 20 anos de trabalho, tem energia para fazer o novo todos os dias.”

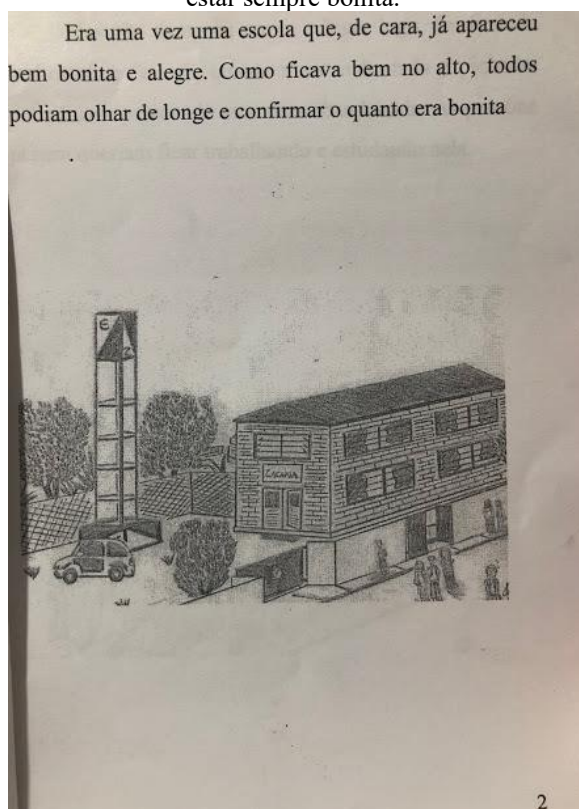
Sobre esse cuidado com a manutenção da escola vale destacar um trabalho em especial: “A escola que queria ficar sempre bonita”¹⁰². Os banheiros da escola passariam por uma reforma e os estudantes foram ouvidos a respeito das melhorias que eles achavam necessárias. Eles se queixaram de algumas coisas, entre elas o fato de não haver espelhos nos banheiros e local adequado para colocar o material escolar. Então os banheiros ganharam “suporte para papel higiênico, cantoneiras para colocar o material didático, muitos espelhos sobre as pias e nas paredes laterais, vasos com plantas e, atualmente, até secador com vapor quente”. Concluída

¹⁰² GARCIA, Olgair Gomes. *A escola que queria ficar sempre bonita*. Ilustração Gabriela Chigueira, 2006.

a reforma, o diretor Wagner solicitou para Olga que escrevesse um texto falando sobre a necessidade de cuidarem dessa benfeitoria que conquistar. Ela elaborou um pequeno texto no qual a ideia central era que “todos nós temos direito a coisas bonitas, limpas, bem conservadas e cheirosas”. A escola inteira recebeu esse texto, que foi trabalhado em sala de aula e decidiu-se que todos os novos alunos o receberiam no início de cada ano. Para tanto, a história foi ilustrada por uma aluna concluinte da 8ª série e transformada em um livrinho. Segue um trecho da história:

Que bom! Os alunos da escola Zacaria tinham descoberto que, para a escola ser muito boa, limpa e bonita, todos precisavam colaborar com a limpeza e conservação. Mas eles aprenderam que uma escola boa e bonita é um direito de todas as crianças, jovens e adultos. Porque tinham aprendido todas essas coisas, durante alguns anos a escola só foi ficando mais bonita e a cada ano que passava, ficava melhor que no ano anterior. (p. 7)

Figura 12 — Página 2 do livro “A escola que queria estar sempre bonita.”



Fonte: Livro “A escola que queria estar sempre bonita”

Foi a partir desse trabalho que surgiu a iniciativa de realizarem uma assembleia com todos os alunos no início de cada ano para discutir as normas de convivência da escola (assunto já abordado nessa pesquisa).

Neste caso, percebe-se que o projeto teve um desdobramento com práticas educativas executadas de maneira planejada e contínua produzindo resultados duradouros, haja vista que os banheiros permanecem bem conservados até hoje.

Esse aspecto da Escola Zacaria provocou uma outra situação interessante relatada pelo diretor Wagner durante nossa conversa. Um ex-aluno o procurou pra perguntar como ele poderia fazer para que na escola dele também tivesse papel higiênico nos banheiros? Para tal questionamento, o diretor respondeu

[...] você não aprendeu isso com a gente? Quando eu cheguei aqui na escola também não tinha papel higiênico no banheiro. Nós fomos conversando e eu fui observando, observando e se eu não estou observando, alguém tem que falar pra mim. Então, se lá na sua escola eles não estão observando que isso é uma coisa muito importante pra vocês, vocês têm que falar. E não precisa chegar lá e chutar a porta da diretora pra falar. É conversando, é dialogando.

Almeja-se que os estudantes aprendam que a conquista da cidadania não está dada. Ela depende da prática cotidiana e está sempre sujeita a avanços e retrocessos. Espera-se que os alunos que saem da Escola Zacaria consigam levar os aprendizados que lá vivenciaram para toda a vida, seja nas escolas, locais de trabalho ou convívio por onde irão passar. Esses casos cotidianos e que podem, para muitos, parecer banais, demonstram o compromisso da equipe gestora e demais educadores com uma prática escolar voltada a transformação social.

Há nesta questão mais um encontro das práticas desenvolvidas na Escola Zacaria e o pensamento de Paulo Freire. Sobre a importância das condições materiais das escolas, o autor afirmou

É incrível que não imaginemos a significação do ‘discurso’ formador que faz uma escola respeitada em seu espaço. A eloquência do discurso ‘pronunciado’ na e pela limpeza do chão, na boniteza das salas, na higiene dos sanitários, nas flores que adornam. Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço. (2003, p. 45)

Quando se conquista a confiança da comunidade, os vínculos vão se reafirmando e as responsabilidades parecem se ampliar. O diretor Wagner relatou a seguinte situação:

[...] No ano retrasado, saiu um aluno aqui da escola, que apareceu esse ano na escola e veio me procurar. Eu tinha acabado de sair. E ele dizia assim: ‘eu preciso falar com o Wagner. Ele precisa me ajudar porque eu não quero mais continuar no crime’. Quer dizer... quando ele fala isso, você consegue mensurar a confiança que ele tem na gente? Entendeu? É uma confiança... Então são algumas coisinhas que parecem que não são importantes, mas pra mim é extremamente importante porque isso mostra de verdade esse vínculo. E é assim... é aluno que a gente batia de frente, que a gente não

economizava ações pra poder mostrar que ele estava errado. Assim, eu não acredito em educação sem a criação de vínculos. Eu não acredito. Não tem como.

A questão do vínculo foi reforçada em reportagem da Rede Globo sobre evasão escolar que destacou o baixo índice na Escola Zacaria¹⁰³. Alguns alunos e também ex-alunos (aprovados em universidades públicas e privadas de renome no estado e até recebendo bolsa para estudar no exterior) falaram que consideravam o afeto, a preocupação, a atenção e a criação de vínculos com professores, funcionários e equipe gestora algo marcante nessa escola, fazendo com que poucos desistissem dos estudos.

Já a professora Socorro aponta para a horizontalidade nas relações vivenciadas a partir da chegada do diretor Wagner

[...] A gente percebeu como é que o respeito ao outro, falando especificamente na direção, interfere no cotidiano da escola. Quando o Wagner chegou... ele tem muito essa visão do outro[...] Logo ele começou também a envolver o conselho de escola na tomada de decisão das verbas que vinham. Então, ainda hoje é assim: a verba vem, leva para o conselho. Isso foi ele que instituiu na escola. E assim, sempre com prioridade para o aluno. A verba deveria ser gasta com prioridade para o aluno. Então, era com material, com projetos, com saídas pedagógicas e aí a gente percebeu que podíamos crescer juntos porque se formou uma parceria bonita.

Durante as entrevistas, quando o assunto era a gestão da escola, algumas palavras se destacaram: ousadia, coragem e sonho. Valores freirianos que aparecem na fala da professora Socorro ao contar que devido, a terceirização dos funcionários da cozinha da escola, uma tradicional oficina de culinária realizada nas Trapalhadas não poderia mais acontecer. O que faz o diretor?

O que é que o Wagner ousa fazer? Fazer uma outra cozinha. Uma cozinha experimental, quando não vem dinheiro para fazer uma cozinha experimental. Mas ele vai pegando, ele vai procurando, ele vai discutindo com a APM, ele vai respirando junto o sonho e ele construiu no pátio uma cozinha experimental. Com forno elétrico, com tudo que uma cozinha tem. [...] A ousadia dele é sonho. [...] Então é fundamental uma gestão ousada, é fundamental professores corajosos no sentido de trazer para o aluno suas ideias.

Sobre o apoio aos projetos, a professora Socorro relata

[...] Mas na escola Zacaria também a gestão dá todo o apoio pra gente fazer o projeto. Não era só material que precisava e tinha. O material já seria muito bom porque tem escola que não tem. Material de várias espécies, de papel a ônibus, pra você sair com

¹⁰³ O vídeo com a reportagem completa pode ser visto no canal do Youtube TV do Zaca ou pelo link <https://youtu.be/Rr4J6KF7rAc>. No vídeo não aparece o ano da reportagem, mas o mesmo foi postado há seis anos, levando a crer que a matéria foi ao ar em 19 de julho de 2015.

os alunos. Nunca precisei de nada que não tivesse. E o apoio moral, a solidariedade, sabe? O apoio de tempo, de disponibilizar o tempo pra te ajudar em algo, pra te fazer algo. Então os projetos, na maioria, foram um sucesso porque eu tinha a orientação. Eu era o maestro, mas tinha uma turma que também fazia acontecer. Tinha alunos que tinham o apoio para as pesquisas, para os estudos, envolvia... Os pais, sempre a maioria foi ausente. Ainda mais na periferia porque tem a questão da sobrevivência, tem que sair mesmo pra trabalhar. Mas assim...muitos participavam daquilo que estava acontecendo. O projeto sempre foi encantador, mas o projeto nunca é individual. Isso é que é bacana também. Ele envolve as pessoas da escola. Os alunos se envolvem também e a riqueza é essa, é a troca. Estudar juntos.

Como já informado, em 1996, Olga ingressou como coordenadora pedagógica da EMEF Zacaria no distante bairro Jardim São Luís, uma vez que é moradora da região de Pinheiros. O cenário não era dos mais animadores e, segundo ela, havia por parte da direção de então, um entendimento de que a escola pública servia aos indivíduos sem perspectivas de vida, os “sem futuro”. Talvez em consequência dessa visão, ocorresse um tratamento desrespeitoso entre professores e estudantes e inúmeras queixas de ambas as partes.

Partindo desse diagnóstico, Olga relata algumas ações:

[...] em momentos coletivos com os professores ou em momentos informais, individualmente ou em pequenos grupos, procurei disseminar a ideia da não necessidade do grito, o valor do respeito mútuo, o desgaste na relação interpessoal quando se desqualifica o outro, quando o sentimento de injustiça se faz presente(...). Lentamente, fomos construindo um ambiente mais amigável e respeitoso, alegre e com muita partilha, um ambiente acolhedor e de um barulho normal. [...] (Ibidem, p. 129)

Após uma longa trajetória na área da Educação na rede particular de ensino como professora e coordenadora pedagógica no ensino básico e superior, Olgaíre Gomes Garcia (Olga) entendeu que poderia contribuir também na educação pública. Ex aluna de Paulo Freire, ela também atuou ao seu lado na Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Paulo. Em entrevista à Revista PROVE de 2011 ela ressalta essa relação.

Eu não consigo imaginar a educadora que sou hoje sem a inspiração de Paulo Freire. Eu lhe disse uma vez que, se ele não existisse eu não teria tido a menor chance de ser uma educadora respeitada no meu jeito de ser e fazer educação. (p. 4)

Uma das práticas que Olga exercitou e aperfeiçoou ao longo da experiência na área da Educação foram os registros. Aquilo que era pensado ou executado em atividades pedagógicas era cuidadosamente registrado, transformava-se em um texto para ser discutido em momentos de reuniões com os educadores. Assim, Olga incentivou a leitura, a pesquisa e a produção autoral dentro de seu grupo de professores, melhorando a confiança e o entusiasmo com o trabalho da/na escola.

A partir disso, uma série de atividades e projetos foram registrados de diversas formas pelos educadores e estão disponíveis na Sala de Leitura da escola para consulta de todos os interessados. (alguns desses projetos serão abordados mais adiante)

Dona de uma visão emancipadora da educação, Olga une um inabalável compromisso com a aprendizagem dos educandos e à convicção de que uma escola alegre, bonita e engajada é fundamental para a transformação da sociedade.

[...] O espaço escolar, de fato, tem que ser compreendido para além das paredes das salas, não apenas com atividades ligadas a sua dinâmica, mas, sobretudo, com projetos que contemplem a concepção de que a escola é um espaço de convivência, que não se constrói uma escola com significância na vida de educandos e educadores se não se compreender que a convivência permite melhor conhecimento dos outros e mais paciência e compreensão com as diferenças de uns e outros.[...] (GARCIA, 2011, p. 133)

Paulo Freire falava na necessidade de mais do que simplesmente ouvir. “Um ouvir de sentido”. Essa capacidade de escuta ativa de Olga foi lembrada pelo mesmo autor ao escrever que o ensinar exige saber escutar

Recentemente, em conversa com um grupo de amigos e amigas, uma delas, a professora Olga Garcia, me disse que, em sua experiência pedagógica de professora de crianças e de adolescentes mas também de professora de professoras, vinha observando quão importante e necessário é saber escutar. Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. (2003, p. 113)

Em concordância com Paulo Freire quanto à ousadia na ação educativa, Olga refere-se à experiência da Escola Zacaria:

[...] é praticamente impossível para uma escola realizar o que se espera dela sem uma dose grande de ousadia, de disposição para lutar e brigar pela efetivação de uma condição digna de trabalho e estudo, sem uma forte propensão a não medir esforços para se posicionar e enfrentar os desafios e também os obstáculos criados, na maioria das vezes, pelo próprio sistema de ensino. (2011, p. 140)

Outro ponto reiteradamente sublinhado por Olga, que ajuda a compreender sua visão sobre a escola pública, é a autonomia. Não apenas a autonomia do aluno, do educador, mas da instituição escola, que apesar de fazer parte de uma rede, deve, responsabilmente, conduzir-se de maneira a obter o melhor desempenho possível, isto é, cumprir sua finalidade social que é a democratização do conhecimento. Assim sendo, a escola não deve

[...] ficar esperando de braços cruzados que lhe determinem o que fazer. Antes, tem que se considerar e se perceber como construção coletiva permanente de todos que a fazem cotidianamente, não pode ser acrítica e indiferente frente às determinações de ordem administrativa. (Ibidem, p. 142)

Ela conclui seu artigo, mencionado no início deste capítulo, reivindicando que autonomia e autoria não são concessões, mas fruto de ideais que se constroem diariamente. Se se quiser uma escola de qualidade todas as ações a serem tomadas devem passar pelo crivo dos educadores que nela atuam.

A então coordenadora Luciana Dias, em uma de nossas conversas, enfatizou que, além de sua excelente formação acadêmica, Olga será sempre lembrada por sua coragem e criatividade. Seu trabalho é reflexo de seu pensamento. Na dissertação de mestrado que tinha por objeto a aula, Olgair define:

[...] A aula é um encontro, onde através da articulação entre o conhecimento, o relacionamento interpessoal, a comunicação e o compromisso do educador, é possível se viver a magia e o encantamento de ter nas mãos e diante dos olhos o mundo para ser visto, pensado, debatido, revirado; para manter vivos os sonhos e os desejos de mudança e transformação. Uma experiência transdisciplinar, porque sai da sala de aula, da escola e alcança o mundo lá fora em situações e distâncias incalculáveis; uma experiência que, a não ser, que se force, não considera limites entre as disciplinas curriculares e nem entre áreas do conhecimento; uma experiência onde a dúvida e a certeza se revezam sempre e onde o pode e o não pode se constituem em campo aberto à interação entre os sujeitos, ao aprender a pensar, conhecer e se situar no mundo. É por conter em si uma potencialidade tão grande que mesmo desfigurada, a aula não perde o seu valor, sua legitimidade, sua permanência, o seu brilho. (1995, p. 238)

Houve casos de professores que receberam a chegada de Olga com alguma resistência e que, com o passar dos anos, passaram a nutrir por ela uma grande amizade. Sobre isso, gostaria de destacar uma fala de Olga que fez parte da longa conversa que tivemos antes de começar a entrevista formalmente. Ela contou que ao se apresentar ao grupo de professores e expor suas primeiras ideias sobre o trabalho que faria junto a eles, uma professora disse: “mas na minha sala ninguém entra”. Passado algum tempo, chegavam na sala de Olga os alunos dessa mesma professora falando: “Dona Olga, a professora tá te chamando pra ver ‘as coisinhas daora’ que a gente tá fazendo.” Rimos.

Olga não foi uma unanimidade entre seus companheiros de trabalho, talvez porque cutucou, inquietou e desacomodou. Ainda assim, ela encantou muitos com sua visão sobre a educação e foi responsável direta pela transformação de outros tantos educadores, principalmente no que se refere à ousadia, autonomia e escuta no fazer educativo. Muitas de suas ideias continuam presentes no PPP e, portanto, no cotidiano da Escola Zacaria.

Para Olga, há uma intencionalidade em fazer com o que o pedagógico e o administrativo andem juntos e, para isso, a comunicação é fundamental. Ela compreende que desse movimento surge uma consciência sobre o papel político-social da escola “como espaço para promoção de aprendizagem, desenvolvimento e formação de todos os alunos que instiga o envolvimento ativo dos docentes e discentes também neste plano.”(p. 139)

A professora Viviane destacou que muitas ações partem da gestão e ganham o grupo não como uma imposição, mas sim como um anseio que chega e é muito bem vindo para os professores. Uma vez em contato com as ideias, o grupo imprime os seus olhares, as suas opiniões para que os projetos ganhem a cara da escola.

Diante do exposto acima, conclui-se que a administração escolar na Escola Zacaria trabalha no sentido apresentado por PARO(2012) não apenas de permitir que os diversos segmentos da escola participem dela, mas de, “em conjunto com esses setores, criar as condições concretas que levam à participação.” (p. 217) O autor afirma

Assim, a criação de condições que favoreçam o exercício efetivo da participação abrange, desde o desenvolvimento de um clima amistoso e propício à prática de relações humanas cordiais e solidárias no interior da escola, até a luta pelos direitos humanos de toda ordem no âmbito da sociedade global[...] (p.217)

6.2 VISITANDO PROJETOS DE ONTEM E DE HOJE – OUTROS APRENDIZADOS E VIVÊNCIAS NOS FAZERES DA ESCOLA ZACARIA

[...] Por percebermos como os projetos coletivos provocam, de certa forma, a valorização e o respeito pela escola e, além disso, permitem efetivar a relação dialética entre o micro e o macro na escola, outros projetos envolvendo a participação de muitos vão surgindo e se instalando também. [...] (GARCIA, 2011, p.138)

LETRA S
A sala de leitura
Mundo de encantamento
Que nos leva a desejar
Conhecer o firmamento
Princesas bruxas e fadas
Vivendo belos momentos.
Projeto De A à Zaca

Enquanto aguardava a realização da assembleia de alunos visitei a sala de leitura da escola. O ambiente é arejado e conta com mais de 16 mil títulos espalhados por inúmeras estantes. Chamou-se atenção o número de títulos sobre África e temáticas relacionadas à identidade negra com uma estante exclusiva. A sala conta com diversas mesas e cadeiras e está equipada com computador, projetor multimídia e tela branca retrátil. Dediquei-me a examinar

a estante cujo título era Editora Zaca. Ali estão organizados muitos trabalhos realizados por alunos e professores.

Realizei registros fotográficos e observações escritas sobre projetos e no mesmo instante senti a necessidade de trazer alguns deles para este trabalho. Eles enriquecem sobremaneira a compreensão das ações pedagógicas desenvolvidas na Escola Zacaria, ao lado dos projetos já analisado neste trabalho. Soma-se a isso o fato de que durante as entrevistas, alguns desses projetos já haviam sido mencionados, despertando o interesse em conhecê-los melhor.

Esse episódio diz muito sobre a ampliação da pesquisa ao longo de seu próprio, as descobertas e as dificuldades para restringir a escrita à um fenômeno determinado.

6.2.1 Projeto Glorinha

“Como Platão o disse há muito tempo: para ensinar é preciso o eros. O eros não é somente o desejo de conhecer e de transmitir, ou somente o prazer de ensinar, de comunicar ou de dar: é também o amor daquilo que se diz e do que se pensa ser verdadeiro.”
(Edgar Morin)

Responsáveis: Prof^{as} Socorro, Eliana, Marilda e estudantes dos 3^{os} anos A,B e C – 1^o ciclo

Período de realização: Abril à Novembro de 2000

Um aspecto importante na obra de Paulo Freire é a curiosidade. Para o educador

O bom clima pedagógico-democrático é o em que o educando vai aprendendo à custa de sua prática mesma que sua curiosidade como sua liberdade deve estar sujeita a limites, mas em permanente exercício.[...] O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos. (1996, p. 85)

Na esteira disso, mais um projeto da Escola Zacaria que merece uma tese e foi muito bem detalhado e analisado no trabalho da prof^a Sandra Lacerda (já citado nesta pesquisa). Tomei conhecimento dele ao entrevistar a prof^a Socorro que me emprestou um trabalho onde todo o projeto foi registrado.

Sobre a intencionalidade do projeto, como indicado por Sandra (2000)

Tendo objetivos previamente estabelecidos – nos quais se esperava que os alunos tivessem muitas oportunidades para expressar a própria curiosidade pelas coisas e fatos de sua vida cotidiana, se interessassem em encontrar possíveis respostas, ao mesmo tempo aprendessem a organizar e registrar o resultado de suas investigações, desenvolvessem habilidades de trabalhar com os colegas e de construir coisas novas, aprendessem a respeitar e a ouvir os outros e a compartilhar, com responsabilidade e

compromisso, a execução de tarefas fazendo uso de habilidades de expressão oral e escrita, sobre temáticas de interesse deles próprios - as professoras desencadearam o Projeto, denominado, num primeiro momento, A Curiosidade, depois A Curiosidade Premiada e, finalmente, por opção dos alunos, Projeto Glorinha. (p. 48)

Em uma aula especialmente chamada de a *Hora da Novidade*, os alunos foram ao quiosque e tiveram que adivinhar qual objeto havia dentro de uma caixa. Depois do suspense, descobriram tratar-se de um livro chamado “A Curiosidade Premiada”¹⁰⁴ cuja protagonista da história era Glorinha, uma garota muito curiosa. Daí o nome do projeto.

A partir de então foram 11 aulas-projeto¹⁰⁵ aqui resumidas com base nos registros da professora Socorro:

1ª aula-projeto: Hora da Novidade (colocar o livro em uma caixa para que os alunos descobrissem o que era);

2ª aula-projeto: Leitura do livro “A Curiosidade Premiada”;

3ª aula-projeto: Dinâmica de perguntas e respostas. Os alunos escreveram perguntas como: De que as pessoas são feitas? Onde acabam as estrelas?;

4ª aula-projeto: Passeio pelo bairro previamente organizado por grupos de pesquisa com temas pré-estabelecidos. Após o passeio, os grupos relataram oralmente suas experiências;

5ª aula-projeto: Confecção de cartazes com as fotos do bairro utilizando as fotos e os registros produzidos durante o passeio pelo bairro;

6ª aula-projeto: Lançamento do Livro do Bairro na sala de leitura, incluindo a apresentação do livro para as demais turmas do período, poesia e manuseio do livro;

7ª aula-projeto: Painel de artes (o bairro no passado). Assistir em vídeo a entrevista feita com os moradores mais antigos do bairro; discutir com os alunos como era o bairro e suas transformações, registrando as falas na lousa. Fazer um painel com papel craft e tinta guache de como imaginam o bairro no passado;

8ª aula-projeto: Excursão ao centro da cidade

Durante o passeio, os alunos deveriam observar: a) percurso; b) comércio; c) as pessoas; d) arquitetura; e) meios de transporte; f) lanche; g) comportamentos e atitudes; h) conservação e limpeza da cidade; i) a história da cidade a partir do que viram; j) curiosidades;

9ª aula-projeto: Jornal-mural com cada grupo escrevendo uma reportagem a partir do tema observado no passeio ao centro da cidade e ilustrando com fotos ou desenhos. O trabalho foi exposto no pátio da escola;

¹⁰⁴ ALMEIDA, Fernanda Lopes de. *A curiosidade premiada*. 30ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

¹⁰⁵ Nome dado pela profª Socorro às aulas reservadas para as discussões sobre o projeto.

10ª aula-projeto: Livro coletivo produzido a partir de um levantamento dos temas e momentos mais marcantes para os alunos que, em duplas, deveriam produzir textos que foram ilustrados, encadernados e ganharam índice e agradecimentos.

11ª aula-projeto: Auto-retrato. Após a leitura da poesia “Receita de se olhar no espelho” de Roseane Murray, os alunos desenharam e pintaram seu retrato. Em seguida montaram um painel com os trabalhos.

O encerramento do projeto Glorinha se deu com um Sarau que combinou a exposição dos trabalhos desenvolvidos no decorrer do projeto, música, dança e poesia.

Paródia composta pela profª Socorro e a coordenadora Olga e cantada por alunos e professores:

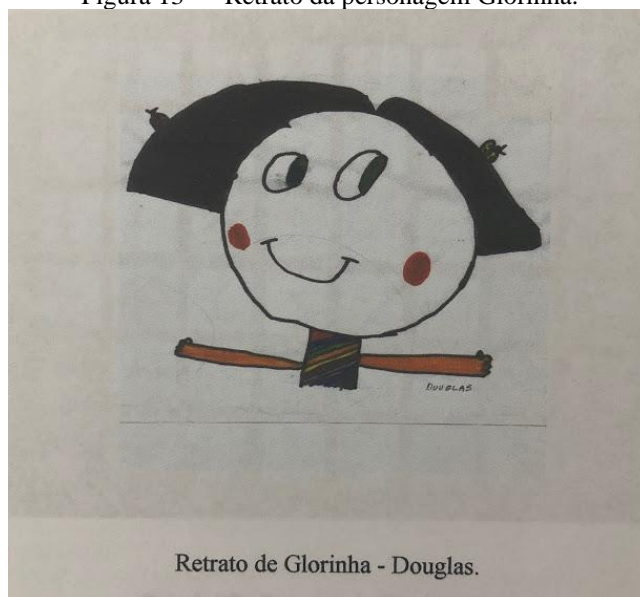
Num sarau
No Jardim Guarujá
Na Escola Zacaria
O calor está abrasador
E tem gente demais.
Ai que bom!

Vêm os pais
Que estão muito curiosos
Para ver o que é que há.
Enquanto as professoras
Correm aflitas, batendo palmas
Para que tudo dê certo.
Ai que bom!

Venham todos,
Pois há muito o que ver:
Retratos e jornais.
E os alunos, muito felizes
Mostram os trabalhos,
Lindos de morrer.
Ai que bom!

Tem também,
Doces e salgados
Para saborear.
Enquanto isso, todos contentes,
Ficam dizendo:
Que escola mais legal!
Ai que bom!

Figura 13 — Retrato da personagem Glorinha.



Fonte: Acervo pertencente à prof^a Maria do Socorro Lacerda de Lacerda

6.2.2 Histórias de vida – Lembranças que compõem o que sou e o que quero ser

Responsável: Prof^a Socorro L. de Lacerda e alunos(as) do 3^o ano/Suplência/Fund I

Período de realização: 2005

O título acima dá nome ao projeto que depois de terminado ganhou uma bonita capa dura marrom. O leitor é recebido com a seguinte frase na página de abertura: “A memória onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado e o futuro. Devemos trabalhar para que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.” (Le Goff)

Segue trecho da apresentação feita pela prof^a Socorro:

Convidados a escreverem suas lembranças alguns resistiram, outros falaram que não tinham nada de interessante para contar, que não sabiam escrever e que não queriam lembrar. Outros, entretanto, lançaram mão dessa oportunidade e revelaram suas memórias fazendo disso um reviver infindo e saudoso. Estes foram contaminando os indecisos. Cada história contada foi suscitando novas histórias vividas em outros lugares, em outros tempos, em outras situações...cheias de querereres, sonhos, ilusões, saudades, desejos, mágoas, tristezas, alegrias, curiosidades, timidez e confiança. (p.2)

O ponto de partida se deu a partir das entrevistas com perguntas semelhantes para todos, tais como: nome, data e local de nascimento, infância, o maior sonho, um acontecimento importante e do que sentem saudades. As respostas foram organizadas em textos e muitos se animaram ao lerem e lembraram de outras histórias que poderiam ser contadas.

É possível que as histórias de vida aqui apresentadas estejam cheias de verdade e imaginação, do vivido e do sonhado, afinal trouxeram para o presente, suas histórias do passado, entretanto, os que agora lembram são muito diferentes daqueles que viveram essas lembranças[...] (Ibidem)

Foram juntando pedaços de suas histórias e se reconheceram como indivíduos capazes de fazer história e acabaram por se reencontrar consigo e com algumas lembranças, fossem elas felizes ou tristes. Seguindo para a sala de informática, alguns fizeram a digitação de seus textos, fossem pequenos ou grandes, com poucas ou muitas histórias. Foi discutida a necessidade de uma reescrita observando tanto as questões ortográficas, como também que as histórias seriam lidas por mais pessoas.

No intuito de colaborar no entendimento sobre esse trabalho, segue aqui uma dessas 35 histórias, porém optamos por não revelar o nome e a imagem (foto e desenho) do aluno e escritor desse texto.

“Meu nome é G. S. Nasci em xxx – BA, no dia 29 de outubro de 1969. O lugar onde nasci é pequeno e tem uma população baixa. Tenho dez irmãos. Minha infância foi muito boa. Exemplo: caçava, brincava, cultivava, etc. Eu brincava de tudo um pouco: futebol, pega-pega, tomar banho nos riachos, andar a cavalo, caçar nos matos e outras coisas mais. Um acontecimento importante em minha vida foi o meu casamento e também o nascimento de minha filha e do segundo filho.

Meu maior sonho é aprender a ler e escrever um pouco mais do que já sei. Sonho também em ter uma casa própria com tudo que tenho direito, inclusive carro. Quero ver meus filhos formados com uma vida melhor do que a minha.

Sinto muitas saudades de não ter mais o meu pai vivo, mas, me sinto feliz em ter minha querida mamãe sempre ao meu lado junto com toda a minha família.

Segundo alguns colegas, G. é bonito, tem cabelos e olhos castanhos, é forte, branco, alto e muito extrovertido. Gosta de estudar e de explicar as coisas para as pessoas. G. gosta de tirar a barba e de usar short. Nunca falta à escola e está sempre atento às aulas. Detesta perder, não gosta de ficar para trás. Adora brincar com a gente. É um aluno exemplar.”

Auto-retrato

“Sou um cara muito bonito e muito legal. Sou uma pessoa querida por todas as pessoas que estão a minha volta. Tenho um metro e setenta de altura, peso 82 quilos, tenho cabelos e olhos castanhos, pernas e braços compridos e gosto muito de estudar na Escola Zacaria e das pessoas que administram a escola.

S. R., você é uma pessoa muito importante para mim, gosto muito de sua pessoa e gosto muito dos nossos filhos. Gosto da minha pessoa, sou um cara muito apaixonado.”

É possível reconhecer no texto um resgate de momentos felizes e de saudades de tempos passados. Segundo o texto, alcançar os sonhos passa pela possibilidade de ler e escrever.

6.2.3 *Alfabetário De A à Zaca*

De A a Zaca é o resultado de um fazer cheio de movimento, cores, barulhos, dúvidas e muitas, muitas palavras ditas, cantadas, desenhadas, vividas. Enfim, um fazer cheio de prazer e contentamento que só podiam resultar em um alfabetário, como diria Paulo Freire, carregado de boniteza.
(Profª Socorro L. de Lacerda)

Responsáveis: Profª Socorro L. de Lacerda (Sala de Leitura) / Profª Luciana Dias e o profº Carlos Eduardo (1ºs anos A e B).

Período de realização: 2011

Trata-se de um alfabetário construído com a escolha de palavras que traduziam objetos, sentimentos e lugares de sentido para eles, as quais foram transformadas em textos do tipo cordel pela profª Socorro e ilustrado pelos estudantes.

As palavras selecionadas foram, pela ordem alfabética: aniversário (referência ao Projeto Aniversário), brinquedos (referência ao parque e brinquedoteca), companheiros, dança (referência aos projetos da escola), escola, festas, gente, harmonia, informática (referência às aulas na sala de informática), jogo, Kaio, livros, música, natureza, ordem, parquinho, quadra, rotina (referência à organização), sala de leitura, trapalhadas (referências ao projeto Trapalhadas do Zacaria), uniforme, vida, Willian, xerox (referência ao Projeto Xerox), Yohana e Zacaria. Elas dizem muito sobre a forma como a escola pensa a educação de maneira contextualizada.

Podemos ainda destacar o diálogo entre aprender a reconhecer as letras do alfabeto, conjugado com o trabalho do gênero literário de cordel ao mesmo tempo que incorpora projetos, espaços e valores defendidos e trabalhados pela escola.

Esse projeto, como tantos outros da Escola Zacaria, emerge da criatividade dos professores os quais se apoiam e embarcam nas iniciativas dos colegas e reforça duas ideias freirianas: a leitura do mundo precede a leitura da palavra e que todo ato pedagógico é um ato coletivo.

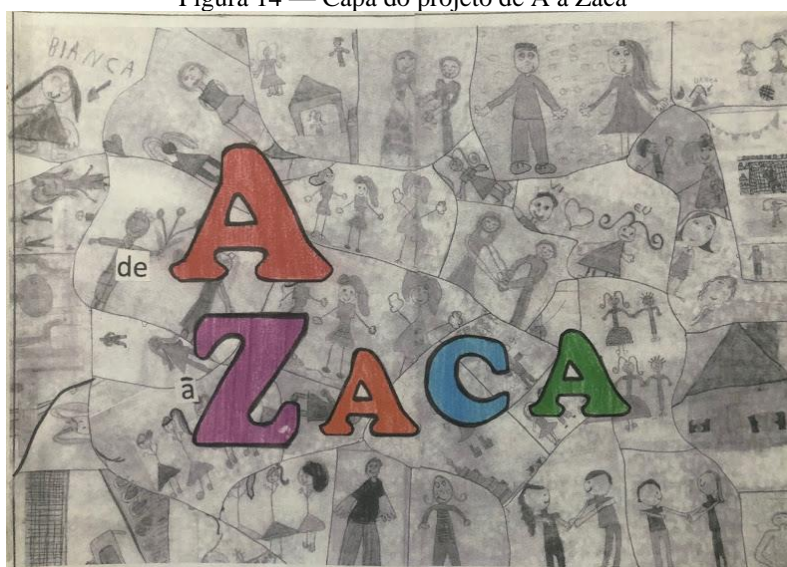
Seguem alguns dos cordéis:

Quadro 2 — Amostra do Projeto de A à Zaca

<p>LETRA B</p> <p>Balança, bola, boneca</p> <p>Brinquedos pra divertir</p> <p>No parque ou no quiosque</p> <p>Na sala pode seguir</p> <p>Brincando o estudando</p> <p>Também se pode curtir.</p>	<p>LETRA C</p> <p>Começamos bem o ano:</p> <p>Amizades e alegria</p> <p>Uma escola bem bacana</p> <p>Era o que eu também queria</p> <p>Encontrei bons companheiros</p> <p>Nesta Escola Zacaria.</p>
<p>LETRA L</p> <p>Objeto fascinante</p> <p>De beleza e emoção</p> <p>Nos livros tenho a certeza</p> <p>De descoberta e ação</p> <p>Com ousadia e coragem</p> <p>Trago o mundo aqui na mão.</p>	<p>LETRA M</p> <p>Com música se aprende</p> <p>O ritmo e a melodia</p> <p>Cantando e mexendo o corpo</p> <p>Tudo de bom irradia</p> <p>Nesse som contagiante</p> <p>Da Escola Zacaria.</p>
<p>LETRA P</p> <p>De madeira de corda</p> <p>Brinco, pulo e me divirto</p> <p>O parquinho é sem dúvida</p> <p>Meu lugar favorito</p> <p>Onde crianças se alegram</p> <p>Curtindo num só agito.</p>	<p>LETRA Q</p> <p>Volei, futebol, basquete</p> <p>Corda, bambolê, bastão</p> <p>Exercícios e corridas</p> <p>Bola nos pés e nas mãos</p> <p>Na quadra é só alegria</p> <p>Gritaria e emoção.</p>

Fonte:

Figura 14 — Capa do projeto de A à Zaca



Fonte: Acervo pertencente à prof^a Maria do Socorro Lacerda de Lacerda

6.2.4 Imprensa Jovem

Desde as primeiras visitas à Escola Zacaria chamou-me a atenção a movimentação de um grupo de estudantes trajando camiseta laranja e sempre munido de uma câmera fotográfica, computador, celular e outros equipamentos. Não perdem um lance, fala ou apresentação. Estão sempre bem colocados e sem atrapalhar ninguém realizam a sua função que é registrar, de variadas formas, práticas pedagógicas cotidianas, projetos e eventos dos quais a escola participa. Essa é a Imprensa Jovem da Escola Zacaria.

Em tempos em que as mídias digitais e redes sociais ocupam grande espaço em nossas vidas, entendeu-se a necessidade de registrar o trabalho feito pela Imprensa Jovem da Escola Zacaria. Trata-se de um projeto da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo SME-SP que, atualmente, faz parte do Programa Mais Educação.

O professor Douglas Ferreira Tomé, entusiasta e responsável pelo projeto, contou, de forma remota, um pouco dessa história. Com formação em Matemática e especialização em Tecnologias de Aprendizagem, ele começou a lecionar na Escola Zacaria no ano 2000 como professor de projetos e desde então atua no Laboratório de Informática criando atividades pedagógicas envolvendo tecnologias digitais, o que inclui, nos últimos anos, programação e robótica. Desde o início ele planeja colocar em funcionamento uma rádio na escola, a despeito de já existir a TV do Zaca no Youtube.

Quando a escola passou a dispor da internet de forma mais ampla, há um pouco mais de dez anos, o professor Douglas tomando conhecimento do projeto Imprensa Jovem formou a

primeira equipe da Escola Zacaria em 2009. Eram alunos voluntários que se reuniam na escola fora do horário regular. No início as equipes tinham por volta de 10 alunos, mas após o projeto passar a fazer parte do Programa Mais Educação esse número aumentou, sendo possível atender entre 20 e 40 alunos todos os anos.

A ideia do Blogando no Zaca (blog da escola já mencionado neste trabalho) foi da Imprensa Jovem. Ele possui um arquivo de fotos, vídeos e entrevistas realizadas por estes estudantes, além de comunicados da escola.

Segundo o professor Douglas, os estudantes são protagonistas nesse processo e é comum que os que estão há mais tempo no projeto ajudem os mais novos. São realizadas reuniões semanais onde se aprende o que é pauta? Como preparar uma entrevista? Quem é o entrevistado? São diversas etapas que exigem pesquisas. No início as entrevistas eram escritas. Com o tempo, passaram a ser gravadas.

A Imprensa Jovem faz a cobertura de eventos internos, como: Colóquio de alunos e ex-alunos; Festa Junina; Concurso de Poesia; Trapalhadas do Zacaria e Seminários Interescolas (PROVE) que, por vezes, ocorre em escolas da região. Os alunos também cobrem eventos externos como: Campus Party, Bienal do Livro, São Paulo Fashion Week, Mercado Municipal (Mercadão). Realizaram, ao longo dos anos, diversas entrevistas, entre elas: o Secretário de Educação de São Paulo Bruno Caetano; a prof^a Terezinha Rios; o cantor Criolo; o vereador Celso Giannazi; o escritor Maurício de Souza, além de educadores da própria escola, entre outros.

Importante destacar que a Imprensa Jovem na Escola Zacaria funciona de forma independente das iniciativas propostas da SME-SP.

A escola possui equipamentos como câmeras fotográficas, tripés e notebooks. Segundo Douglas, esse material sempre foi de fácil acesso. A Imprensa Jovem tem total liberdade para utilizá-los. Em 2018 a Imprensa Jovem recebeu uma verba da prefeitura, mas o professor acredita que tenha sido um único repasse.

Sobre o apoio da equipe gestora ao projeto, Douglas é bastante enfático em afirmar que sempre recebeu muito apoio, seja na questão da autonomia, seja no apoio material ou que envolva disponibilizar alguém do quadro funcional para acompanhar uma atividade externa. “O apoio é sempre 100%.” “Nunca recebemos um não da escola.”

O professor Douglas fala com muito orgulho deste trabalho e segue pensando na rádio talvez com o formato de podcast. Ele veste a camisa literalmente, pois está sempre com o uniforme do projeto que foi providenciado pela DRE Campo Limpo. Uma camiseta laranja que é utilizada até hoje.

Atualmente os professores responsáveis pela Imprensa Jovem são: Douglas Ferreira Tomé e Carlos Eduardo Barbosa da Silva.

A partir do entendimento deste projeto, pode-se afirmar que o mesmo constitui-se como um meio de representação dos estudantes no interior do espaço escolar, a partir do qual podem vir à tona suas vozes. Sobre isso, Giroux e McLaren (1995) ressaltam

Entender a voz do estudante é lidar com a necessidade humana de dar vida ao reino dos símbolos, linguagem e gestos. A voz do estudante é um desejo, nascido da biografia pessoal e da história sedimentada; é a necessidade de construir-se e afirmar-se em uma linguagem capaz de reconstruir a vida privada e conferir-lhe um significado, assim como de legitimar e confirmar a própria existência no mundo. Logo, calar a voz de um aluno é destituí-lo de poder. (p. 137)

O trecho acima citado sintetiza e representa o pensamento desta pesquisadora.

6.3 OBSERVAÇÕES SOBRE OS ENTREVISTADOS E AS ENTREVISTAS QUE COMPÕEM ESTE TRABALHO

As ocasiões que envolvem as entrevistas não se resumem apenas às falas relativas ao tema do qual deseja-se obter o máximo de informações. O texto abaixo foi produzido a partir de minhas observações sobre os momentos que antecederam as conversas por considerar relevantes para a análise. Também fiz registros sobre alguns dos locais de entrevista. Uma vez terminadas, essas falas nos suscitam reflexões por um longo período.

1ª Entrevista: o entrevistado foi Roberto Wagner Carbonari. Professor de Matemática que há 22 anos ocupa o cargo de Diretor na Escola Zacaria. Atua na rede municipal de educação há 34 anos.

Minhas observações:

Um pouco perdida e precisando saber o ponto certo para descer do ônibus, pedi informação a uma senhora que parecia não conhecer a Escola Zacaria, até que uma moça que estava ao lado se dirige a mim e diz: *eu sei onde fica a escola. Eu te levo até lá. Eu estudei na Zacaria. Aquela escola é maravilhosa. Eu sinto saudades.* E começa a me perguntar se algumas pessoas ainda trabalhavam lá. Esse é um dos exemplos do lugar que essa escola ocupa na lembrança de alguns dos seus ex-alunos naquele território.

A entrevista ocorreu na sala da direção, onde fui gentilmente recebida pelo Wagner, em horário de funcionamento da escola durante o qual ocorreram interrupções pontuais por parte de alunos e funcionários, que solicitavam informações e materiais de trabalho. Considero que

tais situações não comprometeram o andamento da entrevista e mais do que isso, demonstram claramente o que é uma escola onde a direção está sempre com as portas abertas, conhece os alunos pelo nome e cuja prioridade é tentar resolver qualquer questão que se apresente, no momento em que ocorre. Estava presente o auxiliar de direção, Ismerindo, trabalhando em sua mesa.

Com o consentimento de ambos, acompanhei uma conversa de mediação de conflito entre algumas alunas que frequentemente se ofendiam atacando-se mutuamente por suas características físicas. A condução da conversa foi calma, paciente e buscou apresentar argumentos para que essas alunas passassem a se unir mais e que assim a vida delas seria mais fácil e agradável na escola do que sendo inimigas ou que, pelo menos, houvesse o respeito de ambas as partes e o fim das ofensas. As famílias não seriam convocadas naquele momento porque a escola estava confiando na capacidade de entendimento das alunas. Se o conflito não se resolvesse, aí sim teriam que convocar os responsáveis para uma conversa juntamente com as alunas.

As meninas saíram da sala da direção declarando estarem comprometidas num convívio respeitoso, sem necessariamente demonstrarem interesse em estabelecer uma amizade. Talvez o tempo possa se encarregar disso, como é comum nas histórias da vida escolar em geral. O mediador dessa conversa, Ismerindo, escreveu em 2015 um texto que consta do PPP. Resgatamos aqui um trecho em que diz

[...] nossa prática é o diálogo constante, até esgotar as últimas possibilidades. Enquanto não sentimos que está acontecendo reflexão por parte do aluno em relação ao acontecimento no qual ele foi envolvido, não abrimos mão do diálogo. (PPP, p. 81)

Esse episódio é a práxis, discurso e ação dialógicos.

Finda a conversa, o diretor Wagner fez questão de me mostrar diversos espaços da escola, como a brinquedoteca recém-inaugurada em um quiosque de madeira e vidro já parcialmente decorado com desenhos das crianças e alguns brinquedos e materiais didáticos, carecendo ainda de elementos lúdicos.

Conheci então a história do playground de madeira da escola. Wagner disse que, segundo a prefeitura, alunos do fundamental I não necessitam mais de playground. Foi então que a escola e a comunidade se uniram e mediante o patrocínio de um banco, foi possível obter o material necessário para a construção dos brinquedos. A pintura ficou a cargo de uma professora de Arte.

Foram tantas histórias inspiradoras sobre alunos que normalmente são considerados “perdidos” ou “alunos-problema” mas que encontram na Escola Zacaria um grupo de pessoas disposto a estender a mão, o ombro, os olhos, os ouvidos e o coração. O diretor falou orgulhoso dos projetos de aulas de violão, argila e ginástica (este último oferecido por um ex-aluno que tem uma linda história) e por último, me disse que ofereceu um passeio para conhecer o sítio de sua família como um prêmio de participação no projeto de energia solar. Conhecer o sítio do Wagner era uma cobrança antiga dos alunos. Então ele e a esposa se encarregaram de realizar esse sonho e levaram 2 alunos, um deles portador de necessidades especiais.

Sobre a dedicação de Wagner em relação ao trabalho, isso parece “contagiar” a equipe, mas entendo que esse processo ocorre apenas se for acompanhado de respeito, admiração, afeto e exemplo. A dedicação desmedida e exclusiva ao trabalho não “contagia” ninguém à sua volta se for apenas na esfera burocrática e mecanicista, principalmente na área da educação; em outras palavras, você pode ser um excelente gestor no que se refere à burocracia, mas apenas isso, dificilmente fará de você alguém querido e estimado por estudantes, funcionários e professores. Esses, em grande parte, preferem ter um aperto de mão firme, sincero, um café e uma conversa acolhedora. Algo que já presenciei no trabalho do Wagner por diversas vezes.

2ª Entrevista: O entrevistado foi Rodrigo Pacheco Alves. ATE – Auxiliar Técnico de Educação desde 2008 na rede municipal de São Paulo e, a partir de 2012, na Escola Zacaria.

Minhas observações:

A entrevista foi realizada no local onde Rodrigo fica durante a maior parte de sua jornada de trabalho: em uma mesa no corredor em que se encontram as salas de aula. Sendo assim, nossa conversa foi atravessada pelos sons das crianças e adolescentes, pelas vozes dos professores e também por interrupções de alunos que precisavam da ajuda de Rodrigo para resolver alguma questão. Pude observar um clima calmo, cortês e educado, tanto por parte dos alunos, como por parte do educador. Lembro-me que fiquei emocionada várias vezes ao ouvi-lo falar e desejei trabalhar em uma escola com alguém como ele.

Com o gravador desligado Rodrigo comentou: “Você escolheu o tema certo e o lugar certo. Nós nos preocupamos muito com essa questão.”

Também recebi indicações de leitura: “A Ralé Brasileira” de Jessé Souza e “A precarização do trabalho” de Ricardo Antunes.

3ª Entrevista: A entrevistada foi a Profª Dra. Olgair Gomes Garcia (Olga), coordenadora pedagógica da EMEF Zacaria de 1996 a 2010.

Minhas observações:

Antes de iniciarmos a entrevista com o roteiro de perguntas que havia sido formulado previamente, tivemos uma longa conversa em que Olga falou sobre a importância do exercício da escrita autoral na atuação dos professores. Muitos professores não só deixam de registrar suas práticas, como também se sentem incapazes de escrever sobre suas reflexões acerca da vida, em seu amplo sentido, e sobre a educação.

Olgair exerceu um papel importante como coordenadora ao incentivar os professores a produzirem textos, ao incentivar a leitura, o estudo. Ela própria tinha como hábito escrever sobre muitas práticas pedagógicas e outros eventos ocorridos na escola. Havia uma preocupação com o processo e com uma escola democrática que pudesse ouvir toda a comunidade escolar, possibilitando adequações e mudanças nos projetos de um ano para o outro e isso incluía, por exemplo, uma avaliação final em que os alunos deveriam responder a alguns questionamentos. Em um determinado ano foi colocada a questão: Se você fosse professor, o que você faria para que seus alunos aprendessem bastante?

Um grande número de alunos respondeu que não colocaria um texto na lousa para os alunos copiarem. Isso sensibilizou muitos professores, que se propuseram a rever suas práticas.

Em uma outra avaliação feita pela escola, os alunos deveriam fazer a reescrita da música “Comida” da banda Titãs dizendo do que eles tinham “fome” e “sede”, como sugere a letra original. O objetivo era conhecer um pouco sobre os anseios e desejos dos alunos.

Embora Olga tenha sido recebida com desconfiança e resistência, o passar do tempo possibilitou um entrosamento e a percepção de crescente adesão por parte do grupo de professores aos projetos da escola.

Foram mais de 2h30, onde falamos sobre experiências que a Olga vivenciou em outras escolas (todas particulares), onde, invariavelmente, deixou sua marca ao valorizar a reflexão dos professores sobre a prática docente, a importância dos registros de atividades e elaboração de textos autorais. Sempre buscando a resolução prática e dialogada dos conflitos disciplinares e a superação dos problemas de aprendizagem, sem nunca abandonar a dimensão humana nas relações.

A escolha por entrevistar Olga justifica-se por se tratar da pessoa que, com seu olhar freiriano dotado de grande sensibilidade e experiência, deu início a uma série de mudanças à frente da coordenação da escola. Mudanças essas que inauguraram o que podemos chamar um novo tempo que perdura até hoje e é motivo de admiração na comunidade, nos meios universitários onde é conhecida e já tendo sido matéria de algumas reportagens e estudos acadêmicos. A visão de educação de Olgair foi prontamente acolhida pelo diretor Wagner que assumiu o cargo na escola no ano seguinte à entrada dela. A entrevistada tem uma longa

bagagem na área da educação privada e finalizou sua trajetória na educação pública. Importava conhecer um pouco de suas realizações em outras escolas porque esse aprendizado certamente contribuiu para que ela desenvolvesse tantos projetos, práticas e ideias inovadoras na Escola Zacaria.

O fato de ter sido aluna de Paulo Freire e colega de trabalho na SME-SP me fez inserir questões relativas à influência desse autor em sua formação.

4ª Entrevista: A entrevistada foi Maria Lúcia Fabrini de Almeida. Doutora em Semiótica pela PUC-SP e professora universitária aposentada.

Minhas observações:

Lúcia, como aprendi a chamá-la, me recebeu em sua residência. Antes de começarmos a entrevista propriamente, conversamos sobre a situação e os rumos da educação e da política no país, como um todo. Conversamos um pouco sobre os objetivos de minha pesquisa e, em seguida, Lúcia falou sobre sua longa trajetória acadêmica e também a paixão pela Índia. Comentou sobre trabalhos realizados junto a estudantes de várias localidades e em diferentes projetos que desenvolveu ao longo de algumas décadas.

Foi um momento de grande aprendizado para mim.

5ª Entrevista: A entrevistada foi Luciana Dias da Silva. Professora na Escola Zacaria de 1993 à 2018 e Coordenadora Pedagógica de 2018 a 2020.

Minhas observações:

A então coordenadora pedagógica Luciana Dias abriu as portas de sua sala para nossa conversa. Antes de começarmos a entrevista ela fez questão de me mostrar um folder do projeto Territorialidades do qual a escola participa, juntamente com outras escolas e organizações sociais. Em seguida me mostrou pastas onde estavam arquivados diversos materiais relativos a projetos da escola. Eu pude fotografar alguns para utilizar na pesquisa.

Com mais de 25 anos de trabalho na mesma escola, sendo a maior parte como alfabetizadora, Luciana fala com calma e segurança sobre tudo que pergunto e, muitas vezes, comenta com orgulho e entusiasmo sobre inúmeras ações e projetos em que os alunos da escola estão envolvidos.

Demorei um tempo para saber que Luciana era filha do operário Santo Dias, assassinado por um policial militar durante uma ação grevista em frente à fábrica Silvania, durante a ditadura civil-militar. Essa história inspirou Luciana a escrever um belo livro chamado “*Santo*

Dias: Quando o passado se transforma em história”¹⁰⁶ que está na segunda edição. Como historiadora e agora amiga, fiz questão de ir ao lançamento dessa última edição que ocorreu no Memorial da Resistência e contou com a participação de diversos ex-presos políticos.

Luciana me atendeu diversas vezes, para além dessa entrevista, fornecendo esclarecimentos que foram surgindo ao longo de toda a pesquisa. Por isso, ela tem um papel fundamental na realização deste trabalho.

6ª Entrevista: A entrevistada foi Maria do Socorro Lacerda de Lacerda. Profª de Língua Portuguesa e Sala de Leitura na Escola Zacaria durante 21 anos. (aposentada desde 2015)

Minhas observações:

Antes de iniciarmos a entrevista, tivemos uma longa conversa em que a professora Maria do Socorro falou coisas, como: você é o outro do outro, tentando despertar o respeito entre os estudantes.

Os cursos do PROVE inicialmente eram oferecidos apenas para professores. Posteriormente começaram a ser oferecidos para todos os educadores da unidade.

Uma escola é um projeto de muitas mãos, de muitos corações pulsando no mesmo compasso, com objetivos comuns. Mãos do presente (alunos e equipe atual), do passado (ex-alunos e ex-funcionários) e do futuro (futuros ex-alunos e seus familiares, pesquisadores e admiradores do projeto). É um laço que vai além do trabalho e das obrigações. É um laço de vida e para a vida.

Os projetos não se esgotam em si mesmos... eles continuam.... são retomados.... graças à permanência dos educadores e de suas ideias.

Depois de 21 anos na mesma escola, 25 anos na área da educação ainda é possível continuar com brilho nos olhos ao falar do seu ofício e mais do que isso, não querer abandoná-lo. Socorro é uma pessoa otimista, generosa, com olhar, coração e mente abertos para reconhecer sua condição favorável de trabalho em comparação à realidade de muitos professores da rede pública.

Fala de seus projetos com imenso carinho, orgulho e a certeza de que foram relevantes para os alunos, pra ela e pra todos ainda hoje podem consultar os registros. Histórias de um lugar que ninguém queria contar... e quando contavam... era apenas para as páginas policiais.

No caso do PROVE, a continuidade do projeto é crucial para permitir um resultado exitoso, duradouro e que resulte no real sentimento de valorização e segurança do professor

¹⁰⁶ DIAS, Luciana; AZEVEDO Jô; BENEDICTO, Nair. *Santo Dias*: Quando o passado se transforma em história. 2ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Expressão Popular, 2019.

sobre seu próprio trabalho, incluindo a possibilidade de passar de aluno participante dos cursos para professor dos cursos.

Socorro e seu esposo criaram desenvolvem um projeto de leitura itinerante chamado “Conte lá que eu conto cá”¹⁰⁷ e já viajaram por diversos lugares do país levando leituras a muitas escolas, principalmente da zona rural.

Para estar na educação, seja em sala de aula, seja na área de pesquisa, é preciso estar com os olhos e os ouvidos bem abertos para percebermos tudo que está a nossa volta. E o coração também, pra se deixar ser tocada pelas coisas simples e sensíveis.

Saí da entrevista presenteada de diversas formas, inclusive com três livros¹⁰⁸ escritos pela entrevistada, sendo um deles para o público infantil e que faz muito sucesso em minha casa. Os outros dois são um livro de poesia e um romance histórico que se passa nas terras de seus familiares, na região nordeste.

7ª Entrevista: A entrevistada foi Aline Magna Vieira. Ex aluna da Escola Zacaria no período entre 1998 e 2005 (todo o ensino fundamental). Professora de Língua Portuguesa na PMSP desde 2017.

Minhas observações:

A necessidade de conversar com alguém que tivesse sentado nos bancos escolares da Escola Zacaria enquanto aluna, me levou a Aline. Hoje professora da rede municipal, com graduação e mestrado pela USP, ela me atendeu gentilmente para uma conversa por chamada de vídeo e falou com carinho e boas recordações sobre o tempo vivido na Zaca, escola com a qual ainda mantém vínculos. Falamos, como não poderia ser diferente, sobre a pandemia e a saudade que sentimos de nossos alunos.

8ª Entrevista: A entrevistada foi a profª Viviane Machado Sabadin. Profª Regente EF I e Sala de Leitura na Escola Zacaria desde 2015.

Minhas observações:

Antes de iniciarmos as perguntas, conversamos sobre nossas filhas pequenas e as dificuldades de acumular funções durante a pandemia.

Viviane foi a primeira entrevistada que está atualmente em sala de aula na Escola Zacaria (Sala de leitura), então senti a necessidade de iniciar a conversa buscando entender como a escola trabalha em termos de material didático, critério de avaliação e autonomia do

¹⁰⁷ O projeto possui uma página no Facebook e um canal no Youtube com o mesmo nome (que eu acompanho assiduamente com minha filha) em que são narradas lindas histórias acompanhadas de um belo cenário.

¹⁰⁸ “Ideologia e Utopia na República da Estrela” (2006); “Amando e ensimesmando” (2013) e “As aventuras de Martin” (2018)

professor, antes de partir para as questões relacionadas a minha pesquisa. Essas informações me ajudaram a compreender um pouco mais a dinâmica de implantação do currículo na escola.

Iniciamos com uma fala muito importante da Viviane: todos e todas que trabalham na escola são educadores(as), não importa a função que ocupem. Ela destacou que na Escola Zacaria as relações são bastante horizontais e respeitadas entre estes educadores. Ela trouxe a questão da cidadania, sem saber que esse conceito integra minha pesquisa, deixando claro a presença da cidadania no universo dos educadores daquela escola.

A professora também cita o moralismo que alguns professores levam para a sala de aula como um dos maiores desafios da escola para a efetiva implementação da EDH. Assim, ela toca em um ponto que, embora não seja novo, tem ocupado o debate público brasileiro nos últimos anos: a ascensão de grupos conservadores, seja na política, na mídia, no setor cultural e na internet, em geral.

Por estar atualmente na sala de leitura, Viviane destacou o projeto Leituraço¹⁰⁹ que além de estimular a leitura entre os alunos, também estimula a leitura entre os professores, uma vez que este terá que ler ao menos uma obra por bimestre.

9ª Entrevista: A entrevistada foi Solange Amorim. Supervisora Escolar da DRE Campo Limpo.

Minhas observações:

Há 31 anos na área da educação em diversos cargos, Solange fala com propriedade sobre a situação da educação e do trabalho docente. Conversar com ela foi, ao mesmo tempo, uma sugestão da Olga e também uma observação minha, uma vez que passei a vê-la e ouvi-la em diversas oportunidades dentro e fora do PROVE ou da Escola Zacaria. O conhecimento acerca do território em que se localiza a Escola Zacaria aliado ao seu engajamento social, suas posições firmes, lúcidas e bem fundamentadas em defesa da educação pública, direitos humanos, cultura e da necessidade de conhecer e respeitar os territórios, me fizeram procurá-la. Falamos longamente por chamada de vídeo, momento no qual demonstrou muita garra e disposição para continuar trabalhando firme e defendendo seus ideais.

¹⁰⁹ Embora dada sua definição na nota 48, o projeto Leituraço foi explicado pela professora Viviane durante a entrevista concedida para essa pesquisa: “Esse é um projeto que acontece bimestralmente. Cada professor tem que escolher uma literatura e, independente da sua área, ele vai realizar a leitura com os alunos. E essa escolha já é feita assim: não é por turma. O aluno escolhe qual obra ele quer conhecer. E aí nesse dia, ele vai pra sala que aquele professor vai apresentar a obra e depois da leitura ou da dinâmica que o professor escolher, eles têm uma roda de conversa sobre e depois todos os alunos vão para o pátio e um aluno de cada sala vai explicar o que foi discutido naquela sala e a conclusão que o grupo chegou.”

Ecléa Bosi nos adverte que precisamos “analisar o que foi lembrado, ou seja, o que foi escolhido para contar essa história.” Esse é um dos aspectos que devemos considerar no momento de cruzar os dados obtidos ao longo da pesquisa. As entrevistas evidenciaram, entre outras coisas, uma sintonia (convergência, comunhão, afinidade) de sentimentos e desejos em relação à Escola Zacaria e tudo que ela representa. É como um corpo coletivo que se move na mesma direção. Mesmo ocupando diferentes funções no espaço da unidade escolar e mantendo suas singularidades, há muito mais encontros do que desencontros sobre os objetivos a serem atingidos e sobre as práticas cotidianas. Parece haver uma interdependência entre os diferentes sujeitos. Não é subordinação.

Este estudo se encaminha para suas considerações finais, concluindo esse capítulo com a compreensão de Paulo Freire(2019) sobre o ato de estudar que tão bem retrata esse esforço de pesquisa.

Estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria. (p. 64)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar.” (Paulo Freire)

A partir desse estudo, entende-se que embora Educação em Direitos Humanos (EDH) seja algo pouco conhecido e compreendido dentro das escolas, ela pode, deve e está sendo desenvolvida em espaços escolares, ainda que sem nomeá-la. É possível reconhecer essa(s) prática(s) por meio das relações que se estabelecem no seio da comunidade escolar para a consecução dos compromissos assumidos no projeto político-pedagógico, o que pressupõe um entendimento mínimo sobre quais valores embasam o educar que se busca fazer.

Quando estudamos a legislação sobre a Educação em Direitos Humanos, o início do século XXI representa um inegável avanço, fruto de lutas políticas e compromisso intelectual, com vistas à construção de conhecimento sobre o tema e à proposição de políticas públicas que deveriam se desdobrar em uma cultura de direitos humanos em todos os níveis da educação brasileira. Não obstante, na Escola Zacaria não foi tal legislação que introjetou essa visão de educação na escola, haja vista que, em sua maioria, ela sequer chegou às mãos dos educadores, conforme relatos de professores e membros da equipe gestora.

Buscou-se demonstrar ao longo dessa pesquisa que o projeto político-pedagógico da Escola Zacaria, cujo tema é a cidadania, não figura apenas como um documento engavetado ou mera formalidade burocrática que precisa constar da documentação escolar. A inspiração do PPP é a teoria educacional de Paulo Freire e sua importância é reconhecida pelos educadores, o que permite que ele seja, de fato, colocado em prática nas falas, fazeres do cotidiano e projetos, interligando de maneira orgânica todas essas dimensões. Considera-se essa a principal chave de leitura para a compreensão do objeto investigado e a busca de confirmação da seguinte hipótese: a Educação em Direitos Humanos se concretiza na conexão entre os projetos e as práticas cotidianas, nos múltiplos âmbitos da vida escolar?

O processo de pesquisa indicou um papel relevante de concepções pedagógicas democráticas e voltadas à realização de uma maior equidade social por meio da escola. Dentre elas, o pensamento freiriano tem papel fundamental. A formação (não exclusivamente acadêmica) dos educadores, inclusive equipe gestora, foi sendo transformada pela própria vivência no interior. A atenção às demandas dos(as) estudantes e do território foi sempre nutrida de práticas/ideias humanizadoras, defendendo e disputando os projetos nos quais se baseia.

A Escola Zacaria há muito entendeu a necessidade de desenvolver um trabalho de formação docente contínuo e que provoque a reflexão sobre a ação. Essa preocupação foi várias vezes repetida no PPP da escola e demonstrada no esforço para a realização do PROVE (Projeto de Valorização do Educador e Melhoria da Qualidade do Ensino). Como analisado no capítulo 5, esse projeto segue por mais de vinte anos sem interrupção, superando dificuldades e constituindo-se em uma das mais significativas características da Escola Zacaria.

A partir das reflexões desenvolvidas pode-se afirmar que diversas práticas pedagógicas da Escola Zacaria alinhadas à concepção de EDH foram desenvolvidas devido a existência de projetos duradouros voltados à autonomia e à solidariedade individual e social. Disso são exemplos: as Trapalhadas do Zacaria, o Projeto Aniversário e o PROVE, para ficar nesses três. O PROVE estabelece uma relação direta entre formação docente e EDH, impulsionando muitos professores à busca de um educar pleno de sentido.

A formação do educador é interminável, desenrolando-se ao longo da vida, o que inclui erros e acertos, alegrias e frustrações, idas e vindas, rupturas e continuidades. Tendo a prerrogativa de escolher seu(s) curso(s) de preferência (inclusive repetindo o mesmo por vários anos), em sala de aula muitos educadores percebem a importância de ouvir atentamente os alunos para a construção dos assuntos a serem tratados em sala de aula, ainda que isso precise ser conciliado com a imposição do currículo oficial.

Como observado pela antiga coordenadora e apoiadora constante permanente, Olga, existe a percepção de que vários profissionais resignificaram muitas de suas práticas a partir da oportunidade de estudar, dialogar e refletir. Isso costuma ser atribuído ao trabalho da coordenação e direção, mas contou fundamentalmente com a disposição de muitos professores, do passado e do presente, em querer fazer dar certo. Para isso, tem sido fundamental uma menor rotatividade do quadro de gestão/educadores que se dá, muitas vezes, pelo clima de afeto e o desejo de se manter como parte de um grupo que se realiza enquanto educador naquela unidade escolar.

O diretor Wagner destacou em entrevista o fato de alguns professores levarem quase três horas cruzando a cidade para chegar à Escola Zacaria e ainda assim não pedirem remoção para outras unidades escolares mais próximas de suas residências. Portanto, é um todo interligado que garante a continuidade de um trabalho que vem correspondendo às necessidades da comunidade escolar e de seu território. Há um sentimento de pertencimento e esse cenário colabora para que a escola consiga resistir à saída de quadros antigos e muito importantes (que vez ou outra se aposentam ou partem para outros desafios profissionais dentro ou fora da rede) sem perder o tônus, bem como os objetivos do grupo. De acordo com Luciana Dias, faz parte

da rotina da escola receber novos professores (jovens ou experientes) que, ao tomarem ciência do PPP, começam a entender e se identificar com os projetos, passando a compartilhar o olhar humanista e espírito aguerrido da Escola Zacaria.

Difícil pensar em experiências como a da Escola Zacaria, sem que haja profissionais que acreditam, sonham e são apaixonados pela educação. Isso existir e contagiar o grupo, mostrando que não se faz uma escola a partir de uma ação solitária ou unicamente de boa vontade. A comunidade escolar precisa se engajar minimamente possibilitando que os objetivos de aprendizagem e boa convivência se concretizem. Para que a Escola Zacaria se constituísse nesse espaço considerado inspirador, muito esforço e estudo foram demandados e um trabalho incansável do qual não se ausentam alegrias e tristezas, frustrações e esperanças. É preciso sempre lembrar e reconhecer o caminho do qual nasceram as conquistas almejadas o qual é pontilhado por lutas e esforços comuns ao longo de mais de duas décadas.

Ao longo desta pesquisa pode-se constatar que grande parte dos educadores da Escola Zacaria esteve atenta aos que sofrem, aos vulneráveis, aos excluídos, buscando compreender e valorizar o território e os que nele vivem. Isso foi evidenciado em projetos que aqui examinamos. Tais projetos prosseguiram sem quebras ou grandes rupturas, a despeito dos obstáculos e da ausência ou presença de muitos que chegaram ou deixaram a escola. O elo se manteve forte o bastante para enfrentar mudanças de caráter político, burocrático, financeiro, pedagógico e outras.

Os relatos que aqui se procurou analisar possibilitaram o enriquecimento da compreensão do vasto universo da Educação em Direitos Humanos. As concepções teóricas aqui utilizadas dialogaram com as situações cotidianas que foram trazidas pela pesquisa em todas as suas dimensões.

Escrever sobre a Escola Zacaria, seus projetos e lembranças dos entrevistados permite manter vivas tais experiências e memórias, levando-as ao conhecimento de um maior número de pessoas.

Para uma leitura mais ampla da escola e de suas práticas, buscou-se entrevistar pessoas que lá ocupam diferentes lugares institucionais. Constatou-se que embora esses lugares fossem diferentes, há convergências significativas quanto aos aspectos analisados neste trabalho.

Não há uma só variável capaz de responder as perguntas de uma pesquisa na área da educação. Como afirmam Ludke e André (1986):

[...] Em vez da ação de uma variável independente, produzindo um efeito sobre uma variável dependente, o que ocorre em educação é, em geral, a múltipla ação de inúmeras variáveis agindo e interagindo ao mesmo tempo[...] (p. 5).

O estudo de caso aqui desenvolvido contraria o determinismo mecânico, segundo o qual uma realidade de desigualdade e violência não pode produzir algo diferente de desigualdade e violência. A poesia, o afeto e a criatividade podem ser antídotos à tais violências e ao descaso. Contudo, nos espaços onde o resultado quantitativo (a nota), os índices, os números de desempenho tornam-se o objetivo maior a ser perseguido, difícil ou raramente haverá lugar ou mesmo tempo para se valorizar e desenvolver outras relações humanas. Que o qualitativo possa sobrepor o quantitativo dentro da escola.

Os encontros na Escola Zacaria e também fora dali favoreceram o florescimento de amizades. Há um querer bem que é recíproco e que desejamos ver perdurar para além do término desse trabalho. Esta escola tem em seu quadro profissionais politizados e engajados, o que corrobora a existência de um local onde a EDH se faz presente.

A leitura do PPP, os projetos, a participação em eventos e as entrevistas realizadas propiciaram o aflorar os sentimentos como emoção, alegria e esperança. Ao término de cada entrevista emergia felicidade e renovação de energias para dar continuidade à pesquisa, enfrentando o cansaço, o tempo escasso, as preocupações com alunos e família. A impossibilidade de entrevistar alunos devido a pandemia, configura a lacuna mais sentida no percurso da pesquisa. Buscou-se amenizar essa lacuna, como já foi dito.

A Escola Zacaria, não se contenta em somente apresentar o currículo e desenvolver os conteúdos previstos e orientados pela SME-SP, o que já não é pouco. Vai além e procura, a partir dos projetos que apresentamos ao longo desses capítulos, proporcionar vivências e aprendizados significativos para os seus educandos, mostrando que é preciso e possível transgredir na escola para realizar plenamente a sua tarefa. A equipe gestora demonstra coragem e disposição para problematizar e discutir junto à comunidade escolar diretrizes que chegam para ser cumpridas sem levar em conta a realidade e possíveis impactos no território. O processo contínuo de redução da autonomia dos professores e a implementação de um ensino apostilado tem sido enfrentado bravamente pelos profissionais da Escola Zacaria que procuram conhecer as reais necessidades de sua comunidade e trabalham arduamente nesse sentido.

Nenhuma escola é um todo homogêneo, um bloco monolítico. A diversidade é saudável e bem vinda. A Escola Zacaria abriga públicos variados e, inclusive, procura integrá-los ao máximo em seus projetos. Entre os professores temos diversos perfis que assumem diferentes atitudes e enxergam sua vida e o mundo a partir de pontos de vista bastante distintos. O que acaba por uni-los é o compromisso com a educação e a alegria por torná-la possível. Os espaços escolares não estão imunes (pelo contrário) aos discursos e práticas moralistas, autoritários e

preconceituosos presentes também na escola, mas que não representam a maioria na Escola Zacaria.

Este esforço de pesquisa reuniu resultados provisórios e não pretende apresentar a Escola Zacaria como uma unidade escolar livre de problemas e/ou exemplar em todos os aspectos. Não se trata aqui de um ambiente sem conflitos, o que nem seria desejável, mas de um lugar onde são encarados como naturais e cuja solução brota do diálogo respeitoso. Como todas as instituições, esta escola tem suas contradições e desafios, entre os quais destacam-se: a questão da acessibilidade, que depende exclusivamente da gestão municipal, a formação de um grêmio estudantil autônomo e atuante e a melhoria dos índices do IDESP, cuja necessidade não se limita à Escola Zacaria.

O que sempre moveu este trabalho é a forma como a Escola Zacaria lida com as dificuldades de toda ordem e consegue, a partir dos seus diversos projetos, ser, em nosso entendimento, uma referência de Educação em Direitos Humanos realizável no cotidiano da escola pública. A gestão da escola entendeu cedo a importância de desburocratizar os projetos e ações rotineiras, de desenvolver o apoio interno enquanto grupo e o externo entre as escolas da região. Isso possibilitou uma escola que constitui uma inspiração para outras unidades escolares do seu território e fora dela. Lugar onde se aprende vivendo e se vive aprendendo.

Acredita-se que haja um desconhecimento sobre o potencial transformador da escola pública na vida dos seus estudantes, para grande parte da sociedade. Não somos orientados e instados a enxergar (porque também não vivemos) a periferia para além de seus problemas sociais. Por isso afirmamos que esse trabalho permitiu vislumbrar possibilidades reais e lançar um olhar na contramão do que se divulga a respeito das escolas públicas. Práticas como as aqui pesquisadas, precisam receber maior atenção para que sejam compartilhadas e compreendidas, caso contrário esses espaços continuarão restritos aos comentários sobre violências, deprecação e maus resultados nas avaliações externas feitos pela mídia.

Insistimos na importância de pesquisas que deem visibilidade a experiências pedagógicas transformadoras, que reúnam os projetos de maior destaque, mais antigos ou atuais. Sistematizar os saberes que foram e ainda estão sendo construídos nos espaços escolares e fora deles. Acompanhar destinos de ex-alunos, que hoje são professores e que levam para outros territórios muito do que aprenderam na escola. Essa é uma tarefa indispensável para os que têm o compromisso com a educação.

Na longa caminhada desta pesquisa reaproximei-me do ideal de transformação social almejado em 2013 (aqui em primeira pessoa). A descrença deu lugar ao otimismo e à esperança nas múltiplas possibilidades de trabalho dentro e fora da sala de aula. Há espaço para as boas

práticas e para a formação contínua e de qualidade dos docentes dentro da escola pública. Hoje consigo enxergar suas potencialidades e como é possível realizar projetos significativos e transformadores em seu interior. Isso alterou radicalmente minha perspectiva sobre a educação reconhecendo quantos sujeitos estão comprometidos com a melhoria da sociedade. Foi-me devolvido o entendimento sobre a razão e a essência de ser educadora.

Ainda que este trabalho não consiga, isoladamente, promover o avanço de políticas públicas de promoção da EDH nas escolas, confiamos que seja uma contribuição para se conhecer uma escola pública por dentro e seu ambiente repleto de vigor e potência. Que essas linhas sejam um convite à ação.

A discussão sobre os direitos humanos nos chega de séculos passados, mas em pleno século 21 o tema ainda não ecoa em grande parte dos ambientes escolares brasileiros. Só quando se assumir esse debate, livre de preconceitos poderemos vislumbrar um novo horizonte civilizatório.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

AGUIAR, Denise Regina da Costa. A proposta de política pública educacional no Município de São Paulo: a (des)construção de uma Escola pública popular, democrática e com qualidade. In: **Simpósio brasileiro de política e administração da educação**, n. 25, São Paulo: 2011, Disponível em [0132.pdf \(anpae.org.br\)](#) Acesso em 25/8/2021.

AGUIAR, W.M.J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, v 26, n.2, p. 222-245, 2006.

AGUIRRE, Luiz Perez. **Educar para os direitos humanos**: o grande desafio contemporâneo. Disponível em: [www.dhnet.org.br](#). Acesso em: 02/04/2017.

_____. **Si digo derechos humanos**. 2ª ed. Servicio Paz Y Justicia – SERPAJ - Uruguay, 2007.

ANDRÉ, Marli E.D.A; LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

ARAÚJO, U. F.; AQUINO, J. G. **Os direitos humanos na sala de aula**: a ética como tema transversal. São Paulo: Moderna, 2001.

ARENDT, Hannah. A Crise da Educação. In: **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Coleção Debates: Perspectiva, 2003.

_____. Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

AZANHA, José Mário Pires. **Uma Ideia de Pesquisa Educacional**. 2ª ed., Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2011.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **A cidadania ativa**. São Paulo: Ática, 1991.

_____. Educação em Direitos Humanos: de que se trata? Palestra de abertura do Seminário de Educação em Direitos Humanos em São Paulo. In: **Convenit Internacional**, n. 6, Ed. Mandruvá. 2000. Disponível em [www.hottopos.com](#)

BERNARDES, M.E.M.; MOURA, M.O. Mediações simbólicas na atividade pedagógica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.35, n.3, p.463-478, 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças dos velhos. 11ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo freire?** Coleção Primeiros Passos. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2001.

_____. Ministério da Educação. **Conferência Nacional de Educação – CONAE 2010 – Construindo o Sistema Nacional Articulado de Educação: O Plano Nacional de Educação, Diretrizes e Estratégias de Ação (Documento Final)**.

_____. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP n. 1, de 30 de maio de 2012. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 maio 2012. Seção 1, p. 48.

_____. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos / **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Ministério da Educação, 2006.

_____. **Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República**. Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3) / Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República – ver. E atual. – Brasília: SEDH/PR, 2010.

CANDAU, V.M.F. Direito à educação, diversidade e Educação em Direitos Humanos. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 715-726, jul.-set. 2012. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

_____. V.M.F. Educação em direitos humanos: desafios atuais. In: SILVEIRA, Rosa; DIAS, Adelaide; FERREIRA, Lúcia; FEITOSA, Maria; ZENAIDE, Maria (orgs.) **Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

_____. [et al.]. **Oficinas Pedagógicas de Direitos Humanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

CANDAU, V.M.F. A Educação em direitos humanos no Brasil: realidade e perspectivas. In: CANDAU, V.M.F.; SCAVINO, S. (Org.). **Educar em direitos humanos: construir democracia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. P. 72-99.

CANDAU, V.M.F.; SCAVINO, S. Educação em direitos humanos no Brasil: ideias força e perspectivas de futuro. In: MAGDENZO, A. (Org.). **Pensamiento y ideas-fuerza Derecho à educação, diversidade e educação em direitos humanos** Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 715-726, jul.-set. 2012. Disponível em 726 de la educación ver derechos humanos ver Iberoamerica. Santiago do Chile: Unesco-OEI, 2009. P. 68-83.

CARBONARI, R. W. (org). Um desafio na gestão de escolas públicas: propor e coordenar um projeto de formação do educador que articula professores e professoras de várias escolas. In **Prove Livros 4 – Prove 10 anos: 1997- 2007**. São Paulo: Páginas & Letras Editora e Gráfica, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CARVALHO, J. S. F. **Educação, Cidadania e Direitos Humanos**. 1 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2004.

CLAUDE, Richard Pierre. Direito à Educação e Educação para os direitos humanos. **Sur Revista Internacional de Direitos Humanos**. Ano. 2, Nº 2, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/sur/v2n2/a03v2n2.pdf>

CLAUDE, Richard; ANDREOPOULOS, George. (org.). **Educação em Direitos Humanos para o Século XXI**. São Paulo: Edusp: Núcleo de Estudos da Violência. 2007.

COMPARATO, F.K. **A Afirmação Histórica dos Direitos Humanos**. 7 ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

COVRE, Maria de Lourdes M. (org.). **A cidadania que não temos**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DANTAS, Alexandre; ANDRADE, Eliana; FIAMENGUE, Elis C.; ARAUJO, Rosane Ap.; MACHADO, Vitor. A transcrição da fala do homem rural: fidelidade ou caricatura? In: WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta (coord.). A análise de entrevistas em pesquisas com histórias de vida. **Cadernos CERU**, série 2, nº 11, 2000.

DIETRICH, Ana Maria; HASHIZUME, C.M. (Orgs.) **Direitos humanos no chão da escola: Um sonho possível**. Santo André: Universidade Federal do ABC, 2017.

DIMENSTEIN, Gilberto. **Cidadão de Papel: a infância, a adolescência e os Direitos Humanos no Brasil**. São Paulo: Ática, 1993.

DORNELLES, João Ricardo W. **O que são Direitos Humanos**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

FELICIANO, Vilma A. O “PROJETO VALORIZAÇÃO DO EDUCADOR E MELHORIA DA QUALIDADE DE ENSINO”: UM OLHAR SOBRE O BEM-ESTAR DOCENTE. In: ABRAHÃO, Ana M.; GARBIN, Mônica C.; GRANDINO, Patrícia J. (Org.) **Desafios da educação contemporânea: ética, valores e saúde**. Curitiba: Appris, 2013.

FERNANDES, A.V.M.; PALUDETO, M.C. Educação e direitos humanos: Desafios para a escola contemporânea. **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 30 n. 81, p. 233-249, mai-ago. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v30n81/a08v3081.pdf>

FREIRE, Ana Maria, Utopia Peregrina, **Viver Mente & Cérebro**. Coleção memória da pedagogia, Rio de Janeiro, v. 4, p, 25, 2005.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 2ª ed. São Paulo: Unesp, 2003.

_____. **A educação na cidade**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 28ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 70ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

_____. **Política e educação**: ensaios. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **Professora sim; tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 28ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. A construção de uma nova cultura política. Fórum de Participação Popular nas Administrações Municipais. **Seminário Poder local, participação popular e construção da cidadania**. Belo Horizonte, Jun./1994; São Paulo: Instituto Pólis, 1995. Cad.n.1.

GADOTTI, Moacir. **A escola dos meus sonhos**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GARCIA, Olgair G. A Escola Zacaria já é a escola dos meus sonhos. **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 31 n. 83, p. 127-144, jan-abr. 2011.

GARCIA, Olgair G. **Refletindo sobre a aula**: descobrindo um caminho para a formação do educador na escola pública. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 1995.

GENEVOIS, Margarida. **Educação e Direitos Humanos**. Disponível em <http://www.dhnet.org.br/dados/livros/edh/estaduais/rs/adunisinos/margarida.htm>

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

KLEIN, Ana Maria; D'ÁGUA, Solange Lima. A Educação em Direitos Humanos nos Projetos Político-Pedagógicos das escolas de São Paulo. **Educar em Revista**, n° 55, p. 277-292, jan/mar. Editora UFPR, 2015.

LACERDA, Sandra da Costa. **Uma Escola chamada Zacaria**: história, amores, rumores, ousadias. FEUSP, 2003. (dissertação de mestrado)

MBEMBE, A. A era do humanismo está terminando. **Revista IHU Online**, 24 jan 2017. Disponível em [Achille Mbembe: “A era do humanismo está terminando” - Instituto Humanitas Unisinos - IHU](#) Acesso em 25/8/2021.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Território e História no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2002.

MORAES, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Currículo, cultura e sociedade**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar e reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Complexidade e Transdisciplinaridade:** a reforma da universidade e do ensino fundamental. Natal: EDUFRRN, 2000a.

_____. **Introdução ao Pensamento Complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** Paris: ONU, 1948.

_____. **Plano Mundial de Educação em Direitos Humanos:** Plano de ação – primeira etapa. Nova York e Genebra: UNESCO; Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, 2006.

PADILHA, Paulo Roberto. Educação em direitos humanos sob a ótica dos ensinamentos de Paulo Freire. In: SCHILLING, Flávia (Org.). **Direitos humanos e educação:** outras palavras, outras práticas. São Paulo: FEUSP/ Cortez, 2005.

_____. **Planejamento dialógico:** Como construir o projeto político-pedagógico da escola. São Paulo: Cortez/IPF, 2001.

PARO, Vitor Henrique. **Administração escolar:** introdução crítica. 17ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PEREIRA, Otaviano. **O que é Teoria?** Coleção Primeiros Passos: Brasiliense, 1982.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. **Edgar Morin:** A educação e a complexidade do ser e do saber. Petrópolis: Vozes, 1995.

PINSKY, Jaime. **Cidadania e Educação.** 6 ed. São Paulo. Contexto, 2001.

PIOVESAN, Flávia. **Direitos Humanos.** Curitiba: Juruá, 2006.

PROVE LIVROS 4 – **Prove 10 anos** (1997-2007), São Paulo: Ed. Páginas & Letras, 2007.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

REVISTA PROVE, ano 1, n° 1, novembro, 2002.

REVISTA PROVE, ano 2, n° 2, novembro, 2003.

REVISTA PROVE, ano 3, n° 3, novembro, 2004.

REVISTA PROVE – **10 anos**, ano 10, n° 10, novembro, 2011.

REVISTA PROVE – **Resistência e Ousadia:** Pilares do Prove expostos no ano de pandemia, ano 19, n° 19, novembro, 2020.

RIOS, Terezinha Azerêdo. A Dimensão Ética da Avaliação. In: **Pro-Posições.** Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, v. 9, n. 3 (27), novembro, 1998.

SADER, Emir; GENTILI, Pablo (org.). **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

SCHILLING, Flávia (Org.). **Direitos humanos e educação**: outras palavras, outras práticas. São Paulo: FEUSP/ Cortez, 2005.

SILVA, Aida Maria; TAVARES, Celma. A cidadania ativa e sua relação com a educação em direitos humanos. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação** – v.27, n.1, p. 13-24, jan./abr. 2011.

SILVA, Ana Tereza Reis da. Educação em Direitos Humanos: O currículo entre o relativismo e o universalismo. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, v. 36, n° 131, p. 461-478, abr/jun, 2015.

SINGER, Helena. Direitos humanos na escola: a escola democrática. In: SCHILLING, Flávia (Org.). **Direitos humanos e educação**: outras palavras, outras práticas. São Paulo: FEUSP/ Cortez, 2005.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2ª ed. Autêntica, 2008.

VIEIRA, Evaldo. **A Política e as Bases do Direito Educacional**. Cadernos cedes, ano XXI, n°55, novembro/2001.

VIVALDO, Fernando Vicente. **Educação em Direitos Humanos**: abordagem histórica, a produção e experiência brasileira. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

WESTPHAL, Fernanda P. S. Direitos Humanos na educação, um pilar para o exercício da cidadania e a concretização da dignidade da pessoa humana. **Revista Direitos Fundamentais & Democracia**. Vol. 5 – 2009. Disponível em http://www.dhnet.org.br/educar/textos/westphal_dh_educacao_cidadania_dignidade.pdf

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. Análise de entrevistas em pesquisas com histórias de vida. **Cadernos CERU**. Série 2, n. 11, p. 147-158, 2000.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta; VELÔSO, Thelma Maria Grisi (orgs.). **Oralidade e subjetividade**: os meandros infinitos da memória. Campina Grande: EDUEP, 2005.

ZLUHAN, Mara Regina; RAITZ, Tania Regina. A educação em direitos humanos para amenizar os conflitos no cotidiano das escolas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos** (online), Brasília, v. 95, n. 239, p. 31-54, jan./abr. 2014.

TV ESCOLA: **Debate sobre educação com ênfase em direitos humanos**. Disponível em <http://tvescola.mec.gov.br/tve/video/debate-educacao-com-enfase-em-direitos-humanos>

TV PUC SÃO PAULO. Paulo Freire - As marchas. São Paulo: TV PUC, 1997. (1'19 min). Disponível em: https://youtu.be/cyYKlu_LdP0 Acesso em: 25 ago. 2021.

DOCUMENTÁRIO: “**Meu Campo Limpo**” Realização: Quintessência Produções Direção: Aldrich Kanashiro / Albertina Araujo. Disponível em: <https://youtu.be/Y2WMvkMDNnw> 2012

Documentos consultados:

RBEDH - Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos. **Capacitação em direitos humanos e cidadania**: Fundamentos teórico-metodológicos. Recife, 2001.

RBEDH - Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos. **Documento Orientador**. Observatório de Educação em Direitos Humanos Unesp – Bauru Observatório de Educação em Direitos Humanos. Unesp-Bauru Disponível em: [Documento Orientador da ReBEDH :: Oedh-unesp \(webnode.com\)](#) Acesso em: 25/08/2021

ANEXO A — Transcrição da 1ª entrevista: Roberto Wagner Carbonari

Cargo na PMSP: Professor de Matemática e há 22 anos ocupa o cargo de Diretor na Escola Zacaria. Atual na rede municipal de educação há 34 anos.

Data da entrevista: 27/11/2018

Local: EMEF Mauro Faccio Gonçalves - Zacaria

Recurso utilizado: gravador de aparelho celular

Entrevista:

LETÍCIA: O PROVE completou vinte e um anos em 2018 e o projeto tem como principal preocupação a valorização e a formação de professores através de oficinas para as mais diferentes áreas e assuntos, palestras, intervenções artísticas, além da produção de uma revista anual. Você consegue sentir o impacto do PROVE na prática docente da Escola Zacaria? Caso sim, de que forma?

WAGNER: Ele vai fazer o curso se ele quer. Então o professor de Matemática vai fazer o curso de Matemática ou ele vai fazer um outro curso qualquer.

LETÍCIA: Da área de interesse que ele quiser?

WAGNER: É o interesse que ele tem. Ele vai fazer o curso que ele quer. Se ele não quer, ele também não vai? Aí o que a gente observa é o seguinte: o Prove ajudou na fixação desses professores nessas escolas. Então é um dado extremamente importante isso. Então, eu tenho professores que estão aqui há 18 anos, há 15 anos. Foram chegando e foram ficando.

LETÍCIA: E você vê uma relação do PROVE com essa fixação? (eu não havia pensado nesse ponto ao formular a pergunta, por isso repeti para tentar compreender melhor a questão da importância da liberdade de escolha do curso)

WAGNER: Sim, sim... porque eu (se referindo aos professores) valorizo esse espaço, eu (se referindo aos professores) valorizo essa formação, essa formação “me” faz bem. A relação é clara. O PROVE também incentivou os professores a estudarem mais e muitos aplicam em sala de aula, o que aprendem no PROVE, ainda em curso.

LETÍCIA: Ainda sob a perspectiva da formação de professores, como você enxerga as ações da Secretaria Municipal de Educação, nos últimos anos, nesse sentido?

Não foi possível a transcrição do áudio por uma falha na gravação.

O trecho abaixo é proveniente das anotações realizadas durante a fala do entrevistado.

O diretor relata que os cursos de formação de professores oferecidos pela SME não têm continuidade de uma gestão para outra e nem dentro da mesma gestão. Além disso, os professores têm que ser selecionados pela escola e acabam indo contrariados.

LETÍCIA: Embora o Brasil tenha aprovado nos últimos anos o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos e São Paulo tenha também o plano estadual e municipal já concluídos sobre essa temática, essa ideia não parece disseminada na maioria das escolas públicas, falo mais especificamente da rede estadual, embora existam ações pontuais. Você diria que a Escola Zacaria, através de seus projetos e outras ações, trabalha a Educação em Direitos Humanos? A EDH consta no PPP da escola?

O Diretor afirma que tem certeza que sim e dá uma série de exemplos. Um deles é o projeto aniversário. Em que os alunos elegem um tema, por exemplo, sobre a mulher ou trabalho e os alunos produzem material. A exposição dos trabalhos é feita por trimestre e os alunos ganham uma lembrança que eles mesmos produzem.

Outro exemplo é a existência de uma comissão de mediação de conflitos. No concurso de poesia, que teve recorde de inscritos em 2018, em um universo de 800 alunos, tiveram 164 poesias inscritas e 4 eram plágio. Uma das alunas procurou a direção para explicar porque havia feito isso. A escola conversou com os envolvidos, explicando as implicações desse ato e não foi preciso convocar os pais. Ele destacou a possibilidade de resolver o caso pelo diálogo, dispensando punições.

Ele lembrou também das aulas de violão, de argila e ginástica que a escola oferece através de parcerias. A apresentação Mulheres Negras também mereceu destaque em sua fala, assim como a importância dos funcionários, como o Rodrigo, assistente técnico de educação.

Para prosseguir nos exemplos de mediação de conflitos, ele narrou o seguinte caso:

(a partir desse ponto o áudio foi retomado)

WAGNER: (...) ela¹¹⁰ estava brava comigo porque ela não frequenta a recuperação paralela de Português e aí quando eu fui conversar com ela...a recuperação dela acontece ao meio-dia... do meio-dia às 13h. E eu falei... “mas por que você não vem XXXX?” Ela falou assim pra mim: “Ah, porque eu não consigo acordar pra esse horário.” Eu falei: “Como assim?” Aí eu fiquei muito bravo com ela porque não é porque ela tem que ficar em casa cuidando do irmãozinho... a gente até... a gente não concorda com isso, mas não dá pra obrigar a deixar o irmãozinho lá... não tem como a gente muitas vezes enfrentar isso. E aí eu falei... olha XXXX se você não vem para a recuperação de Português não vale a pena você continuar aqui, fica em outra escola qualquer que não tenha isso... que você não seja chamada para esse tipo de coisa... Enfim... e a mãe ontem veio então para conversar comigo... só que essa menina... ela (pausa)...

¹¹⁰ Uma aluna que estava faltando às aulas de recuperação e, embora o entrevistado tenha mencionado o nome dela mais de uma vez, preferimos ocultar na transcrição.

assim... essa menina já está percebendo que ela não é uma menina como qualquer outra...ela gosta de uma outra menina. A gente teve um probleminha há alguns meses atrás e eu..., a menina veio reclamar que ela ficava paquerando a menina e ela não queria nada com ela... isso treze anos, doze anos. E ela não conseguia entender que a menina não queria nada com ela, ficava insistindo e eu falei: O que que você quer que eu faça? Vamos sentar nós três pra gente conversar? E aí ela falou: “Eu quero, Wagner”. Aí chamamos e eu falei: “Agora você vai falar pra ela tudo o que você falou pra mim”. Ela falou. E eu falei: “E aí XXXXX o que você tem a dizer? Você faz isso mesmo?” Ela falou: “Eu faço”. Aí eu falei “então, você está percebendo que do mesmo jeito que quando um menino paquera uma menina e a menina não quer, o menino tem que respeitar. Você é uma menina que está paquerando outra menina e ela não quer saber de você... você também tem que respeitar. É a mesma situação. No meu olhar é a mesma situação”. Bom, a gente conversou... ela resolveu. A outra menina (depois eu conversei) disse que nunca mais ela tinha mexido com ela e o problema estava resolvido. Eu acho que também está ligado a esta questão ...

LETÍCIA: Totalmente.

WAGNER: ... Aí a mãe estava aqui ontem, aí eu peguei e falei assim: “XXXX vamos conversar aquele assunto com a tua mãe? Eu te ajudo”. Ela falou assim:

“Você me ajuda?” “Eu te ajudo. Vamos!”

Aí eu peguei e falei, então... mas é claro, eu percebi que a mãe ia saber ouvir.

Aí eu peguei e falei: “É... você já percebeu as características da sua filha? Ela gosta de menina e então... acho que é importante você conversar isso com ela porque a gente já teve um probleminha aqui no passado”. Foi até muito bem resolvido, ela, eu acho que cresceu com a minha conversa com ela. E aí a mãe entrou com uma conversa assim: “Olha Wagner, eu já falei pra ela que eu respeito qualquer que seja a decisão dela. Tô falando aqui de novo, mas ela precisa fazer tudo o que ela for fazer na vida dela com muito respeito, com muita educação... e respeitar o outro...”

Então assim... (risos)

LETÍCIA: É uma prática, um diálogo muito importante e muito necessário mesmo.

WAGNER: E quando as pessoas... a gente vê essas reportagens falando do presidente, do vice, do ministro da educação... a impressão que tem é que a gente fica dentro da escola incentivando os meninos a ficarem com meninos... as meninas... não é nada disso, mas é a gente conversar com eles sobre isso e como respeitar essa diferença de cada um deles, no sentido de convivência harmônica, do respeito mútuo, do respeito às diferenças, às minorias, não é?

(interrupção de alunos para solicitar materiais escolares)

WAGNER: Aqui é sempre assim, Letícia... (risos)

LETÍCIA: Imagina, tem que ser. Toda escola tem a diretoria movimentada. Imagina aqui... (risos).

LETÍCIA: Em complemento a isso, ainda, você diria que a escola Zacaria tem uma preocupação com a formação cidadã dos educandos, preparando para a convivência com a diversidade, algo que nós falamos há pouco, respeito aos direitos humanos, à vida em sociedade, incluindo mercado de trabalho, enfim, você acha que é um dos eixos norteadores da escola essa preparação para a vida cidadã?

WAGNER: Com certeza, só que eu acho assim.... eu não sei se até por a gente não ficar acomodado com algumas situações, tudo que a gente consegue fazer, a gente acha que é pouco, mas eu acho que sim.... acho não, eu tenho certeza. É um eixo norteador sim, acho que isso faz parte de todas as conversas que a gente tem com os alunos, ... e (pausa) eu diria que sim.

LETÍCIA: Ok.

LETÍCIA: A escola Zacaria é vista como uma escola dos sonhos, como saiu aquele texto da Olgair, chamado “A escola Zacaria já é a escola dos meus sonhos”, que é um texto lindo.... é muito elogiada por alunos, ex-alunos, basta a gente entrar nas redes sociais e a gente, que nem conhece a escola direito, vê isso. Na sua análise, qual é o diferencial da escola Zacaria com relação às outras unidades escolares públicas do município, do estado, do país, se você quiser fazer uma comparação?

WAGNER: Então, eu acho que nós temos os problemas que toda escola tem. Eu acho que a diferença é que a gente tenta resolver, tenta enfrentar. Com respeito, com educação, com humildade. Eu acho que é isso. Acho que é esse o nosso diferencial. Então, as vezes até me incomoda quando eu vou em alguma reunião na DRE.... “não, mas a Zacaria é uma escola modelo”. Nós não somos modelo de nada... apenas... então eles falam que aqui é mais fácil porque nós temos menos problemas do que eles. Eu falo “não!” Nós temos as mesmas coisas e olha lá se a gente não tem mais, porque assim... eu tenho biqueiras muito próximas da escola. O tráfico está batendo na nossa porta. E a gente faz de tudo para evitar. E a gente tá de olho, tá de olho. Então é assim... eu tenho uma ajuda de um monte de pessoas da escola... a escola hoje é assim... ela é muito respeitada... e assim, quando alguém elogia... é... eu não fico nem um pouco vaidoso com isso, eu fico é preocupado com o que a gente faz para continuar merecendo esses elogios (risos).

LETÍCIA: Vem uma pressão para manter o nível...

WAGNER: É isso. O que a gente pode fazer para não perder isso? Porque assim... na minha concepção... na minha cabeça...na minha forma de pensar, tudo o que foi de elogio do

ano passado, já passou. Se a gente não cuidar desse ano, ele não é mais, porque para você perder as conquistas é muito rápido, para você conseguir uma melhora é muito tempo, muito lento. Então, eu tenho essa preocupação. Então, nada me deixa vaidoso com relação a essas coisas. Não. Quando alguém elogia, eu falo “nossa”, é um exagero na fala, mas um dia a gente quer ser desse jeito, sim.

LETÍCIA: E como gestor público, quais são as maiores dificuldades enfrentadas para manter ou elevar o nível de aprendizado e para assegurar um ambiente de respeito aos direitos humanos no chão da escola? Um pouco você já falou.

WAGNER: A situação do diretor hoje é muito complicada. Então, assim, se você não consegue fazer um trabalho adequado, você é questionado por um monte de gente. No Zacaria, nós já chegamos a estar em uma situação de falta de envolvimento de pais. Aí a gente começa a pensar: mas por quê, então assim, se a gente for lembrar, quando eu entrei aqui há 22 anos, eu via que a escola não tinha credibilidade nenhuma, então eu lembro que no dia 2 de janeiro de 1997 eu cheguei na escola 8 horas da manhã para pegar a chave da escola e eu tinha duas mães aguardando para pedir transferência porque essa escola não era boa. Isso me marcou muito. Era dona Raimunda e uma outra mãe que eu não lembro o nome. A outra mãe eu não consegui convencer... ela foi embora. A dona Raimunda ficou e na minha conversa com elas no estacionamento, sem pegar a chave da escola ainda, eu disse para elas: “Dá um voto de confiança. Eu vim pra ficar.” (risos). Eu não sou um diretor de passagem. Eu vim para ficar. Aí quando a Olga chega dali alguns dias, porque ela estava de férias, aliás ela não pegou férias, e a gente conversa, a gente combinou de fazer um pacto e deixar claro para todo mundo que a gente não ia embora. Que a gente iria ficar. E a gente acreditava que isso era importante, enquanto gestor a gente tornar público isso... eu tenho a intenção de ficar e que eu vou ser responsável amanhã pelo que eu estou fazendo hoje. Depois de amanhã, o que eu fiz no dia anterior e nos dias anteriores. E aí a gente fez um trabalho de valorização da escola, de valorização do conselho de escola. Mostra que o que a gente decidisse nas reuniões do conselho, era lei para gente fazer acontecer dentro da escola. Bom. Teve uma reunião lá no segundo ano para formar o conselho e eu tinha mais de 300 pais. Teve que fazer cartazes. Não coube na sala. Tiveram que ir para o pátio para poder as pessoas se identificarem, tentar conseguir o voto do outro para poder eleger 15 pessoas. Nos dois últimos anos, eu tive 8 ou 10 pais nas reuniões. Aí quando você vai questionar os pais porque não participam do conselho agora... Não participava, começou a participar e agora não participa de novo. “Ah porque a gente confia em vocês”. Então, aquilo que passou a ser uma confiança, gera incomodo na gente porque eu digo, confiar é pouco, tem que participar. É isso que eu tenho dito para eles. Essa é uma dificuldade

que a gente está vivendo e que eu não estou conseguindo resolver isso, no sentido de estar presente, de participar. E quando você questiona.... “não, a gente tem confiança em vocês”. Eu falo para eles: “não concordo! É muito pouco!” Eu lembro até da propaganda da Gelol: “não basta ser pai, tem que participar”. Essa é uma dificuldade. A segunda, a gente nunca pode esquecer que assim, nesse último ano, nos últimos dois anos, várias pessoas se aposentaram, já estavam há bastante tempo na escola. Foram se fixando. Se fixaram aqui, ficaram um tempão e começaram a sair. Então a gente tem sempre que tomar esse cuidado de trazer essas pessoas para dentro desse “trem” que já está andando. Essa é uma preocupação que a gente tem, porque no momento a gente tem, eu tenho 6 professores mais ou menos que vêm da zona leste. Eles gastam 3 horas para chegar aqui. Ela chega aqui sete horas da manhã, sai de casa às 4 horas para poder chegar no horário. E não chegam atrasadas. Mas por outro lado, assim, estou muito feliz porque a remoção saiu agora no sábado e assim, dessas sete pessoas, eu tenho 4 que nem sequer indicaram para remoção. Preferiram ficar aqui. (risos) Duas da manhã indicaram, mas não conseguiram ir embora, mas indicaram o Zacaria na última opção para poder ficar aqui. Então assim, isso para mim tem um significado muito...

LETÍCIA: Ainda, sobre o que nós estávamos falando anteriormente, eu acho que faltou um pedacinho aqui da questão sobre preparar os alunos para a cidadania. De que forma a Zacaria promove a possibilidade de os alunos terem voz para exporem suas ideias, seus projetos, suas frustrações, suas demandas. De que forma a escola proporciona esse espaço de voz para os alunos?

WAGNER: Então, olha... a gente sempre no começo do ano a gente faz uma assembleia. Ela é feita em sala de aula e a gente discute todas as regras do convívio que a gente tem. Então, a questão do atraso, a questão do uniforme, a questão do uso do celular, a questão dos materiais. A questão do jeito que eu me relaciono com a outra pessoa. A questão do uso do refeitório. Então, tudo isso a gente conversa com eles. São feitas assembleias em sala de aula e depois a gente coloca todo mundo no pátio e faz uma assembleia mesmo, para discutir essas questões e então, assim, por exemplo, há muito tempo atrás era proibido usar boné dentro da escola porque eles colocavam umas tachinhas e um dia jogou um boné e chegou a cortar o rosto de uma criança. Aí a gente meio que proibiu e depois eles ficaram insistindo nas assembleias e a gente foi convencendo que não podia por conta disso, e um dia eles nos convenceram que a gente podia começar a abrir mão até porque eles já tinham percebido que isso não era mais possível fazer dentro da escola. E então, o boné, por exemplo, eles ganharam nessas assembleias o uso do boné. Aí os professores falavam o seguinte: “mas eu quero ver seu rosto na minha aula”. Então vamos usar o boné, mas com a aba para trás? Então, foi uma coisa que foi

negociada com eles e que acho que é um jeito da gente mostrar isso que você está me perguntando, não é?

LETÍCIA: Sim.

WAGNER: A porta da minha sala está sempre aberta. Então é assim... é muito comum se você andar comigo pela escola, alguém chega e fala assim: “o diretor”, mas a grande maioria fala “O Wagner” e alguns até me chamam de “Wagão” e as vezes é pequenininho. Muitas vezes os pais falam assim: “meu filho, você tem que ter respeito com o diretor, você não pode chamar ele desse jeito. Daí eu digo para os pais: “o respeito não está na forma como eu falo, como eu chamo, mas é a minha ação que determina o respeito que eu tenho. Eu posso falar, senhor diretor e ao mesmo tempo estar xingando ele por dentro e não está resolvendo de nada”. Essa é uma ação que eu faço muito com os pais. E...o que mais que você perguntou?

LETÍCIA: Era sobre as ações para dar voz aos alunos para os projetos, as ideias, as reclamações...

WAGNER: Então, aí quando, às vezes, tem alguma coisa que eles queiram conversar comigo, eles as vezes se reúnem e vêm conversar. Esse ano, teve um trabalho da professora de Português, que ela trabalhou um tipo de texto argumentativo com eles: uma carta de reivindicação. Então eles escreveram um monte de textos para mim e eles vieram aqui entregar a carta: “Então, olha, o banheiro precisa arrumar a torneira tal, não sei o que precisa de tal coisa né? A nossa sala está com um ‘mofinho’ aqui em cima, precisa pintar”. Então, eles treinaram aquele gênero da escrita e ao mesmo tempo usaram aquilo para poder ter um olhar pela escola. Isso quem fez bastante foram os 6^{os} anos. Poderia pensar mais algumas coisas, mas a gente tem um monte de ações.

LETÍCIA: Como você vê um aluno saindo daqui do fundamental II com essa estrutura, esse projeto, esse pensamento de escola? Com que “cabeça” ele sai e o que você, pelo que conhece da rede, o que o espera no ensino médio? Como você “entrega” ele e o que você acha que vai recebê-lo?

(Pausa para atender um telefonema sobre vaga para o fundamental I.)

WAGNER: Sobre o que a gente fazia aqui na escola, eu já tive inclusive alunos que vieram me pedir ajuda de como é que ele pode fazer para que na outra escola também tenha papel higiênico como tem aqui na Zacaria. Eu falei para ele: “você não aprendeu isso com a gente? Quando eu cheguei aqui na escola também não tinha papel higiênico no banheiro. Nós fomos conversando e eu fui observando, observando e se eu não estou observando, alguém tem que falar para mim. Então, se lá na sua escola eles não estão observando que isso é uma coisa muito importante para vocês, vocês têm que falar. E não precisa chegar lá e chutar a porta da

diretora para falar. É conversando, é dialogando”. Então, eu já recebi vários grupos de alunos perguntando: “como é que eu posso fazer pra ter lá o que tem aqui no Zacaria”. Então, eu acho que quando ele veio me procurar, eu acho que ele aprendeu que ele precisa pedir ajuda para as pessoas. Eu acho que essa é uma coisa. Acho que é uma coisa legal e que muitos acabam saindo. É... o que mais? ... a questão hoje está muito difícil para os nossos alunos. A questão do trabalho, a questão da continuidade dos estudos. Eles têm que priorizar algumas coisas. E eu já tive... no ano retrasado saiu um aluno aqui da escola, que apareceu esse ano na escola e veio me procurar. Eu tinha acabado de sair. E ele dizia assim: “eu preciso falar com o Wagner, que ele precisa me ajudar porque eu não quero mais continuar no crime”. Quer dizer... quando ele fala isso, você consegue mensurar a confiança que ele tem na gente? Entendeu? É uma confiança... Então, são algumas coisinhas que parecem que não são importantes, mas para mim é extremamente importante porque isso mostra de verdade esse vínculo. E é assim... é aluno que a gente batia de frente, que a gente não economizava ações para poder mostrar que ele estava errado. Assim, eu não acredito em educação sem a criação de vínculos. Eu não acredito. Não tem como.

LETÍCIA: Muito obrigada, Wagner!

ANEXO B — Transcrição da 2ª entrevista: Rodrigo Pacheco Alves

Cargo na PMSB: ATE – Auxiliar Técnico de Educação desde 2008 na rede municipal e, a partir de 2012, na Escola Zacaria

Entrevista realizada em: 04/12/2018

Local: EMEF Mauro Faccio Gonçalves – Zacaria

Recurso utilizado: gravador de aparelho celular

Entrevista:

LETÍCIA: Boa tarde Rodrigo. Qual é o cargo que você ocupa na Escola Zacaria?

RODRIGO: Então, pela nomenclatura eu sou ATE – Auxiliar Técnico de Educação.

LETÍCIA: Desde quando você trabalha aqui na Escola Zacaria?

RODRIGO: Na rede municipal eu estou desde 2008, acabei de fazer dez anos, e aqui no Zacaria há 6 anos.

LETÍCIA: Como você resumiria seu trabalho na Escola Zacaria?

RODRIGO: Então, meu trabalho no Zacaria ele vem numa crescente, desde que eu cheguei. Eu encontrei um local de trabalho com espaço de atuação ampla e obtive da direção dessa escola... como eu posso te dizer... eu acho que eu obtive o respeito e também a possibilidade de poder atuar da forma que eu acredito, como eu devo atuar sendo um ATE, exercendo a função antiga de inspetor de alunos. Então, o meu trabalho aqui no Zacaria é extremamente importante, estratégico para o andamento não só das aulas, como também dos projetos. Valorizo muito esse meu fazer, acho importantíssimo para a escola e, resumidamente, eu acho um trabalho extremamente importante.

LETÍCIA: De que forma você acredita que seu trabalho pode auxiliar para uma cultura de respeito aos Direitos Humanos?

RODRIGO: Bom, para trabalhar uma cultura de direitos humanos, a princípio qualquer ator na educação, qualquer profissional, seja ele professor, seja ele ATE, seja ele coordenador, seja ele diretor, precisa estar consciente do que são os direitos humanos. Em primeiro lugar você precisa entender os direitos humanos, tá certo? Compreender a importância dos direitos humanos e buscar pautar o seu fazer dentro dos direitos humanos e sobretudo respeitando os direitos humanos porque eu trabalho aqui com criança, adolescente, adulto e até mesmo idoso. Então é mister eu ter o mínimo de conhecimento necessário sobre o que é o Estatuto do Adolescente? O que é o Estatuto do Idoso? Eu preciso me aparelhar com os conhecimentos que abrangem todas essas faixas etárias. Entender um pouco dessa sociedade na qual estamos todos inseridos, enquanto educadores, enquanto educandos para que eu possa de fato desenvolver um

trabalho ao encontro às necessidades e que possa realmente aprofundar os direitos humanos, sabe? Acredito que é nesse sentido.

LETÍCIA: Você já ouviu falar de Educação em Direitos Humanos? Sabe o que é?

RODRIGO: Educação em Direitos Humanos? (pausa) Então...eu sei que a gente na educação, de uma maneira geral, discutimos sempre o tema dos direitos humanos, mas uma matéria em si que trate dos direitos humanos eu acho que é novo e extremamente necessário para que a gente possa de fato avançar nisso, porque (Pausa para atender um aluno)

... aqui no Zacaria a gente recebe alunos de uma região da cidade de São Paulo, de uma região periférica. Estamos na Chácara Santana, um bairro historicamente conhecido por altos índices de violência, por uma renda familiar baixa, eu acho que é uma das menores rendas do PIB municipal. Então nós temos aqui uma questão social profunda. Nós necessitamos, como eu disse anteriormente, compreender os direitos humanos, se possível ficar sempre lendo a carta com a Declaração dos Direitos do Homem para que o nosso fazer realmente seja pautado por essa grande conquista que é o Direito do Homem, direito independente se ele é usuário de drogas, independente se ele mora em condições extremamente precárias, independente se ele me xingou ontem. Ainda assim, a gente precisa acreditar nele, tratá-lo com respeito e que acreditar no homem seja uma meta inabalável. Para mim tem que ser isso, tem que ser por aí. E aí a gente consegue suplantar preconceitos, entendeu? Por exemplo, no noturno eu recebo todo dia uma quantidade de garotos que usa drogas, fuma maconha antes de entrar na escola e eu não posso perder de vista que esse garoto é um adolescente em plena formação, em pleno desenvolvimento e que eu tenho que atuar da melhor forma para que isso aconteça. Então, eu não posso perder de vista isso.

LETÍCIA: Quais os maiores desafios que você enfrenta cotidianamente em seu trabalho? Os maiores conflitos ocorrem por quais motivos?

RODRIGO: Engraçado que agora, antes da gente ter essa conversa, eu estava lendo um texto sobre conflito e sobre a importância do conflito. Nós temos uma cultura nacional, que reflete muito na escola.... nós temos uma formação de brasilidade em que o conflito é refutado. O conflito ele sempre foi e é refutado, porém o não conflito também significa que a população que vive de maneira oprimida, não tem direito, talvez de nem sequer causar um conflito, de incomodar, de ser incomodado. Eu vejo os conflitos como possibilidades e oportunidades de inquietude. Eu vejo as demandas que nos aparecem aqui e também as indagações dessas pessoas, dessas crianças, desses jovens, todas elas como válidas. Então eu vejo o conflito como algo necessário a ser estudado, ouvido, entendido e eu descarto toda e qualquer forma de educação do mando, onde a criança, o adolescente e o jovem vão ter regras prontas. Aqui nós

temos o cuidado de anualmente, em assembleia geral no pátio, discutirmos as regras da escola e por exemplo o boné já foi proibido... ele deixou de ser proibido e ficou combinado que a aba fica para trás e aqui nós não aceitamos que os alunos usem drogas dentro da escola, mas tentamos trabalhar essas crianças e esses jovens para que eles superem essa cultura de uso de drogas.

(pausa para atender uma funcionária)

O maior desafio de lidar com o conflito em uma escola pública, primeiro é entender que os conflitos advêm de demandas, e termos essa flexibilidade de ouvir o educando. Quem é esse meu aluno? Por que a vida dele está tão conturbada? Por que ele não tem o comportamento que a gente deseja, gostaria, idealiza, e aprofundar uma relação de extremo respeito com as pessoas para que elas aqui encontrem um espaço de sociabilidade tal que eles possam desenvolver inclusive as suas próprias demandas, entenderem que essas demandas são válidas, que elas serão escutadas e talvez até atendidas. O maior desafio de lidar com conflito na escola Zacaria é justamente esse: compreender, aprofundar essa compreensão, trabalhar esses conflitos, de maneira que as pessoas tenham voz, tenham vez, sejam ouvidas e entendidas... e aceitas, talvez.

LETÍCIA: O que você acha dos projetos que ocorrem todo ano na EMEF Zacaria? E o PROVE?

RODRIGO: O PROVE é um projeto... é um sonho para a educação. Por que? Porque o PROVE faz com que esse professor da sala de aula consiga aprofundar uma reflexão do seu fazer fora dessa sala de aula e discutir com outros colegas que estão na mesma condição de professores e professoras, funcionários... essa troca do cotidiano... veja bem o PROVE tem sido um curso de professores para professores que saem do calor da sala de aula e entram em uma sala para discutir pensamentos e projetos em prol dessa mesma escola. Então é como se a gente estivesse tratando de uma práxis do fazer que é: eu faço, reflito sobre o que faço e volto a fazer novamente. Então o PROVE tem essa característica. No Brasil nós falamos na valorização do educador, nós falamos de autonomia do educador, de um pensamento crítico, livre e o PROVE tem resistido nesse sentido e tem sido essa ferramenta. Um espaço onde os educadores praticam e exercem a sua práxis no cotidiano do seu fazer.

LETÍCIA: Você já recebeu algum tipo de formação para melhorar suas condições de trabalho/seu relacionamento com os alunos, pensando no respeito à diversidade?

RODRIGO: Sim, como ATE a gente teve um curso, inclusive que ia nessa direção, porque o ATE é um cargo de nível médio, de nível técnico e as funções do ATE têm sido justamente pragmatizadas nesse sentido, que seriam funções práticas, como trabalhar no auxílio às secretarias, à direção, à coordenação, à gestão, mas de maneira técnica, e nós recebemos há

uns dois, três anos atrás aqui.... a nossa DRE possibilitou que tivéssemos um curso que o nome se dava nesse sentido para além do fazer prático e técnico... de uma formação de um ATE que realmente faça uma reflexão maior sobre educação e foi um curso maravilhoso. Tivemos reflexões profundas em que pudemos aprimorar e entender que, por exemplo, na ação de você estar lidando com troca de aula e colocar um professor em uma sala, tirar outro. Nesse ínterim, você trabalhando no corredor de uma escola, você consegue ter contato com os alunos de uma maneira tranquila. Aqui a gente consegue desenvolver o afeto, o respeito. Conseguimos trabalhar questões pedagógicas, sabe? No sentido do ensinar e aprender, mas também para além disso, no sentido humano da coisa. Então a gente já teve sim.

LETÍCIA: Você enxerga que existe uma cultura de EDH na EMEF Zacaria envolvendo alunos, professores, equipe gestora e funcionários?

RODRIGO: Nós temos aqui no Zacaria uma cultura sim para o respeito dos direitos humanos. Nós temos um olhar diferenciado, por exemplo, quando nós percebemos determinadas situações que envolvem um aluno individualmente ou um grupo de alunos, nós temos o cuidado de sentar com esses alunos, de ouvir esses alunos, de buscar entender, compreender o porquê daquela conduta. A gente tem uma direção que escuta esses alunos, que senta com eles. Nós temos uma relação diferenciada, nesse sentido, onde buscamos protagonizar esses educandos. É óbvio que temos enormes desafios, inclusive nessa área, porque para você ter uma educação direcionada aos direitos humanos, sobretudo no cenário mundial, nacional, em que os direitos humanos estão sendo combatidos, como se fosse direito para aquilo que é desonesto... estão tentando tratar os direitos humanos como algo vil, sabe? Como se fosse passar a mão na cabeça daqueles que erram o tempo todo e tudo mais.... então por isso que eu falo dos desafios... o desafio de educar respeitando os direitos humanos é o desafio de compreender primeiro: o que são os direitos humanos, suplantar preconceitos, suplantar racismo e trabalhar realmente com o homem. O homem descrito na Carta de direitos humanos. O homem em si, na sua totalidade. Isso é o desafio não só do Zacaria, mas acho que da educação como um todo no nosso país.

LETICIA: Obrigada!

ANEXO C — Transcrição da 3ª entrevista: Olgair Gomes Garcia

Profª Dra. em Pedagogia pela PUC-SP

Cargo: Coordenadora pedagógica da EMEF Zacaria de 1996 a 2010.

Entrevista realizada em 15/03/2019

Local: residência da entrevistada na cidade de São Paulo

Recurso utilizado: gravador de aparelho celular

Entrevista:

LETÍCIA: Você poderia falar um pouco sobre o passo a passo, os obstáculos políticos e de relacionamentos que você enfrentou no processo para implantar esse novo olhar de respeito aos direitos humanos na escola Zacaria?

OLGAIR: Então... quando eu fui para Zacaria eu já tinha uma história dentro da educação e um amadurecimento da minha própria concepção de educação. Quando eu estava falando do São Francisco¹¹¹ para você... quando eu saí da escola a bibliotecária da escola, no ano seguinte, no início do ano, me ligou e disse assim: “Você não acredita”, porque funcionavam dois turnos, o fund II e o ensino médio (pela manhã, e educ. infantil e fund I à tarde) , “os alunos hoje se reuniram no pátio da escola e disseram que não iam subir enquanto o diretor não viesse conversar com eles e a reivindicação foi: eles **queriam de volta a democracia que havia na escola.**” (risos) Às vezes você pensa no processo, ... as coisas estão acontecendo e não está ficando nada... mas jamais passaria pela minha cabeça que alunos fossem fazer uma reivindicação como essa.

LETÍCIA: Uma surpresa do seu legado daquilo que você estava deixando não parecia tão visível aos olhos, mas que os alunos mostraram...

OLGAIR: É.... Eles eram sujeitos ali. Essa ideia dos direitos humanos... uma vez um professor colocou um aluno para fora e ele foi conversar comigo e eu perguntei o que tinha acontecido. Ele falou que o professor colocou umas questões de xxxxx na lousa. Chamou alguns alunos para ir resolver. Alguns alunos estavam com dificuldade tal e aí o professor falou assim: “que é isso, que moleza... isso aí até com o chifre eu resolvo”. Aí (risos) o aluno, 7ª série, imagina.... a criatividade deles e a velocidade mental... ele falou assim: “ah professor, então é por isso que a gente não consegue.” (risos).... e o professor... “Seu moleque safado, vai pra fora”. (Risos) Muita gente lá na Zacaria não gostava que eu fizesse isso. Conversei com o

¹¹¹ Colégio São Francisco foi um dos locais onde Olgair trabalhou como coordenadora pedagógica antes de ir para a EMEF Mauro Faccio Gonçalves – Zacaria. Nessa instituição ela atuou por 9 anos.

menino... tive um papo e fui lá na sala. Fui lá na sala com o garoto porque eu acho que você está fazendo parte de um grupo, então nesse momento é um grupo, você e o professor... é um grupo. Esse incidente aconteceu ali. A gente vai lá agora... voltar para discutir...O professor quase me matou! Porque senão fica essa coisa... o professor tem direito de fazer tudo. Não, não tem! (...) Então, você está falando da questão dos direitos, perpassa muito por isso. Por que você é professor, você falou, tem que obedecer? Não!

LETÍCIA: Você está tocando em um ponto fundamental, porque quando a gente pensa no PROVE, e dá uma grande importância a ele nessa pesquisa, é porque ele é um projeto de valorização e de formação de professores. Como pensarmos a questão da educação em direitos humanos se não partirmos da questão da formação de professores?

OLGAIR: Quando eu entrei, alguns professores tinham mania de chamar os alunos... “esse marginal...” Não dá. Um dia, na hora do intervalo, eu entrei na sala dos professores e falei: “Olha, isso que aconteceu aqui... vocês estão se referindo aos alunos como marginais ... nós somos parte da responsabilidade por fabricar os marginais” (pausa). Então a escola tem que ter esse cuidado também com a linguagem na relação com eles... porque você não tolera, manda para mãe. Chega lá, a mãe bate, não sei o quê. Qual é o resultado? Um assassino, um marginal. É isso que a escola vai fazer.

É duro. Foi muito duro no começo. Mas aí os alunos, do noturno principalmente, vinham conversar comigo “jogando todas as pedras”... falavam, falavam, falavam... Aí quando acalmava, eu falava assim: “Tá ouvindo minha voz? Dá pra gente conversar nesse tom?” “Dá”. Aí a gente conversava. Aí (risos) começou a circular na escola que “com a D. Olga dá pra conversar, porque a D. Olga não usa de ignorância com a gente.” Então, o que é usar de ignorância? Precisamos refletir sobre isso. Então é assim... as situações no cotidiano da escola estão recheadas dessas coisas. (risos) Essa questão dos direitos humanos vai muito da relação.

LETÍCIA: E os projetos em si? Você estava falando da relação no cotidiano, mas, por exemplo, na implantação do PROVE, o que você poderia destacar no processo inicial, os principais obstáculos para a implantação desse projeto?

OLGAIR: Quando eu comecei a trabalhar, era o começo da gestão do Paulo Maluf e a proposta de ciclos que tinha sido feita no fim da gestão Erundina não foi aceita. Então estava um caos, um caos verdadeiro, não era só lá na escola (Zacaria), mas de um modo geral. Aquela coisa... “Os alunos não sabem ler e escrever. O professor não ensina nada.” Aí tinha aquela onda do construtivismo. “Agora você tem que seguir Emilia Ferrero...” tal, aquela bagunçada teórica também e aí minha concentração de horário era mais a tarde.... tinha 6 turmas à tarde: 2 de quarto ano e 4 de terceiro ano. Os do terceiro ano eram analfabetos. Parecia que eles tinham

entrado na escola naquele ano. Ninguém sabia ler e escrever.... estava um caos. Aí eu fiz uma reunião com as professoras e só reclamavam e tal, então eu disse: “É o seguinte: nosso compromisso é a gente ensinar e os alunos aprenderem. Nesse momento não interessa mais se é antiquado, conservador, moderno, Emilia Ferrero... não interessa. Cada um vai ensinar com o que tem e o que sabe. Tem que ensinar e tem que aprender. Ponto final”. (risos)

Uma professora, depois ela me falou, pensou... “gente, essa mulher é louca” (*risos*). Quando eu fui para lá eu tinha participado de uma formação na PUC que era um convênio do Estado e da PUC e eram professoras alfabetizadoras e eu tinha uma turma. Era assim... de manhã tinha uma palestra e à tarde a gente tinha que refletir e analisar o que havia sido abordado na palestra. E aí, acho que na segunda palestra que houve foi com a (pausa) sempre esqueço o nome dela. Bom, na época era o auge dela e os professores estavam putos da vida porque ela foi fazer a palestra, passou um filme que eles já conheciam e falou o que eles já conheciam.

Os professores falando “Imagina num sábado à tarde a gente aqui e o professor falando essas coisas...” eles estavam bravos, super bravos. Bom, não ia ter espaço para eu entrar. Aí eu comecei a anotar as coisas que eles falavam “a gente já viu isso antes” e não sei o que mais... e eu anotando tudo na lousa.

Aí eu perguntei: Agora eu posso falar? A questão para vocês é a seguinte: imaginem os alunos dos primeiros anos que não aprenderam a ler ficarem reprovados, retidos. Como é que eles se sentem? (pausa) (risos). Elas emudeceram. Eu falei: “olha o que vocês escreveram... a gente já viu isso, a gente já viu aquilo” ... Aí pronto... me deixaram falar... Então uma professora falou assim: “não professora, porque é assim: eu entrei no estado e eu não sabia nada e era pra ser alfabetizadora. Eu fui atrás, estudei, me tornei uma ótima alfabetizadora. Agora o estado vem e diz pra mim: agora você esquece o que você sabe, você tem que ser construtivista.”

Imagina a raiva que essa professora estava? Eu falei: “como é que você fazia para alfabetizar seus alunos?”

Ela foi falando... e outras professoras entraram... e eu fui anotando na lousa. Eu falei: “bom, o que vocês diriam agora se seu dissesse que muitas das coisas que vocês falaram aqui são práticas construtivistas?”

(Risos) Tem a questão da admiração. Você tem que trazer a admiração para você como professora. As pessoas vão confiar e te admirar por aquilo que você faz. Bom... ai comecei e foi supertranquilo para trabalhar isso com elas.

E a questão da minha dissertação é a aula, tema este que propus e minha orientadora concordou. Reflexão e análise da prática. O que que é análise? Análise é iluminação teórica.

Você detectou, você vai atrás da teoria, joga aqui na prática e vai.... Porque você tem diante de si alunos, sujeitos que estão envolvidos em todas essas questões relacionadas com o ensinar.

LETÍCIA: E conversando assim, nesse cenário, foi possível entrar com o PROVE?

OLGAIR: Já tinha um horário coletivo, que hoje é a JEIF. Tinha um grupo que eu coordenava e a visão de muito era de que se tratava de um local de ler texto. Só que pessoas não “sabem ler textos”. Não entendem nada, não discutem e seguem em frente. Comigo, passamos a ler um pedaço e eu puxava a discussão. Lia outro pedaço, e eu puxava a discussão. Ficava aquela dinâmica, aquela coisa super bonita e tal. Elas (professoras) foram me sugerindo. Um dia elas falaram assim: “Olga, por que você não traz uns livros pra gente ler?” Eu falei: “Bom, então vamos fazer o seguinte, eu vou arrumar uma gaveta na minha mesa e colocar os livros lá, aí vocês olham a gaveta, o livro que vocês quiserem ler, vocês pegam e escrevem em uma folha de papel que vou deixar lá”. Aí começaram a pegar os livros e a gente combinou: cada uma que for acabando de ler um livro vai fazer um seminário. Aí liam, chegavam e falavam: “olha na semana que vem eu quero apresentar meu livro”. E tinha uma professora que entrou lá... mas ela tinha um histórico... Ela entrou na escola (em outra unidade) como merendeira, nem era merendeira, era operacional que limpava..., pois ela foi fazer, na época era madureza, terminou o ginásio, daí foi fazer o ensino médio e aí fez o Normal. Virou professora. Tudo isso na escola de onde ela veio. Olha a discriminação! Só que ela perdeu o lugar naquela escola e foi parar lá no Zacaria. Aí ela chegou no Zacaria e quando era o horário comigo (JEIF) ela ficava do lado de fora. Morria de medo de coordenadora. E ela entrou nesse movimento de ler, de discutir e tal. E ela pegou um livro que ela queria ler e fazer o seminário. Aí chegou o dia dela, ela apresentou, falou, todo mundo discutiu porque já estavam habituados... não era só apresentar. Então, ela foi crescendo, crescendo e eu falei para ela assim: “você viu como você mudou?” Ela respondeu: “eu aprendi a ler com você” (risos). Olha... veja você. Dá para dizer que o professor é um idiota, um irresponsável? É a expressão do não saber dele. A gente, como coordenadora pedagógica, tem que lidar com isso.

Aí a pergunta que você fez: Como surgiu o PROVE?

Então, nós estávamos nesse movimento de ler, de discutir. Uma amiga que coordenava um grupo de estudos em uma escola particular me deu um folheto com a relação dos cursos que a escola oferecia aos professores. E eram cursos pagos. Mas ela disse assim para mim: “Se os seus professores lá da escola pública quiserem fazer, eu dou bolsa pra eles.” Eu falei: quantos? “Quantos quiserem.” Eu cheguei na escola, levei os folhetos e pensei que não iriam dar muita atenção. “Quem quiser me fala que eu telefono pra Amélia e ela faz a inscrição de vocês”. Eram cursos aos sábados, aos domingos, depois pegou férias, à noite. E eu vi o interesse deles em

aprender... aí a gente recebeu um dinheiro que era aquela verba do MEC e que na época, parte a gente podia pagar palestras na escola. Eu conversei com o Wagner (diretor) e com a Marilan (coordenadora) e falei: “olha, eu não gosto de palestra, porque palestra a pessoa vem, gasta um dinheirão, a pessoa vai embora e não sai do lugar. Eu acho assim, a gente podia convidar algumas escolas próximas e organizarmos cursos. Por exemplo, com a verba que cada escola tem, ela paga os cursos de maio e assim a gente vai” ... é como se estivéssemos fazendo palestras para o grupo de docentes. O Wagner e a Marilan gostaram da ideia e aí resolvemos convidar uma escola próxima. Discutimos a ideia, acharam interessante. Aí escrevemos um projeto, enviamos para as escolas e as convidamos para participar do projeto. Então, no começo houve muito entusiasmo, mas depois na hora de começar ficamos em quatro escolas. Começamos o primeiro mês de funcionamento em março de 1998. Uma escola, Pracinhas da FEB, quando os professores viram, eles questionaram a diretora porque ela decidiu sozinha que a escola não iria participar. Mas a metade acabou participando... começou assim.

Eu reconheço que eu tinha um papel super importante porque... quem vai dar os cursos? Eu usei as pessoas que eu conhecia. Então, o Paulo Rota que dava o curso de História, a Célia dava o curso de Matemática, a Isa dava o curso de Orientação Sexual, o Gilberto o (curso) de Movimento de Expressão Corporal... não me lembro de todos. Acho que a Melita dava o de Música e Dança. Aí, de Português, não tinha uma pessoa assim que eu me lembrasse. Eu perguntei para a diretora do Santa Maria e ela me indicou a Mazé que eu não conhecia. Na entrevista com ela (para a Revista PROVE 2017), não sei se você chegou a ler uma entrevista com ela que tem na Revista PROVE de 2017. Eu liguei para ela, ela não me conhecia e eu não a conhecia. Liguei, falei e ela topou na hora e lá na entrevista ela fala que gostou da proposta pois era na escola pública.

LETÍCIA: E aos poucos, esses formadores passaram a ser os próprios professores das escolas?

OLGAIR: É porque no começo a gente pagava porque a gente recebia o dinheiro. Era pouquinho, mas a gente pagava. Só que funcionou uns dois anos assim. O MEC cortou (a verba) porque disse que as escolas não aproveitavam esse dinheiro. É sempre assim... eles não veem como é que algumas estão aproveitando e generalizam. Aí a gente ficou sem dinheiro. Na administração da Marta veio mais um pouquinho. Então, a gente foi colocando... não dá para funcionar porque a gente não tem mais dinheiro para pagar. Aí a Mazé continuou, o Paulo continuou também e era o Paulo e o Henrique juntos, o Henrique foi embora... o Gilberto continuou. E foi continuando. Depois o Gilberto foi embora, foi morar em Palmas. A Melita voltou para Blumenau. E foi acabando o grupo que estava desde o início e foi sendo substituído

por professores da escola que fizeram parte dos cursos como alunos ou por educadores voluntários que ao tomarem conhecimento do projeto, se ofereceram para serem formadores também. É o caso, por exemplo, da educadora Cleide Terzi e de Wania Karolis. Aí foi entusiasmando...então, o Ismerindo vendo essas coisas... ele nem falou comigo, falou com a Adriana que queria dar esse curso (de Astronomia). A Adriana veio falar comigo e eu disse “claro que pode”. Imagina se eu sou dona... Ele começou a fazer e o povo ama. Ele começou a fazer (o curso) e ele resolveu fazer o mestrado em Física. Terminou o mestrado em Física, não sei se você sabe. O orientador dele estava querendo escrever sobre o ensino de Ciências na escola. Só que eles não tinham experiência, embasamento... convidaram o Ismerindo. Não sei se eu respondi às questões do PROVE...

LETÍCIA: Sim...

OLGAIR: Quanto à formatação, eu apresentei o projeto. Eles falam que eu sou a fundadora... eu não gosto que falem isso. Eu tive a ideia, mas só funciona porque teve adesão do grupo. Eu bolei assim: encontros mensais de 3 horas (no início eram 9 encontros anuais e, posteriormente passaram a ser 7) e a finalização em novembro com a realização de um seminário interescolas porque aí entra toda essa questão que você me perguntou antes, que é a questão dos direitos humanos, a questão da concepção de escola e tal entra tudo de novo e quando você faz isso... você tem os grupos lá fazendo os cursos, mas a formação vai parar só aí? Não. Então, o seminário é o momento de compartilhar, de misturar. Então, todos os professores das escolas são convidados e o convite vai para outras escolas. Há professoras de outras escolas que nem são do PROVE que vão para o seminário. Aí é essa história, de ser o dia inteiro, de ter o almoço porque o horário do almoço é fantástico. A Vera Placo da PUC foi lá uma vez lançar um livro que a gente combinou e chegou a hora do almoço ela falou: “quando eu cheguei eu não acreditava que ali era uma escola pública. As pessoas conversando ali reunidas, sentando todas juntas. Na mesa que eu me sentei para comer estava a moça que cuida do banheiro”.

LETÍCIA: Ainda sobre o PROVE, vamos desdobrar um pouquinho. A que você atribui o sucesso, a sobrevivência, a resistência do PROVE ao longo dos anos?

OLGAIR: Basicamente à construção coletiva, que é isso que eu acredito na escola. A escola tem que ser construção coletiva. Pensar em unanimidade, a unanimidade é uma besteira. Não existe, mas quem está afim tem que apostar nas pessoas que estão afim e é esse movimento delas que contagia ou não... A escola vai ganhando uma forma, uma cara, na medida que ela vai se tornando uma construção coletiva. O PROVE é uma construção coletiva. Então, não é à toa você fica... tem cinco escolas, todas têm que participar. Um curso é em uma escola aqui,

outra ali. As pessoas vão para lá. Tem muito professor que não participa por causa dessa mobilidade. Alguns (professores) entraram e saíram porque acham que tem que ter dispensa do dia.

LETÍCIA: O dia do seminário é um dia letivo?

OLGAIR: É assim... para os cursos a gente procura usar o máximo do horário da JEIF, o horário coletivo, e ultrapassa um pouco sempre. A escola se organiza para os alunos não serem dispensados. Para o dia do seminário, o que a gente bolou? A gente tem um número x de dias de reunião pedagógica. A última reunião do ano as escolas marcam no mesmo dia. Então, não tem aula nessas escolas nesse dia. Então, se o professor quiser ficar o dia inteiro no seminário ele pode, senão ele vai só no período de trabalho dele e está dispensado. Volta a questão do planejamento e da organização. É vital.

Aí tem a revista. Não sei se está aí nas suas questões. A revista surgiu 3 anos depois. Surgiu porque se você só dá os cursos, só faz o seminário... morreu. Você precisa ter um registro, e um dia eu estava em uma conversa espontânea com a Lúcia, diretora do Mário Marques, e eu falei: “Lúcia, você sabe o que eu estava pensando? A gente podia fazer uma revista”. E ela disse: “Nossa Olga, eu acho legal. Acho que é uma boa ideia”. Eu falei: “vamos pensar”. E a gente começou a pensar, propusemos... no começo era muita preocupação porque ficou como se fosse uma coisa minha. Cada curso tinha que produzir um artigo ou o próprio coordenador e depois tem que fazer a revista. Então, eu ficava muito sobrecarregada na questão da capa, na questão dos artigos. No final, eu ficava vários finais de semana por conta da Revista PROVE (risos). Não me arrependo disso, mas eu tinha uma preocupação... a revista não é minha e não pode ser minha porque vai chegar um momento que eu não vou estar mais. Quando eu me aposentei, eu sugeri criarmos uma comissão da revista. Então, tem representante de cada escola e a gente se reúne pelo menos uma vez por mês e vai alinhando a revista. E aí a gente tem um retorno muito bom. A professora Bernardete Gatti (eu gosto muito do que ela fala) ela diz assim: que o PROVE é uma revista escrita por professores, que os professores gostam de ler e fala a língua dos professores.

LETÍCIA: Você destacaria algumas práticas, em específico, dentro e fora do PROVE, que levaram em conta a EDH de maneira mais aprofundada?

OLGAIR: Especificamente direitos humanos a gente não teve curso, mas de uns tempos para cá, como a gente não contrata mais professores, a gente vai pelos professores que se interessam. Então, o Marcos do Mário Marques, acho que até por conta, não sei se mestrado ou doutorado que ele está fazendo, tem trabalhado muito com a questão de gênero, a questão da mulher. Tem aquele curso de justiça restaurativa, que este último ano acho que não teve porque

não teve quem (professor). A linha do curso de História que o Paulo sempre deu, está muito calcada nessa questão do sujeito, dos direitos, da liberdade, da autonomia.

... A Mazé, no curso que ela dá, ela faz muito uso de artigos de jornal, de revista. Isso é uma habilidade que foi se desenvolvendo nos professores. Era um material que eles não usavam e passaram a usar e como era de coisa atual, acaba discutindo essa questão e eu acho que é até bom não estar voltada assim, mas ela está disseminada nos cursos do PROVE. E até o próprio jeito dos cursos funcionarem vai trabalhando essa coisa da confiança no outro, da pessoa se comprometer, do compromisso com o outro. Um maior cuidado na linguagem. Então, são questões que vão perpassando, por exemplo, o curso de cinema do Álvaro ... um curso de cinema para formação de professores tem que estar voltado para formação de professores. Ele tem que entender que através de um filme ele pode discutir, pode desencadear. Tem que ser assim... é para formação dele, para ampliar a visão de mundo. E agora ele (professor Álvaro) está fazendo isso. A habilidade de você ver um filme e não ficar só na historinha.

LETÍCIA – Falando agora um pouco sobre sua formação freiriana, eu gostaria que você destacasse o que mais lhe atrai nessa pedagogia. O que nela mais impactou sua prática?

OLGAIR – Quando eu estava fazendo pedagogia eu ouvia falar do Paulo Freire, mas por conta dessas falas...Educação como prática da liberdade, o exílio. E na época que eu comecei a dar aula (que era ditadura), essa coisa que o Paulo Freire fala e era uma coisa muito intuitiva que eu fazia, com o Paulo Freire eu pude aprofundar mais é a questão da reflexão sobre a prática. Eu me recordo de quando eu comecei a dar aula no magistério que era no ensino médio e depois na pedagogia, eu sempre tive muita mania de escrever alguns relatos de práticas que passavam pela minha cabeça, algumas situações-problema para discutir com os alunos. Então, essas situações-problema que eu escrevia (vou ver se eu me lembro de alguma delas). Por exemplo, o professor estava dando uma avaliação qualquer e os alunos em uma situação de cola qualquer. Aí eu escrevia para discutir a reação do professor, o que ele tinha feito. Dando uma aula de alfabetização e as palavras que ele (professor) estava usando e os questionamentos dos alunos: professor, o que que é isso? A professora estava fazendo um estudo com os alunos sobre peixinhos com uma turma de 3º ano e saíram para o recreio. Quando voltaram, os aquários estavam todos jogados no chão, mataram os peixinhos... Então eu sempre gostei de cutucar por aí... inventando um monte de coisas e dava muito certo. Então eu pude ir fazendo uma reflexão teórica melhor em cima disso, principalmente quando eu fui fazer minha dissertação de mestrado.... A questão do ler tem muito a ver com a questão da identidade, com a subjetividade.

Lá no Zacaria, no começo de ano, aquela coisa ... os alunos começam entusiasmados, daqui a pouco... “ah ninguém quer saber de nada” (resmungos) e foi logo que começou o ciclo.

Tínhamos todos os professores, aí eu escrevi um texto que era assim: Refletindo sobre a nossa prática cotidiana. A gente começou o ano com todos os professores, tinham alunos muito bons que vinham vindo e fui colocando tudo assim... e levei esse texto para ser discutido em reunião. Foi muito bom e o interessante é que eu já estava aposentada e a Marilan, a outra coordenadora, entrou em contato comigo para saber se eu ainda tinha aquele texto porque ela queria usar com os professores. Então, esse texto que eu te dei “O diálogo e a reflexão sobre a prática”, ele é muito uma construção minha, mas sim, o Paulo Freire me alimenta muito....

...Quando eu dava aula no São Francisco... ia ter uma reunião pedagógica...eu escrevi um texto “As tardes no São Francisco: uma reflexão sobre...” um título já provocativo...uma coisa assim. Eu comecei a falar que a escola à tarde era tão desinteressante que nem as professoras suportavam ficar na sala de aula e que esse era um problema. Elas davam as coisas para os alunos fazerem e ficavam na porta conversando, por aí afora...Eu mostrei para o padre, o diretor. Ele gostou e me perguntou: “mas você tem coragem de ler?” Eu falei: “tenho”. Ele falou: “eu vou na reunião também”. Eu falei: “tá bom”. (risos)

Então, abrimos a roda, fiz uma introdução e falei: “bom, agora, eu vou dar um texto para vocês lerem, talvez vocês não gostem muito, mas a gente vai aproveitar para poder discutir depois”. Distribui o texto, todo mundo lendo e eu observando (risos), aí eu falei: “bom, vocês devem estar cheios de perguntas. Então vamos formar grupos, vocês vão estar divididos, discutindo e depois vão se colocando”. Quando abriram os grupos, no primeiro momento, foi da lavagem de roupa suja mesmo. “Como que você fala isso?” ... “Eu concordo com tudo que vocês estão falando... Que eu não tinha o direito, que eu fui invasiva... mas a gente tem que fazer alguma coisa”. Então, uma professora falou: “Como é que a gente faz pra ser diferente?” Eu falei: “Perfeito! Essa é a pergunta que a gente precisa fazer. Como é que a gente pode transformar a escola para não ser isso?” Alguém perguntou: “como é que eu sei de tudo isso?” Eu disse: “ouvindo, vendo...” Então, ficou muito claro que a gente precisava mexer na metodologia. Você toca na ferida.

Então, quando Paulo Freire fala de ousadia (risos) eu me sinto contemplada. Criatividade... eu estou contemplada.

LETÍCIA: Eu quero ir à assembleia de início de ano....

OLGAIR: A assembleia é fruto da avaliação. Então... as normas de convivência saem da assembleia. É muito bonitinho... Quando eu estava lá e os professores queriam um caderno para cada disciplina e os alunos queriam um cadernão. E foi para a assembleia essa discussão. Tinha uma menininha do que agora seria o 6º ano que estava louca para falar, mas não tinha coragem. Eu vi e falei: vem cá falar... você está com vontade... eu fico do seu lado (risos). Ela

defendeu o cadernão (risos). Ganhou... ganhou o cadernão (risos). Aí eu entrei no meio da história: “então é assim, está ganhando o cadernão. Se vocês começarem a fazer isso que os professores estão falando.... a capa cai fora, arranca folha... volta tudo para trás, combinado?” “Combinado”.

LETÍCIA: Obrigada Olgair pelo seu tempo e a generosidade em dividir suas experiências tão ricas.

ANEXO D — Transcrição da 4ª entrevista: Maria Lucia Fabrini de Almeida

Data da entrevista: 15 de maio de 2019.

Formação acadêmica: Graduação em Letras. Mestrado em Teoria Literária. Doutorado em Comunicação e Semiótica. Todos os títulos pela PUC-SP.

Atuação profissional: Lecionou Teoria Literária na Faculdade Moema. Professora de Literatura brasileira e portuguesa; Professora de pós-graduação em Arte Integrativa na Universidade Anhembi Morumbi. Psicologia da arte e imaginário brasileiro. Realizou diversos trabalhos com oficinas de arte em várias cidades brasileiras. Atuou na ONG Veredas e coordenou o curso “Alegria e Solidariedade nas relações de Trabalho” no PROVE em 2004.

Local de entrevista: residência da entrevistada na cidade de São Paulo

Recurso utilizado: gravador de aparelho celular

Antes de iniciarmos a entrevista conversamos longamente sobre a situação política e social do Brasil e sobre a amizade entre Maria Lúcia, Olgair e Doris.

Sobre a entrevista em si, no momento da transcrição fui pinçando várias ideias da fala pausada e poética de Lúcia que pretendo aplicar em sala de aula com os estudantes. Aprendi muito ouvindo o fazer pedagógico dela.

Entrevista:

LETÍCIA: Eu gostaria que você falasse sobre o trabalho que você realizou na Escola Zacaria.

LUCIA: Sim... Eu estava muito preocupada quando a Olgair me convidou para trabalhar com as funcionárias. Então, eu pensei em trabalhar com a questão da identidade... que depois foi o que eu usei também nas oficinas em Cananéia. A partir dessa experiência aqui, que eu achei que foi interessante e que mobilizou muito as pessoas porque eu comecei a trabalhar com os nomes próprios. Eu posso ler um trechinho aqui para você?¹¹²

LETÍCIA: Com certeza

LUCIA: “Qual é o meu nome? Onde nasci? Minhas raízes quais são? Meu pai, minha mãe, a infância, a escola, o namoro, o casamento, filhos, netos, meu trabalho, meus amigos. Histórias de Vida.” (Foi onde eu me inspirei também... na questão das histórias de vida). “Personagens de verdade” (aí eu quis entrar com a parte de literatura). “Heroínas da vida real.

¹¹² Todas as leituras feitas por Maria Lúcia ao longo da entrevista são partes do texto “História de vida, poesia e identidade” escrito por ela e que integra a Revista PROVE Ano 3, nº 3 – Novembro de 2004. p.46-47 e 3ª capa capa.

Forno, fogão e poesia. Assim começa a história dessa experiência com a vida escrevendo ela mesma.”

Então eu pensei assim: eu vou trabalhar com os nomes próprios. Eu estava lendo Manuel Bandeira e vi que o Manuel Bandeira criou alguns poemas feitos com nomes próprios das pessoas. Então tem aqui... Manuel Bandeira, vou ler:

“Sara de olhar meio e bom”

“Silvia Maria, você parece um bichinho

Que é mais bonito do que gente”

“Que idade risonho e bela Célia a dos vinte anos”

Isso... o Manuela Bandeira. Então eu pensei em começar a experiência com as agentes escolares das escolas que integram o Projeto Valorização do Educador e Melhoria da Qualidade de Ensino, brincando com o significado do próprio nome de algumas das participantes. Eu achei que este seria um modo de ligar a palavra... tornar a palavra concreta e viva a partir do nome próprio das pessoas. E aí já levando para questão da história de vida, da identidade da história de vida. Eu achei que seria uma ligação interessante. Como é que ia entrar a literatura, os livros? Entrar pelo nome delas, pelo significado do nome.

Eu me lembro que lá em Cananéia, um dos alunos, um jovem que escrevia muita poesia, me perguntou assim: “O que que significa Maribel?” Eu falei: Olha, Bel quer dizer beleza, Mari vem de Maria, que tem um significado muito forte... de mãe. Ele falou: “Ahh, porque o meu pai, quando minha irmã nasceu, o meu pai foi registrá-la no cartório e no caminho ele esqueceu o nome dela (risos). Aí ele viu que tinha uma bolacha chamada Maribel. Aí ele registrou com o nome de Maribel” (risos). [...] Essa questão do nome é muito forte.

“O local do primeiro encontro foi na biblioteca da escola Mauro Faccio Gonçalves – Zacaria no Jardim Angela – São Paulo. Foi na biblioteca. Lá apareceu Antonia. Eu falei... bom Antonia, vamos ver o significado do seu nome: a que merece homenagens. Eunice que quer dizer: a boa vitória. Tania que é: diminutivo de Titania; de bela aparência. Sueli: que combina Sue de Suzana que quer dizer: lírio e Ellen que quer dizer: luz. Cidinha: para lembrar Nossa Senhora vinda das águas. Madalena: variação de Marlene, cujo significado é elevada, Meire, é Maria: cura a amargura. Lena, diminutivo de Helena: luz. Palmira: Palmeira. Alma: árvore alta e forte.” Então, elas começaram a contar as histórias de vida que eu relato aqui. E nessa ocasião foi um modo delas entrarem em contato e ficarem se conhecendo. Foi através dos nomes. Já foi criando ali um jogo entre as identidades e o significado das palavras. Sempre pensando na coisa da palavra, do significado que eu acho que é uma coisa muito séria. A usurpação dos significados e a deterioração dos significados que é um efeito dessa manipulação... apropriação

de significados, de símbolos. Então eu acho que trabalhar com essa questão do significado da palavra é uma coisa muito importante. Eu costumo dizer sempre para os meus alunos de poesia, o pessoal mais teórico, numa linha mais teórica, que a poesia não é um consumo de significados. Ela é a produção de significados. Por isso, nada vem pronto. É o leitor que vai produzir os significados em contato com aquela obra. E os indianos têm um conceito de arte que eu acho fundamental, maravilhoso. A arte não é criada no objeto artístico como tal. Ela é criada na relação com quem usufrui. É no espaço. No intervalo. Então daí levando essa ideia do leitor como cocriador do texto. Isso era uma coisa que eu trabalhava muito. Que a linguagem cotidiana... é aquela coisa do consumir significados. Não, a gente tem que produzir significados. Eu acho que essa é a grande lição da poesia. A lição política, inclusive. Que ela treina a produção de significado. É como eu vejo a poesia. Eu vejo a literatura. Aí, como eu estava naquela época envolvida com psicologia e com trabalho de corpo, eu encaixei essa parte aqui: “A voz, o gesto: por que não usar o próprio corpo para contar história, soltar-se, libertar o movimento, respirar sim, mas sobretudo inspirar, buscar nelas mesmas a inspiração?” Aí eu levava música, tambores antigos, movimentos espontâneos... fazia sempre um trabalho de corpo antes de começar com a criação dos textos. “Aliviar o peso dos ombros”. Aí eu contava o mito de Hércules (risos) que leva o mundo nas costas. A gente quando leva o mundo nas costas a gente curva, não é?

LETÍCIA: Nós mulheres sabemos bem o que é isso (risos).

LUCIA: Oh. (risos) “Mover a cintura para tirar a dor das cadeiras. Depois de tantos estímulos, de lembranças entrecortadas de alegrias e tristezas, o delicioso lanche preparado e servido por Olgair.” Então, outra coisa que eu fiquei feliz de saber, quando você me contou, que o Wagner ainda está lá. Porque aqui eu falo dele... e quando você falou...eu falei... meu Deus...porque tem um trecho do lanche... em que eu menciono o Wagner... que eu quero achar aqui (pausa)... que ele levava coisas do sítio. Me parece que era isso. (pausa) Você vai achar aqui quando olhar o texto. Bom, aí eu quis trabalhar com elas outras linguagens, foi quando entrou a questão do desenho. Eu mencionei o diário de Frida Khalo. Eu levei para elas. Você conhece o diário? Eu vou mostrar para você. Vale a pena... Eu levei o diário de Frida Khalo para elas verem, em que ela escreve textos e desenha. Eu sugeri que elas fizessem também um diário e elas fizeram. Elas fizeram com desenhos... tudo, sabe? Deixe-me ver essa parte aqui: “Lápis de cera, coisas coloridas, temas da natureza... foram surgindo os temas da natureza... algumas escolheram o desenho individual, as outras os coletivos.” Ah sim, aqui: “Não podemos esquecer, o lanche da Olgair como sempre a pausa calorosa do café com leite e frutas do sítio de Wagner”. (risos)

Então, aqui tem alguns desenhos que elas fizeram com os poemas. Eu adorei esse aqui... verdadeiro *haikai*. Olha: “Clara em neve. Suspiro.” Coisa ligada com o mundo delas. Aí eu trabalhei depois com os poemas. Eu procurei levar poemas de mulheres. Levei Cora Coralina, Adélia Prado, Laís Correia de Araujo, Mulheres cozinheiras e poeteiras. Poemas que falavam de cozinha, de... coisas de mulher.

Eu estou preocupada com o seu tempo. (eu tinha que buscar minha filha na escola)

LETÍCIA: Pode ficar tranquila. Já resolvi. Qualquer problema ela (minha mãe) vai me ligar.

LÚCIA: Tá. E uma outra experiência que eu fiz com elas para criação de texto foi assim: levar objetos (Isso eu fiz também nessa escola rural de Registro. Foi onde eu peguei a pneumonia. Eu peguei uns objetos que estavam na casa do Túnel e que tinha livros, estatuetas... que tinha muito pó. E aquilo e mais os livros da biblioteca é que me deu a tal alergia, mas enfim...) Eu coloquei os objetos na mesa e pedi que elas escolhessem qualquer coisa ali e a partir dessa escolha do objeto criar um texto. Por exemplo: “Fitas, cavalo de brinquedo, bonequinha, pulseira, medalha de Nossa Senhora, chave, bibelô de elefante, mandala... Esses foram os objetos escolhidos pelas componentes do grupo no meio de tantos outros, para que servisse de estímulo para a criação de histórias de vida. Lembrança de infância, adolescente...” tal. E aqui tem uma parte que... eu me envolvi também porque eu sempre me envolvia na criação... eu fazia junto também. Isso em todas as oficinas que eu dei. Elas criavam poemas. Eu criava também e a gente trocava. Fazia leitura. Eu lia os delas. Elas liam os meus. Tudo. Sempre criando um círculo e nunca criando essa figura assim... da professora...de alguém que estava ali junto para fazer o trabalho de criação junto com elas. Então eu própria escolhi uma mandala e sempre assim... o que eu escolhia eu aproveitava para introduzir uma ideia. Então eu escolhi essa mandala, uma figura circular, composta de formas coloridas usando-a para contar uma história que até hoje muito me impressiona. Aí vem a influência da cultura indiana e tibetana. “A dos monges do Tibet que cuidadosamente passam dias e dias desenhando coletivamente uma mandala (sabe aquela figura circular, né?) com areia fina de várias cores.” Aí eu lembro que eu fazia uma relação com aqueles tapetes que aparecem nas procissões brasileiras. Os tapetes de serragem...mostrando que também tem uma relação com a nossa cultura. Então “com areia fina de várias cores, buscando a perfeição só para desmancharem o desenho depois de pronto e devolverem a areia fina para o rio de onde foram buscá-la. O que isto quer dizer? Eu perguntei. É que devemos fazer qualquer trabalho da melhor maneira possível porque na verdade estamos é construindo nós mesmos ao fazê-lo. Por essa razão, todo trabalho tem valor”. Porque, como elas eram cozinheiras... trabalhavam na cantina... então eu quis valorizar muito

o trabalho delas. “Por essa razão, todo trabalho tem valor já que é feito por uma pessoa. Através dele nós nos conhecemos, nós nos relacionamos, nós nos descobrimos mutuamente como seres humanos que somos.” Então eu sempre aproveitava para colocar também uma poesia. Então eu coloquei a poesia do João Cabral “Um galo sozinho não faz o amanhecer”... que precisa sempre de outros galos, não é? Então, sempre procurando ligar a literatura, a palavra, o resgate do significado que eu acho que é uma coisa fundamental, sobretudo para gente fazer agora. [...] A questão do diálogo. O diálogo quer dizer entre logo, *logos*. Então tem sempre essa coisa do intervalo. É no intervalo que o significado se dá. Ele se reproduz no intervalo. Por isso ele é diferente para cada um. Um vê uma coisa, outro vê outra. Letícia, basicamente isso. Não sei se você tem mais alguma coisa para perguntar.

LETÍCIA: Sim. Além de saber do trabalho que você desenvolveu lá, eu gostaria de te perguntar como você avalia a importância de projetos que visam a envolver toda a comunidade escolar, tirando esse foco apenas do professor? Queria saber como você vê a importância desses projetos pensando no PROVE, nessa sua atuação muito bela, entre outras situações que a Escola Zacaria possibilita naquele ambiente?

LÚCIA: Eu acho de suma importância esse trabalho no coletivo porque a sensação que eu tenho é que no mundo em que a gente está vivendo agora é uma ênfase tão grande no individual que as pessoas não conseguem pensar no coletivo. Por exemplo: toda a situação política que a gente está vivendo... as pessoas quando acordam, se acordam, é como diz meu filho, quando a água já chegou no bumbum. Então eu vejo assim, uma perda desse coletivo, dessa vivência do coletivo. Então eu acho de suma importância o trabalho na escola... que ele vá além do educando e que ele englobe toda a estrutura ali presente de agentes, funcionários, todos juntos para criar essa visão do coletivo e eu acho que a arte é um recurso maravilhoso para trabalhar isso. Eu acho que ela... a música, o desenho, o teatro... a dança, eu acho que isso é fundamental porque isso envolve corpo, porque o corpo é outra coisa esquecida. O movimento, o corpo. Então, a arte... eu acho que o papel dela, nesse momento que a gente está vivendo, é crucial, e outra coisa que eu noto é o seguinte: ligado a esse momento que a gente está vivendo, quais são as primeiras vítimas? Alunos, professores, artistas. A cultura, enfim. Eles são os primeiros que são atacados. Então, essa visão de aluno-professor para mim é uma coisa que me chocou muito quando eu vi. É um modo de evitar que se pense, que se reflita. Então, são as duas pontas: a que passa o conhecimento, mas nesse sentido de pensar junto, de trabalhar junto e o que recebe, que também traz a sua vivência, o seu conhecimento. Então, é o diálogo. O que está entre os logos. Então, acho que isso é absolutamente fundamental e volto a pensar na questão da arte, da poesia, da literatura, da dança, da música. [...]

LETÍCIA: Lúcia, poderia definir como você entende a Educação em Direitos Humanos e de que maneira a enxerga no contexto da escola pública?

LÚCIA: Educação em Direitos Humanos. Eu acho que a interligação é tão forte que chega ser inseparável... porque é uma questão da vivência do humanismo que existe nas mentes mais libertárias e desde que a humanidade começou a pensar. Nisso tudo eu vejo, ligado também à pergunta anterior, essa ligação com o outro... porque eu acho que a educação e os direitos humanos, no espaço privilegiado que seria a escola, é justamente um treino, uma experiência, uma vivência dessa relação humana dos indivíduos entre eles... dessa relação com o outro. Eu vejo assim... essa ideia do humanismo libertário que está por trás ou que está junto, inseparável dessa visão de direitos humanos e ligado, inseparável da questão da educação. Não dá para separar porque cada momento que você está lidando com o conhecimento, com o pensar, com o refletir, com o criar, você está lidando com aquilo que nos define, que nos caracteriza como seres humanos. Então não tem como escapar disso. Não tem como escapar. Isso tem que ser estimulado e incentivado cada vez mais nas escolas que é o espaço privilegiado onde isso começa, de onde isso vem de uma maneira mais formal, ligada a um contexto de tudo aquilo que a humanidade criou para mostrar isso. Isso é uma coisa muito linda, muito bela. Isso é poético. Não dá para separar a arte disso. Desde que o homem botou a mão nos desenhos rupestres, o que que ele está procurando com essa mão? Ele está procurando um contato com o outro. Por isso quando eu escrevi o meu trabalho sobre o Octavio Paz eu me fixei tanto nessa palavra *Otredad*, sabe? Que eu acho que é mais ainda do que alteridade... é aquela coisa do curto circuito entre o eu e o outro, é onde vem a chama, vem a luz.

LETÍCIA: Pensando no contexto brasileiro atual, de que maneira a Educação em Direitos Humanos, que está diretamente vinculada com o conceito de cidadania? Poderia ser um elemento para auxiliar na construção de soluções para os problemas educacionais e / ou sociais do país?

LÚCIA: É fundamental Letícia, fundamental por tudo isso que você me relatou da sua pesquisa, da sua busca, do seu trabalho, das escolas estaduais e do seu desejo de estimular essa visão que para mim é fundamental. Então eu vejo uma importância enorme na sua pesquisa porque você vai chegar a tocar na questão básica da educação em direitos humanos e contando com a sua experiência concreta de professora na escola pública brasileira, nesse momento crucial que a gente está vivendo. Então, é um desafio tremendo e um ato extremamente corajoso de encarar essa questão num clima adverso, num clima hostil. Isso só faz engrandecer mais ainda esse tema e o seu trabalho com esse tema. É o que eu acho.

(fim da entrevista. Gravação encerrada)

LETÍCIA: Lúcia, muito obrigada por essa entrevista.

ANEXO E — Transcrição da 5ª entrevista: Luciana Dias da Silva

Cargo na PMSP: Coordenadora pedagógica desde 2018 e professora titular de inglês e francês (cursos extracurriculares) da EMEF Zacaria, entre 1993 e 2018.

Entrevista realizada em 02/08/2019

Local: EMEF Mauro Faccio Goncalves – Zacaria

Recurso utilizado: gravador de aparelho celular

Entrevista:

LETÍCIA: Luciana, o PROVE completou 21 anos no ano passado, 22 anos completará agora em 2019 e o projeto tem como principal preocupação a valorização e a formação de professores através de oficinas para diferentes áreas, assuntos, palestras, intervenções artísticas, isso o PROVE como um todo, além da produção da revista anual. Você consegue sentir no PROVE um impacto na prática docente da escola Zacaria?

LUCIANA: Assim (pausa), você estando dentro de um projeto como esse, nesse formato, ele veio mesmo por uma demanda dos professores e eu fui uma dessas professoras e pedi muito para que ele começasse porque eu entrei na rede na gestão Erundina, era Paulo Freire o secretário e logo depois foi o Mário Sérgio Cortella. Dentro da gestão Erundina para os professores, a gente saía da sala de aula por um dia no mês e ia até um local onde se agrupava um número de professores, cerca de 10 a 15 professores e refletia sobre a prática à luz de teorias e fazia um relato da sua prática e uma transformação da sua prática. Então eu participava muito desses projetos, fora os cursos que eles tinham vários. Mudando a gestão da Erundina, veio a gestão, acho que foi, do Maluf, acabou tudo isso e aí nós sentimos muita falta dessa formação em serviço e eis que nessa época a Olga (Olgair) veio para cá, logo depois. A gente falou: “olha a gente tem muita vontade de ter novamente essas formações continuadas”. Ela veio em 1995, 1996, e aí começou a procurar através dos amigos, das universidades, um pessoal que dava cursos. Tinha um pessoal que dava curso na Escola Pentágono, na PUC, de sábado e nós íamos, sem certificação, sem pontuação. O interesse mesmo era o conhecimento. Então era um grupinho que continua até hoje na luta. Muitas hoje já são formadoras do PROVE, como eu, junto com a Olga, a Socorro, a Cecília Watanabe - agora ela dá o curso de EJA junto com a Lidinéia, que também começou no PROVE. O que acontece com o PROVE em relação ao Zacaria é que os professores daqui passaram a ser formadores. Então, a prática mudou tanto dentro de sala de aula que alguns passaram a formar novos professores. Então é um ciclo e um processo muito enriquecedor porque assim... a partir do momento que você se transforma enquanto cidadão, enquanto profissional, enquanto pessoa, você também transforma sua forma

de trabalhar. Então não é uma transformação imediata, não é uma transformação do dia para noite, mas é uma transformação num processo lento, mas um processo sedimentado em bases sólidas em que você vai montando a sua linha de pensamento...

LETÍCIA: Não transforma só você, transforma também todo o seu entorno...

LUCIANA: ... toda sua ação passa a ser uma ação transformadora e uma ação visando à melhora do outro, à melhora do seu aluno, à melhora da comunidade. Nós temos uma gestão excelente aqui na escola, mas sem esse trabalho com o corpo docente jamais a gente teria essa união tão grande.

LETÍCIA: Embora o Brasil tenha aprovado nos últimos anos o Plano Nacional de EDH que é de 2006, São Paulo tem o Plano Estadual de EDH e a cidade de São Paulo tenha o Plano Municipal de EDH, essa ideia não parece muito disseminada na maioria das escolas públicas, mas existem ações pontuais. Você diria que a escola Zacaria, através dos seus projetos e outras ações, trabalha a EDH. A EDH consta do PPP da escola a despeito de utilizar esse nome?

LUCIANA: Sim, ela (EDH) consta com certeza. É claro que nós não usamos o nome assim: Construção dos direitos humanos, mas o PPP da escola é cidadania... é você ter a formação de um cidadão e o que que a gente quer? Um cidadão que tenha opinião, então todas as ações é para que a gente tenha um aluno autônomo, um aluno participativo, um aluno que consiga sair daqui dessa formação básica que ele tem no Zacaria, e quando ele chega no ensino médio as pessoas percebem os alunos do Zacaria têm uma certa diferença. Um exemplo é que nós temos aqui a formação das regras do regulamento interno da escola, a questão da utilização do uniforme ou não, normas de convivência, utilização ou não de chicletes, de bonés, mas a gente vai para sala de aula, discute com os alunos, traz para uma assembleia, nessa assembleia é discutida, são projetadas todas as opções, qual foi que mais teve voto. Então é toda uma assembleia e daí a gente tira as regras da escola para todo mundo. Aí um aluno foi para o ensino médio, escola estadual e aí passaram as regras da escola para as crianças assinarem dentro da sala de aula. “Olha, chegou a regra, todo mundo tem que assinar” e eles falaram: “Não, a gente não vai assinar. A gente quer uma assembleia”. Então isso para mim é o resultado do trabalho. Quando chegam professores novos aqui e eles falam “ai mas a escola tem tanto projeto... a gente precisa dar aula senão eles perdem muito” e aí uma das professoras de matemática que relatou esse ocorrido, que a aluna se recusou a assinar o regulamento da escola porque ela “não passou por assembleia, a gente não discutiu, como é que a gente vai assinar?”

LETÍCIA: Você tocou em um ponto importante dos professores que vêm de outras realidades, de outras escolas que dão mais ênfase para os conteúdos e que têm poucos projetos

voltados ao currículo oculto ou um currículo mais diferenciado. Essas pessoas ainda têm dificuldade para entender a importância dos projetos...

LUCIANA: Por exemplo, as Trapalhadas do Zacaria é um projeto que nós envolvemos do 1º ao 9º todos juntos na mesma oficina, ou seja, a gente tem 4 alunos de cada ano e nós temos também um diferencial aqui no Zacaria, que nós não temos nível 2 de manhã e nível 1 à tarde. A gente tem nível 1 e nível 2 de manhã, à tarde e à noite com EJA. É uma escola toda misturada propositalmente para que o maior ajude o menor, ele aprenda, ele se relacione e na Trapalhada (projeto) um dos diferenciais é isso, a criança maior com a criança menor. Então é isso: como se dá essa parceria? Como são atividades, na maioria das vezes manuais, artísticas, que demandam mais atenção, o grande, o aluno maior, ele ajuda o menor, e muitas crianças que são menores e que tem mais habilidade, também ajudam os maiores. É muito legal!!

LETÍCIA: Você entende que a EDH pode contribuir para uma melhora no ensino-aprendizagem e no ambiente escolar dos educandos? Você consegue medir um resultado disso de forma qualitativa e/ou quantitativa?

LUCIANA: Olha, é notório que existe, mas é.... assim... como a gente vai ficando tão... o cotidiano vai ocorrendo de forma tão boa... e a gente tem um jeito muito legal de lidar com os alunos, uma forma muito assim educada de sentar e conversar, de sentar e ouvir antes. Não é uma coisa reta, assim “ah um aluno fez bagunça”... Nós estamos conversando aqui já faz uns 30 minutos... não vem toda hora aluno aqui com problema de indisciplina. Antigamente era muito, você não fazia absolutamente nada. Toda hora vinha alguém “A fez isso, A fez aquilo”. Nós temos, não digo cem por cento, mas uns noventa por cento de ações que são sempre para promover as crianças e afirmá-las como seres humanos dentro dessa realidade educacional, dentro dessa realidade do bairro, como “nós estamos aqui pra te ouvir”. Um exemplo, eu gosto muito de falar e mostrar exemplos. Uma ex-aluna nossa que saiu no ano passado no 9º (ano)... No ano passado, na sala de leitura, a professora propôs uma roda de conversa sobre o setembro amarelo que fala sobre a questão do suicídio e depressão e a aluna participou dessa roda de conversa e eram só 9ºs anos. Veio um aluno dar o depoimento, contar toda a história dele que foi bem forte e aí ela perguntou se esse ano ela poderia vir da escola estadual porque lá não teve abertura, se ela podia montar um mini projeto com a professora para o setembro amarelo aqui, porque já está se aproximando. Então é uma ação da aluna. Ela veio semana passada, sentou com a professora, planejaram o que vão fazer e nós fomos todos juntos na sala de leitura. Nós compramos balões, colocamos poesias para cada um que arrebatava o seu balão lia a frase... a poesia que tinha ali dentro. Usamos muitas poesias de poetas aqui da periferia. Poetas do Sarau do Binho e da Cooperifa. Não sei se você já conhece...

LETÍCIA: De nome.

LUCIANA: Precisa vir. Então, são esses tipos de ações que a gente vai... eu sinto que a maioria dos professores aqui são de muitos anos. Eu aqui tenho 26 anos. Sou mais antiga que o Wagner. Tenho 26 anos, outros professores têm 20, 18 anos, começaram de uma forma e hoje têm outras ações. Tinha professor que tirava o aluno de sala de aula gritando. Hoje em dia é muito mais tranquilo. Desce, a gente senta, conversa, porque cada aluno tem uma história e uma história mais difícil do que a outra.

LETÍCIA: Pode-se afirmar que a escola Zacaria tem como uma de suas diretrizes a formação cidadã de seus educandos, preparando-os para uma vida em sociedade e para o respeito à diversidade?

LUCIANA: Sim, com certeza. Eu acho que eu vou ser até redundante porque na verdade, é tudo que a gente tenta fazer. Todas as ações são voltadas para a formação do cidadão. Todas.

LETÍCIA: Eu falo bastante sobre a questão da cidadania e vi que consta no PPP de vocês porque a Educação em Direitos Humanos anda colada lado a lado com a ideia de cidadania...

LUCIANA: Por isso que eu te falei... não tem a palavrinha lá... direitos humanos, mas tem a questão da cidadania.

LETÍCIA: Complementando um pouco, de que forma a escola Zacaria promove ações que possibilitam que os educandos tenham voz para discutir suas ideias, seus projetos, frustrações e demandas, que você também já comentou um pouco, relacionadas à escola, à comunidade do entorno. A escola coloca em prática a gestão democrática?

LUCIANA: Olha, nós ainda não tateamos a construção de um grêmio, por exemplo. É uma coisa que falta, nós ainda não chegamos a isso. É uma coisa bem difícil. Por conta de tantos projetos a gente acaba sendo “sugado” mesmo, mas a gente teve uma ação agora recente que eu posso dizer que é de fora, porque uma questão que está acontecendo muito na sociedade é a questão do bullying, da automutilação, das crianças se cortarem por conta de não se aceitarem. Então a gente trabalhou algumas músicas. O pessoal da tarde trabalhou uma música da Karol Conká. Não sei se você conhece uma música que fala “Bate a Poeira”.

LETÍCIA: A música não conheço, mas a Karol Conká, sim.

LUCIANA: Ela fala na música das diferenças. Aí eles ouviram a música duas vezes no telão. Ganharam a letra. Subiram para sala de aula. Fizeram uma roda de conversa com os professores, desceram para expor as suas questões.... a questão das diferenças mesmo.... e foi

um trabalho lindíssimo, lindíssimo. Os alunos ficaram encantados, todo mundo ficou encantado de ver como eles conseguiram se colocar na assembleia grande.

Um outro trabalho que nós fizemos o ano passado que também tem a ver com a questão social, foi no período da eleição. A gente trabalhou alguns termos que eram muito usados como: misoginia, meritocracia, homofobia... tinha outros. O que era democracia, o que era ditadura. Eram muitas palavras que começaram a ser usadas no cotidiano e aí os professores de História da escola fizeram um debate. Eles primeiro foram para a sala, discutiram o que era cada coisa. Fizeram um levantamento do senso comum dos alunos, depois demos uma aula. Aí eles voltaram para sala de aula para complementar as suas questões. As questões que eles tinham levantado e que eles achavam que era. Foi bem legal! Depois eu posso te mostrar. A gente tem em vídeo. Foi muito bom!

Voltando ao trabalho anterior, teve uma aluna que subiu ao palco, foi falar e aí ela não conseguia falar porque disse que desde o primeiro ano as pessoas a chamam de chupeta de baleia e que isso incomoda demais. E hoje ela já está no sétimo ano e veio carregando essas questões desde o primeiro.

À tarde, o pessoal é mais jovem e eles têm essa maleabilidade de abrir mão daquele planejamento rígido e fazer esses projetos. Fazer essas coisas que vão surgindo.

LETÍCIA: Você está se referindo aos professores da tarde?

LUCIANA: Sim, aos professores da tarde. Os professores da manhã são um pouco mais resistentes, mas a gente vai assim bem... a gente tem um trabalho étnico-racial, de diversidade étnico-racial, que é o que a gente está estudando no PEA (Projeto Especial de Ação) e aí a gente começou a fazer o trabalho de leitura simultânea uma vez a cada bimestre e o pessoal da tarde começou primeiro. Os professores escolhem (o livro) e fazem a mesma coisa das Trapalhadas, mas só entra o nível um e nível dois. Nível dois pode escolher 5 opções de história para ele participar da leitura e depois o professor propõe uma atividade em relação à leitura. Agora em agosto é indígena e eu já fiz uma seleção de livros sobre a questão indígena. A professora da sala de leitura já tentou ver, já agendamos, vamos todos numa tribo indígena e a gente vai fazer essa leitura simultânea dia 13. Eles vão participar da leitura e vão fazer uma atividade em duas horas de aula, mas tem alguns professores que não toparam, então a gente vai fazer só com a turma que topou, só para não deixar de fazer.

LETÍCIA: O que é PEA?

LUCIANA: Projeto Especial de Ação. O que que é PEA? É como ATPC no Estado. É um momento de estudo e de reflexão sobre um tema que a escola está desenvolvendo. É aula de projeto. É um projeto mesmo que a gente vai lendo diversos autores e a gente pega sugestão

tanto dos professores, como nossa (da coordenação) e a gente troca muitas coisas. A gente está lendo um livro agora “Todas as cores da educação”. Já lemos o (pausa) “Escravidão e liberdade”, é uma coletânea de textos. Não sei se você já ouviu falar. Foi lançado no ano passado e fala sobre a questão da escravidão indígena em relação ao Valongo. Aí a gente leu esse texto, mas aí a gente vai mesclando com vídeo, com informações. Nós assistimos aquele filme “Infiltrados na Klan”. Assistimos com os alunos do 9º ano. Assim a gente vai mesclando. Assistimos “Histórias Cruzadas” também com os alunos do 9º ano.

LETÍCIA: É a última questão: a Escola Zacaria é vista como uma escola dos sonhos, como já foi relatado no belo texto “A Escola Zacaria já é a escola dos meus sonhos” e bastante elogiada por diversos alunos e ex-alunos. Na sua análise, o que faz essa escola ser diferente da maioria das unidades escolares da rede pública?

LUCIANA: Eu acho que é a questão humana mesmo. É o acolher. Porque... todos na escola são educadores e a partir do momento que você tem todos pensando no aluno, na comunidade, no aprender, porque o aluno precisa... a gente faz uma receita dentro da sala de aula e para misturar os ingredientes eu preciso de ajuda do pessoal da cozinha. “Ai eu preciso de uma caneca, eu preciso de uma colher, eu preciso de uma forma de bolo untada” e tudo isso a gente consegue. O jeito das pessoas tratarem os alunos. Eu venho de escola pública a minha vida toda e a gente sabe que tem muitas pessoas que são extremamente grosseiras com as pessoas, no trato. Eu acho que aqui não. Eles (alunos) têm a liberdade de vir aqui, entrar, perguntar, conversar com o Wagner também, mesmo com a Wilma. A gente está na escola não só sentado numa cadeira, mas entrando nas salas, conversando com os alunos. (A gente) conhece a vida deles e agora a gente está com um trabalho bem envolvido com o entorno da escola que é da territorialidade. É um grupo de escolas que está querendo não só um trabalho entre as paredes da escola, mas fora também, que é bem legal.

LETÍCIA: Não é só a escola Zacaria? É um conjunto de escolas?

LUCIANA: São alguns supervisores que estão montando grupos e trabalhando os mapas do LEMADI, que é um grupo que constrói o material didático de Geografia lá da USP mesmo que é da FFLCH e é com o Eduardo Giroto e a gente usa esses mapas... é um mapeamento mesmo que demonstra como a gente está excluído de todo o pensamento do Estado, da prefeitura, porque aqui é uma situação bem penosa mesmo de vida da população.

LETÍCIA: Obrigada!

LUCIANA: Eu não se foi assim....porque tem tanta coisa para falar Letícia... tanta coisa...se eu falar de todos os projetos, de tudo... é muita coisa.

LETÍCIA: Agradeço muito.

ANEXO F — Transcrição da 6ª entrevista: Maria do Socorro Lacerda de Lacerda

Cargo: Profª Fund I, EJA e Sala de Leitura durante 25 anos, sendo 21 desses na Escola Zacaria (aposentada desde 2015)

Entrevista realizada em 20/01/2020

Local: residência da entrevistada na cidade de São Paulo

Recurso utilizado: gravador de aparelho celular

Entrevista:

LETÍCIA: Professora Socorro, qual é a sua área de formação?

SOCORRO: A minha área de formação é História, mas eu nunca dei aula exclusivamente de História, sempre optei pelo ensino fundamental I e na periferia. Ela sempre foi minha opção, o tempo todo. Nos últimos cinco anos que eu trabalhei, aí eu fui para sala de leitura, onde eu trabalhava exclusivamente com literatura, leitura e aí eu dava aula até o nono ano, mas não tive experiência com História.

LETÍCIA: Você tem formação em Pedagogia?

SOCORRO: Não, eu tinha só o antigo Magistério, que fiz lá na Paraíba e depois, já dando aula, eu fui fazer História... porque eu precisava fazer um curso superior e Pedagogia eu achei que, claro que você vai crescer e tudo mais, não é essa a questão, mas eu achei que eu podia conciliar fazer um curso superior e que eu gostasse, que fosse para mim, que eu ainda não tinha essa experiência da História, as leituras da História que tanto me fascinavam. Fui fazer História. Fiz um concurso na prefeitura mesmo... até passei, mas quando fui chamada, eu falei não, porque eu tive também a sorte e isso é muito importante falar, que eu só trabalhava um período, porque a maioria dos professores trabalham dois períodos ou na mesma escola ou em escolas diferentes e isso reduz muito o tempo delas de estudarem, de planejarem. Eu tinha só uma escola, só um período e os meus filhos foram crescendo comigo trabalhando sempre e depois que eles foram crescendo e ficando mais independentes, então eu era assim... dedicação exclusiva ao trabalho e eu não achava nem um pouco aquele peso, aquela coisa, porque eu procurava me divertir no meu trabalho. Assim... como? Através dos projetos que eu fazia. Era aprendizagem de todo lado, do deles, do meu e tudo. Então, é isso. Eu nunca trabalhei com História, mas a História me ajudou no que eu falei antes.... reverberou por todos os espaços... em casa, na sala de aula, comigo mesma, em alguma forma de ver as coisas. História é um curso lindo.

LETÍCIA: E você deu aula por quantos anos até se aposentar?

SOCORRO: 25 anos...

LETÍCIA: E na Escola Zacaria?

SOCORRO: era o tempo que eu precisava para me aposentar. Isso não foi planejado, mas eu dei aula 25 anos. Trabalhei 21 na escola Zacaria.... 21 anos. Então eu tive a sorte de ver muita coisa nascer ali na escola Zacaria. Eu comecei alguns projetos que até hoje eles deram continuidade, mas eu também vi muitos projetos nascerem... projetos da escola, projetos do entorno da escola, projetos de professores que às vezes a gente trocava, às vezes eu compartilhava o que eu estava fazendo. Então, trabalhar tanto tempo em uma escola tem essa coisa... Alguns acham ruim porque já fica ali, acostumado... mas os alunos são outros, os projetos são outros, as necessidades são outras e eu tive sorte desses 21 anos, de ver muita coisa nascer, muitos projetos nascerem, o entorno da escola mudar e eu trabalhando sempre com essa questão que eu te falei da memória, da história oral, ou então isso fazia com que eu precisasse do entorno para dentro da escola e isso fazia também com que a escola fosse para o entorno. Eu não sei se você viu lá na sala de leitura um trabalho que eu fiz... um projeto que chama “A História do bairro”. Não sei se você viu...

LETÍCIA: Não, ainda não visitei a sala de leitura.

SOCORRO: É um livro grande que foi o resultado de um projeto... eu não pensava em fazer esse registro desse tipo. É um livro grande que os alunos... e eu entrei na pesquisa também porque eu não sabia nós fomos pesquisar a origem do bairro; o que acontecia no bairro; como eram as casas; como era o comércio; como eram as ruas. A gente foi, de fato, conhecer o bairro e ver como aquele bairro tinha nascido. Tudo pensando que quando se conhece, se respeita, se cuida. E aí eu consegui fazer com o fundamental... foi um trabalho maravilhoso, que eu me apaixonei e esse livro grande está na sala de leitura, cada página é do tamanho de uma cartolina e os alunos é que foram criando as páginas. Não é que eu pego e registro. Quem ia pesquisar, um exemplo, como são as ruas no bairro, eles ficavam encarregados da pesquisa, traziam as informações, os dados, as informações, os relatos, a gente transformava tudo isso em um texto e esse texto era o texto de referência para estudar sobre moradia. Quem ia pesquisar sobre o comércio, a gente transformava aquilo em um texto e era um texto que norteava o trabalho sobre comércio e aí... claro, ele norteava, um exemplo sobre o comércio, mas ele não ficava só no comércio local... ele falava de um geral, mundial, dessa questão da importação e exportação e tudo mais, mas eles tinham o comércio do bairro inserido nesse comércio maior. Então era o bairro como referência para conhecer o mundo.

LETÍCIA: Em que ano? Lembra?

SOCORRO: Com 3º ano do fundamental I, no ano 2000. Então, quando você conhecer esse trabalho, a gente pode conversar mais sobre ele.

Em 2005, quando eu estava trabalhando com EJA, só para lembrar que esse trabalho, que está na sala de leitura, hoje ele é fonte para muitas pesquisas de quem vai trabalhar no bairro. De professor, escolas no entorno que conhecem o livro, vão ter como fonte de pesquisa, porque não tinha nenhum material sobre o bairro. Então acabou sendo fonte de pesquisa e são textos bonitos que a gente conseguiu produzir e uma, por exemplo, quando uma equipe saiu para ver o que que é belo no bairro. Olha... o que é para um aluno do terceiro ano falar sobre o belo... o belo é algo tão subjetivo. Mas eles traziam respostas lindas. Eles iam olhar o bairro. Eles não iam passar pelo bairro. Eles iam observar o que tinha no bairro. De um aluno falar “nossa, essa flor nasceu aqui... no lixo?” Sabe... mas era a flor que ele estava olhando, não era o lixo. Então... questões que antes pareciam desconectadas de uma sala de aula, viraram super conectadas porque o olhar do aluno foi aguçado. E aí eles começavam a perceber... “professora, hoje eu vi um cachorrinho tão bonito... estava no telhado. Olha, eu vi... sabe? Então... aguçou o olhar. Eles aprenderam a olhar ou pelo menos perceberam como o olhar é importante. Quando foi em 2005, eu estava com a EJA e nós fomos fazer o mesmo trabalho, só que agora, o foco era outro: a gente ia trabalhar algumas dessas mesmas situações que a gente pesquisou, só que a gente tinha como objetivo pegar o outro livro e ver as permanências e rupturas em cinco anos do bairro. E a gente percebe muita ruptura, ou para melhor ou para pior, mas eles foram percebendo, pega um, pega outro, “puxa, isso aqui não tem mais...”, “olha, a favela saiu.” Então, foi muito interessante também. E aí foi acrescentando algumas coisas que não tiveram no primeiro. O primeiro foi só referência, não era uma cópia. Projeto não se copia, se inspira... é modelo. A gente fez esse para ver as permanências e rupturas com os adultos e foi bacana porque os adultos também puderam dar seus depoimentos comparativos aos que já tínhamos sobre a origem do bairro, porque muitos estavam lá desde a origem, desde que aquele lugar era uma fazenda, que no córrego, que hoje é poluído, era uma fonte onde pegavam água. Então, eles colaboraram também com a origem do bairro quando não era muito o foco. O foco eram as permanências e rupturas.

LETÍCIA: Há quantos anos que você saiu da Zacaria?

SOCORRO: Acho que faz uns cinco anos. É que o tempo é tão cruel com a gente... a gente acha que faz muito tempo. Agora... eu nunca me desliguei da escola. Eu tenho muitos amigos... a direção, a gestão como um todo, é muito amiga e eu sempre estou como voluntária para dar oficinas, para dar cursos do PROVE, para participar da organização do PROVE, para participar do seminário. Então, eu estou sempre ou sendo convidada ou me convidando, mas eu estou sempre lá. Os alunos acabam me conhecendo... ou de quando estudavam, ou acaba criando esse vínculo também. A Zacaria é uma escola que não sai da gente. Ela é importante.

Na escola Zacaria tem um projeto que é o Colóquio, que é o encontro de alunos, ex-alunos, professores e ex-professores que também faz com que os educadores voltem para escola para compreender... é o encontro, mas acaba pensando na compreensão da escola na vida da gente: De que maneira isso interferiu na vida da gente? Que contribuição a gente deu? Então, esse colóquio é bacana e faz com que a gente encontre algumas pessoas, mas independente do colóquio, eu sou frequentadora da escola.

LETÍCIA: Eu tive o prazer de ir ao Colóquio nesse ano de 2019 e vou entrevistar uma ex-aluna, a Aline, que foi para a França.

SOCORRO - Ela é professora, trabalha na rede municipal. Foi minha aluna e participou do Projeto Glorinha, que é um projeto maravilhoso. Você conhece o livro “A Curiosidade Premiada”?

LETÍCIA: Não conheço. Eu fiquei sabendo do Projeto Glorinha, lendo o trabalho da Sandra, mas eu preciso me aprofundar mais.

SOCORRO: A Aline, se eu não me engano.... ela estava no Projeto Glorinha. Foi um projeto lindo. Foi a partir do livro “A Curiosidade Premiada” esse projeto.... e que marcou muito. Tem alunos que lembram do projeto assim, lembram da questão das músicas, dos saraus que a gente fazia. É bem legal! É basicamente sobre curiosidade. Tem alunos que começaram a ler a partir do projeto, que dá esse depoimento. Tem um aluno que tinha uma dificuldade enorme de aprender, pois a partir desse projeto, por conta e eu falo, por conta da curiosidade, no terceiro ano ele começou a ler. Até tem uma reportagem sobre ele na revista Nova Escola.

Você fala que o que se destaca na escola Zacaria são os projetos. Tanto os projetos coletivos, aqueles que toda a escola faz, quanto os projetos por série ou individuais. Eu acredito que é fundamental. Eu sempre trabalhei com projetos e penso que o trabalho com projetos te faz organizar o trabalho. Outra coisa que eu fiz muito no trabalho o tempo todo é a questão do registro. O registro que permite ver o que você trabalhou. Qual foi o processo? Seu objetivo era aquele ou não era? As vezes o trabalho desvia para um lado, quando você queria ir para o outro. Então, tem essa questão. O projeto orienta o teu trabalho, te faz organizar nesse trabalho e te faz compreender o que você trabalhou. Antes do registro, eu chegava no final do ano e.... puxa vida, mas eu não trabalhei nada o que é que eu fiz? Aí quando você vai ver os registros, você vê a riqueza. Eu tenho diário, ainda hoje. Eu acho que o registro é apaixonante. Eu sempre trabalhei com projetos e sempre tive resultados muito bons. Um ou outro é que não foi bacana porque eram turmas difíceis e eles não pesquisaram legal, mas foi ali na garra e depois eles se arrependeram como sempre fazem. Tira como lição para os próximos. Mas a escola Zacaria também, a gestão, ela dá todo o apoio para a gente fazer o projeto. Não era só material que

precisava e tinha. O material já seria muito bom porque tem escola que não tem. Material de várias espécies, de papel à ônibus para você sair com os alunos. Nunca precisei de nada que não tivesse. E o apoio moral, a solidariedade, sabe? O apoio de tempo, de disponibilizar o tempo para te ajudar em algo, para te fazer algo. Então os projetos, na maioria, foram um sucesso porque eu tinha a orientação. Eu era o maestro, mas tinha uma turma que também fazia acontecer. Tinha alunos que tinham o apoio para as pesquisas, para os estudos, envolvia... Os pais, sempre a maioria foi ausente. Ainda mais na periferia porque tem a questão da sobrevivência, tem que sair mesmo para trabalhar. Mas assim...muitos participavam daquilo que estava acontecendo. O projeto sempre foi encantador, mas o projeto nunca é individual. Isso é que é bacana também. Ele envolve as pessoas da escola. Os alunos se envolvem também e a riqueza é essa, é a troca. Estudar juntos. Cada entrevista que um aluno ia fazer, que eu ia junto, e a gente organizava antes a entrevista. Olha que legal! Trabalhar a entrevista enquanto tipo de texto, mas a gente organizava a entrevista, estudava a entrevista. A gente ia entrevistar (para o projeto do bairro) uma pessoa idosa para contar como o bairro nasceu. Antes, a gente trabalhava a entrevista... então, o projeto tem aquele equívoco de você achar que ele tem um assunto e vai naquilo....você trabalha vários conteúdos. Algumas pessoas cometem o equívoco de achar que o projeto reduz o tempo de trabalhar conteúdos. Esses que são muito conteudistas. De jeito nenhum... eles (os projetos) dão sentido ao conteúdo.

LETÍCIA: Você já contribuiu com informações sobre vários projetos. Como comentei anteriormente, eu pesquisei a Educação em Direitos Humanos. Você pode me dizer o que é, para você, Educação em Direitos Humanos?

SOCORRO: Na minha concepção, o que eu sempre procurei fazer, porque o aluno precisa.... deixa eu responder antes. Educação em Direitos Humanos para mim é a educação em que o aluno não é um número. O aluno é a prioridade da escola e você precisa formá-lo, não “informá-lo”. Você precisa formá-lo com uma concepção de que ele tem direitos, de que ele é um cidadão. Quando eu coloco na minha pesquisa o que é belo no bairro, eu estou trabalhando com direitos humanos. O direito dele (aluno) ver o que tem no bairro e protestar e dizer que está certo ou não. Então, quando a gente fala em direitos humanos é viver e ter direito a uma merenda e dizer: eu quero comer ou eu não quero. Porque eu tenho direito à merenda, mas eu tenho escolha. Eu acho que é isso. Você tem os direitos, os deveres e a capacidade de escolher. Eu acho a liberdade muito importante para os direitos humanos. Não existem os direitos humanos sem liberdade. A escola, a estrutura dela, é para que o aluno não tenha liberdade. Essa escola tradicional é preparada para que o aluno não tenha liberdade. Inclusive, os prédios, os

edifícios. Eu escrevi um artigo uma vez sobre como os edifícios da escola, as construções não permitem que o aluno tenha liberdade e é muito parecido com hospitais, presídios, onde o corredor te indica olhar para frente, não olhar para os lados. As portas, as salas ficam do lado, os quartos dos hospitais ficam do lado. Por que que é sempre assim? Por que a escola, 99% das vezes é construída em um espaço que você está no corredor, em qualquer ponto dele você sabe quem saiu da sala, porque saiu da sala. É o Foucault, *Vigiar e Punir*. A escola é toda preparada para isso. Então, quando você rompe com essa questão do vigiar e punir, percebe que o aluno tem direito à liberdade, o respeito à liberdade do outro. Isso não é fácil, claro, requer um trabalho longo, falando assim parece que é simples. Não! Mas ele precisa estar na pauta do trabalho. Essa questão: eu sou livre e eu sou resultado das minhas escolhas. Eu posso não assistir aula... aí tem as consequências das suas escolhas. Isso precisa ser discutido. Então eu acho que o trabalho com direitos humanos, a educação em direitos humanos é colocar no centro o aluno sujeito, cidadão que não é o cidadão e pronto. Eu sempre falei isso para os meus amigos: nós somos os cidadãos...nós somos os... Eu sou, vocês são alunos, são filhos, são amigos que habitam um lugar, que transformam ou não aquele lugar, que gostam ou não do que fazem. Que podem escolher determinada coisa ou não. Algumas coisas a gente não escolhe. Então vocês resistem. Vocês resistem. E vocês precisam colocar... no centro, na prioridade o aluno e as suas relações, principalmente suas relações interpessoais que o ajudam a fazer as coisas com liberdade. Eles também precisam se colocar assim nos outros espaços. Não só na escola. Quando eu fiz um trabalho, no final do ano uma aluna escreveu para mim: “obrigada, você me ensinou a questionar, a ser gente, a perguntar”eu tenho esse bilhete até hoje. Eu pensei: “Ah, eu trabalhei com direitos humanos”. Porque eu consegui fazer o aluno compreender que ele existe, que ele precisa do outro para crescer, mas que ele também contribui para o crescimento do outro. Ele sabe o seu valor. Quem pensa que direitos humanos é só a questão legal não é a questão legal. É a questão do próprio existir com respeito, comprometimento.

LETÍCIA: E na sua opinião a Escola Zacaria trabalha a Educação em Direitos Humanos? Se sim, como que a escola concretiza a EDH?

SOCORRO: Eu acredito que trabalha há muito tempo. Quem trabalhou lá como eu 21 anos e tem outros professores nessa mesma condição, percebeu que tínhamos uma diretora que era extremamente autoritária, que a sala dela era uma sala que só entravam convidados, porque era muito organizada. O professor, o aluno para chegar lá era um cerimonial porque estava sempre impecável, fechada, mesmo quando ela estava lá a porta estava sempre entreaberta. Essa diretora saiu e entrou o Wagner. O Wagner entrou depois de mim na escola... um pouquinho depois e a gente percebeu como é que o respeito ao outro, falando especificamente na direção,

interfere no cotidiano da escola. Quando o Wagner chegou, ele tem muito essa visão de valorização do outro, e nós começamos um trabalho, quando ele chegou, ainda embrionário, porque ainda tinha a questão, o ranço da diretora anterior e a gente fica com o pé atrás. “Será que vai ser assim?... Será que não vai?” Fica meio desconfiado, mas aí ele foi ganhando a confiança, mostrando que era parceiro, que estava lá para apoiar o professor. Logo ele começou também a envolver o conselho de escola na tomada de decisão das verbas que vinham. Então, ainda hoje é assim: a verba vem, leva para o conselho. Isso foi ele que instituiu na escola. E assim, sempre com prioridade para o aluno. A verba deveria ser gasta com prioridade para o aluno. Então, era com material, com projetos, com saídas pedagógicas e aí a gente percebeu que podia crescer junto, porque se formou uma parceria bonita. Então, concretamente, hoje, 21 anos depois, eu vejo que essa educação em direitos humanos e a partir do Colóquio a gente percebe muito... é o resultado de como os alunos saem e voltam da escola. Quando o aluno se sente no direito e se sente bem porque vai lá na Cooperifa sozinho, não é mais a escola que leva, ele já saiu da escola, mas ele vai lá e tem coragem de fazer um poema que é um poema de repúdio ao que está acontecendo, de protesto. É resultado dos direitos humanos. Quando uma ex-aluna estuda, vai na universidade, tem oportunidades, faz mestrado e volta para trabalhar em uma escola pública de periferia.... ela podia ter seguido a carreira acadêmica, tinha outras opções... e ela volta para a periferia para dar aula e fazer um trabalho bacana e compartilhar... tem a marca da escola. Tem totalmente a marca da escola. E ela volta e compartilha de que maneira a escola marcou..., o que que ela está fazendo..., qual foi a influência..., como ela começou a pensar diferente do que ela pensava. Quando um adulto que no meu caso eu trabalhei com a EJA e lá ainda tem a EJA, te encontra já adultos, idosos, te encontram no ônibus e falam: “professora, depois que eu comecei a estudar no Zacaria eu nunca mais parei. Eu estou já no ensino médio”. É a compreensão dos direitos humanos, é a compreensão de que ele existe. Ele tem direito e ele merece. Eu costumo falar para os meus filhos, para todo mundo: “gente nasceu pra ser feliz.” E eu falava para as alunas assim: “gente, a gente não pode ter medo de ser feliz.” E eu colocava sempre nessa situação assim... “bom, hoje nós vamos para o ‘Panelafro’”. Eles já sabiam o que ia acontecer no Panelafro e algumas falavam: “ah professora, eu não vou porque é longe”. Eu falava: “olha, no Panelafro você vai encontrar pessoas, vai aprender, comer uma comida bacana que eles prepararam, vai se divertir... você vai ser feliz. E você está com medo de ser feliz? Não ter medo de ser feliz é não ter medo de embarcar em algo que vai te fazer bem. Teu medo te imobiliza”. Então, eu sempre “puxava”, principalmente para os adultos que são mais receosos, que têm maridos que estão esperando e reclamam se demorar, mas a gente ia trabalhando essa questão do ser mulher. Por que o marido reclama quando você chega tarde? E

quando a gente fazia determinada atividade, que tinha que sair da escola, aquela pessoa que nunca ia, que ouvia a gente falar que é importante, do marido que reclamava porque chegava tarde em casa e a gente falava: “mas você é mulher, tem seus direitos, você pode e tal e tal”. E quando chegava uma determinada fase do ano que tem uma atividade, ela chega baixinho e fala: “professora, eu posso levar meu marido?”. Geeeeente, isso é maravilhoso! Aí vão os dois, não precisa se preocupar se tem alguém em casa esperando para reclamar. Ela venceu! Isso é educação em direitos humanos.

LETÍCIA: A Educação em Direitos Humanos consta do PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola Zacaria?

SOCORRO: A EDH eu não lembro se ela consta do PPP nominalmente, mas se você lê todo o PPP, ele está totalmente revestido de direitos humanos. É que às vezes, algumas pessoas pensam que para trabalhar determinada coisa, a palavra tem que constar. Teve uma fase aí que tudo era o cidadão: o cidadão consciente, o cidadão que pensa, o cidadão reflexivo, o cidadão não sei o quê. Gente, como é que a gente trabalha em uma escola sem trabalhar a cidadania? O cidadão? Ele está ali. Precisa explicitar? Se você estudar, se você participar da feitura daquele documento, inevitavelmente você vai colocar lá a questão do cidadão, dos direitos humanos, da tua capacidade de ter liberdade ou não. A gente é livre, mas a gente não pode atravessar uma rua sem olhar se o farol está aberto ou fechado. Eu dava exemplos muito simples. Então, algumas coisas a gente pode escolher, outras não, mas as que a gente pode escolher, nunca deixe que ninguém escolha por você. É você quem tem que escolher.

LETÍCIA: Ainda sobre o PPP, na questão dos direitos humanos, o que a escola teve ou tem maior dificuldade de colocar em prática? E quais os principais motivos que levam a essas dificuldades?

SOCORRO: Eu acho que a participação da comunidade é o dificultador dessa relação que os direitos humanos precisam... essas relações interpessoais. A gente já tentou fazer reunião de pais aos sábados, fazer reunião de conselho de escola, de APM em vários horários, para ver se a comunidade participava de forma mais efetiva, não só na reunião, mas que tenha uma participação mais efetiva. Mas é como eu te falei, a questão da sobrevivência faz com que os irmãos sejam criados pelos mais velhos. Aí como é que a comunidade participa? Isso é um dificultador. Outro dificultador são essas relações interpessoais. Dentro da escola tem um projeto posto. Tem os que se negam a participar. Gente, a escola Zacaria não é perfeita. É uma escola que dá muito certo, que tem um trabalho muito voltado para o aluno enquanto pessoa, cidadão e tal, voltada para os direitos humanos, mas ela é uma escola que, Graças a Deus, não é perfeita. Então, tem professores que boicotam os projetos, que não se envolvem tanto, que

camuflam essa sua participação em alguns projetos da escola... eu acho que nesses dois casos o dificultador são as relações interpessoais. Outros dificultadores são algumas coisas que não dependem só da escola. Tem algumas coisas que dependem da secretaria e aí, por exemplo, o PROVE, que está no PPP, a gente tem um seminário, tem uma revista para lançar. É difícil. É um dificultador para que no seminário tenha a revista, para que os cursos aconteçam. A gente tem uma professora que dá o curso e ela mora em Guarulhos. A gente já conseguiu que todos que dão o curso sejam voluntários, só que ela mora em Guarulhos. Ela precisa vir para cá. Ela é voluntária. Ela tem que arcar também com essa despesa? Então, o PROVE é um projeto fundamental, importantíssimo para essa questão do trabalho em direitos humanos. As escolas fazem tudo o que elas podem, mas o que depende além da escola, como trazer o professor, como publicar a revista, como organizar o seminário materialmente, porque tem que ter o lanche, uma série de coisas que não depende só da escola. Isso é um dificultador porque dinheiro tem, a gente sabe, mas para chegar especificamente na escola, fora daqueles legais, é difícil. Isso também eu acho que é um dificultador.

LETÍCIA: Na sua opinião, quais são os projetos que melhor refletem a concepção de educação em direitos humanos que a escola tem?

SOCORRO: Acho que o Projeto Aniversário reflete bem. Crianças que nunca tiveram um aniversário, tem a sua foto estampada no telão para ser aplaudida. Esse é o seu dia. O seu aniversário, sem a questão comercial de que tem que dar um presente. Pessoas que nunca tiveram nem festa de aniversário, nem serem lembradas. Esse é um projeto que valoriza muito. Que faz com que eles se percebam. Outro projeto que eu acho muito interessante na escola é o Colóquio, porque o Colóquio embora seja para ex-alunos, ele é feito para alunos e ex-alunos. Essa troca é muito rica. Direitos humanos está aí colocado plenamente. É extremamente rico. E os projetos por ano, projetos que um professor começa e o outro abraça, por exemplo, para esse projeto da pesquisa sobre o bairro, o Projeto “A curiosidade premiada”, do Projeto “Caminho das Águas”, um projeto que fizeram no ano passado que era bastante interessante que era sobre a questão feminina. Esses projetos são extremamente importantes, mas citando assim aquele que reflete, eu citaria o Colóquio, o Projeto Aniversário, da pesquisa sobre o bairro, que é o lugar onde moram, o lugar onde vivem, o lugar em que podem transformar. Isso daí é maravilhoso. E tem o projeto de poesia que eu acho interessantíssimo também, porque é onde o aluno garante a sua expressão. Ele pode se expressar na escrita. Eles vão perdendo o medo de escrever. Muitos alunos que participaram do concurso de poesia estão lá no Sarau da Cooperifa porque em cada ano no final do concurso tem um jornalzinho. A gente costumava fazer... porque eu comecei o projeto 15 anos atrás e ele está aí ainda acontecendo. E o que é

bacana é que a gente pega muitos desses que estavam ali no jornalzinho e costuma escolher 40 poesias para compor esse jornal e esses 40 vão para uma comissão julgadora que Doris (minha orientadora) também é apaixonada. Raro o ano que ela não veio fazer parte da banca de comissão julgadora. E eles escolhem os dez. Mas esses 40 recebem um certificado de que participou. É chamado lá na frente. Recebe o jornalzinho e tudo mais. E muitos dos que estão nesse jornalzinho, que são alunos ou não, estão lá na Cooperifa, falando seus próprios poemas. Então, é outro projeto que a gente percebe que abriu uma portinha, uma janelinha para eles, fora da escola. Porque a educação a educação em direitos humanos precisa extrapolar o muro das escolas como resultado. O resultado é bom quando ele extrapola o muro da escola e eles saem da escola pensando sobre o que fazem, sobre o que são e o que querem ser. Essa é a verdadeira educação em direitos humanos. É quando ele é na escola e quando é ex-aluno, é reconhecido pela escola como aluno, extrapola a educação, o ensino que ele recebeu na escola e vai refletir lá fora. Totalmente direitos humanos.

LETÍCIA: Pode-se afirmar que a escola Zacaria tem como uma de suas diretrizes a formação cidadã dos seus educandos, preparando-os para uma vida em sociedade e para o respeito à diversidade?

SOCORRO: Eu acredito que tem essa questão do respeito à diversidade que é um trabalho insano, que ele é inesgotável. Tem que fazer sempre. Independente de ler, independente de qualquer coisa, a gente fala assim: “Você é o outro do outro. Tem que respeitar o outro porque você é o outro do outro e também precisa ser respeitado.” Essa coisa de preparar para a vida lá fora, para a continuação dos estudos, faz muito bem. Nos colóquios, não sei esse ano porque eu também estava fora, mas geralmente se apresenta para o aluno as possibilidades que ele tem depois que sair dali. São as ETEC’s, são os vestibulares. Quais os cursinhos populares que tem. Se você vai conseguir fazer o vestibular, que caminhos você tem para a universidade? A escola se preocupa com isso. Ela tem essa preocupação. É como está lá fora. Não é aquela educação... ela não é uma escola técnica, ela não está preparando para o trabalho lá fora, mas ela está preparando para o mundo lá fora. Então sim, dá esses caminhos do que fazer lá fora, do respeito às diferenças. Quando eles voltam para escola é porque a escola teve todo um sentido. É livre. Vai quem quer, mas ele quer compartilhar as coisas que ele faz lá fora. Então, de certa forma voltar à escola no Colóquio, é ter compreendido que ele foi preparado para sair da escola. Embora pareça contraditório, ele voltar para a escola é algo muito visível de que ele foi preparado para sair. Porque se ele foi preparado para sair, ele tem o desejo de voltar para dizer o que deu certo.

LETÍCIA: Você conhece, leu ou ouviu falar dos documentos que eu vou falar agora para você? Se leu, poderia contar qual é o que mais aproxima com o que acontece lá no Zacaria: documentos nacionais: PNEDH (2006); PNDH (2010); Diretrizes nacionais dos direitos humanos (2012); Plano Estadual de Educação em Direitos Humanos; Plano Municipal de Educação em Direitos Humanos na cidade de São Paulo.

SOCORRO: Esse plano municipal a gente teve mais contato. Parece que tem uma dicotomia estado e prefeitura. Tem essas coisas... ou por falta da própria escola, a gente acaba lendo só ou estudando... faz aquela leitura grupal e aí quem se interessa vai ler mais minuciosamente os documentos municipais. Agora de que maneira esse documento municipal de direitos humanos foi lido na escola? Ele foi lido fazendo mesmo essa comparação que a gente já fazia. O que que tem nesse documento que a gente tem aqui na escola que a gente pode introduzir. Ele não fez a escola começar do zero. Absolutamente, mas ele ajudou a refletir práticas na escola do que estava sendo feito de encaminhamentos... daquilo que podia ser individual... daquilo que podia ser responsabilidade da escola inteira, mas a gente foi nessa linha. Chegou um momento que as outras escolas acabavam tendo a escola Zacaria como referência. Depois ela acabou tendo uma certa antipatia, porque ela era referência e não é que as pessoas eram arrogantes. É que o entorno colocava como arrogante porque estava dando certo. Então onde é que esse documento chega? Como é que a gente trabalha os direitos humanos sem que o aluno se ache melhor do que outro que não está trabalhando em que o irmão estuda... então houve uma época no Zacaria em que as mães tiravam os alunos no primeiro ano porque achavam que lá não ensinava. Lá não alfabetizava no primeiro ano. Ia para outra escola que achava que alfabetizava melhor. Por quê? Porque ali... a questão da leitura de documentos em relação aos direitos humanos e mesmo artigos, livros, matérias de jornal... de direitos humanos, a gente sempre leu nos horários de JEIF porque tinha muito a ver com os trabalhos que a gente fazia... com a questão da diversidade, do respeito a diversidade, das escolhas sobre o que é que eu (aluno) vou fazer depois da escola. E quando começamos a fazer esse tipo de trabalho, os pais achavam que aquilo não ensinava a ler e a escrever. Na escola vizinha que era a Mário Moura, eles tinham um ensino muito tradicional. Então, a criança decodificava mais rápido. Achava que estava alfabetizando. Quando compreenderam qual era o trabalho, como os direitos humanos estavam envolvidos, como o respeito à diversidade estava envolvido, começaram a retornar para a Zacaria com os alunos. Até hoje você percebe que tem fila para entrar no primeiro ano. Os documentos sobre direitos humanos, eu posso falar que o municipal a gente teve mais contato, mas dessa forma de ajudar a refletir sobre o que estava sendo feito e muita coisa que a gente ia lendo e dizendo: “ah, a gente já faz isso. A gente precisa melhorar.”

Além dos documentos, muito material vinha para gente discutir essa questão nos horários coletivos.

LETÍCIA: Falando do PROVE agora, você já participou de cursos do PROVE?

SOCORRO: Já, já participei.

LETÍCIA: Como foi sua participação? Em que você acha que isso pode ou não ter ajudado na sua prática na escola?

SOCORRO: Eu falei que estou desde o início e que eu só trabalho um período. Então, parece exagero, parece e é, mas teve ano que eu fiz oito cursos. Olha, não é brincadeira um negócio desse. Porque nunca tinha dois cursos por dia, meus filhos já estavam crescidos e mesmo quando não estavam independentes, eles tinham essa consciência. Eu sempre criei meus filhos com muita independência. A gente dialoga extremamente aqui em casa e a liberdade eu acho que é a melhor coisa e mesmo quando eles não estavam crescidos, independentes e eles conseguiam ficar sozinhos em casa com o Lúcio sempre super parceiro. Como os cursos não aconteciam mais de um por dia e era um encontro por mês, eu conseguia conciliar esses oito cursos que eu fiz por ano. Eu vou destacar o curso de História, que a princípio foi oferecido pelo Paulo Rota e que eu fiz três anos seguidos esse curso e o curso me encantou. Eu já adorava História, mas o curso de História, da forma que eles deram, fora do quadrado, pensando aí a questão de História geográfica, humana, urbana... era tão fascinante. Era um olhar tão diferente para aquela História que eu sempre tinha ouvido falar do livro, de estar ali muito certinho, das datas, das comemorações, das vitórias, daquela história contada pelo vencedor. Aí foi desconstruindo uma série de coisas. E foi a partir desse curso do PROVE, que eu fui fazer a faculdade de História. Então, isso é um exemplo bastante interessante, de construir material. Fazer um curso de matemática e construir um material rico para trabalhar em sala de aula. Eu lembro que durante o curso de matemática a gente fez um trabalho com problematização que era diferente. Não era aquela coisa tradicional. Era uma coisa mais para pensar, a operação vinha em segundo lugar. Se não refletisse, não resolvia. Eu fiz uma caixa grande, uma mala. Eu falava que era a 'problemoteca'. Tinha muitos jogos, muitos problemas, tudo assim impresso... então, tudo isso é resultado do PROVE. Outro resultado do PROVE é a questão do curso que eu fiz para trabalhar com a importância do registro em sala de aula. Eu já adorava registrar. Tudo eu registrava. Eu tenho meus diários de registros pessoais e já fazia o registro nos diários. Tem aquele espaço mínimo que eu sempre extrapolava e colocava papel extra porque eu não conseguia falar tudo. Produção de texto: como é que escreve como você trabalhou produção de texto? E eu queria escrever mais. Eu sempre fui apaixonada por registro e a Olga ofereceu o curso "Práticas de registro" e eu fiz esse curso durante muito tempo e depois a Olga me

convidou para dar o curso junto com ela. Eu e a Olga demos esse curso também por muito tempo. É o PROVE fazendo a gente mudar (não de posição) ... é trocar o lugar de quem ensina e quem aprende... o Paulo Freire, quem ensina também aprende. Quem aprende, também ensina. Eu fiz um curso como aluna, de repente eu estava oferecendo o curso e isso aconteceu com muitos professores que fizeram o curso e hoje são formadores. Eu era uma pessoa extremamente tímida. Extremamente tímida! A sala de aula acaba tirando a timidez, mas a gente meio que incorpora na sala de aula, com os alunos é uma coisa, em uma reunião pedagógica é outra, a gente fica mudo. Até a escola, em direitos humanos, fazer você também perceber que você tem voz e que você pode e que você precisa estar de acordo com o que você está ouvindo e aí eu comecei a falar. Foi nessa época que eu percebi que as agentes de apoio estavam sem um espaço no PROVE. Eu propus um curso para as agentes de apoio, que no início foi exclusivamente para elas, depois alguns professores foram fazer, que era a questão da memória afetiva. A importância da memória afetiva na profissão que você escolheu. E foi tão bonito esse curso, tão emocionante porque ao mesmo tempo que elas lembravam o que tinha feito elas chegarem até ali... vinha a saudade. Vinha o desejo de voltar o tempo. Foi muito legal! E depois eu mudei o enfoque...que foi: os espaços da cidade naquilo que eu faço. Uma coisa mais ou menos assim, não me lembro o título... em que a gente visitava mesmo a cidade e ia até os locais da cidade. Eu lembro que uma vez nós fomos ao Solar da Marquesa e eu falava: “nós moramos na periferia, mas aqui é nosso. Isso aqui pertence a nós. Não pode vir só quando é excursão da escola. Vem passear. Vem se apropriar. É teu!” O curso foi por essa linha dos espaços da cidade como fundamentais para que você construa o cidadão e o profissional. E eles (participantes) ficam encantados. Os maridos iam... porque a gente ia aos sábados. Os maridos participavam também. Outro (curso) que a gente fez com as agentes de apoio foi a questão da expressão e a gente colocou no curso várias formas de se expressar...era expressão artística. E eles se expressaram com poesia, com cartazes, com rabiscos, com desenhos, com pinturas, com falas. Eles tinham essa liberdade de se expressar artisticamente de alguma forma e muitos colocavam a sua profissão e o seu cotidiano na escola como algo que merecesse estar lá nessa expressão. Isso foi bonito. Foi um curso que eu gostei bastante de dar. E nessa questão da expressão, eles sempre colocavam (quase sempre no curso de memória) a questão de memória, principalmente a questão... “no meu tempo não era assim”. “Essa juventude...no meu tempo não era assim... imagina se eu vinha para escola com essa roupa ou se eu já namorava nessa idade”. E aí eu propus uma pesquisa para eles e essa mesma pesquisa eles iam fazer com os adolescentes com os quais eles trabalhavam: O que é ser jovem hoje? E o que é ser jovem no seu tempo? Qual é o seu tempo? E foi muito interessante... agora eu lembrei... Era assim: Por que é bom ser jovem

hoje? Por que é ruim ser jovem hoje? E houve uma contradição muito grande em alguns pontos... alguns pontos eles diziam a mesma coisa, como a questão de fazer o que não podia. Em qualquer tempo do mundo, o jovem quer fazer algumas coisas que os pais acham que não, mas o que foi interessante foi assim: o jovem fala que é bom ser jovem em dadas questões porque hoje o governo oferece muitas coisas que eles podem fazer, por exemplo, tem o Projeto Guri, tem o Jovem Aprendiz e foram fazendo e os adultos falaram que é ruim ser jovem hoje porque o governo dá muita coisa, eles acabam não valorizando. Olha que discussão interessante que deu. E para contrapor, o que a gente foi discutir foi o que os jovens falaram: “Pô, vocês (adultos) acham que é ruim, mas eles (jovens) estão falando que é bom. E aí?” Esse foi um curso bacana também, que eu trouxe para fora do PROVE e elas (participantes do curso) também. Então o PROVE não é um projeto de formação de professores em que o que é discutido seja apenas para escola, para sala de aula. É uma formação integral da pessoa. Ao participar do PROVE, a gente sabe que vai participar de um projeto, de cursos, de formação continuada integral. Não é assim... eu pego aqui e copio ali. Não é cópia de nada. É reflexão do ser professor e do ser gente. Tem até um livro que a gente fez (depois eu tenho o material, posso te mostrar). E um curso de registro, acabou com a gente produzindo um livro que é “Tecendo histórias de gente”. É quando a gente vai contar uma história de memória da gente, que a gente não registrou... registrou só na memória e como é importante a gente ter o registro físico porque a memória vai, a memória passa. Existe essa oposição entre memória e esquecimento, mas o registro está ali. E foi um livro muito bonito... de um professor falar de sua vida difícil lá na roça, extremamente difícil... assim do brinquedo ser uma barata que ele colocava uma linha para puxar... uma coisa muito louca... e hoje ele é professor. Por que é que mudou tanto? Como é que ele chegou aonde chegou? Então ele está aprendendo a importância do registro para levar para sala de aula, da história de vida para levar para sala de aula, mas ele está pensando sobre sua própria vida. Então o PROVE é isso. Por isso que é apaixonante e que tem longevidade tão grande. Porque ele mexe com as pessoas. Alguns professores, a gente tem exemplo, que começaram a fazer determinado curso e não terminaram... vários anos assim... até dizer “cabe fazer completo?” Porque mexe. Com a continuidade do PROVE a gente percebe nitidamente que os primeiros anos do PROVE eram encontros para lamentação. Iam só para dizer: “professor não é respeitado”, “ninguém valoriza”, “a sala de aula com 40 anos”, “o salário...” Passava o horário do encontro só com lamentações. Até romper isso... que eu lembro da fala de uma professora, a Maria José Nóbrega, ela disse (depois de vários encontros): “É o seguinte, a gente vai ter que decidir o curso, ou a gente vem estudar ou a gente vem se lamentar.” Foi muito clara. E a partir daí, o curso continuou a andar. E como reflexo, nos outros também, parou a

lamentação. Como depois, nessa sequência, o PROVE não é só um projeto de formação e processo... ele próprio estava em processo e está ainda. Outra coisa era que os professores iam querendo pegar receitas: “olha, na sala de aula faz isso”. Aí pegava, rodava no mimeógrafo e aplicava para o aluno. Era essa a expectativa de alguns professores que iam para o PROVE, até perceberem que não era assim. Alguns desistiam nesse momento, até compreenderem que uma coisa é cópia, outra coisa é modelo. Tinha até uns modelos, mas um modelo não dá para você transferir de um lugar para o outro porque o modelo passa por você se colocando nele. É um modelo, não é uma cópia. É diferente. Aí foram compreender que os modelos foram importantes e depois que a reflexão é importante, que a troca de experiências é importante, depois que o meu relato é importante. Veio nesse processo, para ser o PROVE que é hoje. Bonito isso, não é?

LETÍCIA: Para irmos finalizando... Socorro, no seu entender, o que a escola Zacaria precisa manter para continuar sendo considerada um local importante para a comunidade que ela atende?

SOCORRO: Precisa manter sua ousadia. Sua coragem de romper com algumas coisas estabelecidas para colocar na escola o que é valioso para o aluno e comprar essa briga. A gente viu muito isso na escola Zacaria e ainda vê... muita ousadia. Um exemplo de ousadia ainda recente é com a terceirização. A escola tem as “Trapalhadas do Zacaria”, que é outro projeto fantástico do qual nós não falamos, em que tinha muitas oficinas de culinária e essas oficinas aconteciam na cozinha, junto com as funcionárias da cozinha. As merendeiras adoravam, davam o maior apoio. Os alunos, claro, não entravam na cozinha porque tinha riscos e tudo, mas ficava ali em frente à cozinha. Na hora de colocar no forno ia alguém (adulto), mas usava a cozinha, os materiais, o liquidificador, o forno. Tinha esse acesso. Com a terceirização, não pode mais entrar na cozinha, professor não pode mais pegar o almoço. É um lugar sagrado. E as oficinas de culinária? E o fazer pizza com os alunos como eu fiz várias vezes e outras pessoas fizeram? Puxa vida, e agora? O que é que o Wagner ousa fazer? Fazer uma outra cozinha. Uma cozinha experimental quando não vem dinheiro para fazer uma cozinha experimental, mas ele vai pegando, ele vai procurando, ele vai discutindo com a APM, ele vai respirando junto o desejo e ele construiu no pátio, uma cozinha experimental com forno elétrico, com tudo que uma cozinha tem. Colocou os toldos para puxar, para quando a cozinha não estiver sendo usada levantar, mas quando vem a nutricionista, alguém lá da DRE – Diretoria Regional de Ensino, fala “Ué, mas isso não está conforme determinada legislação. Cadê o extintor? Onde o botijão de gás vai ser colocado?” É mais um dificultador. Não fala primeiro: “puxa, que legal, bacana e tal. Vamos ver... já tem extintor? Já sabe...” Não! Primeiro critica. Mas na cozinha também

estava sem extintor e ninguém pode entrar na cozinha a não ser os terceirizados e a nutricionista. Mas com tudo isso, o que é que o Wagner faz? Ele vai colocando conforme essas críticas vão chegando... mas a ousadia dele é sonho. Não dá para, por causa de crítica, desmontar tudo. Eu acho que sem ousadia, sem coragem, sem desejo, não existe escola boa e a escola Zacaria existe por conta disso, por causa da ousadia, do desejo, da valorização dos projetos, dos espaços que os professores têm para construir suas ideias, para praticar suas ideias. Professor quer uma sala de Artes, ele lutou, lutou, lutou... hoje ele tem uma sala de artes porque a direção apoiou. “Ah, eu preciso de material porque eu vou fazer a oficina de bijuteria e eu preciso das continhas, tal e tal...” “Bom, pra quantos alunos você vai fazer?” E aí consegue. Por que fazer uma oficina de bijuteria na escola? Não é o conteúdo formal. Mas e as relações que acontecem em uma oficina? E a escolha de tal pedrinha? E ver em qual pedrinha a linha passa? E como faz para aquilo ficar no pescoço? Gente, isso é estudo. Isso é estudar. Isso é ousar. Isso é enfrentamento com o pai que fala “meu filho vai pra escola estudar, não é fazer bijuteria.” Eu estou dando o exemplo da bijuteria.

LETÍCIA: Seguindo nessa linha do que a Zacaria precisa continuar fazendo para ser considerado um local importante para a comunidade, você diria então que esse é o diferencial dela em relação as outras escolas ou você quer acrescentar alguma coisa sobre o que ela tem de diferente das outras escolas?

SOCORRO: Eu acho que ela se destaca por essa ousadia.... do respeito ao trabalho do professor. Da valorização do trabalho do professor. Isso conta muito. Ela se diferencia muito. E como é que a gente sabe disso? Porque o PROVE promove um encontro de professores de diferentes escolas e claro que se conversa sobre isso. Então, é fundamental uma gestão ousada, é fundamental professores corajosos no sentido de trazer para o aluno suas ideias. Eu acho que isso faz a diferença. É por isso que ela se diferencia. É por conta disso. Eu acredito muito que é a gestão. Que é, capengando ou não, a participação da comunidade na tomada de decisões. A participação de alunos nas reuniões de APM e de Conselho são muito efetivas, colocando em pauta o que eles querem que tenha na escola. Então, tudo é ousar. É enfrentar... o aluno falar que quer uma coisa e falar sim ou justificar por que não. Então, eu ousou dizer que uma gestão ousada, professores sérios, que não têm medo de levar suas ideias para sala de aula, bons projetos... porque muitos projetos da escola já acontecem em vários lugares. Se eu copio ou se eu levo é porque é referência, é porque se destaca... eu acho que é por aí.

ANEXO G — Transcrição da 7ª entrevista: Aline Magna Vieira

Ex-aluna da Escola Zacaria no período entre 1998 e 2005 (todo o ensino fundamental I e II).

Cargo na PMSP: Professora de Língua Portuguesa. Em 2020, leciona em duas escolas localizadas na zona sul da cidade.

Tempo de atuação na área da educação: Desde 2017.

Entrevista realizada em 18/04/2020.

Recursos utilizados: videochamada pelo WhatsApp e gravador de aparelho celular devido a impossibilidade de um encontro em virtude da pandemia da Covid-19.

Entrevista:

LETÍCIA: Aline, o que você entende por Educação em Direitos Humanos?

ALINE: Eu entendo como uma educação humanitária. Respeitar o indivíduo na sua individualidade. Respeitar todos os seus direitos. Você tratar o aluno com respeito e não com autoritarismo. É ver mais esse lado humano mesmo, tanto do aluno, quanto do professor. Enfim, de toda a comunidade que envolve. Ter esse olhar mais realmente centrado no ser humano mesmo, não só ver o aluno como número.

LETÍCIA: A partir desse entendimento, você diria que a escola Zacaria trabalha cotidianamente nesse sentido?

ALINE: Ah sim, isso sem dúvida alguma. Os projetos que eles fazem na escola são sempre com esse sentido. A forma com que os professores tratam os alunos também. Têm sempre esse olhar. É uma escola que parece um ambiente familiar, na verdade. Você vê os professores como parte da sua família. Muitas vezes os alunos mais carentes, passando por dificuldades em casa, eles viam um consolo entre os professores, entre a direção, a coordenação da escola. E tinha esse atendimento especial. Eles se sentiam confortáveis ali dentro daquele espaço.

LETÍCIA: O tema da cidadania, eixo central do PPP da escola Zacaria, fazia parte do cotidiano escolar? Caso sim, de que maneira?

ALINE: Fazia sim, muito por meio dos projetos também. Eu lembro que, quando eu estava na quinta série, fizemos um projeto chamado “São Paulo – Caminho das Águas”. Então, fomos estudar o processo de construção da cidade por meio das suas águas. Os córregos, os rios, conhecer a história e tudo mais. Então a gente começou pelo bairro. A gente começou entrevistando pessoas do bairro. Pessoas mais velhas. Alguns fizeram até amizade com uma senhorinha, agora não lembro o nome dela, e depois ela foi à escola fazer uns lanches para

gente. A gente homenageou a senhorinha. Foi superlegal. Eu acho que tem essa coisa de explorar o território em volta da escola, o bairro. Nós fizemos passeios com os professores perto do cemitério, perto dos córregos. A gente viu a questão social ali. Aquele córrego sujo representa a pobreza da região também. Foi muito bacana. Isso deu um respaldo para gente muito grande, para criar um senso crítico depois. Depois que a gente foi pelo bairro, escreveu poema sobre o bairro, a gente entrevistou pessoas mais velhas do bairro, pesquisou fotos antigas, compartilhou com os outros. Fizemos o sarau. Depois a gente ampliou isso. A gente fez o passeio de trem para ver onde o Jurubatuba desaguava no Pinheiros, por exemplo, ver esse encontro das águas. Nós fomos ao Centro de São Paulo. A gente fez o passeio no Centro, estudando toda a história da cidade. A gente foi ao Pátio do Colégio, ao Mosteiro de São Bento. Todos esses pontos turísticos com a prancheta na mão, anotando tudo. E a gente se encantou muito. A gente não conhecia muito o centro, só vivia no bairro. De repente a gente foi para o centro e ficou vendo toda aquela história, aqueles prédios enormes. Isso foi marcante. É até engraçado porque depois de um tempo, você ia para o centro com seus pais e falava: “ah, eu já vim aqui mãe, eu já vim aqui pai. Eu conheço esse lugar. O Viaduto do Chá é em tal lugar”. Tinha muito isso. Era bem bacana.

LETÍCIA: Em relação aos projetos realizados na escola Zacaria, qual ou quais você destacaria do seu tempo de estudante?

ALINE: Sim, teve na terceira série o Projeto Glorinha, era um livro de uma garotinha que era muito curiosa (com a professora Socorro). A gente passou o ano inteiro trabalhando em cima desse livro. A questão da curiosidade, como era importante nós sermos curiosos, de irmos atrás das informações, das informações confiáveis. Foi bem bacana também. A gente criou muita coisa também. A gente criava bonequinho de artesanato. Lia outras histórias, discutia. Enfim, é um negócio que faz muito tempo já, mas marcou bastante. Eu lembro até hoje dos projetos, do que a gente escrevia e tudo mais. Um outro que é bem interessante são as “Trapalhadas do Zacaria”. É na semana da criança. Eu não sei, atualmente, quantos dias são, mas pegava mais ou menos três dias na minha época. A gente fazia oficinas e tinha oficina de tudo. Eu lembro de uma de cinema que eu participei e a gente escreveu um roteiro para filme. A gente começou a filmar um filme de terror na escola. Não deu tempo de acabar, mas foi muito legal (risos).

LETÍCIA: Aline, na sua opinião, há alguma particularidade na escola Zacaria em relação às demais escolas frequentadas por você durante a educação básica?

ALINE: Sim, por exemplo, quando eu saí do fundamental e fui para o médio, aí eu fui para outra escola, uma escola do estado e tudo mais. Uma escola grande que só tinha ensino

médio. A gente sentiu muito porque a gente saiu do Zacaria e foi para lá e a gente viu que era uma relação assim de distanciamento, como se a gente estivesse sozinho e tivesse que se virar agora por nós mesmos. Lá no Zacaria não, sempre que a gente precisava de alguma coisa, estava com algum problema, sempre a coordenadora vinha falar com a gente, vinham os professores... eles tinham uma preocupação muito forte não só com a gente ali dentro da escola, mas fora também, com nosso bem-estar social e tudo mais. Então, acho que a grande diferença realmente é a questão dos direitos humanos mesmo, dessa coisa da atenção mesmo com os alunos. A proximidade, a intimidade que a gente tinha antes. Se sentia mesmo em casa, à vontade. Eu vivia na escola. Eu estudava de manhã, dava meu período, ia para casa, almoçava e voltava para fazer os cursos extras que tinha. Então eu ficava lá o dia inteiro. É onde eu construí relações de amizade e tudo mais. Então valia muito a pena.

LETÍCIA: E que aulas extras eram essas que você fazia?

ALINE: Eu fiz francês com a professora Luciana e houve uma época em que a gente estava em um projeto para montar um grêmio, acabou durando um tempo, engatou, mas não “rolou” depois porque a gente estava saindo da escola, mas foi superimportante... começar a construir a questão política também. O que que é isso? Para que que serve representar os alunos e tudo mais. Chamava projeto “Protagonismo Jovem”, se eu não me engano, e foi bem bacana também. E o francês foi super marcante. Foi o que me incentivou depois a seguir minha profissão. Eu fui fazer Letras e acabei fazendo (habilitação em) Francês e Português porque eu era apaixonada por francês já naquela época e queria muito voltar a ter esse contato.

LETÍCIA: Quais eram as maiores dificuldades enfrentadas pela escola Zacaria durante seus tempos de estudante daquela unidade escolar?

ALINE: Econômica... econômica. Nem sempre as verbas da prefeitura eram suficientes para os projetos e enfim. Para reformar a escola, para colocar um bebedouro na escola, a escola conta com a APM. As vezes o Wagner que era (é) diretor, doava coisas para escola ou os professores se juntavam para doar coisas para escola. Alguns lanches especiais para o projeto “Aniversário” também, que a gente fazia a cada três meses, que comemorava os aniversariantes do trimestre. Então sempre tinha um lanchinho gostoso diferente e às vezes eram eles mesmos que compravam as coisas para preparar.

LETÍCIA: Hoje, enquanto professora da rede municipal, você consegue enxergar semelhanças e diferenças da escola Zacaria em relação a outras unidades escolares por onde você passou?

ALINE: Sim. Consigo. Na verdade, eu tenho o Zacarias como minha base. É meu ponto de referência. Então, eu já cheguei a fazer propostas também... “a gente pode fazer isso porque

na escola onde eu estudei a gente fazia dessa forma e dava certo. Mas dá sim para sentir essas semelhanças e diferenças. Cada escola tem sim uma funcionalidade diferente, uma equipe diferente e pessoas fazem toda a diferença.

LETÍCIA: Você considera que a escola Zacaria lhe ensinou algo que você levou para sua vida? Caso sim, o que seria?

ALINE: Sim, eles trabalhavam muito com a nossa autoestima. Nós éramos pobres, de periferia e muitos de nós não tinham uma visão “ah, eu posso alcançar isso”. A gente achava que estava limitado e eles nos ensinaram que a gente tem que correr atrás, mesmo que não dê certo e que vale muito a pena correr atrás porque a gente tem chances sim, a gente não pode se limitar. Isso foi muito importante. Eu sou uma pessoa que sempre correu atrás, pode ser até que não deu certo, mas eu prefiro me arrepender por não ter dado certo do que não ter tentado. Então, isso foi bem fundamental. Essa sementinha que eles deram para gente, de dizer “vão atrás, vocês conseguem. Vão pesquisar, vocês conseguem ir além disso.”

LETÍCIA: Tem alguma coisa que eu não perguntei, que você gostaria de destacar relacionada a essa questão da Educação em Direitos Humanos na escola Zacaria?

ALINE: Eu vou comentar só que a gente sai do Zacaria, mas o Zacaria não sai da gente. A gente está sempre transmitindo as ideias que foram passadas para a gente. E até hoje eles fazem o Colóquio com os ex-alunos... a gente é convidado para ir e é muito legal. A gente se reencontra, vê os professores. Então, assim... a gente sai da escola, mas a gente mantém um vínculo. Eles estão sempre recebendo a gente muito bem, mesmo depois que a gente sai. Então, é essa ideia de que a gente não é só um número para a escola e os professores lembram da gente, a gente conversa, a gente se abraça e isso é assim... impagável.

ANEXO H — Transcrição da 8ª entrevista: Viviane Machado Sabadin

Cargo: Profª Regente EF I e Sala de Leitura (desde 2017).

Tempo de atuação na área da educação: desde 2007 e na Escola Zacaria desde 2015.

Carga horária em 2020: 40h semanais, sendo 25 aulas com alunos / 13 aulas de formação / 2 aulas livres

Entrevista realizada em 23/08/2020

Recursos utilizados: videochamada pelo WhatsApp e gravador de aparelho celular devido a impossibilidade de um encontro em virtude da pandemia da Covid-19

Entrevista:

LETÍCIA: Professora Viviane, qual é a sua área de formação?

VIVIANE: Eu sou pedagoga. Sou formada para atuar com ensino infantil e fundamental I, mas estou na Sala de Leitura.

LETÍCIA: Você costuma lecionar para quais séries e qual componente curricular? Você é professora polivalente, é isso?

VIVIANE: Isso. Eu estou, este ano, com turmas do 3º ano do ciclo de alfabetização. Aí eu pego ciclo interdisciplinar, 4º, 5º e 6º ano e o ciclo autoral, 7º, 8º e 9º ano.

LETÍCIA: Qual é o material didático utilizado pela escola?

VIVIANE: É o livro didático da SME-SP. A cada 2 anos é feita essa escolha pelos professores.

LETÍCIA: Você costuma trabalhar com outros materiais, além do oficial vindo da SME-SP?

VIVIANE: Sim, na própria Sala de Leitura nós temos um material diverso. Nosso acervo tem em torno de 16 mil obras. Então, facilita muito. O que eu procuro trazer para minha prática: eu sempre uso muito o texto jornalístico... o que está acontecendo atualmente com uma referência literária. Sempre gosto de fazer essa ponte com os alunos.

LETÍCIA: Como é definido o sistema de avaliações da escola?

VIVIANE: Nós temos as avaliações externas mesmo...a Provinha São Paulo e a prova Brasil que todos os alunos precisam passar por ela. Então isso já é uma prática obrigatória, embora boa parte dos colegas.... nós não concordamos com esse tipo de avaliação. E aí cada professor tem a sua avaliação em sala de aula. Então nós vamos ter no bimestre professores que vão dar diversos trabalhos e, às vezes, uma avaliação. E a nota bimestral do aluno vai ser com base nas atividades que ele fez. Já tem outros que acabam aplicando a prova bimestral mesmo e essa nota é que vai ser lançada no boletim do aluno. Então, cada professor tem autonomia

para realizar a sua avaliação. Na fase de alfabetização, por exemplo, nós usamos a sondagem e ali o professor também pode se basear só nessa sondagem como material de avaliação. Ele não precisa aplicar nenhuma prova objetiva para o aluno.

LETÍCIA: Você considera que possui autonomia para trabalhar com seus alunos?

VIVIANE: Muita (ênfase) Muita autonomia, até demais, eu brinco. Eu falo assim... que eles me apoiam muito nas minhas loucuras. (risos) Eu brinco, eu falo que eu estou no Zaca justamente por isso. Eu falo que eu não gosto de criar raízes justamente por isso. Eu falo que as vezes acaba engessando um pouquinho a nossa prática, a nossa rotina... mas ali não, ali é um espaço de criação. A sala de leitura me permite isso. Os alunos instigam. O momento social também e o que nós temos como prática uma descolonização do currículo. E o que vai surgindo de novo na literatura, seja com educação antirracista, educação feminista. Então, nós conseguimos colocar isso em prática. É um espaço assim... imenso de criação mesmo.

LETÍCIA: Como comentei anteriormente, eu pesquisei a Educação em Direitos Humanos. Você pode me dizer o que é, para você, Educação em Direitos Humanos?

VIVIANE: Vamos lá...o que eu acredito em direitos humanos... é aquela educação onde você assegura, eu até brinco com os meus alunos, o direito deles serem felizes. Mas não aquela felicidade superficial, que às vezes você procura no outro, mas uma felicidade de você exercer a sua cidadania. Você poder ser quem você quer. Ter os direitos garantidos, assegurados pela lei e que permita que você passe por todos os lugares. Que você escolha onde você quer estar. Que você possa ser bem tratado em todos os lugares e ter as suas opções sempre bem respeitadas por todos.

LETÍCIA: E na sua opinião a escola Zacaria trabalha a Educação em Direitos Humanos? Se sim, como que a escola concretiza a EDH?

VIVIANE: Sim, nós trabalhamos e eu acho que o mais importante é quando nós reconhecemos o nosso aluno como sujeito. Quem é esse aluno? Então nós não estamos falando ali de números, nós estamos falando de indivíduos. Procuramos conhecer principalmente onde esse aluno mora. É importantíssimo para nós. É o que nós acreditamos... que entendendo o lugar que ele mora, como ele vive, quem são as pessoas dessa localidade, a cultura dessas pessoas... nós conseguimos respeitar esse indivíduo. E através disso a gente consegue criar e observar as dificuldades para esse aluno chegar, como a gente brinca, do outro lado da ponte. E aí a gente criar estratégias para que esse aluno tenha uma educação não só baseada nos livros ou preparação para o vestibular, nem algo do tipo, mas uma educação para o homem... a pessoa... a formação do cidadão.

LETÍCIA: Você conhece o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola Zacaria? Caso sim, consegue enxergar nele elementos de uma EDH?

VIVIANE: Sim. Nosso PPP é construído pelo grupo. Nós temos as nossas JEIF's¹¹³ e, anualmente, cada grupo da JEIF (para vocês lá no estado a JEIF tem outro nome, não é? Que é o ATPC¹¹⁴) e aí é trabalhado esse PPP... o que nós vamos construir nele. Nosso PPP é voltado para o étnico-racial, para a questão de gênero e para todas as políticas públicas, principalmente para questão da acessibilidade¹¹⁵ dos nossos alunos, da inclusão... Então nosso PPP permite justamente isso... aqui, recentemente tivemos a questão do Escola Sem Partido. Então a gente procura ter sempre embasamento no PPP para garantir tudo que será feito em sala de aula.

LETÍCIA: Ainda sobre o PPP, na questão dos direitos humanos, o que a escola teve ou tem maior dificuldade de colocar em prática? E quais os principais motivos que levam a essas dificuldades?

VIVIANE: Eu acho que é você se reconhecer no outro. Acho que ainda é um grande problema na escola. Nós temos grandes projetos que buscam dar visibilidade aos nossos alunos... voz, mas as pessoas (alguns professores) ainda trazem o seu moralismo para dentro da sala de aula. Elas não reconhecem que alguns temas precisam ser trabalhados e aí isso dificulta sim a atuação do grupo. Eu acho que é o nosso maior problema.

LETÍCIA: Na sua opinião, quais são os projetos que melhor refletem a concepção de educação em direitos humanos que a escola tem?

VIVIANE: O “Leituração”. Esse é um projeto que acontece bimestralmente. Cada professor tem que escolher uma literatura e, independente da sua área, ele vai realizar a leitura com os alunos. E essa escolha já é feita assim: não é por turma. O aluno escolhe qual obra ele quer conhecer. E aí nesse dia, ele vai para sala que aquele professor vai apresentar a obra e depois da leitura ou da dinâmica que o professor escolher, eles têm uma roda de conversa sobre e depois todos os alunos vão para o pátio e um aluno de cada sala vai explicar o que foi discutido naquela sala e a conclusão que o grupo chegou.

Outro que eu acho muito bacana é “As Trapalhadas do Zacaria”. São 3 dias que nós trabalhamos em duplas de professores e os alunos também escolhem aquilo que eles desejam fazer. Normalmente são atividades artesanais e, particularmente, é um projeto que eu tenho muita dificuldade porque eu não gosto de nada que é artesanal, mas o objetivo do projeto é muito bacana. Nós recebemos, por exemplo, esse ano, nós estamos com os 4^{os}, 5^{os}, 7^{os} e 9^{os}.

¹¹³ Jornada Especial Integral de Formação estabelecida na rede municipal de educação da cidade de São Paulo

¹¹⁴ Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo estabelecido na rede estadual de educação de São Paulo

¹¹⁵ A escola não possui elevador ou rampas, embora já tenha solicitado essas melhorias há muitos anos.

Então, se tivéssemos as “Trapalhadas” (suspensas pela pandemia) teríamos todos esses alunos misturados... os mais velhos ajudam os menores. Eles também escolhem aquilo que eles querem fazer e aí no quarto dia tem a exposição desse trabalho para comunidade. Então, eu acho isso muito, muito bacana. Tem um entrosamento legal entre o grupo. Tanto de professores, quanto de alunos. É um envolvimento muito bacana na escola.

Outro que tem ganhado bastante espaço é... nós temos há 12 anos o “Concurso de Poesia” e que agora está se transformando num sarau. Vem ganhando uma outra cara. E aí esse é o espaço que o aluno pode falar o que ele quer. Não há censura até porque é a própria característica do sarau e, isso permite sim, eu acho, grandes práticas que envolvam os direitos humanos.

E o noturno... no noturno eu não vivencio essa prática, mas eles têm o projeto de cinema na escola. Eles não trabalham com filme, como que eu posso dizer? De Hollywood. Eles (professores) trazem filmes bem diferentes para os alunos, justamente com essa perspectiva. Eles identificam algum problema que acontece com o grupo, com a turma de EJA principalmente e aí trazem essa temática através do cinema.

LETÍCIA: Pode-se afirmar que a escola Zacaria tem como uma de suas diretrizes a formação cidadã dos seus educandos, preparando-os para uma vida em sociedade e para o respeito à diversidade?

VIVIANE: Sim, todas as práticas voltadas para isso.

LETÍCIA: Você conhece, leu ou ouviu falar dos documentos que eu vou falar agora para você? Se leu, poderia contar qual é o que mais aproxima com o que acontece lá no Zacaria: documentos nacionais: PNEDH (2006); PNDH (2010); Diretrizes nacionais dos direitos humanos (2012); Plano Estadual de Educação em Direitos Humanos do estado de São Paulo; Plano Municipal de Educação em Direitos Humanos na cidade de São Paulo.

VIVIANE: Nossa! Não conheço nada...nada, nada. E se tiver na nossa escola esses documentos, nunca chegaram às mãos dos professores.

LETÍCIA: Sim, esses documentos existem e isso também faz parte da minha pesquisa. Eu procuro saber como eles saem ou não lá dos gabinetes... da letra da lei que existe e foi sancionada por presidentes, governadores e prefeitos e se ela chega até o território da escola... até a sala dos professores e nas JEIF's. Falando do PROVE agora, você já participou de algum dos cursos que ele oferece?

VIVIANE: Ai gente! Olha... o que que é o PROVE?! O PROVE é a prova viva da defesa da escola pública. Nossa gente como eu amo o PROVE. Eu participo dele desde que eu

entrei no Zaca e desde 2017 eu faço parte da organização da revista. Então assim... é uma coisa que eu admiro muito, muito, muito. Acredito na força do PROVE.

LETÍCIA: Como foi sua participação? Em quais cursos? Acredita que a participação no projeto pode ter ajudado na sua prática em sala de aula?

VIVIANE: Sim, participo do curso da Mazé de alfabetização desde que eu entrei na escola. Eu já me organizo para participar do curso dela. Eu brinco que eu sou repetente há cinco anos (risos). Participei do curso “Práticas de Registro” da Socorro e da Olgair. Da Wânia Karolis “Morando no brincar”. Deixe-me ver o que mais... Feminismo (curso), esse é o meu primeiro ano no feminismo. Gênero (curso) eu já faço há 2 anos. O que mais que eu fiz de PROVE? *Fake News*. Teve um que foi muito bom. Ele ficou só um ano e foi sobre os territórios de São Paulo do ponto de vista negro. Como que eles (os territórios) foram ocupados. Acho que foram esses os cursos que eu participei. Como eles orientam a minha prática? Primeiro que a prática de registros tem que ser constante. Não dá para nós educadores não registrarmos aquilo que acontece. É até uma forma de voltarmos, criarmos novas estratégias ou mesmo vermos se algo ficou para trás e na hora nós não percebemos. Então eu acho muito bacana essa prática. Sobre a questão dos territórios negros, foi um curso maravilhoso. Enxergar São Paulo de outra forma, saber como foi esse processo, tanto de ocupação e... depois de desconstrução desse território ganhando novos nomes... foi muito importante para minha formação pessoal e que eu consigo levar para sala de aula com os meus alunos. O curso da Mazé de alfabetização... não estou na sala como regente, então eu falo que ele me aproxima demais dessa prática. É uma forma de me manter atualizada e saber que se em algum momento eu resolver voltar para sala de aula, eu tenho bastante embasamento teórico para retomar essas atividades. Curso de gênero e feminismo... assim... são paixões. Não tem como separar isso do meu dia a dia e da minha prática. Então eu até brinco: depois que o PROVE ficou maior de idade, ele não precisava pedir mais permissão para ninguém. Então nós começamos a ter essas temáticas como feminismo, gênero e isso... eu sou apaixonada por esse tema. Levo muito, muito para os meus alunos e o PPP da escola mesmo traz a questão de gênero e está alinhado com o feminismo. Com as minhas alunas eu brinco: nós estamos montando um exército feminista (risos). Então, quanto mais eu leio, quanto mais eu estudo e o PROVE dando essa oportunidade, mais facilita o meu dia a dia na sala de aula.

LETÍCIA: No seu entender, a Escola Zacaria pode ser considerada um local de referência para a comunidade que ela atende? Por que?

VIVIANE: Pode. Ela não só pode, como ela é. As pessoas que conhecem, que moram na região, todas falam muito, muito bem, justamente por isso, pelos projetos e pela relação entre

a comunidade e a escola. Essa relação horizontal acontece com os pais também. É o acesso que a comunidade tem à escola. Então, é sim um espaço muito respeitado pela comunidade.

LETÍCIA: Para você, qual é o diferencial da Escola Zacaria em relação às outras escolas?

VIVIANE: Nossa... o diferencial da nossa escola? A gestão. A gestão, eu acho que é o grande diferencial. É uma gestão democrática. É o que possibilita os nossos trabalhos, os projetos... essa relação. Digamos que eles (a equipe gestora) são os primeiros a dar esses passos e aí passa pelo grupo. Não tem como a gente fugir e qualquer pessoa que tenta trabalhar de uma outra diferente em relação a oprimir, na relação de poder, não tem espaço lá porque não é dessa forma que nós atuamos enquanto grupo.

LETÍCIA: Viviane, eram essas as perguntas. Agradeço muito sua grande contribuição com a minha pesquisa.

ANEXO I — Transcrição da 9ª entrevista: Solange Amorim

Cargo na PMSP: Supervisora escolar

Tempo de atuação na área da educação: 31 anos

Entrevista realizada em 02/10/2020

Recursos utilizados: videochamada pelo WhatsApp e gravador de aparelho celular devido a impossibilidade de um encontro em virtude da pandemia da Covid-19

Trajetória profissional: Ingressou na rede estadual de São Paulo em 1990 como profª de Língua Portuguesa PEB II e na PMSP em 1999 na mesma função. Foi diretora da EMEF Dr. Sócrates Brasileiro por 8 anos. É Supervisora de ensino na PMSP desde 2017, tendo atuado como supervisora na Escola Zacaria entre 2018 e 2019. Também foi professora da EJA por 9 anos. É participante ativa e formadora do PROVE.

Entrevista:

LETÍCIA: Solange, qual é a sua área de formação?

SOLANGE: A minha trajetória na educação foi toda na escola pública. Eu fiz Letras na Universidade de São Paulo. Depois eu fiz Pedagogia e tenho Pós-Graduação em Gestão Escolar. Antes de ser supervisora de ensino, que é o meu cargo atual, eu trabalhei na rede estadual durante muito tempo... quase 21 anos. Já no finalzinho da carreira que eu opto por ficar só na rede municipal. Então, inicialmente eu trabalhei no estado. Depois eu acumulei com a prefeitura de São Paulo e quando eu presto concurso para supervisão do Estado, eu fiquei um ano e um mês no cargo da supervisão do estado, eu acesso a direção da EMEF Dr. Sócrates Brasileiro. Não sei se você conhece... É uma escola aqui próxima, na região do Campo Limpo. A Zacaria está mais para o lado da MBoi Mirim, Jardim Ângela, Capão, Jardim São Luís e a EMEF Sócrates Brasileiro, não. É uma escola mais perto do Campo Limpo. Eu fui oito anos diretora dessa unidade. Para mim foi um marco, um grande ponto de inflexão na minha carreira como educadora. Não que eu não tivesse um trabalho como professora bastante interessante, tanto é que para acessar a direção... me tornar diretora também foi um grande impasse na minha vida... foi uma escolha difícil... dura. Mas o cargo de diretora me transformou muito. Tocou e me atravessou profundamente, mudando as minhas concepções de educação, de trabalho com a comunidade, de possibilidades mesmo na escola pública e no lugar. É uma possibilidade para que você realmente se aproxime daquela realidade, provoque gestão democrática e participativa. Faça uma leitura do lugar. Uma leitura do lugar profunda, reflexiva e busque avançar na perspectiva de qualidade de vida com esses parceiros e parceiras. Essa experiência da Sócrates fez com que eu mudasse profundamente, inclusive me encontrasse dentro da

educação, para além da função de professor, o que eu poderia fazer mais dentro da educação? Então eu vi que a direção me abriu mais possibilidades de diálogo, de escuta, de intervenção, de mobilização. Eu acho que o gestor pode cumprir um papel se ele se propõe a isso... a não ser um mero executor, implementador de operações burocráticas. E aí depois que eu vivi essa experiência eu decido ir para supervisão, e na supervisão esse meu olhar se amplia ainda mais porque eu tive a oportunidade de contatar, de conhecer projetos diferentes, projetos potentes que abrem o seu horizonte para outras perspectivas dentro da educação pública. Tem sempre uma ideia negativa de que a escola pública é um lugar violento, ruim, de baixa qualidade. Enfim, que a educação é precária, que os professores são malformados, não estão a fim de trabalhar... enfim, que não funciona. E eu venho de experiências que provam justamente o contrário. Tanto experiências diretas que eu impulsionei diretamente, na condição de professora, dentro da sala de aula, depois na condição de diretora em uma unidade e agora na condição de supervisora, podendo de verdade até desconstruir... avançar na desconstrução do papel que o supervisor tem na rede, historicamente, por conta da origem do próprio cargo que é esse papel fiscalizador, de inspetor e não de um parceiro reflexivo, que se compromete verdadeiramente com o projeto político pedagógico das unidades e não apenas validando, aprovando, orientando, mas contribuindo de alguma maneira, tanto no aspecto formativo, quanto no aspecto de ação e de reflexão e ação novamente.

LETÍCIA: Como comentei anteriormente, eu pesquiso a Educação em Direitos Humanos. Você pode me dizer o que é, para você, Educação em Direitos Humanos?

SOLANGE: Eu não consigo ver o processo educacional se não for em uma perspectiva “humanizatória”. Acho que nós nos humanizamos pela via da educação. Não aquela educação apenas formal, pensada ali na instituição escolar, mas num sentido amplo, que começa desde o ventre da nossa mãe. Então, esse processo “humanizatório” nos acompanha a vida toda, inclusive ele não termina quando você conclui as etapas de escolarização. Pelo contrário, e é um processo permanente. Então, eu entendo a Educação em Direitos Humanos onde a sua humanidade primeiro é reconhecida, respeitada e valorizada e você tem a possibilidade não só dentro da escola, no lugar onde você vive... é na sociedade de forma a desenvolver suas potencialidades humanas. Quando isso não acontece é porque, de verdade, o direito mais básico, mais fundamental está sendo negado, negligenciado. Não sei se respondi (risos)

LETÍCIA: Agora eu vou falar da Escola Zacaria. Na sua opinião a Escola Zacaria trabalha a Educação em Direitos Humanos? Se sim, como que a escola concretiza a EDH?

SOLANGE: Bom, eu fui supervisora da Escola Zacaria por um ano. Eu conhecia a Zacaria à distância como parceira do Wagner na condição de diretora. Ouvia falar do PROVE,

inclusive, mas vou conhecer a EMEF Zacaria de uma forma mais aprofundada (não digo para você que eu consegui mergulhar porque eu acho que isso demanda mais tempo, mas em um ano que eu tive a oportunidade de contato, de diálogo, de acompanhamento, de conhecer os projetos do PPP da unidade, é visível, é notório, o quanto aquela unidade escolar, a partir da sua proposta, articulando os educadores - aqui entendendo educadores num sentido bem amplo porque não é só o professor – eles têm um olhar também para os outros profissionais que estão na escola, tanto na cozinha, quanto da inspetoria, da secretaria. É um ambiente muito acolhedor. Você chega lá e se sente bem. É uma escola de portas abertas para a comunidade em geral. Você não tem nenhuma dificuldade de entrar na unidade, de acessar a escola. Enfim... eu tive essa oportunidade de aproximação durante esse ano e é visível que a escola tem uma preocupação com o desenvolvimento humano daquele local. A forma como eles respeitam e como eles acolhem aquelas crianças e aqueles jovens é muito comovente. Eu acho que é um diferencial que a gente tem que pontuar porque, no geral, as escolas costumam se pautar institucionalmente de uma forma muito fria e querendo mesmo manter um distanciamento. *Olha, daqui do portão para dentro a gente é escola, e do portão para fora são vocês.* Essa divisão eu não vejo. Eu não vejo na forma de organização da Zacaria. Há um respeito muito grande pela comunidade. Eles trabalham muito seriamente essa questão da participação, da escuta dessa comunidade, sobretudo dos estudantes. Eu vi muitos conflitos acontecerem dentro da escola, o que é comum. Na educação, a gente se relaciona com o outro e não tem como se relacionar com o outro sem produzir conflito. Os conflitos, inclusive, fazem parte do nosso amadurecimento, do nosso crescimento. Então, eu presenciei muitas cenas quando eu ia à unidade e a mediação desses conflitos... e o acesso que os estudantes têm à equipe gestora, porque, no geral, as escolas estão estruturadas de uma maneira que a gestão é distante e você tem que atravessar toda uma fronteira para poder estar acessando essa gestão. A gente vê uma horizontalidade das relações dentro da escola, que para mim já é um elemento “humanizatório” fundamental, que sem relações democráticas, você não tem processo “humanizatório” real e profundo. Então, quando os alunos acessavam a gestão, eles não tinham nenhuma dificuldade. Eles conversavam com o Wagner, lógico que respeitando as autoridades, mas havia ali uma relação de igualdade e de respeito, tanto do diretor para com o aluno, quanto do aluno para o diretor e o envolvimento dessa equipe com os problemas e dilemas dessas crianças e desses adolescentes. Eu acho que é fundamental... porque se você não se envolve, não tem um compromisso verdadeiro, do outro lado o estudante não te vê como um parceiro. Ele sempre vai estar te encarando como um adversário. Para mim, o que tem de mais bonito, para além dos projetos que são fantásticos, que só vão aprofundando aquilo que a unidade acredita. Mas a

base, a forma como você constrói e trata as relações humanas com cuidado, com respeito... com respeito à infância, com respeito à adolescência a partir do diálogo, da escuta, do se preocupar com o outro verdadeiramente. Acho que é isso que faz com que o projeto da EMEF Zacaria seja muito verdadeiro e seja muito “humanizatório” porque há esse acolhimento de verdade...esse abraço, essa escuta... um investimento da equipe em processos de formação e processos de participação mesmo e protagonismo dessas crianças e desses jovens. É olhar para realidade, que não é fácil. A gente está falando do Jardim São Luís onde as desigualdades são profundas. Os estudantes convivem com uma violência permanente, em todas as esferas e a escola não se coloca como mais esse espaço de violência e de reprodução da violência, muito pelo contrário. Se posiciona no sentido oposto, de desconstrução dessa linguagem de violência e ao fazer isso ela resgata, reitera a função social principal da escola que é olhar para essa humanidade que é latente em todos nós e que precisa de atenção e oportunidade. Então os projetos da escola vão nesse sentido de mostrar para aquela criança e para aquele adolescente que ele é importante, que a vida dele importa. Acho que isso é o processo mais bonito e acho que uma escola que se propõe, de verdade, a construir um projeto de educação, dentro do pensamento de Paulo Freire, emancipatória, libertária, ela passa obrigatoriamente por essa horizontalidade de relações, pelo respeito à vida. É você reconhecer as diferenças, as diversidades não tratar isso com desigualdade. É o professor não se colocar como um estrangeiro naquele lugar. A escola se comprometer através do seu projeto a fazer parte daquela comunidade. Escutar essa comunidade e também devolver para ela em qualidade social o seu trabalho. Há uma preocupação com as vidas que ali passam e não à toa eles gostam do lugar. Eles retornam para contar suas histórias. Então, eu acho que a gente só ganha, de verdade... por que que eu acho que a gente só ganha, de verdade? Porque apesar de todas as adversidades e das histórias tristes que a gente possa ter e que a gente ainda tem, quando você faz qualquer mudança dentro deste cenário, ela tem que ser supervalorizada. Então, eu tenho muita admiração pelo projeto político pedagógico dessa comunidade. Eles existem e resistem há tanto tempo, enfrentando muitas adversidades porque não é fácil. Território é poder e, enfim, a gente tem, dentro da estrutura, pouca liberdade e autonomia para pensar uma educação local com autoria, com protagonismo, com liberdade de estudo, de pesquisa. Quando você se dispõe a fazer esse enfrentamento, ele não é tranquilo. Ele é um esforço de luta, de resistência, porém as devolutivas disso... nossa, são incríveis e dão sentido para nossa existência como educador e justifica nossa escolha pela escola pública.

LETÍCIA: Você conhece o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola Zacaria? Caso sim, consegue enxergar nele elementos de uma EDH?

SOLANGE: Eu queria destacar que o PPP da Escola Zacaria é construído a muitas mãos. Eu acho que tem a gestão democrática como princípio posto em prática. Acho que isso é fundamental na construção... Tem um olhar para o local, para o território. Tem a parte da problematização com a realidade na perspectiva reflexiva de como você pode intervir nessa realidade para transformá-la e a transformação principal que eu vejo que o projeto político pedagógico constrói, primeiro incide diretamente na autoestima. Quem é esse jovem? Quem é essa criança que está ali naquele contexto periférico com todas as contradições que a gente tem. Então, dá a possibilidade para essa criança se esperar, de acreditar nela mesma, na potência dela, eu acho que é fundamental. Então, o Projeto Político Pedagógico tem esse compromisso de valorização, de trabalhar essa autoestima. Ele tem gestão democrática. Enfim, ele dialoga com o que tem no entorno, de potência. O Projeto Político Pedagógico é vivo, é dinâmico, é alegre. A gente se emociona quando lê o Projeto Político Pedagógico da Escola Zacaria porque a gente vê que não é só teoria. Tem teoria, tem formação, tem estudo e tem intencionalidade e que essas intencionalidades são decisivas para aquele sujeito histórico que está ali, periférico e que está em um processo formativo e que precisa de uma escola que o empodere. Eu acho que o Projeto Político Pedagógico cumpre esse papel e a gente fica muito emocionado...eu lembro que quando eu li... ele tem história. Não é um projetinho... é um calhamaço (risos). Eu li e produzi um texto porque, na condição de supervisora, acho que tem a dimensão técnica, obviamente, mas tem a dimensão da gente (educador) se encantar com os processos e o PPP dessa unidade. É um projeto encantador que te convida a acreditar na educação, a acreditar na escola pública. O comprometimento dos educadores, verdadeiramente com a educação de crianças e jovens periféricos. Fiquei muito emocionada com a história e com a potência desse PPP.

LETÍCIA: Ainda sobre o PPP, na questão dos direitos humanos, o que a escola teve ou tem maior dificuldade de colocar em prática? E quais os principais motivos que levam a essas dificuldades?

SOLANGE: A dificuldade, que é uma dificuldade básica e que a gente tem pouco suporte do ponto de vista da própria sociedade que normaliza a violência, não tem autocritica. Acha que a escola é uma ilha que está fora da realidade e que estas questões não vão desembocar nela, mas desembocam com uma carga muito pesada e a gente vê que há baixa oferta de formação para que a gente possa trabalhar melhor essas questões, que é o convívio mesmo. O maior desafio da escola, não importa se a gente tenha um projeto revolucionário, acho que a sua pesquisa toca profundamente nisso é a convivência humana. Como é que a gente vive, convive? Como é que a gente constrói convivência democrática? Como é que a gente convive

com as diferenças? Reconhece essas diferenças? Como é que a escola pública não silencia... ela não cala essas diferenças todas dentro dessa diversidade, tendo oportunidade mesmo de desenvolver suas potencialidades. Então para mim, o maior desafio mesmo é o convívio. Como é que a gente, com o outro, consegue dentro do espaço escolar, tendo objetivos também do ponto de vista educacionais, formais... a gente tem um compromisso com a formação dessa criança no aspecto formal. Como é que a gente consegue conviver no espaço escolar e esse espaço escolar ser um espaço formativo por excelência na perspectiva humana e “humanizatória”. Eu acho que esse é um grande desafio quando a gente está dentro de uma sociedade que é capitalista com múltiplas violências. Não é só porque a gente está lá no Jardim São Luís (é também porque a gente está no Jardim São Luís), mas a violência está inerente dentro desse sistema. Em alguns locais ela é mais explosiva que outros. Por exemplo, no Jardim São Luís a gente tem que lidar com a violência policial, com a violência socioeconômica, com o genocídio. Que não são questões pequenas. São grandes questões e toda a sociedade deveria se responsabilizar e muitas vezes fica só a cargo da unidade (escolar) se virar no seu cotidiano. Encontrar caminhos, possibilidades, respostas. Então, gerir isso eu acho que é o mais desafiador para todos nós. Não à toa, a gente vê que a Secretaria Municipal de Educação pensou em algumas alternativas quando a explosão de violência nas escolas atingiu patamares... (não sei se você lembra... acho que foi naquele momento em que teve aquele caso... um rapaz que entrou armado em uma escola e produziu uma carnificina). Mas para além desses exemplos extremos, o cotidiano da escola é um cotidiano permeado de violência porque é uma linguagem que atravessa a sociedade e da qual a escola não está imune. E como a gente prepara educadores e educadoras para lidar com essa situação? Qual é o suporte que a escola tem? Nesse período foi instituída uma comissão de mediação de conflito e os membros dessas comissões são os mesmos que têm que assumir várias outras coisas na unidade. Então ela já nasce sem as condições necessárias mesmo para fazer essa tarefa que ela tem que cumprir e a gente não tem um suporte formativo que precisaria para os educadores e educadoras porque são questões contemporâneas tão difíceis, tão complexas que se a gente não tiver uma formação, por exemplo, o Centro de Direitos Humanos trabalha uma ideia de justiça restaurativa. A gente precisaria ter várias formações para poder lidar com esses embates que a gente tem no cotidiano. Acho que o elemento mais difícil mesmo é isso... está ligado ao convívio, a ausência de formação para lidar com essas situações. Fica muito a cargo da escola buscar suas próprias saídas. Algumas escolas conseguem encontrar boas respostas, mas isso tem um preço... um custo que é violento também com o educador... com aquela equipe que está ali na unidade fazendo esse enfrentamento. Então, para mim, o mais difícil é a convivência humana, sobretudo

no momento histórico que estamos vivendo de muito recrudescimento. As pessoas estão violentas num grau muito mais amplo... matando por preconceito. A própria questão racial que é minimizada, ignorada como se ela não fosse um problema fundamental a ser enfrentado. As noções de gênero... A escola pública é uma escola de todos, todas e todes. Então a gente tem crianças e jovens que passam por processos brutais de violência dentro da escola porque a escola se fecha para esse debate. Se fecha até porque a sociedade desse momento deu um giro conservador tão grande, que essas questões que a gente já havia avançado em alguns aspectos, a gente percebe que elas retrocederam e é toda uma luta que precisa ser retomada, ser resgatada e tem um custo humano muito grande que, se a gente tivesse um projeto diferente a gente estava passos à frente. Então, colocar a nossa humanidade na centralidade é fundamental, mas sem considerar que os profissionais da educação também são seres humanos. Muitas vezes a gente é desumanizado.... fortemente, não considerando os nossos limites, não considerando inclusive que nós somos sujeitos que precisamos nos formar permanentemente... que precisamos ter condições dignas de trabalho. E aí a gente teria a possibilidade de tratar essas questões muito melhor e avançar sobre essas questões e não temos, porque o sistema está organizado justamente para produzir mais desumanização, para perpetuar isso. É um pouco o que eu acho. Não sei se dei conta da sua pergunta.

LETÍCIA: Pode-se afirmar que a escola Zacaria tem como uma de suas diretrizes a formação cidadã dos seus educandos, preparando-os para uma vida em sociedade e para o respeito à diversidade?

SOLANGE: Eu acredito que o projeto político pedagógico da escola é cidadão. Não tenho dúvida disso, por conta da leitura que faz da realidade, por conta do compromisso que tem com a criança e o adolescente daquele território, de entender quem é esse estudante, qual é a sua condição social, econômica... na perspectiva de direitos... qual é a sua condição étnico-racial, de onde eles vêm, quais são as suas expectativas a partir do momento que há uma escuta permanente dessa criança e desse jovem e a intencionalidade disso é para que ele seja um sujeito histórico ativo... pensando não só no seu desenvolvimento pessoal, mas também pensando no desenvolvimento coletivo e, fundamentalmente, mobilizando esse estudante para essa tarefa que está posta para todos nós. Então, há uma diferença muito grande entre você pensar a educação como um negócio, como uma mercadoria em que você se relaciona com clientes e você pensar uma educação em que você não pensa sozinho... em que você não é, na condição de educador e educadora, aquele que vai dar a palavra final ou que tem condições técnicas de estar definindo qual é o rumo que a gente vai tomar. A gente tem as condições técnicas, mas não são só condições técnicas que fazem com que a educação aconteça. A educação exige mais

atores nesse processo. Então, eu vejo que o projeto da Escola Zacaria é cidadão, no sentido de que ela devolve essa condição para sua comunidade escolar, até porque essa condição não é dada de graça. Ela é conquistada. É um processo. Se a gente for olhar para nossa realidade global, nacional, na cidade de São Paulo, nós não somos cidadãos. Ser cidadão, ter os seus direitos garantidos efetivamente. Seu direito à cidade. Você poder usufruir dos bens culturais, poder trabalhar, ter um salário digno, sobreviver... enfim ... A gente vê que isso tudo está muito longe de ser a nossa realidade, mas a partir do momento em que você problematiza isso dentro da escola e deixa claro que isso não é ser dado de graça e que isso é um processo de conquista política, e eu não estou falando de política partidária, eu estou falando de conquista política enquanto sociedade, enquanto sujeitos que somos nós que temos força de, coletivamente, intervir na realidade para transformá-la. Então, quando a escola, com seu projeto, empodera a criança e o jovem nessa perspectiva, ela está sendo cidadã porque ela está dando condições para esse jovem refletir sobre o seu estar no mundo e querer avançar e entender que é um processo coletivo... que ele não pode pensar só no seu bem estar pessoal pois isso depende do bem estar das outras pessoas também... do lugar onde ele se encontra e eu acho que a EMEF Zacaria incide sobre isso porque ela problematiza essa realidade, esse estar no mundo naquele território. Então, para mim, o PPP da unidade é verdadeiramente cidadão porque ele nos leva a refletir sobre a cidadania que nos é negada e as possibilidades para que a gente possa problematizar essa situação e transformar.

LETÍCIA: Você conhece, leu ou ouviu falar dos documentos que eu vou falar agora para você? Se leu, poderia contar qual é o que mais se aproxima com o que acontece lá no Zacaria: documentos nacionais: PNEDH (2006); PNDH (2010); Diretrizes Nacionais da Educação em Direitos humanos (2012); Plano Estadual de Educação em Direitos Humanos do estado de São Paulo; Plano Municipal de Educação em Direitos Humanos na cidade de São Paulo.

SOLANGE: Eu ouvi falar. Esses documentos são referências teóricas para outros documentos dentro da cidade de São Paulo, só que o que eu vejo é que o acesso, de verdade, a esses documentos, às nossas formações... a leitura pela comunidade... o aprofundamento mesmo dessas discussões... eu acho que existe uma retórica... se usa muito retoricamente a palavra direitos, inclusive e praticando o não direito... é um pouco isso que eu acho. Se explora muito isso. Hoje, qualquer coisa que a gente vai ler de normativa, de currículo, a centralidade é no direito. O direito da criança, do adolescente, de aprendizagem... sobretudo de aprendizagem do que direitos humanos. E o que a gente vê? São documentos que as pessoas não processam... pouco problematizam... não há um aprofundamento e ele é usado mais

retoricamente do que como política pública, entendeu? Efetivamente... e com respeito mesmo aquilo que eles trazem como princípios, como fundamentos, quando a gente vai olhar para a prática, para a realidade, esses direitos se perdem... eles se esvaziam em termos de política... eles viram letras bonitas que estão aí permeando vários projetos político pedagógicos, vários documentos oficiais... não estou falando só de documentos de escola... estou falando de documentos oficiais mesmo de secretarias, mas que na realidade mesmo, isso não se traduz, isso não se traduz em política pública efetiva com a garantia de direitos. O que a gente tem é “não direito” mesmo. E da perspectiva dos direitos humanos ainda a gente tem o fato de que há um desgaste político por conta dessa onda conservadora. Quando você fala que você é defensor dos direitos humanos você é visto de uma forma negativa, como se defender direito humano fosse coisa de comunista, de gente “da esquerda”. Quando na verdade, isso é princípio básico da nossa Constituição Federal e não só... em nível mundial as pessoas reivindicam, pelo menos retoricamente, tudo isso. Só que a gente vive mergulhado num sistema e na perpetuação desse sistema que nega. Na verdade, você tem isso do ponto de vista retórico, mas do ponto de vista concreto esse direito só se materializa se houver luta... se houver luta mesmo. Eu acho que as escolas, mesmo as diretorias de ensino, a gente da supervisão da rede de uma forma geral, têm pouco espaço para, de verdade, acessar esses documentos. Eu acho que a gente deveria reivindicá-los... acho que os projetos mais progressistas reivindicam, fazem isso... mas de conjunto a gente vive muito mais o automático da implementação, do cumprir-se e tem pouco acesso para práticas de leitura, de estudo e pesquisa, de reflexão... As nossas bibliotecas escolares, pedagógicas, as bibliografias dos PPP's não trazem essas referências. Eu como supervisora posso te dizer, no geral, a gente fica muito mais restrita aos documentos oficiais do documento, não nos documentos que os embasaram... beber na fonte é sempre muito mais difícil porque, embora a gente esteja na era da informática, a gente tem muitos desses documentos digitalizados, mas não está no cotidiano, o que eu quero dizer é que não está no cotidiano... nos encontros, nas reuniões de JEIF, de formação. Você como pesquisadora aí que está entrando nisso, olhando para o PPP, para as referências bibliográficas que estão no PPP, você vai ver se eles não são uma centralidade e deveriam ser uma centralidade, na minha opinião. Deveriam estar na pauta formativa das JEIF's, não só das JEIF's, mas das diretorias de ensino e é tudo passado assim que forma muito ligeira. A gente fica muito centrado ao que está acontecendo no momento e o que está acontecendo no momento às vezes não remonta esses processos, inclusive, tem luta. Nenhum direito humano se constituiu como um direito, no âmbito das leis, à toa. Tem sempre uma história de muita luta por trás e isso é apagado. Então, a partir do momento em que você apaga essa memória, a valorização dela também fica comprometida e

em uma sociedade como a nossa de consumo, as pessoas banalizam o que é direito. Então, toda uma problematização do que é direito é necessária. Senão, quando você tem processos políticos de retirada de direitos, as pessoas não sabem nem porque reivindicar, porque não aprenderam a importância daquilo.

LETÍCIA: Na sua opinião, quais são os projetos da escola que melhor refletem a concepção de Educação em Direitos Humanos que a escola tem?

SOLANGE: Para mim o projeto mais importante é o PROVE no sentido de que os educadores têm uma autonomia aí em pensar sua formação de maneira a contribuir para a qualidade dessa educação que está sendo ofertada dentro da unidade e não pensando a unidade sozinha, isolada do território, pensando a unidade dentro de uma rede, uma parceria com outras escolas. É muito difícil uma escola dialogar com outra escola e você inclusive cavar possibilidades dentro da estrutura que a gente tem de processos formativos autônomos que partem das nossas necessidades formativas. Então o professor é valorizado e reconhecido como um autor importante nesse processo, não como um mero reprodutor e executor de tarefas. Então, para mim, o projeto mais importante é o PROVE e ele na verdade incide sobre todos os outros porque o PROVE é um convite inclusive para você manter vivo dentro do projeto político pedagógico os outros projetos que vão dando identidade à escola porque você se sente mobilizado a pesquisar, a estudar, a problematizar questões que muitas vezes não são de interesse de instâncias maiores problematizar e a realidade local, no chão da escola provoca essa necessidade. O PROVE te oportuniza isso e como isso é devolvido para o próprio PPP com mais conhecimento, como fonte de inspiração para mais experiências, para novas experiências... para novas práticas e o PROVE é isso... eu acho que é a experiência mais significativa.

LETÍCIA: Falando do PROVE agora, você já participou de algum dos cursos que ele oferece?

SOLANGE: Sim, desde o ano que eu me tornei supervisora da Escola Zacaria em 2018, eu tive a oportunidade de participar de reuniões de organização do PROVE. Antes eu já conhecia o PROVE pelas revistas. As revistas com aquela socialização de experiências e práticas que rola no curso ao longo do ano nas escolas envolvidas são muito ricas essas experiências relatadas na revista. Então eu tive acesso, conheci o PROVE através das revistas e tive a oportunidade de conhecer o PROVE como supervisora da EMEF Zacaria. Eu cheguei a participar de cursos que discutiam alfabetização. Eu vi professores e professoras de diferentes unidades muito engajados estudando, pesquisando, problematizando as suas realidades, querendo avançar na alfabetização e no letramento das suas crianças verdadeiramente e eu não

sou alfabetizadora. Eu fui fazer justamente para sair da minha zona de conforto. São cursos com muita qualidade, feitos através de educadores da própria rede de forma colaborativa e por outros educadores que vêm de outros lugares, vêm da academia, mas não são da academia. A gente tem agentes de saberes de outras áreas e tudo depende da pauta formativa que é decidida coletivamente e é sempre uma possibilidade de encontro, de troca, de partilha. Então, eu participei de reuniões, participei de cursos e também fui convidada para ser formadora do PROVE por conta do projeto que a gente tem na DRE Campo Limpo que se chama “Territorialidades”. É um projeto de territorialização do currículo da cidade e aí já estou no segundo ano participando como formadora e levando a discussão do território para dentro do PROVE e é muito bacana. Acho que a gente aprende mais do que ensina e ninguém vai lá com essa perspectiva de ensinar porque a gente está em uma horizontalidade de relações. São todos educadores e educadoras. Todo mundo tem bagagem, tem muito a contribuir e é uma possibilidade de, na verdade, crescer coletivamente. Se empoderar enquanto coletivo e é uma formação muito prazerosa porque ela é autônoma, é democrática, é horizontal e a gente não tem os obstáculos... pelo menos a gente buscar romper com esses obstáculos burocráticos. Há muita liberdade para produção desse processo. Então eu fico muito feliz de poder estar no PROVE, de ter conhecido o PROVE e poder contribuir de alguma forma.

LETÍCIA: No seu entender, a Escola Zacaria pode ser considerada um local de referência para a comunidade que ela atende? Por que?

SOLANGE: Com certeza ela é uma referência. Ela é uma referência histórica já. Você chega lá no território e todo mundo sabe onde é a Zacaria. Você está o tempo todo esbarrando com ex-alunos da Zacaria que sempre têm experiências incríveis e relatos incríveis para contar. Eles têm uma fala muito afetiva sobre a escola.

LETÍCIA: Para você, qual é o diferencial da Escola Zacaria em relação às outras escolas?

SOLANGE: O diferencial para mim é a escola reconhecer o seu papel social mesmo. Acho que a escola tem um amadurecimento nesse sentido, sabe qual é o seu compromisso cidadão naquele território, naquele lugar. Ela veste a camisa da defesa da educação pública com qualidade social, georreferenciada, ecológica. Ela veste essa camisa da escola como uma instituição “humanizatória”, libertária, democrática. Então, o diferencial para mim é isso. É você vestir essa camisa e se posicionar nessa defesa e somar forças. Não é um processo que foi construído da noite para o dia, que não tenha resistência e que não tenha contradições. Tem tudo isso, mas é um dia após o outro de crença e de mobilizar esforços nessa perspectiva... se formando, se desafiando a realizar experiências pedagógicas mais significativas. Então acho

que a EMEF Zacaria se permitiu isso e aí os educadores e educadoras que foram chegando já foram chegando conhecendo um pouco dessa história e se identificando com ela e se não se identificam, geralmente as pessoas saem... quando não se identifica, mas na maioria do grupo a gente vê uma identidade com essa proposta. É um esforço mesmo individual e coletivo de querer manter ela viva avançando, pesquisando, trabalhando as diferenças e contradições, pensando na criança e no jovem daquele lugar e oferecer para ele melhores condições mesmo de educação para que ele possa enfrentar essa realidade com menos desvantagens porque as desvantagens são brutais, inclusive elas podem significar nosso direito à vida ou não. É muito pesada a nossa realidade e quando a escola se propõe a fazer esse enfrentamento é um processo difícil, mas também é um processo encantador, envolvente, comovente, mobilizador, inspirador e é isso que ela representa para todos nós.

LETÍCIA: Solange, eram essas as perguntas. Agradeço muito sua grande contribuição com a minha pesquisa.

ANEXO J — Projeto Político-Pedagógico: Ciclos de aprendizagem propostos pela legislação vigente

As páginas a seguir trarão a transcrição literal do PPP sobre a forma como a escola trabalha os ciclos de aprendizagem¹¹⁶ para que mais adiante possamos discuti-la à luz da nossa investigação:

1 – CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: compreendendo do 1º ao 3º anos iniciais do Ensino Fundamental será ministrado pelo Professor de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, respeitada a sua jornada de trabalho, acrescido de aulas de Arte, Educação Física e Língua Inglesa que serão ministradas pelo Professor especialista de cada área, bem como aulas de Enriquecimento Curricular de Laboratório de Informática Educativa e de Sala de Leitura, ministradas pelo Professor designado para cada função.

As aulas de Língua Inglesa (docência compartilhada), Educação Física, Física, Arte, de Laboratório de Informática Educativa e de Sala de Leitura assumirão caráter integrador das diferentes áreas de conhecimento.

2 – CICLO INTERDISCIPLINAR: compreendendo do 4º ao 6º anos do Ensino Fundamental, serão ministradas pelo Professor de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, respeitada a sua jornada de trabalho, acrescido de aulas de Arte, Educação Física e Língua Inglesa que serão ministradas pelo Professor especialista de cada área, bem como, aulas de Enriquecimento Curricular de Laboratório de Informática Educativa e de Sala de Leitura, ministradas pelo Professor designado para cada função.

Nos 4ºs e 5ºs anos do Ensino Fundamental serão programadas, respectivamente, um e dois tempos equivalentes aos de horas-aula destinados a orientação de “Projetos”, ministradas dentro da carga horária regular dos educandos e em docência compartilhada com o Professor de Educação Infantil I.

As aulas de Língua Inglesa (docência compartilhada), Educação Física, Arte, de Laboratório de Informática Educativa e de Sala de Leitura assumirão caráter integrador das diferentes áreas de conhecimento.

Nos 6ºs anos do Ensino Fundamental serão ministrados pelo Professor de Ensino Fundamental II e Médio em docência compartilhada com o Professor de Educação Infantil e

¹¹⁶ Nesta pesquisa, não tivemos a oportunidade de ver como funciona essa organização curricular na prática de sala de aula.

Ensino Fundamental I. A docência compartilhada dar-se-á, preferencialmente, nas aulas de Língua Portuguesa e de Matemática.

3 – CICLO AUTORAL: compreendendo do 7º ao 9º anos do Ensino Fundamental, as aulas serão ministradas pelo Professor de Ensino Fundamental II e Médio, acrescidas das aulas de Enriquecimento Curricular de Laboratório de Informática Educativa e de Sala de Leitura.

Os educandos elaborarão, com o acompanhamento sistemático dos docentes do Ciclo, o Trabalho Colaborativo de Autoria – TCA, a ser concluído no 9º ano do Ensino Fundamental, com o objeto precípua de participação cidadã e intervenção social. Na elaboração do TCA os educandos farão uso de metodologias de pesquisa, a partir de temáticas que subsidiem a construção de conhecimento e o desenvolvimento de habilidades que possibilitem a compreensão da cidadania como participação social e política.

Os componentes curriculares: Inglês, Artes, Educação Física, Leitura e Informática Educativa, permanecem com seu caráter integrador, o que não significa perder suas especificidades, mas ter seu planejamento voltado para projetos interdisciplinares. Nesse sentido, a leitura, a escrita, a resolução de problemas e a dimensão lúdica surgem como estratégias comuns a todas as disciplinas, sendo, portanto, objetos comuns de ensino.

4 – ENSINO FUNDAMENTAL – Modalidade: Educação de Jovens e Adultos – EJA: o currículo organizar-se-á em Etapas na periodicidade semestral, conforme segue: I – Etapa de Alfabetização – dois semestres – objetiva a alfabetização e o letramento como forma de expressão, interpretação e participação social, no exercício da cidadania plena, ampliando a leitura de mundo do jovem e do adulto favorecendo sua formação integral, por meio da aquisição de conhecimentos, valores e habilidades para leitura, escrita e oralidade, as múltiplas linguagens, que se articulem entre si e com todos os componentes curriculares, bem como, a solução de problemas matemáticos. II- Etapa Básica – dois semestres – as aprendizagens relacionadas à Língua Portuguesa, à Música, a Expressão Corporal e demais linguagens assim como o aprendizado da Matemática, das Ciências, da História e da Geografia devem ser desenvolvidos de forma articulada, tendo em vista a complexidade e a necessária continuidade do processo de alfabetização.

Nas Etapas de Alfabetização e Básica: as aulas serão ministradas pelo professor de Educação Infantil e Ensino Fundamental I;

Para cumprimento da carga horária, considera-se trabalho escolar efetivo, não apenas o que é realizado dentro dos limites da sala de aulas, mas toda e qualquer atividade prevista no projeto pedagógico, de participação obrigatória para o aluno e orientada por educadores, não incluindo as aulas de ensino religioso e as de educação física para os alunos com dispensa,

conforme legislação em vigor. As aulas de Laboratório de Informática Educativa e de Sala de Leitura programadas para as diferentes etapas da EJA serão ministradas em docência compartilhada com o profissional de educação designado para a função; As aulas de Língua Inglesa serão ministradas, a partir da Etapa Complementar, pelo professor especialista da área.

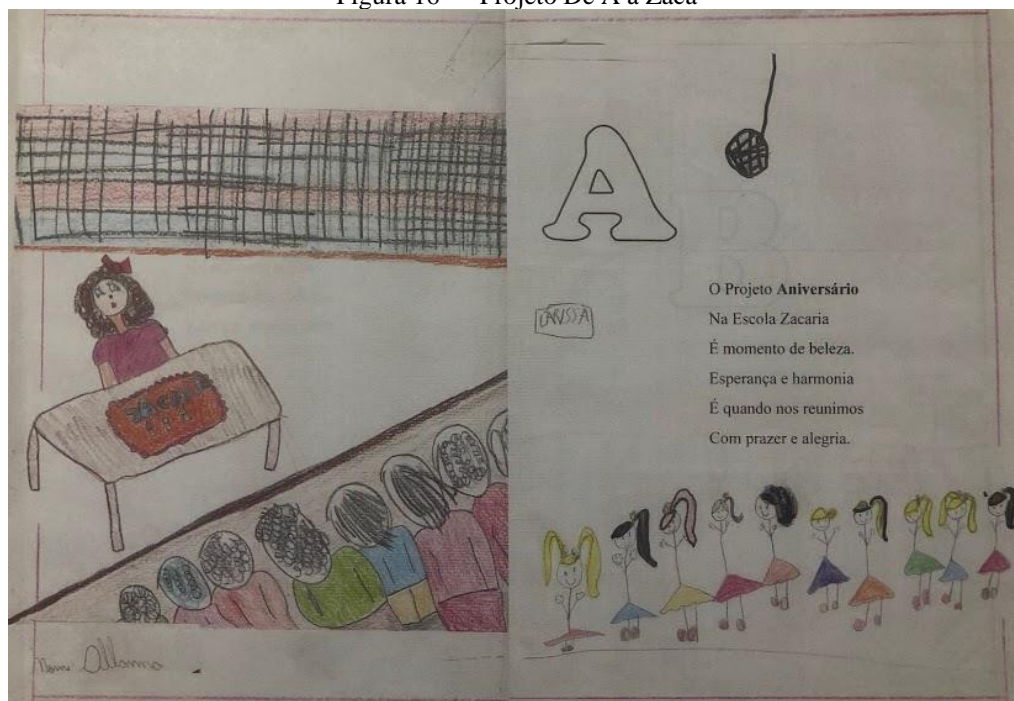
ANEXO H — Fotos

Figura 15 — Foto aérea da EMEF Zacaria



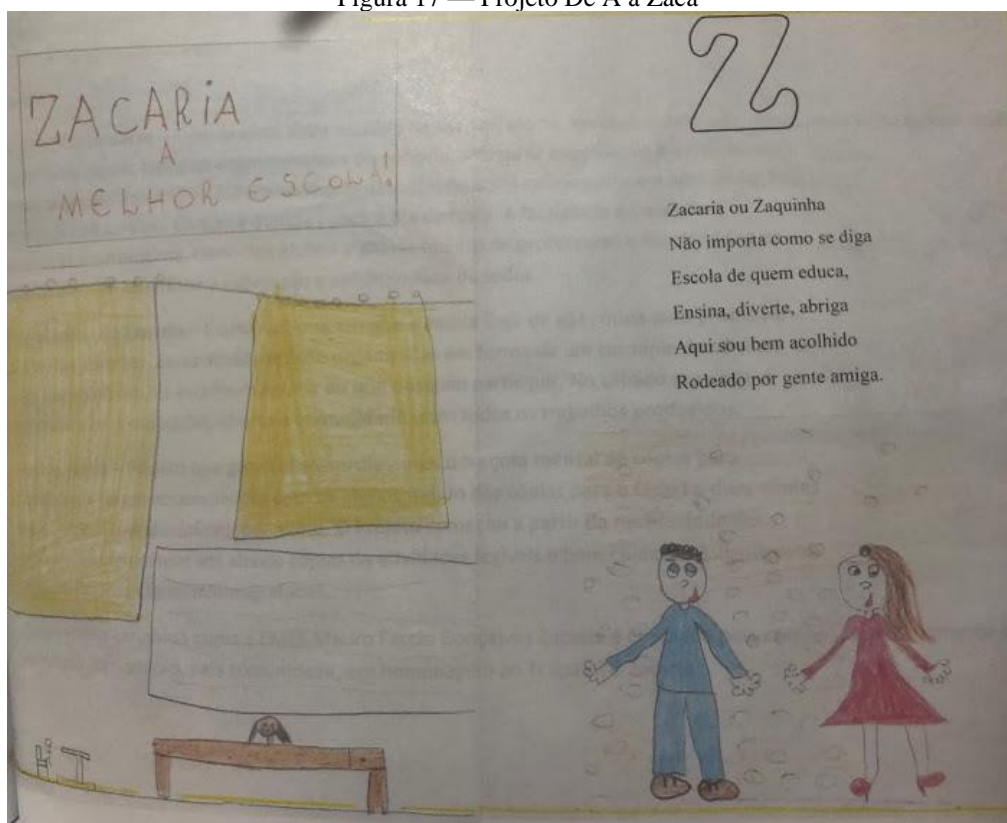
Fonte: Tiago Barros – Nov/2017

Figura 16 — Projeto De A à Zaca



Fonte: Acervo pertencente à profª Maria do Socorro Lacerda de Lacerda

Figura 17 — Projeto De A à Zaca



Fonte: Acervo pertencente à prof^ª Maria do Socorro Lacerda de Lacerda

Figura 18 — Carta aberta aos que gostam de gente e de ser gente



Carta-aberta aos que gostam de gente e de ser gente¹

ESTA Carta-Aberta, foi escrita depois de termos vivido um momento de muita indignação e de discriminação, quando NÓS alunos da “Escola Municipal de Ensino Fundamental — Zacaria”, fizemos uma visita de estudos à exposição “Amazônia BR”, no SESC Pompéia (Fábrica), que resolvemos contar através desta.

Durante o nosso estudo na exposição e no momento em que visitávamos a parte das Sementes, um grupo de três visitantes (duas mulheres e um homem) não ligados às Escolas ali presentes, nos acusavam de ladrões, dizendo que havíamos roubado algumas sementes que estavam ali expostas.

Enquanto o monitor explicava, essas três pessoas se aproximaram mais da gente. Após a saída do monitor para atender outros visitantes, essas três pessoas que estavam se aproximando, uma delas, que era uma senhora e que se dizia advogada, começou a nos agredir com palavras muito fortes, ou seja, ela nos acusava de ladrões, de marginais, de vagabundos, de pessoas que não tem futuro, de pessoas com futuro condenado. Nossa professora ao ouvir essas palavras voltou e perguntou para aquela mulher, porque ela estava nos agredindo daquela forma. Foi a conta. Aí que ela se sentiu no direito de nos agredir ainda mais, xingando mais forte, gritava, esbravejava, fazia parecer que aquela expo-

sição não era para gente como nós, porque somos pobres, ou porque vivemos na periferia, porque muitos de nós somos negros ou de descendência negra.

Foi aí que um de nossos amigos, muito indignado que estava, questionou aquela mulher, dizendo: — A senhora me conhece, para me dizer que eu sou ladrão? — A senhora sabe o que eu sinto? — A senhora vive comigo, por acaso? — A senhora sabe o que está dentro da minha cabeça e do meu coração?

Ficamos muito alegres com a fala do nosso colega, pois ele defendeu a gente. Nós temos muito orgulho da nossa cor e da nossa raça. Esta senhora que se dizia advogada, não sabe, não conhece o que é justiça e injustiça. O que ela deseja é uma sociedade separada. Os pobres sempre a serviço dos ricos e sem o direito às condições mais dignas de vida.

Lembramos, que o Pelé, por exemplo é negro e nós temos muita certeza que na infância e adolescência dele, ele foi muito discriminado. Hoje, no entanto, ele é um rei — o Rei do futebol e o mundo inteiro o respeita.

Um dia, um de nós que estamos escrevendo esta carta será um JUIZ e assim poderemos mostrar através da justiça, que o povo da periferia não nasce para ser vagabundo, porque se houvesse justiça como nós jovens pensamos e sentimos, o mundo não teria tanta fome, tanta miséria, tanta criança morrendo nos hospitais, tanta poluição e tanta violência.

A violência na periferia não está nas pessoas. Está no sistema que coloca tanta desigualdade, assim como aquela mulher que queria nos ver longe da exposição.

Queremos lembrar que a exposição “Amazônia BR”, mostrava um lado do nosso Brasil em que os povos indígenas, caboclos e ribeirinhos também são povos excluídos e marginalizados como nós, porém também dignos como nós.

Se não fosse a bondade de algumas pessoas que tiveram mais oportunidade de conhecimento, como aquele médico que está junto desses povos na Amazônia e que idealizou e organizou aquela exposição, talvez não tivéssemos mais uma árvore, um índio, um pássaro se quer para lembrar como foi de fato o nosso país.

Esperamos que com esta CARTA-ABERTA, possamos deixar bem claro que o povo da periferia, tem orgulho de ser gente. Tem orgulho da sua cor, da sua origem, e que muito menos, o povo da Periferia NÃO NASCE, NÃO NASCEU E NUNCA NASCERÁ PARA SER VAGABUNDO.

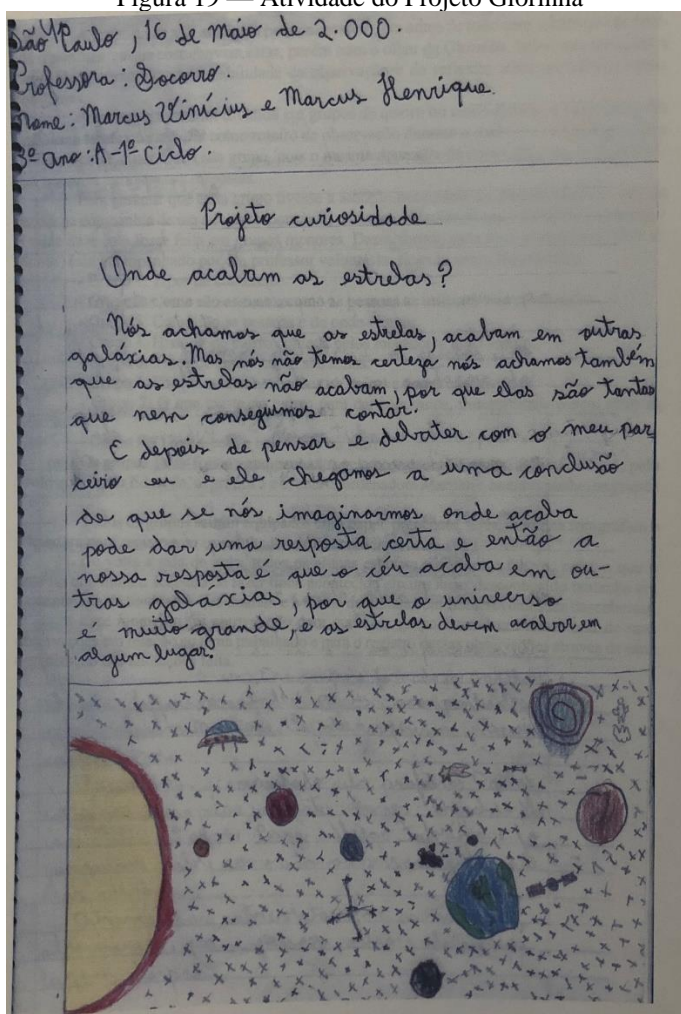
1. Alunos e Alunas do 1º e 2º ano do CICLO II da Escola Municipal de Ensino Fundamental. ZACARIA, Professores e Equipe Técnica.

Revista Prove • nº 1 • Novembro • 2002

43

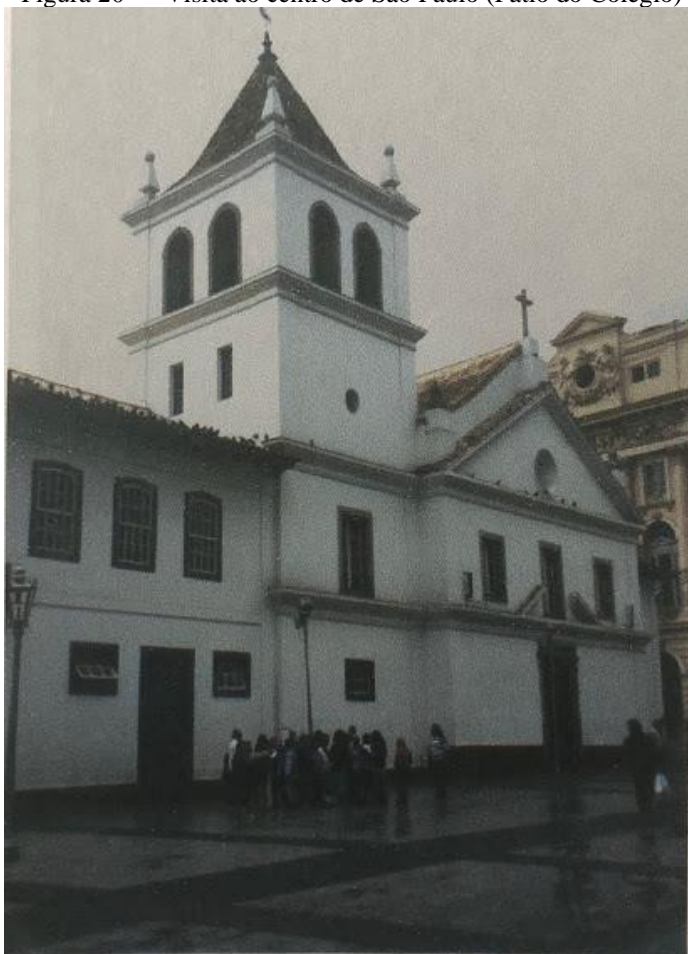
Fonte: Revista PROVE nº 1 Nov/ 2002 p. 43

Figura 19 — Atividade do Projeto Glorinha



Fonte: Acervo pertencente à profª Maria do Socorro Lacerda de Lacerda

Figura 20 — Visita ao centro de São Paulo (Pátio do Colégio)



Fonte: Acervo pertencente à profª Maria do Socorro Lacerda de Lacerda

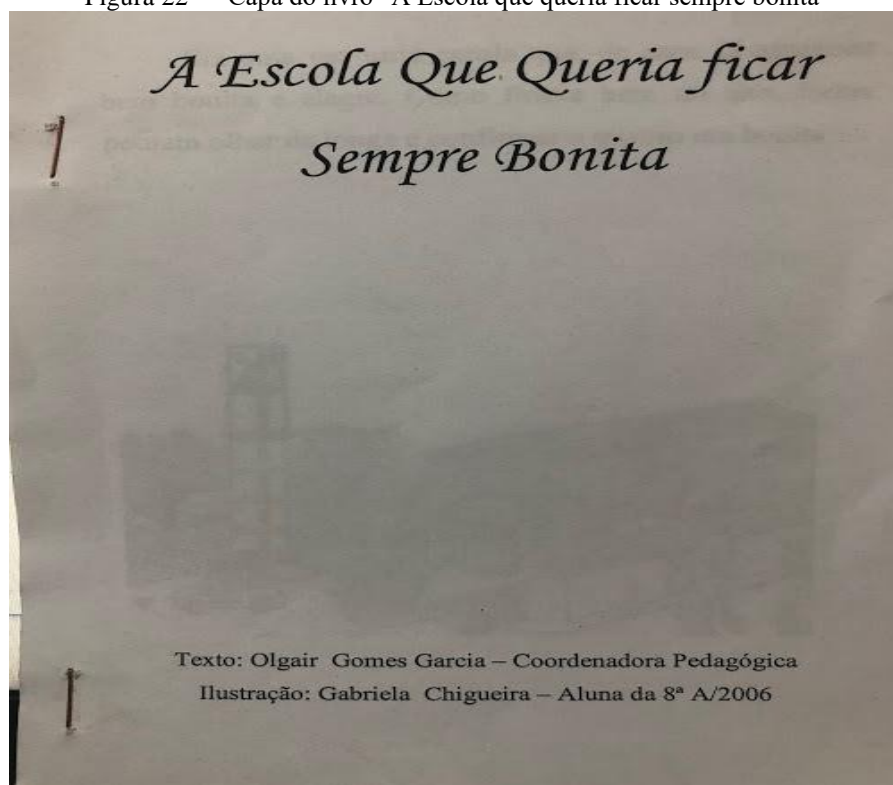
Figura 21 — Visita ao centro de São Paulo (Marco zero)



Alunos do Zacaria, conhecendo e explorando o Marco Zero.

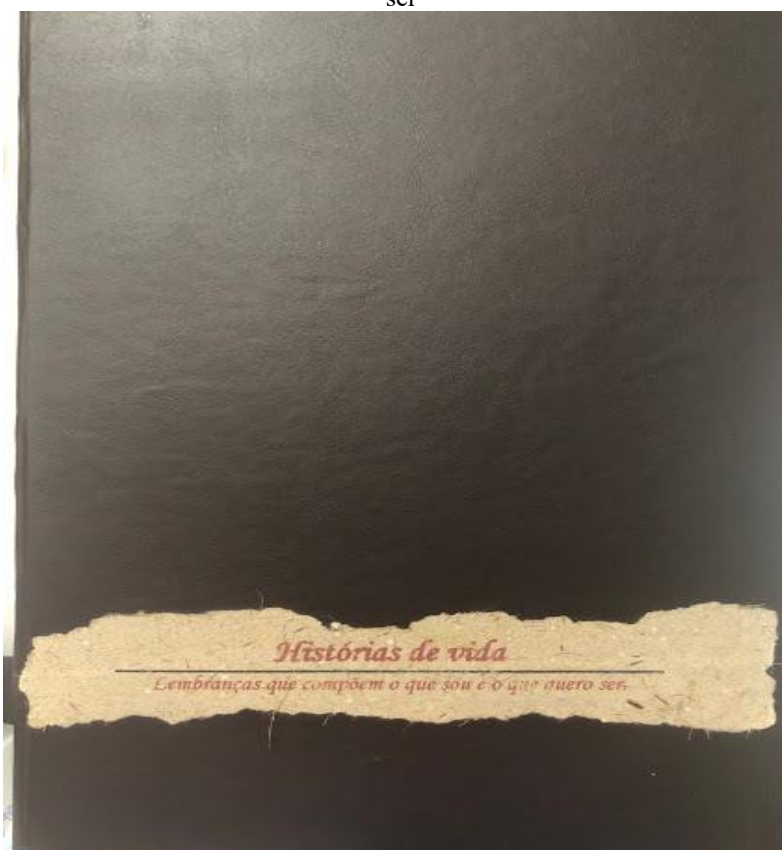
Fonte: Acervo pertencente à profª Maria do Socorro Lacerda de Lacerda

Figura 22 — Capa do livro “A Escola que queria ficar sempre bonita”



Fonte: Acervo pertencente à Olgair Gomes Garcia

Figura 23 — Capa do projeto da profª Socorro com estudantes da EJA. “Histórias de vida: Lembranças que compõem o que sou e o que quero ser”



Fonte: Acervo pertencente à prof^a Maria do Socorro Lacerda de Lacerda
Figura 24 — Convite para o X Colóquio de alunos e ex-alunos da Escola Zacaria de 2014



Fonte: Perfil da EMEF Zacaria no Facebook

Figura 25 — Festa Junina da Escola Zacaria - 2019



Fonte: Perfil da EMEF Zacaria no Facebook

Figura 26 — Concurso de Poesia da Escola Zacaria - 2019



Fonte: acervo particular

Figura 27 — Sala de leitura da Escola Zacaria



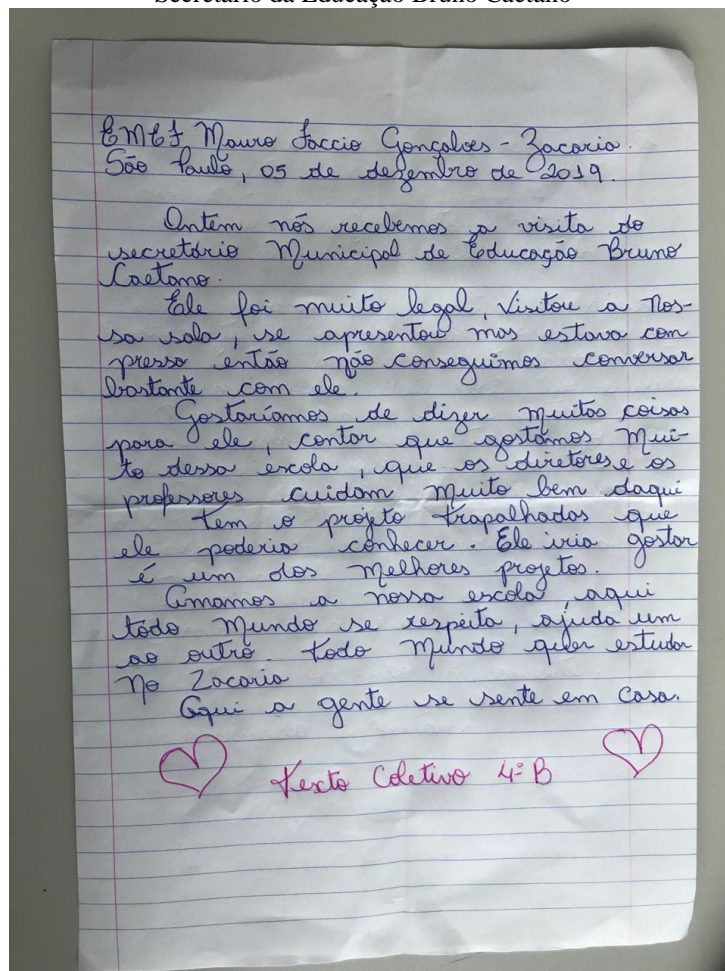
Fonte: acervo particular

Figura 28 — Estudante da Imprensa Jovem entrevistando o vereador Celso Gianazzi



Fonte: Perfil da EMEF Zacaria no Facebook

Figura 29 — Carta coletiva de estudantes da Escola Zacaria ao Secretário da Educação Bruno Caetano



Fonte: Perfil da EMEF Zacaria no Facebook

Figura 30 — Quadra da Escola Zacaria – crianças jogando futebol



Fonte: Perfil da EMEF Zacaria no Facebook

Figura 31 — Estudantes no laboratório de informática



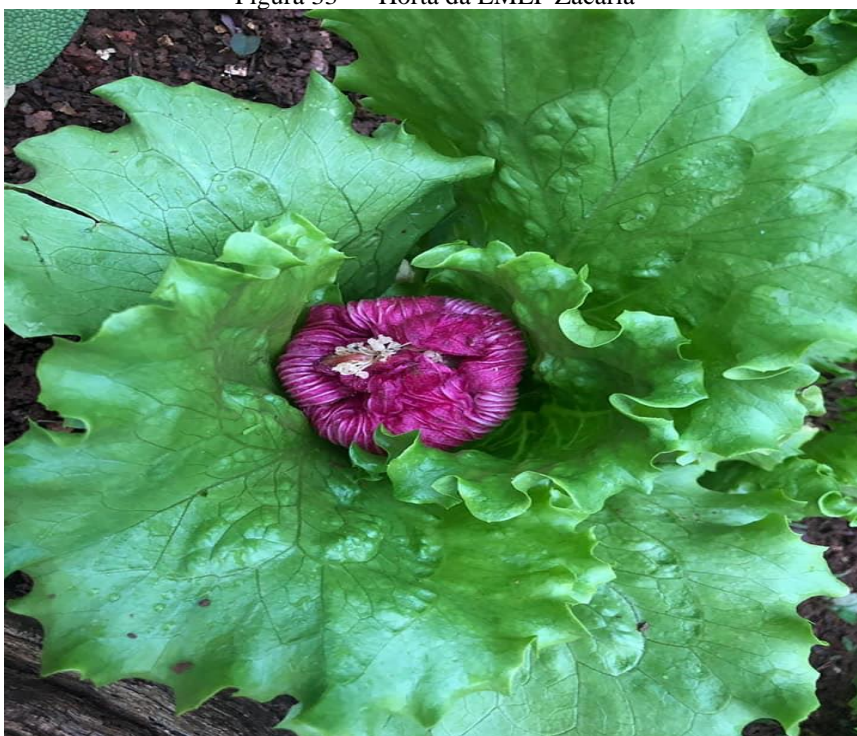
Fonte: Perfil da EMEF Zacaria no Facebook

Figura 32 — Integrantes da Imprensa Jovem no laboratório de informática



Fonte: Perfil da EMEF Zacaria no Facebook

Figura 33 — Horta da EMEF Zacaria



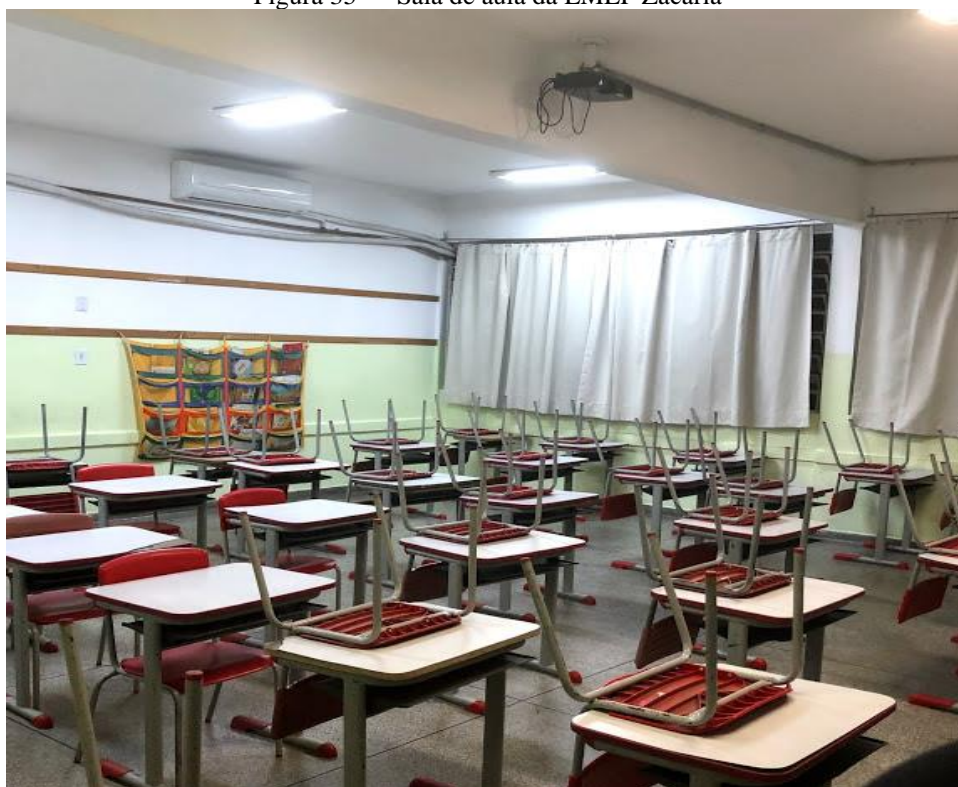
Fonte: Perfil da EMEF Zacaria no Facebook

Figura 34 — Trabalho de releitura da obra Abaporu de Tarsila do Amaral – 2019



Fonte: Perfil da EMEF Zacaria no Facebook

Figura 35 — Sala de aula da EMEF Zacaria



Fonte: acervo particular

Figura 36 — Estudante na oficina de DJ durante as Trapalhadas do Zacaria – 2019



Fonte: Perfil da EMEF Zacaria no Facebook

Figura 37 — Trabalho realizado durante as Trapalhadas do Zacaria – 2019



Fonte: Perfil da EMEF Zacaria no Facebook

Figura 38 — Trabalho realizado durante as Trapalhadas do Zacaria – 2019



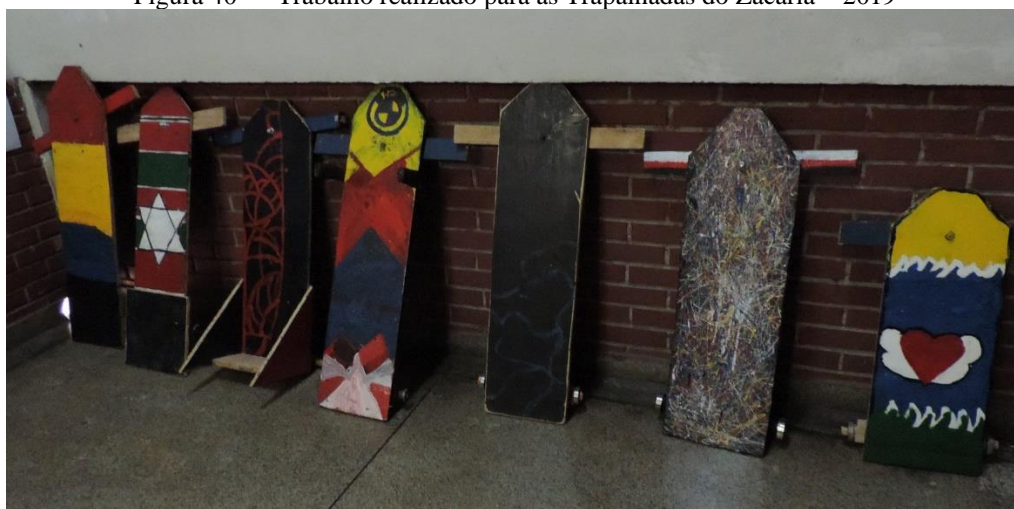
Fonte: Perfil da EMEF Zacaria no Facebook

Figura 39 — Trabalho realizado pelo profº Alessandro Rubens de Matos para as Trapalhadas do Zacaria – 2019



Fonte: Perfil da EMEF Zacaria no Facebook

Figura 40 — Trabalho realizado para as Trapalhadas do Zacaria – 2019



Fonte: Perfil da EMEF Zacaria no Facebook

Figura 41 — Visita à Aldeia Krukutu – 2019



Fonte: Perfil da EMEF Zacaria no Facebook

Figura 42 — Cartaz de Boas Vindas do Seminário PROVE Interescolas da Educação Pública – 2019



Fonte: acervo particular

Figura 43 — Apresentação desta pesquisa no Seminário PROVE Interescolas da Educação Pública – 2019. Na mesa aparecem (da esquerda para a direita) as professoras: Doris Accioly e Silva (minha orientadora), Angela Massumi Katuta, Wânia Karolis e Olgair Gomes Garcia



Fonte: Perfil da EMEF Zacaria no Facebook